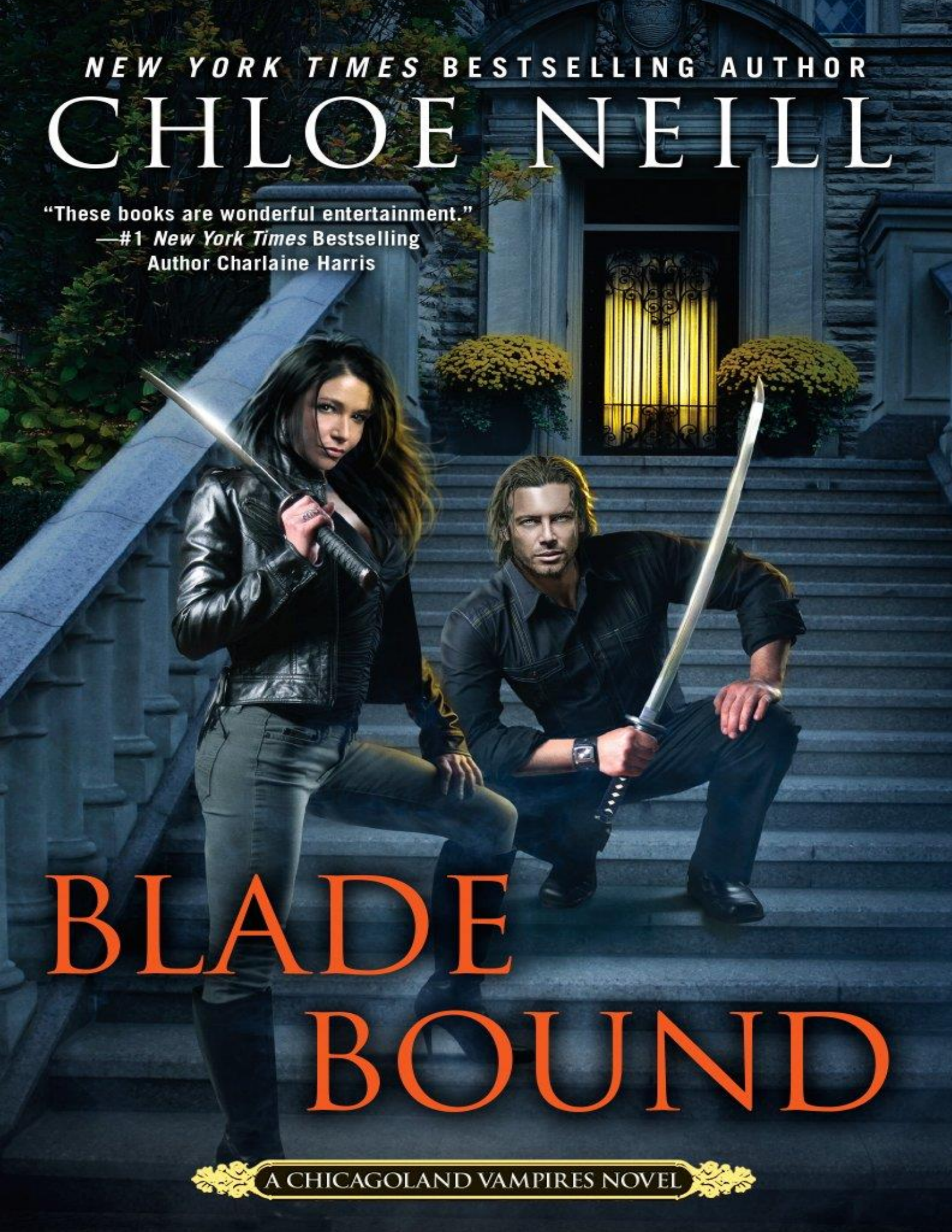


NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

# CHLOE NEILL

"These books are wonderful entertainment."

—#1 *New York Times* Bestselling  
Author Charlaine Harris

The background of the cover is a photograph of a woman and a man on a set of wide stone steps. The woman, on the left, has long dark hair and is wearing a black leather jacket over a dark top and light-colored jeans. She is holding a sword with a dark hilt and a silver blade. The man, on the right, has long blonde hair and is wearing a dark denim shirt and dark pants. He is also holding a sword with a dark hilt and a silver blade. They are both looking towards the camera. In the background, there is a stone building with a doorway and some potted plants.

# BLADE BOUND

A CHICAGOLAND VAMPIRES NOVEL





A CHICAGOLAND VAMPIRES NOVEL

# BLADE BOUND



CHLOE NEILL

BERKLEY  
NEW YORK



## CADOGAN HOUSE

A emocionante edição final da série de fantasia urbana bestselling do New York Times de Chloe Neill, traz um feitiço sinistro avançando em Chicago, e que pode causar a queda da Casa Cadogan...

Desde a noite de seu ataque brutal e transformação involuntária para vampiro, Merit se manteve como Sentinela e protetora da Casa Cadogan de Chicago. Ela salvou a Cidade do Vento das forças das trevas uma e outra vez com seu Senhor e amante, Ethan Sullivan, ao seu lado.

Quando a Casa é infiltrada e Merit é atacada por um vampiro aparentemente sob a influência da magia negra, Merit e Ethan percebem que o perigo está mais próximo do que poderiam ter imaginado. Enquanto um feitiço maligno se espalha por toda a cidade, Merit deve ir à guerra contra poderes sobrenaturais além de sua compreensão. É sua última chance de salvar tudo – e todos – que ela ama.

“É agora mesmo, a hora bruxuleante da noite...”

William Shakespeare, *Hamlet*

# CAPÍTULO 01



## Cinco por Cinco

*Fim de agosto – Chicago, Illinois*

Era meia-noite em Chicago, e tudo estava bem.

Fiquei em frente à Casa Cadogan, uma imponente e luxuosa casa de pedra de três andares em um pedaço gramado em Hyde Park, em Chicago. Estava rodeada por uma imponente cerca destinada a manter nossos inimigos à distância, guardada por homens e mulheres que arriscaram suas vidas para manter a casa a salvo do ataque.

Hoje à noite, enquanto o verão dava lugar a uma brisa fresca que se derramava através da escuridão tranquila, havia paz.

Katana ao meu lado, e tendo terminado minha patrulha do expansivo terreno, eu acenei com a cabeça para o guarda no portão e corri escada acima para o pátio brilhante. Um último olhar, um último vislumbre, para garantir a calma no reino, e então eu abri a porta... E voltei para o caos.

O belo foyer da Casa Cadogan, piso de madeira, mesa de pedestal com flores ricamente perfumadas, lustre reluzente – estava lotado de pessoas e barulho. Um vampiro servia na recepção e outros três – suplicantes que procuravam tempo com Ethan Sullivan, Mestre da Casa – esperavam em um banco ao longo de um dos lados. Os vampiros levavam caixas para a escada do porão até ao caminhão que os esperava, observados com um olho de águia por Helen, a mãe da casa.

Havia uma agitação de movimento e atividade porque o Mestre da Casa Cadogan estava se casando amanhã.

Comigo.

Um vampiro com pele escura e cabeça raspada virou a esquina para o vestíbulo. Era Malik, o segundo em comando de Ethan. Ele usava um terno escuro de

corpe fino – o uniforme oficial da Casa Cadogan – sua pele contrastava vividamente com a camisa branca e o claro verde dos olhos. Ele escaneou a sala, me encontrou, e caminhou em minha direção.

— Noite ocupada, — ele disse.

— Sim.

— Há uma multidão do lado de fora da casa?

Balancei a cabeça. — Não, mas Luc disse que já estão enchendo as calçadas do lado de fora da biblioteca. O CPD teve que pedir pessoal extra para monitorar.

Ethan e eu nos casaríamos na Biblioteca Harold Washington, que ficava na principal ramificação da cidade, no centro de Chicago. Os humanos da cidade estavam se alinhando para assistir.

Malik sorriu. — *O casamento da década*, eu acredito que foi o que o *Tribune* disse.

— Eu só quero um casamento sem drama sobrenatural, — eu disse. Chicago, e a Casa Cadogan em particular, pareciam atrair isso.

— Luc tem isso sobre controle, — Malik disse sobre o capitão do corpo de guarda da Cadogan. — E o resto de nós está fazendo o que pode.

Eu não poderia discutir com isso. A Casa inteira havia se reunido ao nosso redor, emocionada para ajudar a celebrar o casamento de seu amado Mestre, o homem que lhes dera a imortalidade. Os vampiros de Cadogan passaram roupas com ferro, poliram a prata, deslizavam convites em envelopes revestidos com seda carmesim.

— O esforço é muito apreciado, — eu disse. A ajuda deles deu a Ethan mais tempo para liderar a Casa, e eu ganhei mais tempo para garantir a segurança dela.

Um silêncio caiu sobre a sala, toda a conversa e atividade parando enquanto o Mestre da Casa Cadogan entrava na sala. Todos os olhos no lugar se voltaram para ele, incluindo o meu.

Que nos conhecêssemos há mais de um ano não deixava isso menos emocionante. Pelo contrário – que ele era meu, e eu era com toda a certeza dele, fez com que o impacto fosse ainda mais forte.

Era alto e magro, com o corpo de um homem que fora soldado. Mesmo agora, como líder dos vampiros, ele manteve o mesmo físico esculpido. Seu cabelo era loiro dourado e no ombro, seus olhos o verde de novas esmeraldas. Sua mandíbula era quadrada, seu nariz reto, seus lábios geralmente curvados em um sorriso perverso ou puxados em uma linha séria – a expressão de um Mestre com peso em seus ombros.

Ele também usava o uniforme da Cadogan – um terno preto que o ajustava como a roupa cara e personalizada que provavelmente era. Usava um botão branco superior desabotoado para mostrar a cintilante lágrima de prata da medalha Cadogan que pendia em sua garganta. Era uma marca de solidariedade, de unidade, entre os vampiros da Casa Cadogan. E ele a usava tão bem como fazia tudo o mais.

Ao lado dele havia uma mulher pequena, com pele bronzeada e cabelos escuros. Ela era uma vampira, pelo menos baseado no zumbido invisível de magia ao seu redor. E dada a tensão em torno de seus olhos, ela era uma vampira com preocupações.

— Estaremos em contato, — Ethan prometeu; ela apertou os dedos e inclinou a cabeça em direção a ele.

— Muito obrigada.

— De nada, — ele disse, e nós observamos enquanto ela se dirigia para a porta. Mas quando olhei para Ethan, seu olhar estava fixo em mim.

*Sentinela*, ele disse através da nossa conexão telepática, observando o couro e aço do meu conjunto. *Eu gosto dessas roupas em você.*

*Bom*, eu disse. *Porque você vai se casar comigo amanhã.*

Seu sorriso era apenas um pouco perverso. *Sim, eu vou.*

Malik e eu caminhamos até ele.

— Sra. Bly? — Malik perguntou.

— Ela tem um sobrinho humano que gostaria de indicar para entrar na Casa. Seus pais estão menos entusiasmados, e ela gostaria que falássemos com eles.

Malik sorriu. — Ela quer que os vendamos a Casa.

— Como se estivéssemos trabalhando com comissão, — Ethan disse com um sorriso, e olhou para mim. — Você vai sair logo?



Esta noite era a minha festa de despedida de solteira, organizada por Lindsey, uma amiga da Casa e uma guarda, e Mallory, minha amiga mais velha e dama de honra. Malik e Luc, o namorado de Lindsey, estavam a cargo da despedida de solteiro de Ethan. Eu não sabia o que qualquer um deles planejava, e não tinha certeza se eu queria saber.

— Em uma hora.

— Vamos ao meu escritório. — Ethan disse, acenando com a cabeça para Malik, e colocou uma mão em minhas costas, me guiando através de vampiros, caixas e pelo corredor.

— De chefe da segurança para a mula de casamento, — um vampiro disse com uma careta emoldurada em cachos ondulados, seus braços tensos com o esforço de carregar uma enorme caixa no corredor.

— Tenho certeza de que as mulas se queixam menos, Luc, — disse o vampiro pálido com um rabo-de-cavalo loiro que o seguia com uma carga muito mais leve, um pacote de longos ramos em espiral.

— Varas, — Luc disse, colocando sua caixa cuidadosamente no chão e nos oferecendo um sorriso torto, seu rosto emoldurado por revoltos cabelos louros. — Por que você precisa de varas para um casamento?

— Não são varas, — Lindsey disse. — São ramos de salgueiro, e são para decorar o ambiente.

Luc sacudiu a cabeça com tristeza, olhou para Ethan. — Suas ordens, senhor?

Ethan sorriu. — Decorações do casamento estão fora da minha ossada e de Merit, suspeito.

Nenhuma discussão ali. Eu era tecnicamente a organizadora de eventos da casa, mas eu me apaixonei menos pela categoria de organização de eventos do que a categoria da Espada. Deixei a maior parte do planejamento para minha mãe e Helen, a mãe da casa, sendo que ambas eram hábeis em planejar reuniões. E quando um vampiro mestre casava com a filha de um magnata imobiliário, uma festa era inevitável. Eu disse a elas: *simples e elegantes e peônias brancas*, e as deixei encarregadas da execução das coisas. O que significava que me fizeram pelo menos vinte e cinco perguntas por noite nos últimos quatro meses.

— Hashtag casamento, — Luc disse com um sorriso.

Lindsey sacudiu a cabeça, apertando a boca. — Você ainda não está usando isso direito.

— A opressão do Hashtag, — Luc disse. Não por falta de tentativa, Luc nunca conseguiu pegar as referências direito. Provavelmente, não inteiramente inesperado, para um vampiro centenário.

— Tenho certeza de que Helen aprecia seus esforços esta noite, — Ethan disse. — E tenho certeza que apreciaremos amanhã.

Olhei para Luc. — Você o manterá fora de problemas esta noite?

— Palavra de escoteiro, — Luc disse; sua expressão perfeitamente branda. Já que os vampiros eram especialistas em blefe, eu não podia dizer se isso era realmente a verdade ou um disfarce para uma noite de orgia e malícia.

— Se o CPD me chamar, — eu disse, olhando para Luc e Ethan por sua vez, — Haverá um inferno em troca.

— Idem, — Lindsey disse, batendo no braço de Luc.

Ethan enfiou as mãos nos bolsos e ergueu o queixo, divertido. — Já que Catcher estará conosco, as probabilidades de uma prisão são escassas.

Estreitei meu olhar. — Porque ele trabalha para o escritório do Omdubsman ou porque ele poderia usar magia sobre qualquer problema?

— Ambos.

Contanto que um deles funcionasse.

— E o que você planejou para a sua festa? — Ethan perguntou. — Suponho que não envolverá chá e leitura pesada.

Fingi ajustar óculos invisíveis. — Bem, vamos ler a *Enciclopédia Britânica* em voz alta e assistir vídeos de Neil de Grasse Tyson<sup>1</sup> no YouTube. Podemos também separar um tempo para o macramê<sup>2</sup>.

— Tenho certeza, — Ethan disse. — Desde que você esteja de volta ao amanhecer...

---

1 Neil deGrasse Tyson é um divulgador científico, dramaturgo e astrofísico dos Estados Unidos.

2 Espécie de passamanaria feita de linha grossa ou barbante que se entrelaça formando variados nós e desenhos.

— Eu estarei.

Quando seu olhar encarou meus lábios, Lindsey limpou a garganta, levantando a blusa em seu braço para verificar seu relógio. — Nós sairemos em exatamente uma hora, — ela disse, então apontou para mim. — Prepare-se para ficar excitada.

Luc estreitou o olhar para ela. — Você disse que não haveria strippers.

— Não haverá. Uma despedida de solteira pode ser excitante sem strippers. E, ouse dizer, ela tem o direito de fazer isso na noite antes de se inscrever para uma eternidade de... — ela olhou cautelosamente para Ethan. — Do que eu tenho certeza será um serviço fiel e obediente.

Ethan fez um som de dúvida. — Fiel, sim. Obediente? — Ele me deu um olhar de consideração. — Raramente.

— Sou obediente quando tenho que ser.

— E essa é a nossa dica para não estar mais nesta sala, — Luc disse. — Vamos, Loira.

— Uma hora, — Lindsey repetiu, roubando outro olhar em minha direção. Eles continuaram andando, e Ethan e eu continuamos em direção ao escritório dele.

Quando estávamos sozinhos, eu escorreguei em seus braços, saboreando o som constante de seu batimento cardíaco, o cheiro nítido de sua água de colônia, o calor de seu corpo.

— Não houve muitos momentos como este ultimamente, — ele disse; braços fortes ao meu redor, cabeça sobre a minha. — Não com planos de casamento, suplicantes e Nicole.

Nicole Heart era a chefe da Casa do Coração de Atlanta e fundadora da Assembleia dos Mestres Americanos, a nova organização dos Mestres das Doze Casas de vampiros do país. Chicago passou por muita coisa sobrenatural recentemente, principalmente porque uma feiticeira chamada Sorchia Reed, a versão da Maléfica da alta sociedade de Chicago, havia dilacerado pelo centro de Chicago. Nós a derrubamos – e a impedimos de criar um exército de sobrenaturais – e o prefeito estava muito feliz conosco. Ela escapou do CPD, mas quatro meses depois, não havia sinal dela, e o

prefeito continua feliz conosco. Nicole queria capitalizar esses bons sentimentos, o que significava muitos telefonemas e entrevistas para Ethan.

— Eu estava pensando a mesma coisa, — eu disse. — Ficarei feliz quando o dia de amanhã terminar.

Ele arqueou uma única sobrancelha dourada, seu movimento de assinatura. — Você já está pronta para o nosso casamento acabar?

— Mais que preparada para nossas vidas começar, e acabar com o planejamento de casamento. E, — admiti, — Para ver o que Mallory e Lindsey têm planejado.

— Você vai se comportar esta noite. — Como se selsasse a obrigação, Ethan ergueu meu queixo com um dedo, então baixou seus lábios para os meus. O beijo era suave, provocante. Uma sugestão de coisas por vir. Uma promessa e um desafio.

— Como beijos de despedida, — eu disse quando consegui formar palavras novamente, — Não é tão ruim.

— Vou economizar parte da minha energia para amanhã, é claro. — Você sabe que eles querem que durmamos separadamente.

Os vampiros não eram geralmente supersticiosos, mas gostavam de suas regras. Uma delas, nós fomos aconselhados, era que a noiva e o noivo dormissem em quartos diferentes para que não se vissem, mesmo inadvertidamente, em sua noite de casamento.

— Vi o memorando de Helen. — Outra razão pela qual ela não estava na minha lista de favoritos. — Ela quer me colocar no meu antigo quarto.

Ethan sorriu. — Isso não parece justo, já que terei nossa suíte para mim.

— Você é o Mestre, — eu disse no tom cortado de Helen.

— Essa é uma imitação perturbadoramente boa.

— Eu sei. Ouvi muito isso nas últimas semanas. — O relógio na parede oposta começou a bater seus sinos de meia-noite. — Eu deveria me vestir. Lindsey especificou nossas roupas.

Seu olhar se estreitou. — Ela fez?

Bati no peito dele. — Ela fez, e a minha será completamente apropriada para uma festa de despedida de solteira.

— É isso que me preocupa. Você vai ter cuidado?

— Eu vou, mas não há nada a temer. Agora não.

A união dos feiticeiros, finalmente percebendo que a destruição que Sorchá causou era em parte culpa deles, estabelecera alas ao redor da cidade. Não podíamos impedi-la de entrar na cidade – era o trabalho do CPD – mas se ela tentasse usar magia dentro dessa barreira, nós saberíamos.

E durante quatro meses não houve nada de Sorchá. E, além de um encontro com alguns caçadores de fantasmas antiéticos e um fantasma assassino há alguns meses, Chicago se estabeleceu em um belo e dourado verão.

Era estranho. E maravilhoso.

— Você será boazinha, — Ethan disse, beliscando minha orelha. — Ou eu serei ruim.

Tenho certeza de que seria uma dupla vitória.



## CAPÍTULO 02



# A boa palavra

— Bem, — eu disse, olhando para a limusine branca estacionada no meio-fio, — Pelo menos você não pegou aquela com a banheira de hidromassagem.

— Só porque estava reservada, — Lindsey disse. Ela fez ondas suaves em seu cabelo e se espremeu dentro de um curto vestido preto que parecia absolutamente fenomenal. Ela olhou para mim, gesticulou com um dedo no ar. — Esta foi uma boa escolha.

Todas nós usávamos vestidos pretos – essa era a regra que Lindsey estabelecera para nós – e fui presenteada com um vestido até os joelhos, com um decote quadrado e mangas curtas. O tecido era confortável, elástico, e deixava muito pouco para a imaginação. Graças a Deus pelo meu indulgente metabolismo de vampiro, desde que lidar com Helen e minha mãe, que se tornaram uma frente unida, me fizeram invadir o esconderijo de chocolate na cozinha muito mais do que o normal.

Estávamos compartilhando a limusine com Margot, a Chefe da Casa. Margot tinha cabelos escuros e muitas curvas, e optara por um vestido rodado.

— Eu sinto muito! Eu sinto muito! — Hávamos começado a andar na calçada quando uma mulher pequena com cabelo azul correu em nossa direção. — Estou atrasada!

Mallory LBD<sup>3</sup> estava com um vestido até o joelho, sem manga, delicado, que combinava com sua pequena estatura. Ela deixou o seu cabelo azul enrolado em seus ombros, e usava enormes brincos de prata em forma de flores.

Ela estendeu a mão e me espremeu, cheirando levemente a lavanda e ervas. Provavelmente algo que inventara em seu quarto mágico artesanal. — Feliz Noiva Darth Sullivan!

Não pude deixar de bufar. — É o título oficial?

— É, — Mallory me assegurou, e puxou uma faixa de cetim de sua pequena bolsa clutch. A qual mostrava: FUTURA SRA. DARTH SULLIVAN, em letras brilhantes.

Eu estava preparada para dizer não a qualquer faixa com *Futura Sra.* Ou *Futura Noiva*, mas decidi que não poderia negar gliter e sarcasmo juntos, então a deixei colocar sobre a minha cabeça.

— Oh, isso ficou legal, — Lindsey disse; as mãos nos quadris enquanto a examinava, depois sorriu para Mallory. — Sua casa está coberta de brilho agora?

Mallory deu um passo atrás, ajustando a faixa cuidadosamente. — Está em todo maldito lugar. É provavelmente o vetor perfeito para um contágio em nível mundial, nenhum cara mal descobriu isso ainda.

O motorista alto, magro e de libré caminhou ao redor do carro, levantando dois dedos acima de seu cabelo loiro. — Senhoras, eu serei o motorista de vocês nesta noite.

— Oi, Brody, — disseram aquelas de nós da Casa Cadogan para o guarda que também se tornou nosso ocasional motorista. Ele tinha movimentos firmes atrás do volante.

---

<sup>3</sup> Vestidinho preto

Lindsey estreitou o olhar. — Você não estava na lista como motorista. Você está brincando de ser nosso vigia?

Brody estendeu as mãos, e sua expressão parecia inocente o suficiente. — Estou aqui somente para dirigir. Não sou um espião.

Lindsey aproximou-se dele e deu-lhe o olhar mais feroz. Era realmente muito feroz. — Se uma palavra do que acontecer esta noite chegar a alguém, eu saberei que essa palavra veio de você.

— E isso seria ruim.

Os olhos de Lindsey cintilavam em prata. — Seria a mais possível maldade. Mencionei que Merit e eu temos praticado arremessar facas?

Brody engoliu em seco. — Você é boa nisso?

Ela sorriu, mostrando a presa. — Muito.

Brody não era o novato que era antes, e não parecia tão perturbado pela brincadeira de Lindsey como teria ficado anteriormente. Mas ela ainda o superava, então ele acenou com a cabeça.

— Você é a chefe.

— Fodidamente certo, — ela disse com um sorriso descarado, e gesticulou para a porta. — Senhoras, por favor, podemos colocar esse show na estrada.

Desde que ela era a chefe, eu andei cuidadosamente sobre saltos agulha do meio-fio para carro e entrei na limusine.

Margot deslizou no assento ao meu lado. — Obrigada pelo convite. É bom sair da cozinha.

— Como está indo? — Margot se recusou a nos permitir contratar um fornecedor para o casamento, para o desgosto de minha mãe. Desde que a escolha da

minha mãe teria resultado em molho de camarão no nosso casamento, eu era totalmente Team Margot.

— Está indo. — ela disse. — Situação Noiva Neurótica total. *Não quero molho de camarão. Não me dê molho de camarão.*

— Você pode me culpar?

— Realmente não posso. E é por isso que os pequenos hamburguinhos serão um grande sucesso. — Ela me deu uma boa encarada. — Como você se sente? Está nervosa?

Observei Lindsey pela janela enquanto ela e Mallory conversavam muito seriamente sobre alguma coisa. Eu não podia ouvir o que elas diziam, mas Mallory verificou o relógio. Talvez o entretenimento estivesse atrasado.

— O que Lindsey e Mallory têm reservado para esta noite? — Perguntei, tentando ler os lábios delas. Acontece que eu não tinha essa habilidade. Reconheci a emoção no rosto de Lindsey e me preocupei com a de Mallory, mas ela não me disse nada sobre algo que a incomodasse. E agora que eu olhava para ela, havia círculos escuros sob seus olhos. Eu teria que perguntar a ela sobre isso mais tarde; eu esperava que o casamento não fosse a razão disso.

— Sobre o casamento, — Margot disse com uma risada.

Sorri e olhei para ela. — O matrimônio, não. O casamento, um pouco, — admiti.

Ela piscou e deu uma tapinha no meu joelho.

— Aonde vamos? — Perguntei quando Lindsey e Mallory se estabeleceram na parte de trás e Mallory começou a distribuir taças de champanhe.

— Comemorar sua última noite de liberdade! — Mallory disse. — Agora, pare de fazer perguntas e relaxe. Tudo está em nossas mãos.

— É exatamente disso que eu tenho medo.

\*\*\*\*

Passei o último mês – quando não estava patrulhando a Casa ou escolhendo acessórios, – tentando descobrir o que Mallory e Lindsey estavam planejando. Verifiquei todas as ideias estereotipadas – stripers, ir de bar em bar, rodadas de karaokê meio bêbadas. Nada disso era eu, e acho que isso não era particularmente nós. Mas isso me deixou estressada. Lindsey era cheia de bravata, Mallory de criatividade perversa, e eu estava presa no meio delas, esperando que a minha noite não envolvesse guinchos, bolas de penas, bodyshots.

Ou álcool, de qualquer maneira. Não diria não a uma boa e suada rodada de boxe.

Brody dirigiu para o norte, o lago uma sombra à nossa direita, longe de Hyde Park e em direção ao centro de Chicago. Imaginei que nós dirigiríamos para o centro da cidade, que oferecia praticamente qualquer atividade que uma garota pudesse querer – desde passeios de barco, tours por museus até a blues muito bons. Então, isso não me deu uma única pista.

Quando Brody parou a limusine na frente de um pequeno edifício, eu tive que reavaliar. Era de design moderno, com uma janela alta e estreita e uma porta em vermelho flamejante. Não havia sinais, nem nomes na porta, nem mesmo um número de endereço.

Intrigante. — Que lugar é este? — Perguntei.

— Minha metade da festa, — Mallory disse enquanto saíamos da limusine, uma por uma, e então ajeitávamos nossos vestidos no lugar. — Um pouco para você e para mim.

Ela caminhou até a porta e apertou uma pequena campainha.

Após um momento, uma mulher magra com pele escura sorriu para nós. — Festa da Merit? — Ela perguntou com um sorriso.

— Festa da Merit, — Mallory concordou.

— Bem-vindo à Experiência, — disse a mulher, e segurou a porta aberta para que pudéssemos entrar.

A porta se abriu para uma sala longa e estreita, com pisos de madeira reluzentes e uma longa e escura mesa no meio. As paredes brilhavam de um âmbar claro atrás de pedaços cruzados da mesma madeira, como se queimassem por dentro. Arandelas retangulares pendurados acima de nós em alturas variadas. Jazz sendo tocado calorosamente ao fundo.

Já havia mulheres na sala com taças de champanhe na mão – incluindo minha irmã, Charlotte.

— Oi, querida irmã! — Charlotte disse, caminhando e me abraçando. Como eu, ela tinha o cabelo escuro do meu pai e os olhos azuis claros. Ela usava um vestido preto sem mangas com uma saia abaulada e sapatilhas com laços. Ela cheirava a lilás, o mesmo perfume que usava desde a adolescência.

— Ei, Char, — eu disse, apertando suas costas. — Como está minha sobrinha favorita?

— Sendo uma criança com dois anos e meio, Olivia acredita que é uma debutante e está muito desapontada por não poder ir à festa de sua tia Merit esta noite. Mas ela está muito animada sobre ser uma florista. E tem praticado.

— Oh meu Deus, aposto que é adorável.

Charlotte pôs uma mão em seu coração. — Com certeza, ela é minha filha, mas sim. É possivelmente a coisa mais adorável que já vi.

— Tenho certeza que ela vai jogar as pétalas com aprumo.

Charlotte assentiu com a cabeça. — Se ela se lembrar de atirá-las, sim. Até agora, tem sido mais como um desfile sem pétalas.

Soava divertido de qualquer maneira.

A mulher que havia aberto a porta, usando uma túnica escura e fluida sobre leggings pretas, caminhou até a mesa e puxou a cadeira central. Olhei para Mallory, que assentiu com a cabeça.

— Vá em frente, irmã, — ela disse e, quando eu estava sentada, tomou a cadeira ao lado da minha.

— Nós vamos jantar? — Perguntei a ela. Eu realmente dei uma beliscada antes de sair de casa, para estabelecer as bases para o que presumi que seria uma noite cheia de champanhe.

— Não exatamente, — Mallory disse, e gesticulou em direção à entrada que levava à parte de trás do prédio. No momento em que estávamos todas sentadas, um bando de garçons com camisa preta de botões e jeans entraram com bandejas na mão. Com uma sincronização perfeita como dançarinos que praticam, cada um caminhou até um ponto na mesa e colocou as bandejas na nossa frente, deixando as bandejas no lugar.

— O primeiro prato, — a anfitriã disse; as mãos cruzadas na frente dela, e os garçons levantaram as tampas, revelando reluzentes pratos brancos pontilhados com um arco-íris de frutas ao redor de um belo bolo de chocolate, um pequeno prato do que parecia Mousse de chocolate e algum tipo de biscoito liso e delicado. Olhei para Mallory enquanto as mulheres em volta da mesa diziam ahh e ohh. — Você me ganhou com o chocolate. — Meu coração flutuou e cantou. Eu deveria ter confiado que estas duas fariam isso direito.

— É uma mesa de degustação de chocolate! — Mallory disse; as mãos juntas em seu peito como uma criança com um segredo ardente. — Cinco pratos completos!

Limpei uma lágrima imaginária. — Amo vocês.



— Claro que você ama. — Mallory ergueu o copo. — Para minha imortal irmã de outro senhor e a futura esposa do mais sexy vampiro nos Estados Unidos.

— Para Merit! — Lindsey disse, e todas levantaram um copo. — Agora, pelo amor de Deus, — ela disse, — Deixem a menina comer!

\*\*\*\*

Precisei dar crédito aos chefes – e enviei meus agradecimentos. Eu fiz o meu próprio chocolate escondido uma vez, mas ainda não havia percebido o quanto o chocolate poderia ser diverso nas mãos de uma pessoa talentosa. Havia sopa de chocolate, espuma de chocolate, chocolate para beber, chocolate defumado. Chocolate com creme de pistache, chocolate com pimentas escocesas, chocolate com bacon (um dos favoritos), framboesas injetadas com chocolate e mais uma dúzia.

Em algum lugar perto do final da quinta entrada, eu decidi que até o meu corpo imortal não podia aguentar mais. Passei alguns minutos conversando com os convidados e assistindo Mallory. A preocupação que eu vi antes não se dissipara. Ou elas não conseguiram resolver os problemas no plano desta noite, ou algo mais a incomodava.

Não gostava de pensar sobre o que poderia estar preocupando minha amiga de longa data e talentosa feiticeira – e a mulher que superara Sorch Reed. Mas também sabia que ela provavelmente queria um intervalo e a folga de uma festa tanto quanto o resto de nós. Então decidi que aproveitaria o meu tempo – e a interrogaria mais tarde.

A anfitriã voltou com uma grande bandeja de prata de menta, fruta e queijo.

— Por favor, senhor, — eu disse, esfregando o estômago, — Não quero mais.

— Estou com você, — Mallory disse, afastando a bandeja quando lhe foi oferecida. — Esse mousse-bolo de bolachas acabou comigo.

— Não foi a meia dúzia antes disso? — Margot perguntou secamente, a ressaca de chocolate ficou clara em seu rosto.

— Não comi seis mousse-bolo.

— Acho que você comeu oito, — Lindsey disse, lambendo chocolate do polegar.

Mallory parecia um pouco horrorizada e um pouco enjoada.

— Tudo bem, — eu disse, dando uma palmada na mão de Mallory. — Ocasão especial.

— Diga por você. Eu realmente posso ganhar peso, menina vampira. Ainda assim, no entanto... — desta vez, quando olhou para os pratos vazios em frente à maioria das mulheres na mesa, havia um orgulho em seus olhos. — Nós fizemos um bom trabalho aqui esta noite.

— Para nós, — Margot disse, e ergueu o copo. — E para Merit, e Darth Sullivan.

— Saúde, Saúde! — Disse Mallory. E então, ela arrotou. O que parecia apropriado.

\*\*\*\*

Ainda um pouco bêbada de chocolate, fomos levadas de volta para a limusine e seguimos para a nossa próxima parada, o que eu esperava que fosse um lugar para a contemplação silenciosa da minha barriga de setenta e cinco por cento de amargo.

— Minha vez! — Lindsey disse. — E esteja avisada – estou alta de açúcar e chocolate.

— Oh, bom, — eu disse. — Porque você geralmente é tão silenciosa e reservada.

Isso teve uma risada merecedora.

— O que é o próximo? — Perguntei.

— Nós vamos fazer a festa um pouco mais estilo Cadogan, — ela disse.

Por estilo Cadogan, ela quis dizer o Temple Bar, o bar oficial da Cadogan. Ele estava localizado em Wrigleyville, um bairro ao norte da Gold Coast e também da casa, como o nome sugeria, para Wrigley Field.

Paramos na frente, Sean abriu a porta e seu irmão e companheiro irlandês, Colin, tocou o sino de bronze atrás do bar.

— Merit está aqui! — Ele gritou, sob os aplausos de uma multidão de vampiros. Havia muitos no bar lotado que não reconheci, mas todos eram mulheres.

Nossa mesa estava perto da frente de um palco que fazia divisa com uma barra longa e estreita. Talvez eu estivesse tendo uma stripper esta noite, embora não conseguisse imaginar querer ver alguém tão nu quanto eu queria ver Ethan. Sua forma longa e magra era praticamente um deleite contínuo.

As vampiras se dispersaram entre a multidão para conversar com as outras. Lindsey pegou bebidas do bar, gim e tônica, enquanto Mallory sentava ao meu lado, verificando o telefone com uma expressão preocupada. Mesmo quando Lindsey trouxe um braço cheio de gim e tônica cintilantes para nós, ela não pareceu se animar.

— Volto já, — Lindsey disse, beijando o topo da minha cabeça. — Preciso verificar algo. — Ela desapareceu na parte de trás do bar.

— Tudo bem? — Perguntei a Mallory quando estávamos sozinhas.

— Por que não estaria?

— Bem, para começar, você está em um bar cheio de vampiros, que há um ano você ficaria loucamente feliz. Você é praticamente famosa depois de Towerline, e cada Comic-Con no país a quer como uma feiticeira convidada, que aparentemente é uma coisa agora. Mas não parece muito feliz com isso.

Ela colocou a mão sobre a minha. — Eu estou feliz.

— Por mim, — eu disse. — E aprecio isso. Mas há mais que isso. O que está acontecendo?

Mallory balançou a cabeça como se a clareasse. — Nada. Esta é a sua despedida de solteira, e não nos preocuparemos comigo.

Usei o mesmo olhar que eu dera a Helen, olhei para ela com olhos estreitos. — Mallory Delancey Carmichael Bell.

— Nada, Merit.

— Mallory.

Ela inclinou a cabeça para trás e soltou um som frustrado. — É só – eu me sinto estranha.

— Estranha? O que está errado? Você está doente? Está dormindo? Você parece cansada.

— Não estou doente e não estou grávida, já que essa parece ser a outra pergunta mais frequente. — Ela balançou a cabeça. — Tenho... Um mau pressentimento?

Fiz uma careta. — Sobre o casamento?

— Oh, Senhor, não. Você e Ethan foram feitos um para o outro, embora ele tenha esperado quatro séculos para encontrá-la. O que, se você me perguntar, provavelmente é bom para ele. — Ela piscou. — O deixa mais agradecido.

— Então, que tipo de mau pressentimento?

Ela encolheu os ombros. — Não sei. É apenas esse vago sentimento mágico. Certa inquietação, eu acho?

— De que? De onde?

— Não faço ideia. Não há nada específico. Nem mesmo uma pista de como eu poderia chamar essa coisa, ou uma ameaça, ou uma iminente nuvem passageira. — Suas palavras aumentaram de velocidade conforme sua frustração aumentava. — Apenas inquietação. Catcher está sendo solidário, mas sei que ele não sente isso. E isso me faz sentir como se eu fosse paranoica.

— Então, vamos assumir que você não está sendo paranoica. O que poderia incomodá-la? Você Sabe Quem. — Isso era o máximo que eu diria para mencionar a mulher que tentou nos controlar.

— Não, — ela disse. — Passaram quatro meses, não houve nenhum sinal dela, e a cidade está protegida, ainda que ela volte. Além disso, não sei.

Mallory olhou para mim, e a preocupação em seus olhos era ainda mais profunda do que eu pensava. Seja lá o que for, ela não terminou com isso.

— E se eu não puder ser feliz, Merit? Quero dizer, eu sou casada, e você se casará, e com exceção dos caçadores de fantasmas mais idiotas do mundo, nenhum drama sobrenatural. Sem lutas internas de ninfas no rio. Não fomos jogadas aos lobos pelo prefeito ou qualquer outra pessoa que procura nos usar para porcaria política. Eu ficaria loucamente emocionada. Em vez de... — ela suspirou, encolhendo os ombros.

Peguei a mão dela e apertei. — Mal, você é a pessoa mais feliz que conheço. A pessoa mais brilhante – exceto quando você ficou do mal.

— Exceto por isso.

— E mesmo assim, você se arrastou para fora disso. Então, se me disser que algo está errado, eu acredito em você. Você falou com a Ordem sobre isso? Pensei que vocês estavam em melhores condições.

— Eles já pensam que eu sou louca.

— Bem, e Gabriel? Talvez o Bando tenha sentido algo semelhante. — Embora eu esperasse que o alfa que mora em Chicago viesse até nós caso acreditasse que algo estava errado.

— Nem sei o que eu poderia dizer a ele. *Gabe, eu sei que você está ocupado sendo sexy e loiro e tudo mais, mas toda essa paz e prosperidade estão me deixando ansiosa?*

— Então estou oficialmente sem ideias.

— Então você acha que eu sou louca também? — Ela deve ter ouvido o crescente pânico em sua voz e levantou a mão. — Desculpa. Sinto muito. Isso está apenas me desgastando.

Coloquei um braço ao redor dela, espremendo-a. — Vamos ficar bem, Mallory. Tudo ficará bem. Eu vou me casar, e Ethan e eu teremos uma maravilhosa semana em Paris.

— Você está certa. Eu sei que você está certa. — Ela sacudiu as mãos e os ombros, obviamente tentando se afrouxar. — O que vai acontecer vai acontecer, e não tem como se preocupar com isso agora. Vamos nos divertir.

— Vamos nos divertir, — concordei, e bati o meu copo contra o dela.

Porque, paranóica ou não, alguma coisa sempre acontecia. Sempre acontecia.

\*\*\*\*

— Tudo bem, senhoras! — Lindsey disse de pé em uma cadeira com os pés descalços, tocando seu copo com uma colher. Quando a multidão se acalmou, ela olhou ao redor. — Nós alcançamos o clímax da FESTA DE DESPEDIDA desta noite!

— Quantos nomes isso tem? — Sussurrei para Mallory.

— Acho que sete? Nós descartamos *Merit VAI PARA Chicago* e *Sullivan Dois: The Resullivaning*.

— Boa decisão.

— Colin, — Lindsey disse, gesticulando para o barman. — Se você puder?

As luzes acima diminuíram, mas o local no pequeno palco na nossa frente se iluminou em uma única cadeira preta que estava colocada diante de um microfone. A música começou a tocar, uma música de jazz com um ritmo brincalhão e de flerte.

Quando Lindsey se sentou para se juntar a nós, um homem saiu da sala dos fundos para o palco.

Pele morena, cabelos escuros, barba escura, os cabelos em um nó muito bem executado no topo da cabeça. Seus olhos eram verdes, seus cílios tão grossos e escuros como sua barba, sua boca uma longa linha que aparecia em um canto. Ele usava jeans, botas e nada mais. O seu corpo tinha uma pele lisa e músculos duros e curvos, o braço esquerdo marcado por uma complicada tatuagem monocromática.

O lugar ficou absolutamente em silêncio.

— Bem, — Margot disse calmamente. — Ele é... Um pouco atraente.

— Atraente, — Lindsey disse, inclinando a cabeça enquanto olhava para o biceps. — E bem definido.

— Um dicionário não poderia definir melhor, — Mallory disse com os olhos vidrados enquanto olhava para o homem.

Olhei para Lindsey. — Não posso acreditar que você contratou um dançarino. Ethan vai te matar. Ou eu. Ou nós duas.

— Oh, querida, — Lindsey disse. — Ele não está aqui para dançar.

Independentemente disso, com a graça de um dançarino, o homem girou a cadeira em volta, sentou e puxou um livro de bolso fino e gasto de seu bolso traseiro. Ele olhou para mim, sorriu. — Sua festa?

Assenti; de repente nervosa.

— Legal. Lord Byron é bom para você?

Na verdade, senti meu rosto quente. — Sim?

Ao meu lado, Lindsey riu; o som cheio de satisfação.

Ele assentiu, pulando algumas páginas. — Senhoras, — ele disse, encontrando nossos olhares. E então, olhando para a página, ele começou a recitar. — Ela caminha em beleza, como a noite. De tempo aberto e céus estrelados. E tudo o que de melhor há sem sombra e clareza. Em sua aparência e olhos pode ser encontrado.

Toda mulher na sala suspirou.

\*\*\*

Eu não sabia se ele era estudante de graduação, poeta, ator, stripper ou uma combinação brilhante de todas essas coisas. Mas o homem conhecia Lord Byron, e conhecia as palavras. Ele sabia o surgimento e a queda de frases, a maneira de fazer uma pausa, o momento de olhar, de pegar nossos olhares, sorrir. Ele conhecia ênfase e velocidade, ritmo e clareza. Ele era um príncipe da poesia, e nos hipnotizou.

O champanhe foi aberto e colocado em brilhantes cálices de prata-gelo, depois colocados em copos altos e finos enquanto escutávamos com as pernas cruzadas e empoleiradas em frente de nossas cadeiras.

— É bom estarmos objetivando seu corpo e seu cérebro? — Margot perguntou, levantando o fino palito em seu gim e tônica para tomar um gole.



— Não me importo muito, — Mallory disse. — Ele é desejável.

Eu não poderia ter um melhor exemplo.

## CAPÍTULO 03



# Cinco segundos de (supernatural) verão

Nós saímos do Temple Bar cerca de duas horas antes do amanhecer, deixamos Mallory no Wicker Park, depois voltamos para a Casa.

Nós nos separamos no primeiro andar. O saguão estava calmo e vazio, o escritório fechado para a noite, os suplicantes voltaram para casa, seus problemas direcionados, ou voltariam à fila para ver Ethan outra noite. Havia tanta coisa que um vampiro poderia fazer.

Não havia uma única caixa ou candelabro ou ramo de salgueiro à vista, o que significava que provavelmente tudo foi levado ao caminhão e até a biblioteca. Ou Helen ficou cansada de tudo e começou uma fogueira no quintal. Isso parecia improvável, então, eu simplesmente assumi que o casamento avançaria conforme o planejado.

— O casamento seguirá como planejado, — sussurrei com um sorriso.

Havia mais amostras, brunchs e degustação de bolo do que eu pensaria possível e ainda mais do que eu pensava ser razoável. Ethan apreciava o processo, os preparativos para a nossa vida juntos, então eu o agradava, e agora a despedida de solteira foi o último. O último obstáculo antes do casamento, antes de fazer nosso voto de fidelidade pela eternidade. Nada estava entre nós agora, apenas a ascensão e o pôr do sol, e até mesmo Sorch Reed não podia mudar isso.

Foi quando o nervosismo apareceu. Não medo, mas antecipação. Excitação. O desejo crescendo, possivelmente animado pelo pouco tempo com Lord Byron.

O corredor estava escuro – os escritórios de Malik e Helen estavam escuros, assim como a cafeteria no final do corredor. A luz de Ethan ainda estava ligada. Eu duvidava que ele tivesse voltado; provavelmente eles aproveitariam o uísque e charutos até o último momento possível. Provavelmente, a equipe de limpeza se esqueceu de desligar a luz, ou talvez Helen tivesse esquecido alguma bugiganga de última hora para o casamento.

Posso deixar uma nota para ele. Uma mensagem de boa noite, que eu estaria pensando nele durante o imposto exílio vampiro e que o verei amanhã na biblioteca, os livros eram opcionais.

Achei engraçado, provavelmente isso dizia mais sobre o gim que eu desfrutei no Temple Bar do que sobre minhas habilidades cômicas.

Entrei no escritório e fui até a mesa... E não percebi que não estava sozinha até eu pegar o cintilar de movimento do outro lado da sala.

Ele estava na área de conversação, um homem com jeans e uma camisa de manga comprida, o tecido manchado de sujeira e raspado nas bordas. Sua pele pálida estava manchada de sujeira, seus cabelos escuros adornados com o que parecia ser constantemente puxado pelas mãos que agora arranhavam nervosamente as pernas de seu jeans. A Casa ainda estava saturada pelo perfume das flores de casamento, mas peguei o odor de macho sem tomar banho por baixo disso.

Ele era um vampiro. Mais antigo do que a maioria que eu havia visto, mas a magia fraca e efervescente provava ser sobrenatural. Sua magia tinha um sentido diferente sobre isso – um cheiro químico, como marcadores não identificados. Também não o reconheci. Se estivesse alojado, ele não esteve na Casa recentemente. O que confirmava pela sua aparência.

— Oi, — eu disse. — Posso ajudar?

Ele olhou para mim, círculos escuros sob olhos quase quebrados com exaustão. — Você está aqui para ajudar?

— Claro. Você está aqui para ver Ethan? — Suplicante parecia o melhor palpite. De que outra forma ele teria conseguido superar a segurança já aumentada? Talvez estivesse na Casa para falar com alguém e tenha entrado sem ser detectado.

Seu ombro se contraiu, quase levantando o suficiente para encontrar o queixo. — Ajuda. Há muita conversa. — Ele bateu a palma da mão contra sua testa. — Falando. Não consigo parar isso.

— Desculpe-me?

Eu queria que Ethan ou Malik estivessem aqui. Eles saberiam melhor do que eu como lidar com um suplicante que parecia desequilibrado, ou pelo menos confuso.

— Está falando. A voz. Está gritando – as mesmas coisas repetidas vezes. *Olá. Olá. Olá. Estou aqui. Estou aqui. Estou aqui.*

Eu estava inclinada para desequilibrado. E não precisávamos de desequilíbrio ao redor da Casa.

*Ethan*, eu silenciosamente disse. *Se estiver no prédio, pegue Luc e alguns guardas e venha ao seu escritório.* Eu não sabia se ele estava perto o suficiente para me ouvir, duvidava que estivesse.

Eu não queria especialmente dar as costas a esse homem claramente problemático, mas na verdade, não tinha uma opção melhor. O primeiro andar da casa está principalmente escuro, e até que eu pudesse chegar a um telefone, ou chamar alguém de outra forma, eu precisava lidar com isso sozinha.

— Não estou com o meu telefone, — falei lentamente, tentando manter o clima suave. — Deixe-me pegar aquele na mesa.

— Não! — A voz dele era alta, a palavra um rosnado e alarmado. — Sem mais gritos!

Suas presas eram longas, brancas, e afiadas como agulha. Ele se lançou sobre mim tão rápido que tive apenas um momento para me virar, me preparar contra seu impacto. Consegui esquivar a maior parte da força, mas ele me fez tropeçar, enviando a nós dois ao chão. Minha cabeça bateu contra o chão, fazendo minha visão vacilar e colocando estrelas nas bordas da sala.

— É culpa sua, — ele disse, e voltou a me dar um soco. Levantei um braço, bloqueei o soco, agarrei seu antebraço e torci, tentando desequilibrá-lo. Mas ele era enorme, e parecia acreditar que eu era um dos demônios mentais com os quais ele lutava. Ele ergueu os dois braços, deu uma tapa na testa, e então tentou me dar uma tapa. Bloqueei seus socos, o que colocou osso contra o osso e enviou dor cantando pelo meu braço.

— Se alguém estiver no corredor, — gritei, — Eu poderia precisar de ajuda agora mesmo!

— Pare! — Ele gritou, perdi a ironia. — Pare de fazer isso comigo! Eu só quero que isso pare! — Seus olhos estavam vermelhos e repletos de lágrimas, e ele ergueu os braços, batendo os lados de seus punhos contra sua cabeça. — Pareparepare!

O vestido subiu ao redor das minhas coxas, consegui colocar uma perna entre a dele e dar uma tesoura para torcê-lo. O vampiro agarrou minha faixa, arruinando-a quando inverti nossas posições, e bateu no chão com um baque.

Eu me levantei, arrumando o vestido e chutando os sapatos estilete. Eles fariam uma arma decente caso eu precisasse, especialmente porque minha adaga estava com o telefone na minha bolsa. E como ninguém havia respondido ao meu grito, eu teria que aguentar sozinha até que alguém, nessas horas antes do amanhecer, passasse pelo primeiro andar.

O homem levantou novamente, os punhos batendo contra os ouvidos. — Pare de gritar! Pare de falar! Não quero mais ouvir isso! Não quero ouvir! — Ele olhou para mim, fúria e medo, uma combinação que se debatia em sua expressão. — Faça parar!

Aproveitei minha chance, recuei para a mesa e o telefone. Consegui agarrar o receptor antes de me seguir, ele arrebatou o abridor de cartas da mesa de Ethan – uma lâmina comprida e prateada de dois lados. Eu levantei um braço, esperando que ele apunhalasse a frente. Em vez disso, ele tropeçou para trás, colocando o ponto reluzente do punhal na sua têmpora. Não havia muitas maneiras de matar um vampiro, mas eu deveria adivinhar que apunhalar a cabeça faria um belo trabalho.

— Vou silenciar isso, — ele disse; os olhos prateados frenéticos. — Vou acabar com isso.

Eu não era mais a vítima – ele também desempenhava esse papel. Abaixei o telefone e estendi a mão.

— Dê a adaga. Não há necessidade disso. Posso ajudá-lo com os gritos.

Pulei para frente, envolvi as mãos ao redor do seu pulso e trabalhei para forçá-lo a abaixar e soltar.

— Sem gritos! — Ele chutou, tentando me soltar, mas evitei o chute desleixado. Ele gritou, começou a me empurrar até atingir as prateleiras na parede oposta. Algo caiu no chão ao meu lado. Mas meu foco estava na lâmina na mão do vampiro, e meus próprios dedos, que estavam brancos em torno dele.

— Apenas solte a lâmina, — eu disse, curvando enquanto ele se afastava com a mão livre. Ele entrou em contato com algo nas prateleiras, o qual atingiu o chão com outro barulho. Se eles não me ouviram gritar, talvez alguém ouvisse a destruição do escritório de Ethan.

Ele me empurrou contra as prateleiras novamente, então me empurrou para as janelas, tentando me arranhar como uma cirripedia<sup>4</sup>. Minhas mãos estavam suadas e seus olhos pareciam mais desesperados.



Ele se afastou, liberando o braço e me empurrando. Fiquei de pé, mas bati novamente nas prateleiras. Olhei para ele e corri os dedos contra fileiras de livros, procurando por algo que eu pudesse usar como arma. As coisas delicadas atingiram o chão, reviradas pelos meus dedos, até tocar em algo frio e duro. Eu peguei isso. Ele avançou. Arma na mão, eu balancei e cravei na têmpora dele.

Ele cambaleou para frente, bateu na parte de trás do sofá, saltou para trás novamente e me atacou. Nós atingimos o chão juntos, seu peso sobre metade de mim.

— Merit!

Ouvi meu nome, e então o homem foi tirado do meu peito. Brody agarrou o homem por debaixo dos ombros, colocando-o no chão do escritório.

Brody não é um guarda há muito tempo, e seus olhos se arregalaram enquanto olhava para mim; vestido rasgado, cabelos ao redor do meu rosto e um obelisco de mármore sangrento na minha mão.

— Eu vi a luz, — ele disse, oferecendo uma mão para me ajudar a levantar. — Pensei que Ethan ainda não havia voltado, e então vim verificar. O que aconteceu aqui?

Fiquei perto do homem no chão, seu peito subindo e caindo, o que era bom o suficiente para mim. Ele ainda estava respirando, mas teria uma grande dor de cabeça quando acordasse. E ele não se matou, o que era algo. Debaixo dele estava a brilhante fita amassada de cetim que havia sido minha faixa de despedida de solteira.

Coloquei o peso de papel na estante de livros e tirei meu cabelo do meu rosto. — Não tenho certeza absoluta. Entrei, e ele estava aqui, e ficou louco.

— Ele atacou você?

— Sim. — Eu olhei para o homem, para o seu rosto desconhecido e roupas sujas, as unhas e as cutículas mastigadas. Mesmo com um olhar mais demorado, não reconheci. — Ele parece familiar para você?

— Não. Deveria?

— Não, — eu disse, mas isso era realmente um palpite. Eu não sabia se ele deveria ser familiar, se era alguém com quem devemos ter consciência, ou se isso era tão estranho e aleatório quanto parecia.

Gesticulei para o telefone na mesa de Ethan.

— Ligue para a Sala de Operação e bloqueie a Casa. Em seguida, ligue para o meu avô, — eu disse; meu peito ainda estava agitado. — Diga a ele que temos um vampiro, talvez doente, talvez mentalmente doente. Definitivamente inconsciente. Diga para ele entrar em contato com o CPD ou uma ambulância ou ambos, e que venha aqui. E encontre Ethan.

Ele não hesitou. — Feito, — ele disse, e foi rapidamente para a mesa de Ethan, pegando o telefone.

Uma noite antes do nosso casamento, e tínhamos uma bagunça em nossas mãos.

\*\*\*\*

Brody chamou meu avô e Luc, então todos voltaram para a Casa Cadogan. Ele ficou comigo e com o vampiro no escritório de Ethan. Pedimos aos guardas humanos que fizessem uma varredura adicional no terreno, e Juliet e Kelley, também guardas, começaram uma busca de cima a baixo da casa.

Ethan praticamente entrou correndo na sala, Malik atrás dele, o cheiro de fumaça de charutos se arrastando atrás deles. — Sentinela, — Ethan disse, examinando a sala, focando o seu olhar em mim. — O que diabos aconteceu?



— Ele estava no seu escritório. Eu me virei e ele estava parado ali, falando sobre ouvir alguém gritando. Ele continuou batendo na cabeça, olhando para coisas que não estavam lá.

— Paranoico? — Ethan perguntou. — Esquizofrênico?

— Não sei. Forte e irritado, e acho que está com medo.

— Irritado? — Malik perguntou.

Fiz uma careta. — Como se a voz fosse uma coceira, algo do qual não conseguia se livrar. Ele estava com medo.

— Ele atacou você, — Ethan disse.

— Ele lutou comigo. Não sei se estava ciente de quem eu era. E então, ele tentou se matar – apunhalar-se com um abridor de cartas. — Apontei para onde ele ainda estava no chão. — Eu o nocauteei com seu peso de papel.

— Fico feliz que tenha sido útil. — Ele estreitou o olhar. — O que você estava fazendo aqui?

— A luz estava ligada. Devido ao memorando de Helen, eu ia deixar um recado, dizer boa noite. — Olhei para o vampiro. — Não cheguei tão longe.

Luc entrou correndo, seus olhos se dirigiram do vampiro para Ethan e para mim. — O que aconteceu?

— Essa também foi minha pergunta. — Os olhos de Ethan eram duros. — Um vampiro desconhecido conseguiu entrar na Casa e atacou minha Sentinela. E eu vou saber como isso aconteceu.

\*\*\*\*

Nós esperamos que meu avô, Catcher, e Jeff Christopher, o gênio de computador do meu avô, chegassem com um par de uniformes de CPD e um time médico. A equipe medica conteve o vampiro, o colocando em uma maca e o tirou da Casa.

Senti que algumas das tensões finalmente deixavam meus ombros quando ele se fora, a Casa estava limpa dele e de seus delírios. Meu avô, com suas calças de avô e camisa de manga curta, acariciou minhas costas. — Você está bem?

— Estou bem, — eu disse, pegando outro drinque da garrafa de Blood4You que Ethan tirou do frigobar embutido nas estantes de livros. Era a versão vampiro de comida que confortava. — Deixou minha adrenalina alta, mas principalmente porque ele me pegou de surpresa.

— O nome dele é Winston Stiles, — Catcher disse. Ele era mais alto do que o meu avô – para não mencionar mais jovem e mais volumoso – com uma cabeça raspada, olhos verdes claros e um corpo musculoso. Usava jeans e uma camiseta bem desgastada com *MÁGICA É O QUE A MÁGICA FAZ*, na frente. — A carteira estava no bolso dele.

— Onde você o levará? — Ethan perguntou.

— A fábrica de cerâmica, — meu avô disse. O antigo local industrial perto do lago foi transformado em uma unidade de detenção para sobrenaturais, onde as prisões normais não eram suficientemente fortes para conter. — Ele ficará lá, pelo menos até que seja avaliado.

— Falaremos com ele, — Catcher disse.

Jeff, seu corpo alto e magro que contradizia o tigre branco que vivia dentro dele, empurrou seu cabelo castanho claro para trás das orelhas. Ele usava calças caqui, converse, e uma camisa branca de botão com as mangas enroladas. Era o seu look favorito, e havia alguma coisa reconfortante na familiaridade disso. — E conferir seus antecedentes, — Jeff disse.

— Se você não se importa, — meu avô disse, gesticulando para as cadeiras, — É tarde e eu vou me sentar. Você se junta a mim?

— Claro, — eu disse, mas sabia que não era realmente *tarde* para o meu avô. Ele trabalhava com sobrenaturais, então ele trabalhava longas e tardes horas. Ele só queria que eu me sentasse, para relaxar. Como não estava em desacordo de que eu precisava de um momento, peguei a cadeira em frente a ele, e o líquido âmbar que Ethan ofereceu em uma taça de cristal.

Olhei para ele, as sobrancelhas erguidas.

— Um bom uísque irlandês, — ele disse. — Isso vai melhorar.

Não tinha certeza se eu precisava melhorar, mas pude ver a preocupação em seus olhos, então o aceitei também, e tomei em um único gole.

— Conte-me, — o meu avô disse, e contei o evento do começo ao fim.

— Ele continuou falando sobre ouvir uma voz gritando, que não queria mais ouvir isso. Ele parecia confuso, com medo e com raiva.

— De mim? — Ethan perguntou. — Da Cadogan?

Isso era lógico, já que o vampiro estava no escritório de Ethan. — Ele não mencionou você. Pensei que fosse um suplicante, mas ninguém que eu tenha visto hoje à noite. E ele não disse nada mais específico. — Fechei os olhos, tentei reproduzir o que ele fez, o que havia dito.

— Não sei se ele era capaz de ser tão específico. Você o viu – parece que ele viveu nas ruas por um tempo. Difícil de dizer se isso é por causa de seus demônios, ou se estar nas ruas criou os demônios. Mas era tudo sobre a voz que ele estava ouvindo – ele queria que eu parasse isso, e quando eu disse que não podia, que precisava conseguir ajuda, ele pegou o abridor de cartas. E isso foi o mais perto do que eu queria está.

— Como ele entrou aqui? — A voz de Ethan estava baixa, e seu olhar perigoso se instalou em Luc. A expressão de Luc não era mais amigável.

— Não sei. E vou descobrir. — Ele olhou para mim. — Desculpe, Merit.

Balancei a cabeça. Eu não estava com raiva dele ter entrado; eu lutei sozinha. Mas se ele tivesse encontrado um vampiro que não conseguia se proteger? Isso teria sido ruim.

— Vou olhar as fitas de segurança agora mesmo, — Luc disse.

— Se ele entrou como um suplicante, — Ethan disse, — Ele teria que assinar o registro. Mas eu não o reconheço. Você reconhece?

Meu avô balançou a cabeça, olhou para Catcher e Jeff, que fizeram o mesmo. — Ele não esteve no escritório.

— Ele lhe deu detalhes sobre a pessoa ou coisa que estava ouvindo? — Meu avô me perguntou. — Vampiro? Humano? Masculino ou feminino?

Balancei a cabeça. — Só que isso continuava dizendo oi, que gritava e não parava. Posso imaginar como isso faria com que alguém se sentisse louco.

— Parece que ele precisa de ajuda, — meu avô disse, levantando. — Nós vamos embora e vamos ajudá-lo a processar. — Ele deu um leve beijo na minha bochecha. — Certifique-se de descansar um pouco. Você terá uma grande noite amanhã.

— Isso é o que me contaram, — eu disse, oferecendo um sorriso que eu esperava tirar as sombras do rosto de Ethan.

— Entraremos em contato se nós descobirmos alguma coisa, — Jeff disse. — E vamos deixar você saber.

Catcher não disse adeus, mas apertou meu braço quando passou. Vindo dele, isso também poderia ter sido um abraço de urso.

Eles haviam saído apenas um minuto quando Luc alcançou o limiar, agitando sua lanterna e clareando toda a sala. — A Casa está limpa, — Luc disse. — Começamos a pegar as fitas, as revisaremos e apresentaremos um relatório para você amanhã. Seria mais cedo, mas o amanhecer está a caminho.

— Sem objeção, — Ethan disse.

Luc esperou por um momento, abriu a boca para dizer outra coisa, mas depois virou e desapareceu novamente, irritação em cada passo.

— Você e Luc ficarão bem? — Perguntei quando estávamos sozinhos no escritório novamente.

— Estou irritado porque sou o chefe, — Ethan disse. — É meu trabalho ficar irritado. E ele está irritado porque não gosta de estragar as coisas. É por isso que ele é bom no trabalho dele. Ou um dos motivos. Você sabia que ele pode lutar com um novilho?

— Não sabia. É bom saber. — Olhei para os restos das estantes, o vidro e os livros, e lembranças espalhadas no chão. — Esta noite tomou um rumo feio.

Ethan colocou as mãos nas minhas bochechas, chamando minha atenção para ele. — Você está bem?

— Estou bem. Foi só... — respirei fundo, soltei novamente. — Eu queria voltar para casa. Esperava uma noite muito alegre e consegui, na maior parte. Foi estranho o final da minha liberdade.

Ethan colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Você sozinha despachou um intruso, sem uma arma e em um vestido de festa muito lindo. Eu diria que esse é um final apropriado.

— Melhor. Mas ainda inquietante.

Tive uma súbita simpatia pelo sentimento de pânico existencial de Mallory, pelo interminável sentimento de que a vida nunca seria fácil, que nunca estaríamos realmente seguros.

*Nervosa*, eu disse a mim mesma. Era noite anterior ao meu casamento, e eu estava compreensivelmente ansiosa, e esse incidente estranho não ajudava. Mas não tinha tempo para isso agora, então afastei os pensamentos.

— Duvido que isso fosse pessoal, — ele disse. — Não é um ataque contra você ou eu, mas um indivíduo que precisa de ajuda – e agora pode conseguir.

Assenti. — Você está certo. Não é um prenúncio. Apenas uma alma solitária.

— E faremos o que pudermos para colocá-lo na linha.

O relógio soou quando deu cinco horas, cada barulho sinistro no silêncio da sala. O amanhecer se aproximava.

— Devo ir para o meu quarto, — eu disse. — Tentar dormir um pouco.

— Oh, você não sairá do meu lado esta noite, Sentinela.

Senti-me instantaneamente aliviada. Mas considerei as repercussões. — Mas a tradição – a coisa toda sobre não ver um ao outro?

— Sou mestre desta casa, — Ethan disse, e, como se quisesse provar isso, me puxou contra ele, juntando a sua boca a minha. Seus beijos podem ser doces ou ternos, provocantes ou incendiários. Este era possessivo e promissor – que ele estava aqui e que eu estava segura.

— Vamos subir, — eu disse quando o beijo terminou, enterrando meu rosto em sua camisa, com o aroma e a sensação dele. — Vamos deixar esta noite para trás e começar o amanhã.

— Não tenho nenhuma objeção a isso, Sentinela. Nenhuma mesma.

\*\*\*\*

Nosso apartamento no último andar da Casa Cadogan estava escuro e arejado, algumas lâmpadas douradas queimavam a escuridão. Não havia nenhum toque para dormir de Margot hoje à noite – ela estava fora da casa e provavelmente, pensou que eu iria dormir no pequeno dormitório que fora minha primeira casa na Casa.

Segui Ethan para o enorme closet, onde meu vestido e seu smoking pendiam de cabides em capas pretas combinando, esperando que o sol de levante e se ponha novamente.

— Você está pronta?

Olhei para Ethan. Ele sorriu enquanto trabalhava no ritual noturno, tirando o relógio, removendo chaves e carteira.

— Eu acho que tudo está pronto para a cerimônia e a recepção, se é o que você quer dizer.

— Você sabe que não é.

— Eu acho que você terá que ver se vou eu aparecer.

Ele levantou uma sobrancelha enquanto desabotoava as abotoaduras. — Estou confiante de que é uma piada, já que você sabe que eu caçaria você até os confins da terra caso não conseguisse aparecer.

— Tenho certeza de que posso ultrapassar você.

O sorriso dele ficou malicioso. — Vamos testar essa teoria, — ele disse, e se lançou sobre mim.

\*\*\*\*

Após me levar para o banheiro por cima do ombro, escovamos nossas presas como bons vampiros. Quando deitamos na cama, os cobertores estavam macios e fofos, as persianas automáticas *escorregaram* suavemente sobre as janelas, parando no lugar para nos proteger do sol assassino.

Eu me enrolei contra a lateral do corpo dele, seus braços me envolvendo.

— Melhor do que dormir sozinho, — ele disse. — Mesmo que isso venha com um pouco de má sorte.

Eu não tinha certeza de quanto *um pouco* mudaria a pilha já considerável de má sorte.

— E como foi sua despedida de solteira, pelo menos antes da virada sombria?

— Boa. Havia poesia e chocolate. Mallory e Lindsey fizeram um excelente trabalho planejando.

— E sem strippers?

— E sem strippers. — Olhei para ele. — E você?

— Sem strippers, — ele disse. — Embora o licor fosse farto e os charutos fossem definitivamente cubanos.

— O que há com despedidas de solteiro e charutos? Quero dizer, esse é um bonito símbolo fálico para uma celebração pré-casamento.

— É uma despedida de solteiro, — ele disse com uma piscadela. — Nós não estamos comemorando o casamento. Estamos comemorando a solteirice.

— Você dificilmente precisa celebrar. Acho que seu ego é grande o suficiente.

Mal consegui tirar as palavras da minha boca quando ele pulou, cobrindo meu corpo com o dele e me pressionando na cama. Inclinou-se em seus cotovelos e escovou os cabelos do meu rosto.



— Você tinha algo a dizer sobre meu ego, Sentinela?

Sorri para ele, empurrando um fio de cabelo atrás de uma orelha. — Você está indo bem, eu acho.

Fechando os olhos, ele baixou a boca para a minha, provocando com beijos que eram macios e doces, dicas de coisas que estavam por vir. — Você é minha, Sentinela. Despedida de solteira ou não, essa é uma verdade inegável.

— Acho que sempre fui sua, — eu disse, e seus olhos escureceram. — Há algo aqui dentro que... — coloquei uma mão sobre meu coração, depois no dele, — Sempre estive esperando por você. Eu só precisava me preparar para isso.

Ele sorriu. — Você necessitava amadurecer.

— Não gosto do som disso. E mesmo que seja verdade, não sei o que isso diz sobre você. — Acariciei sua bochecha. — Mas quatrocentos anos não é tão longo assim.

Ele mordeu meu pescoço de brincadeira. — Isso não é nada nos anos de vampiros.

— Como são os anos de cachorro, mais tempo?

Ele fez um som altivo e mordiscou ainda mais.

— Esqueci, — eu disse. — Na verdade, eu queria falar com você sobre isso.

— Mmm-hmm. — Uma de suas mãos segurou meu peito, enviando arrepios de antecipação ao longo da minha pele.

— Mas você está dificultando minha concentração.

— Essa é a ideia geral, — ele disse, e aplicou essas mordidas no meu maxilar.

— Esta é uma conversa séria, no entanto. Sério.

Ele olhou para mim, uma mecha de cabelo louro sobre o olho, assim ele parecia muito com um pirata que foi interrompido durante uma jornada muito interessante. Os olhos se estreitaram e ele se sentou, me olhando pensativamente.

Levantei para sentar ao lado dele, as pernas dobradas debaixo de mim. — É sobre nossos nomes.

— Nossos nomes, — ele repetiu; a expressão em branco.

— Somente os vampiros mestres usam sobrenomes, que é uma regra que eu estou tecnicamente quebrando, já que o Merit é meu sobrenome. Provavelmente, tecnicamente, eu poderia jogar o jogo de *Caroline Merit-Sullivan*, mas isso é demais. Há muita bagagem, e só... Não sei.

Ele levantou as sobrancelhas.

Levantei as mãos. — Não estou dizendo isso muito bem. A questão é que, depois de casarmos, eu gostaria de permanecer *Merit*. Quero manter esse nome.

Ele sorriu. — Ah. Entendo.

— Eu estava pensando nisso. Não queria machucá-lo.

Ele sorriu para mim. — Você nasceu Caroline, e se fez Merit. Exijo seu amor e sua fidelidade. — Ele sorriu maliciosamente. — Sua identidade é sua.

Era isso, exatamente. O que não fui capaz de colocar em palavras. Eu não deveria duvidar que ele entenderia o que era sentir como se tivesse feito sua própria identidade. Ele fez o mesmo quando escapou de Balthasar, o vampiro que o fizera.

— Venha aqui, — ele disse, me puxando contra ele quando se deitou de novo.

Coloquei uma mão em seu peito, senti seu coração batendo embaixo da minha mão. — Você nasceu um soldado, transformou-se em um monstro, assim você temia que fosse. E se tornou um Mestre. Você fez sua identidade.

— Isso foi mais um esforço de *é preciso uma aldeia*<sup>5</sup>, mas para o seu ponto de vista, sim. — Ele ergueu os meus dedos até a sua boca e pressionou os lábios contra a pele macia. — Outros queriam que encenássemos certos papéis. Ser certas pessoas. Mas nós nos criamos. Então, mantenha seu nome, Merit da Casa Cadogan. Eu tenho o seu coração.

Ele certamente o tem.

— Além disso, eu não nasci *Sullivan*. E acredito que ainda não contei essa história.

Antes de sairmos do escuro para as pessoas, os vampiros mudavam de nome a cada poucas décadas para evitar serem detectados. — Você não contou, — eu disse, um pouco culpada por não ter pensado em perguntar antes.

— Um âncora da televisão nos anos setenta, — ele disse com um sorriso. — Seu nome era Sullivan Steele.

— Não.

— Verdade absoluta. Ele não era tão suave como o nome sugeria – acredito que havia um terno de malha dupla<sup>6</sup>, mas gostei de Sullivan.

— E Ethan?

— Foi ideia de Aaliyah. — Aaliyah era esposa de Malik, uma escritora que costumava manter isso para si mesma. — Encontrei em um livro para nomes de bebê, que é o que usamos para ter ideias.

— Nos dias antes da Internet tube<sup>7</sup>.

---

5 É preciso uma aldeia para educar uma criança é um provérbio que significa que leva uma comunidade inteira para educar uma criança: Uma criança tem a melhor capacidade de se tornar um adulto saudável se toda a comunidade tem um papel ativo na contribuição para a criação d criança.

6 Malha de duas camadas unidas para espessura extra.

7 Uma série de tubos é uma frase cunhada originalmente como uma analogia pelo então senador dos Estados Unidos Ted Stevens (R-Alaska) para descrever a Internet no contexto de se opor a neutralidade da rede. Em 28 de junho de 2006, ele usou essa metáfora para criticar uma proposta de emenda a um

— Acho que não são tubos, mas sim. Quando a biblioteca era verdadeiramente necessária.

Estreitei meu olhar para ele. — Espero que você não diga que não é necessária agora. Porque é.

Ele envolveu seus braços em volta de mim. — Calma, Sentinela. Há muitos vampiros que usam a biblioteca, inclusive nós. O bibliotecário certamente lideraria a acusação do meu assassinato ou demissão em qualquer evento.

— Bom, — disse. Eu o beijei levemente. — Porque isso põe em perigo nosso relacionamento.

Ele assentiu. — Além disso, o que eu faria com o espaço? Embora um conservatório fosse bom... — ele sorriu novamente, mas ainda havia uma tensão perturbadora em seus olhos.

— Você está tentando me acalmar, — percebi. — Aliviar o clima.

— Desde que nos conhecemos, — ele disse, colocando o queixo em cima da minha cabeça, — Tenho dito para você ficar sossegada.

— Você diz, — eu disse, e deixei-me atrair pelo seu calor e aroma, pelo conforto de sua proximidade, de tê-lo como uma estrela guia. — Eu te amo, Ethan Sullivan.

— E eu te amo, Merit Nome de Solteira.

E isso era bom o suficiente para mim.

---

projeto de lei. A metáfora tem sido amplamente ridicularizada, particularmente porque Stevens mostrou uma compreensão extremamente limitada da Internet, embora ele se encarregasse de regulá-la.

# CAPÍTULO 04



## Pé frio

Nós ignoramos a tradição de dormir em quartos separados, mas Ethan ainda estava desaparecido quando acordei. Margot deixara uma bandeja de café da manhã de muffins, gordos morangos vermelhos e uma jarra de Earl Grey que perfumava o ar com bergamota cítrica.

— Que os mimos da noite de núpcias comece, — eu disse, servindo uma xícara para mim, sentei em uma cadeira na sala de estar por alguns minutos de paz e tranquilidade antes que o caos começasse.

Ethan deixou um cartão de visita na bandeja. Seu nome estava impresso na frente, e nas costas, com tinta azul, estava um coração e uma nota com sua letra inclinada: *Até logo, minha linda noiva.*

E porque era Ethan, um segundo recado: *Relatório de segurança em D-1*, ou uma hora depois do amanhecer.

Esta pode ser a noite do meu casamento, mas ainda vivemos na Casa Cadogan.

Após as instruções de segurança, eu serei levada para Portman Grand, onde seria vestida e ficaria pronta, depois para a biblioteca para a cerimônia e recepção.

As implicações de ter deixado os detalhes para minha mãe e Helen de repente me atingiu – elas se encarregariam do dia do casamento, e como e onde eu gastaria meu tempo. Bom, eu não precisaria me preocupar com isso, mas não tão bom quanto ter ajudantes amistosos responsáveis pelos eventos.

Gostaria de usar roupas confortáveis para a preparação, eu decidi. Jeans, uma camisa antiga e meu par favorito de Puma. Minha medalha da Cadogan, como sempre. E meu cabelo não lavado, como o estilista me instruiu a fazer.

\*\*\*\*

A Casa estava de alguma forma ainda mais caótica do que estivera na noite anterior.

Havia mais guardas humanos e uma última corrida para os preparativos para o casamento.

A porta se abriu e o capitão dos guardas da Casa Gray entrou. Jonah era alto e bonito, com olhos azuis, um maxilar perfeito e cabelos castanhos que alcançavam seus ombros. Ele também era tecnicamente meu parceiro na Guarda Vermelha, uma organização secreta criada para monitorar os Mestres e defender os direitos dos vampiros. Jonah e eu estamos bem, mas GV e eu ainda brigamos porque preferem ignorar os desafios em vez de encará-los.

Ele olhou para mim e sorriu. Jonah teve uma paixão que não consegui corresponder, o que provavelmente colocou aquele olhar ligeiramente culpado no rosto dele.

— Ei, — ele disse.

— Ei.

Ele passou a mão pelos cabelos, e havia algo maravilhosamente tímido no gesto. — Eu não esperava te ver. Antes, quero dizer.

— É somente Ethan quem eu não deveria ver esta noite, — eu disse com um sorriso, — Mas vamos ignorar essa regra. Por que você está aqui?

— Segurança, — ele disse. — Depois da noite passada, Luc perguntou se eu gostaria de manter um olho na casa, pelo menos até você e Ethan saírem. Parece que você teve uma noite bastante movimentada.

— *Movimentada* nem chega perto. Nós temos uma reunião da equipe sênior, então ele deve estar lá embaixo. — Embora, eu pensei, olhando para a cozinha, provavelmente eu poderia encontrar algo para Jonah fazer enquanto isso. Algo que mataria dois coelhos com uma cajadada só. Ou, pelo menos, dar-lhes um toque de amor...

— Você poderia me fazer um favor primeiro? — Perguntei.

— Certo. O que é?

Gesticulei em direção à cozinha. — Você poderia verificar com Margot, a chefe de cozinha da Casa? Vê se ela precisa de ajuda com qualquer coisa? Ela está trabalhando para o casamento.

Jonah parecia um pouco desconfiado do pedido, mas parecia disposto a aceitar, provavelmente porque era o dia do meu casamento. O que estava tudo bem comigo. Seja como for, que funcionasse.

— Ok, claro.

Gesticulei até o corredor, caminhei com ele até o escritório de Ethan, então fiquei para ter certeza que ele entrasse na cozinha.

O destino, eu esperava, faria o resto.

\*\*\*\*

O humor no escritório de Ethan era sombrio. Não é exatamente a sensação que se queria na noite de casamento, mas os negócios eram do tipo comerciais e os vampiros eram vampiros. O drama era inevitável.

Ethan estava sentado atrás de sua mesa, Luc e Malik, do outro lado da sala, ao redor da eletrônica.

— Boa noite, — eu disse, quando Ethan olhou para mim.

— Sentinela. Feliz noite de casamento.

— Para você também. Como você está se sentindo?

Ethan recostou-se na cadeira, braços cruzados, brilhando bastante com poder e confiança. E não parecia excessivamente preocupado – um bom sinal. — Tão bem como um homem pode estar quando vai se casar com uma mulher bonita e corajosa.

Não é um sentimento ruim para começar o dia.

— Seu avô ligou. Winston Stiles está no centro de detenção sobrenatural. Ele chegou durante o dia, ainda delirante e violento, então eles o sedaram. Ele permanece sedado.

Ethan poderia chamar de uma unidade de detenção, mas na realidade era uma prisão onde eram mantidos os presos sobrenaturais da cidade. Aqueles homens e mulheres incluíam um vampiro chamado Logan Hill, o homem que me atacou e me deixou morta, o motivo pelo qual Ethan me tornou uma vampira. O homem cuja identidade eu conheci apenas alguns poucos meses atrás, quando ele estava ajudando a Sorchia.

O homem que eu deixei viver.

— Ele foi capaz de contar a eles alguma coisa sobre a fonte dos delírios? — Perguntei.

— Não, — Ethan disse. — Quando acordou, ele falou sobre a voz novamente, e implorou a eles para parar isso. E então, ele atravessou uma das restrições e colocou as mãos em um guarda. Ele foi sedado depois disso, pelo menos até descobrirmos o que fazer.



— Ele precisa de medicamentos? — Perguntei.

Ethan balançou a cabeça. — Não há histórico de doença mental em seus prontuários médicos. Ele era um vigia noturno em um banco em Skokie, pelo menos até ser demitido. Há um médico na prisão, mas no momento, isso parece ser um colapso mental de algum tipo.

— Causado por algo que ele queria te falar?

— Talvez, — Ethan disse. — Catcher e Jeff começaram o processo de investigação durante o dia. — Ele sorriu um pouco. — Não queriam você correndo pela noite antes do casamento. Tinham alguma preocupação que você aparecesse atrasada, suja ou ferida.

— E o que vamos fazer?

— Nós vamos nos casar, — Ethan disse. — E então, vamos para Paris, assim como planejamos. Vamos deixar o Omdubsman lidar com questões sobrenaturais, como é a responsabilidade dele. E não vamos insistir nisso.

Apertei meu olhar para ele. — Há quanto tempo você está preparando esse discurso?

O sorriso dele foi malicioso. — Desde que falei com seu avô. — Ele se levantou, caminhou ao redor da mesa e colocou as mãos no meu rosto. — Temos permissão para viver, Merit. Temos permissão para deixar os problemas para os melhores capazes em resolvê-los.

Concordei e tentei aceitar isso. Era difícil não olhar para aqueles olhos profundamente verdes. E eu tinha outras coisas com o que me preocupar hoje. Mas foi difícil. Difícil não pensar no estado do mundo. Mesmo que fôssemos promissores *para o bem ou o pior*, isso não significava que queria que o *pior* se tornasse apocalipticamente ruim.

— Nós protegeremos a casa, — Ethan disse. — Veremos o vídeo, descobriremos como ele evitou nossa segurança, e deixamos seu avô lidar com o resto.

— Você está certo, — eu disse. — Você está certo. É a nossa noite de núpcias, e não podemos resolver todos os problemas para todos. — Winston deveria encontrar seu próprio caminho. Talvez o escritório do meu avô possa ajudar com isso.

— Estamos prontos, — Luc disse depois de um momento, olhando para a sala. Ethan e eu caminhamos até a área de estar, onde cadeiras e sofás de couro cercavam uma mesa baixa.

— Nós reconstruímos os movimentos do vampiro juntos das várias câmeras, — Luc disse; seu rosto vazio de expressão, claramente ainda chateado com o lapso de segurança. Eu poderia entender o sentimento. — Isto é de quatro noites atrás.

Ele apertou um botão e o vídeo começou, a tela se encheu com a cena do saguão da Casa. A câmera estava posicionada no meio do espaço, inclinada para baixo para pegar a porta da frente fechada, banco de suplicantes à esquerda e mesa à direita.

A porta da frente se abriu e nosso vampiro entrou; a escuridão da noite atrás dele. Ele se moveu para a recepção, entrou e sentou no banco ao lado de outros quatro vampiros.

— Ele era um suplicante, — eu disse.

Luc assentiu. — Ele se inscreveu como Winston. Não identificou nenhum sobrenome ou Casa, apenas *UNAFF*, o que eu considero como não afiliado.

O relógio na tela indicava 00h45min, depois uma 01h00min, e Winston ainda esperava. Mas se ele estava agitado – ou experimentando os delírios – não demonstrou isso. Ele parecia entediado e perturbado pela espera, mas uma hora em um banco desconfortável faria isso. E então eu vi.

— Zoom nele, — eu disse. — Na mão direita, se puder controlar isso.

— Zoom, — Luc disse, e a imagem se aproximou. Era mais pixelado, mas o movimento era claro.

— Ele está batendo na perna com o punho, — eu disse, e juntei meus dedos, demonstrando. — Não é um tapa, ou um hábito nervoso. É irregular. E está colocando alguma força nisso.

— Você está pensando que é um tic? — Ethan perguntou.

— Este cara parece bem barbeado, razoavelmente organizado, aparência mediana. E sabemos no que ele se tornou. Pergunto-me sobre o quanto já havia acontecido antes.

Ele cruzou os braços e ergueu a mão direita para a têmpora, batendo o lado do punho contra a cabeça dele. Apenas uma vez, mas uma vez foi o suficiente.

O tempo passou, e os outros quatro vampiros partiram e foram substituídos, o que presumivelmente colocou Winston em próximo da fila para o escritório de Ethan. Mas então, ele olhou para o pulso, e provavelmente seu relógio, levantou do banco e saiu pela porta.

— Ele não assinou, — Malik disse.

— Não, — Luc concordou. — E não demorou. — O vídeo mudou para o gramado dianteiro da casa. O vampiro caminhou pela calçada, desapareceu pelo portão. O vídeo mudou novamente, e ele continuou pela rua, desaparecendo na escuridão.

— Não há mais nenhum sinal dele na casa nesta noite, — Luc disse, depois olhou para Ethan. — Ele parece familiar?

— Não. De modo nenhum.

Luc assentiu. — Mas isso foi há dois dias. — O vídeo mudou para o próximo segmento, e o saguão apareceu novamente na tela.

O vampiro entrou novamente. Desta vez, ele parecia como eu o vira na noite passada. Desgrenhado – com a mesma roupa que usara antes, mas em pior situação – seus movimentos eram mais erráticos. Seus quadris se moviam como se estivessem em uma conversa silenciosa.

Um Noviciado diferente estava na mesa, senão ela não o teria reconhecido da visita anterior.

O vampiro se moveu para o banco e sentou. E a espera começou de novo. Ele ficou sentado, mas esfregou as têmporas vigorosamente, um pé em uma batida rápida e agitada. O vampiro na mesa olhou ocasionalmente, mas não pediu ao homem para sair ou interagiu com ele de outra forma.

— Nós observamos o todo, — Ethan disse calmamente, olhando com atenção para a tela. — Ela não o afastaria, a menos que ele fosse violento. Como estava, ele simplesmente parecia... Nervoso?

— Com medo, — concordei. — Ou talvez como se estivesse sofrendo, não que planejasse ferir alguém. — E ele provavelmente nunca planejou. Eu estava no lugar errado na hora errada, se a intenção era fazer parar o grito.

— Ainda assim, — Malik disse. — Eles poderiam precisar de mais treinamento na recepção. Vou fazer planos.

Mais uma vez o tempo passou, e os vampiros que chegaram antes dele saíram para falar com Ethan, depois voltaram para o saguão e saíram da casa.

Quarenta e sete minutos se passaram quando dois vampiros atravessaram o vestíbulo e a porta da frente com caixas. Como Helen estava liderando, provavelmente era mais um aparato para a festa.

O segundo vampiro carregava caixa em cima de caixa, e uma delas caiu, derrubando seu conteúdo pelo chão. O vampiro na mesa, e os dois outros suplicantes, começaram a reunir os suprimentos. E conforme eles juntavam, Winston passou pela escrivaninha, pelas escadas, e entrou no corredor principal. A cena mudou, seguindo-

o. Ele parou no meio do corredor – vazio, felizmente para ele – e parecia lutar contra a voz que começara a ouvir.

— Dispensa, — Ethan disse, e Luc assentiu.

— Ele ficou lá durante o dia. Ninguém entrou ou saiu, e não há câmera no armário. Nada mexido, exceto alguns lençóis no chão.

— Ele dormiu lá, — Ethan disse.

— Sim. Ficou lá até às quatro da manhã. — A visão voltou para o corredor. O vampiro caminhou até a cafeteria escura, e a partir dessas câmeras, observamos enquanto bebia garrafas de sangue diretamente da caixa, depois as devolveu vazias. Então, ele entrou no escritório escuro de Ethan, e a visão mudou para uma câmera montada em algum lugar atrás da mesa de Ethan.

Um novo horror me ocorreu. *Não percebi que havia câmeras aqui*, disse silenciosamente, meu rosto esquentando enquanto tentava freneticamente lembrar quais atos indescritíveis que Ethan e eu realizamos naquela sala. E pensaria duas vezes antes de beijá-lo novamente.

*Eu sou o único que tem acesso*, Ethan disse, apertando minha mão. *Seus segredos estão seguros comigo.*

O vampiro e eu lutamos pela sala; então, peguei o peso de papel e o levantei, batendo nele. Ele caiu no chão, e foi isso.

O silêncio caiu na sala.

— Então, vamos resumir, — eu disse. — Ele queria uma audiência com Ethan. Quatro noites atrás ele faz sua primeira tentativa. Ele parecia relativamente estável, mas impaciente. Duas noites atrás, ele volta. Está mais agitado, e sua doença – caso seja isso – progrediu. Ele está impaciente de novo, mas desta vez consegue entrar na Casa devido a nossa gente estar em todo lado e uma coincidente distração. Ele passa

a maior parte do tempo sozinho, até que procura Ethan novamente, e não o encontra. Eu o encontro, e ele quase sucumbiu completamente aos seus demônios.

— Isso evoluiu, — Malik disse. — Ou piorou.

— De relativamente normal a incapacitado em cinco dias? — Luc perguntou, cruzando os braços. — Isso parece impossível.

— Não se ele estivesse sem seus medicamentos, — eu disse. — Incapacitado poderia ser o seu estado habitual, e nós o observamos ficar sem.

— Intencionalmente ou não, — Ethan concordou, e olhou para mim. — Também é possível que ele não sofra de uma doença, mas de magia. Ele está sob custódia agora, e não há motivos para acreditar que isso seja algo além de um incidente isolado; Catcher confirmou isso. Mas há uma lição maior – isso poderia ter sido evitado se eu tivesse tido tempo para vê-lo. Duas noites distintas de espera e não o deixei entrar. Não falei com ele.

— Ele não esperou para ser autorizado a entrar, — Malik afirmou. — Ele não esperou por mais de uma hora, o que é mais rápido do que entrar em uma sala de emergência. E não ligou para a Casa ou para o Omdubsman, — Malik acrescentou antes que Ethan pudesse argumentar. — Se houvesse uma emergência, ele poderia ter nos alcançado dessa maneira. Não era uma emergência, e evidentemente, não valia mais de uma hora do seu tempo.

Mordi um sorriso. Malik era normalmente do tipo forte e silencioso, o que fez sua forte defesa de Ethan muito mais agradável. E a tensão em torno dos olhos de Ethan pareceu suavizar, apenas um pouco.

— Vou trabalhar com Malik, — Luc disse. — Vamos falar sobre novos procedimentos para os suplicantes. — Ele ergueu o olhar para o meu, e estava pesado com a culpa.

Levei um momento para entender. Ele tinha medo de que o vampiro pudesse ter me machucado seriamente – ou me nocauteado completamente – na noite anterior

ao casamento. Que ele teria retirado a noiva de seu Mestre, o homem a quem ele fizera um juramento. O casamento estava deixando todos nós loucos.

— Você não está pensando, — eu disse, e fogo se acendeu nos olhos de Luc devido o meu tom áspero. Boa. Ele poderia precisar de um pouco de fogo.

— Como é? — Ele perguntou; não acostumado com o meu interrogatório, pelo menos não quando ele estava no modo de capitão da guarda.

— Sou mais forte do que ele e mais treinada. Ele estava na rua só Deus sabe por quanto tempo, e tinha algum tipo de colapso psicótico para ajudar. Minha luta foi inevitável. E mais importante, eu estava em melhor posição para lidar com isso. Melhor eu do que Helen ou Margot, ou qualquer outra pessoa que não esteja treinada para a luta.

O queixo de Luc mexia enquanto refletia sobre os meus pensamentos.

Ethan estendeu a mão e apertou a minha mão. — Você a treinou bem, — ele apontou.

— Claro que treinei. Não gosto de ter isso totalmente jogado contra mim, especialmente quando eu fodi tudo.

— E nada disso também, — eu disse. — Não foi culpa sua.

Ele olhou para mim. — Foi, — ele disse. — A segurança da Casa é minha responsabilidade.

— Sua e minha, — corriji. — Eu sou a Sentinela. É meu trabalho, pelo menos em parte, proteger a Casa. Nós dois tínhamos essa responsabilidade, então, se há alguma culpa, também é minha. — Eu olhei para Ethan, odiei a apreensão desconfortável na minha barriga, o fato de acabar de assumir a responsabilidade pela violação. Não deveria ter demorado tanto para reconhecer a minha contribuição, ou culpa nisso. — Me desculpe por isso.

Fogo ardia nos olhos de Ethan, e eu esperava que fosse orgulho, não raiva.

— Ela está certa, — Ethan disse, olhando para nós dois. — Nós identificamos uma lacuna em nossa segurança – uma que não sabíamos que existia. Nós sabemos agora, e vamos ajustar nossos processos. Vamos corrigir e avançar. É o que fazemos. Isso é o que sempre fazemos. E falando em avançar, — ele disse, olhando para mim, — Agora que todos nós falamos sobre nossos desagradados particulares, provavelmente devemos nos preparar para a noite.

— Acho que é a nossa sugestão para sair, — Malik disse com um sorriso, levantando-se e batendo no ombro de Luc conforme passava, em um sinal de solidariedade.

— Sentinela.

Olhei para Luc.

— Eu só quero que você saiba – seu reconhecimento de responsabilidade hoje a noite mostra... Que eu treinei você muito bem.

Eu, principalmente, reprimi um sorriso. — É com isso que você vai?

Ele sorriu. — Sim. Penso que hoje à noite, provavelmente, precisamos disso.

Eles desapareceram, e dei apenas um passo para perto de Ethan quando outra figura entrou.

O homem tinha pele bronzeada, cabelos escuros e olhos castanhos sonhadores. Ele usava jeans e uma túnica de algodão cor de açafrão em seu corpo alto e magro, e um sorriso enorme no rosto. — Não é má sorte os noivos se verem antes do casamento?

O sorriso percorreu o sotaque que acentuou sua voz calorosa.

Ele e Ethan caminharam um para o outro, se encontraram no meio do caminho e compartilharam um viril abraço com tapas. — É bom ver você, Amit.



Amit colocou uma mão no ombro de Ethan e o apertou. — E você também, meu amigo.

O vampiro mais poderoso do mundo – e o padrinho de Ethan – olhou para mim e estendeu as mãos, um anel de prata brilhando no polegar direito. Caminhei até ele, oferecendo minhas mãos. Ele as levantou até os lábios e pressionou beijos enquanto um frisson de magia se passava entre nós.

— Amit. É tão bom vê-lo!

Ele sorriu. — Você mudou sua opinião sobre se casar com esse desalmado?

— Não, — eu disse, olhando para Ethan. — E acho que não vou.

Amit assentiu com gravidade. — Você é uma mulher corajosa.

— Ela é, — Ethan concordou; seus olhos brilhando de prazer. — É por isso que eu a chamo Sentinela. — Ele olhou para Amit. — Você acabou de chegar? Podemos acomodá-lo?

Amit levantou as mãos. — Estou bem. Helen cuidou de minha bagagem e acomodações. E falando nisso, o que aconteceu?

Ethan e eu trocamos um olhar.

— Eu sou um psíquico muito forte, — Amit disse; uma referência ao sistema de classificação de vampiros. — Há uma energia incomum na casa, e não apenas por causa do casamento.

— Merit foi atacada aqui na noite passada.

— Não fui atacada, — eu disse, colocando uma mão de apoio no braço de Ethan. — Um suplicante desequilibrado se escondeu em uma despensa e abriu caminho até aqui. Eu fui o vampiro desafortunado que o encontrou, e ele não estava feliz com isso.

Os olhos de Amit se arregalaram de alarme, e ele olhou para Ethan.

— Incidente isolado, — Ethan disse, repetindo a linha estabelecida. — O escritório do Omdubsman está investigando, e o indivíduo foi preso depois que Merit bateu nele com o prêmio do serviço Greenwich Presidium.

Amit assentiu com aprovação. — É assim que se faz.

— Eu preferiria não ser referida como alguém que bateu nele com um prêmio ou de outra forma. Mas uma Sentinela sendo Sentinela.

— Coloque isso em uma camiseta, — Ethan disse.

Houve um pigarro educado na porta. Nós olhamos para trás e encontramos Lindsey em jeans, uma camiseta rosa escrito EQUIPE DA NOIVA, e o meu saco com o vestido na mão.

— Sire, Sentinela. — Ela sorriu para Amit, assentiu, e levantou o saco um pouco mais. — Hora de ir.

Os nervos pré-casamento ainda não haviam chegado, mas vê-la ali com o vestido que ela ainda não havia visto fez tudo de repente real. Chegamos ao ponto em que não havia mais tempo para guardar a Casa, investigar ameaças, planejar a segurança.

*Eu estava casando hoje.*

Eu estava *casando* hoje.

Eu estava casando *hoje*.

— Merit, — Amit disse, com um riso na voz. — Você ficou um pouco pálida.

Engoli com força, olhei para ele e depois Ethan. — Sinto como se estivesse prestes a fazer o meu discurso de história da nona série.

Ethan sorriu. — Você passou a nona série, ou assim eu suponho, já que tem um mestrado e meio. Acredito que um U de C<sup>8</sup>, entre os outros, seria particular sobre esse tipo de coisa.

Soltei uma respiração através de lábios franzidos. — Tudo ficará bem. — Mas peguei suas lapelas e me inclinei. — E se minha mãe tiver pombas? E se o DJ só tocar a dança da galinha<sup>9</sup>? E se Amit bagunçar o brinde?

— Não tenho nenhum plano de bagunçar o brinde, — Amit disse com força. — Irei levar a multidão às lágrimas, depois diverti-los com histórias sobre os dias mais selvagens do seu noivo.

Na verdade, isso pareceu divertido.

Ethan beijou minha testa. — Calma aí, Sentinela corajosa. Você deferiu o planejamento do casamento, e agora você enfrentar a música – e possivelmente as pombas. — Mas ele olhou para mim, passando um dedo sobre o colar da Casa na minha garganta.

*Independentemente do resto, ele disse em silêncio, haverá você e eu. Isso será suficiente, e isso será perfeito. Esta noite, e toda a sua beleza sombria, é nossa.*

Quem precisava de Lord Byron?

---

8 Universitário de Chicago

9 A dança da galinha, também conhecida como a música do passarinho ou a canção do frango, é uma canção oom-pah e sua dança da moda associado é agora uma dança contemporânea em todo o mundo ocidental.

## CAPÍTULO 05



# Quando pombas choram

Elas ficaram no saguão como uma força policial chegando para cobrar sua dívida. E essa *dívida* era eu.

Helen e minha mãe, Meredith Merit, pareciam parceiras de negócios. Ambas usavam ternos e pérolas, seus cabelos perfeitamente arrumados, maquiagem precisamente elegante. Havia algo muito *Mulheres Perfeitas* nisso. Ou as versões Oak Park e Hyde Park, de qualquer forma.

Mallory estava com elas, vestindo jeans e outra camisa *EQUIPE DA NOIVA*. Ela estava ao lado de uma pilha de malas e o que parecia maletas de maquiagem.

Elas se viraram e olharam para mim com o mesmo olhar de avaliação.

— Merit, — minha mãe disse, caminhando e apertando as mãos nas minhas bochechas. Suas palmas eram macias e frias, e ela cheirava a perfume. — Como se sente, querida? Está nervosa? Animada?

Minha mãe e eu não éramos especialmente próximas. À medida que meu pai se concentrava nos negócios, minha mãe se concentrava – em instituições de caridade, fazer social em casa, organizar doações que conseguiram *Merit Properties* em prédios, placas ou bancos. Coisas que Charlotte lidava melhor do que eu. Mas, dado que ela havia coordenado meu casamento, este não era o momento de ser ingrata.

— Ambos, eu acho. — Quando ela se virou para deslizar um braço ao redor da minha cintura, eu olhei para Helen. — Antes que as coisas fiquem muito caóticas,

queria agradecer por tudo o que vocês fizeram para fazer o casamento acontecer. Sem vocês, provavelmente estaríamos fugindo para uma Waffle House.

— Deus me livre, — minha mãe disse com um sorriso. — Foi um grande prazer trabalhar com Helen. — Ela estendeu a mão e apertou a mão de Helen como se fossem velhas amigas, o que me perturbou mais do que deveria. Helen já não era uma fã minha; não achava que ela ouvindo minha mãe melhoraria a tensão.

— O casamento será lindo, — Helen disse. — Como convém a um mestre da Casa Cadogan.

Não muito adequado a uma Sentinela, ou para dois vampiros apaixonados, mas como convir ao Mestre.

Eu serei uma vampira melhor. — Claro, — eu disse simplesmente, e vi a surpresa em seus olhos por eu concordar em vez de discutir. Ou talvez porque não a deixei ver que a carapuça serviu.

Minha mãe olhou para o grupo. — Acho que estamos todas aqui. Vamos começar!

Ela abriu a porta e o grupo começou a mergulhar dentro da noite.

Mallory passou um braço pelo meu. — Isso foi muito bom, Merit. Agradecer.

— Se tudo forem pombas e danças da galinha, eu estou saindo.

— Não sei o que isso significa, mas eu vou registrar.

Isso teria que servir.

\*\*\*

Outra noite, outra limusine. Mas enquanto o humor da noite passada era leve e um pouco atrevido, essa noite era muito mais séria. Seguindo Helen e minha mãe, nós éramos pessoas sérias se dirigindo para eventos sérios. Eventos de prestígio. Eventos socialmente importantes.

Mas fiquei sorrindo enquanto assistia a cidade escura passar conforme nos dirigíamos em direção ao Loop.

*Eu estava casando hoje.* E me sentia muito bem com isso.

Mallory, que se sentava ao meu lado, riu. — Se continuar sorrindo, você vai desgastar os músculos da bochecha antes mesmo de começar. Você será convidada a sorrir muito nas próximas horas. — Ela lançou um olhar considerável para minha mãe e Helen, e sussurrou, — Quantas pessoas neste baile?

— Quatrocentas, — sussurrei.

— E você terá que dizer olá a todas e cada uma delas.

Eu não havia pensado nisso – não em tantas palavras. Mas não poderia ser evitado. Era a minha noite de núpcias, e eu faria o meu melhor.

— Gosto dessas camisas, — eu disse, puxando a bainha dela.

— Ideia de Lindsey, — ela disse. — Ela não queria que o humor fosse tão empertigado. — Outro olhar para minha mãe e Helen. — Considerando tudo.

— Considerando tudo, — concordei, e gesticulei para o balde arrepiante de champanhe. — Vamos começar esta festa.

\*\*\*

Paramos em frente ao Portman Grand, o maior hotel de casamento. Nós nos vestiremos em uma suíte que Helen reservara para a festa de casamento – ou a metade feminina, de qualquer maneira.

Iremos festejar até o amanhecer, e Ethan e eu também passaríamos o dia aqui antes da noite de amanhã em Paris, onde desfrutaríamos dos jardins em Versalhes (de noite, claro), excelente champanhe, e um ao outro.

Uma mulher com cabelos loiros e um baixo rabo de cavalo e uma calça escura estava no lobby dourado, com uma prancheta na mão. Ela avançou em saltos pontudos, mão estendida. — Merit, — ela disse com um sorriso, apertando minha mão com eficiência rápida. — Bem-vinda ao Portman Grand. Obrigada por nos permitir fazer parte da sua maravilhosa noite.

— Obrigada.

— Você vem por aqui, — ela disse, gesticulando para um elevador, — Nós vamos levá-la para sua suíte. Sua limusine permanecerá na frente do prédio, sob guarda, até chegar a hora de prosseguir para o local.

*Sob guarda* me levou um momento para processar, mas concordei e a segui até o elevador, uma parede de vidro mostrava a variedade da cidade. As portas de latão se fecharam e o elevador mergulhou ligeiramente enquanto todos se empilhavam, e então começou sua lenta ascensão, subindo pela cidade, edifícios e carros no Loop, cintilando como estrelas ao lado da escuridão vazia do lago.

— É uma bonita noite, — a mulher disse. — Uma bela noite para um casamento.

Esperava que continuasse assim. Mas não me senti melhor quando saímos no décimo sétimo andar e andamos pelo corredor para uma porta solitária no final, onde um homem e uma mulher, ambos humanos e ambos de preto, flanqueavam a porta. Eles eram seguranças contratados que regularmente guardavam o portão da Casa.

Não sabia que eles estariam aqui – que Luc ou Ethan haviam designado guardas apenas para isso. Provavelmente, não queriam me preocupar com a possibilidade de uma ameaça, mas isso não me fez sentir melhor sobre isso.

Olhei para Lindsey, e ela deve ter lido a expressão no meu rosto. Mas antes que eu pudesse perguntar, as portas duplas se abriram. Minha irmã, Charlotte, estava na porta com uma camisa EQUIPE DA NOIVA e shorts rosa.

— Já não era sem tempo! — Ela disse, me arrastando para dentro do quarto, apertando-me em um abraço. — Não posso esperar para ver o seu vestido! — Charlotte fechou a porta e esfregou as mãos alegremente. — Está na hora de começar.

O quarto era enorme – um longo retângulo com uma parede que mostrava o rio e três áreas de estar separadas. Havia uma mesa de jantar na extremidade, coberta com portáteis espelhos iluminados. Com um pequeno buffet na parede ao lado, havia mais garrafas de champanhe, taças de cristal e uma bandeja de prata de morangos com chocolate.

— Vou abrir o champanhe, — Charlotte disse, indo para o buffet com os pés descalços e com os dedos bem rosa. — Shay, estamos prontos quando você estiver!

Uma mulher entrou, vinda de uma porta do outro lado da sala. Curvilínea e de pele escura, com uma cascata de cachos espirais que atingia os ombros e uma câmera preta em volta do pescoço. Ela olhou para mim e sorriu. — Shay Templeton. Eu serei a sua fotógrafa para esta noite.

— Shay é a melhor fotógrafa de casamento em Chicago, — minha mãe disse. — Nós praticamente entramos em uma guerra de lances para conseguir contratá-la.

Olhei para Shay, que parecia levemente envergonhada, mas também um pouco orgulhosa pelo delírio da minha mãe. Achei que provavelmente essa era a resposta certa.

Sorri. — É um prazer conhecê-la, Shay. Posso ter um minuto? — Levantei um dedo, peguei o braço de Lindsey e a puxei para a suíte, que era tão grande quanto o



salão, com cobertores e travesseiros grossos sobre uma cama de trenó<sup>10</sup> sobre um pedestal acarpetado. Aposto que a suíte de lua de mel era insana.

— Os guardas? — Lindsey perguntou, fechando a porta.

— Os guardas, — eu disse.

— Apenas uma precaução, — ela disse. — Ethan não está se arriscando com a noiva dele.

— Ele poderia ter me contado.

— E o que você teria dito?

— Que não precisamos de guardas armados do lado de fora da suíte nupcial, — resmunguei.

— Sim, e você teria discutido com ele, recusado os guardas, e estaria de guarda a noite toda. Ele queria que você relaxasse Merit e realmente desfrutasse do seu casamento.

Estreitei meus olhos para ela. Não gostei disso, ele fizera isso sem falar comigo – que era um movimento clássico do Sullivan – ou que ela estava absolutamente certa.

— Tudo bem, — eu disse. — Mas só estou concordando com isso porque deixei minha catana na Casa. — Nem pensei nisso. O que significava que Ethan estava ganhando, e que eu não estava fazendo um bom trabalho de misturar segurança e casamento.

Lindsey sorriu. — Ethan se certificou de que eu a trouxesse. Está no outro cômodo, apenas no caso.

E então, ele estava perdoado.

---

10 Uma cama que se assemelha a um trenó, com uma cabeceira e uma plataforma que curvam para fora.

\*\*\*

No interesse de manter o Casamento apocalíptico um pouco contido, eu tinha uma dama de honra, Mallory, e apenas uma daminha, Charlotte. Ethan tinha Amit como seu padrinho principal e Malik como seu padrinho. Como Ethan, Amit e Malik usariam esbeltos ternos. Mallory e Charlotte vestiam longos e delicados vestidos claros com laço verde.

Também nomeei Lindsey como minha estilista oficial. Como ela parecia muito aliviada por dizer que sim, eu adivinhei que ela não havia confiado nas minhas opções de estilo. Mas, novamente, eu também não. Foi por isso que pedi a fashionista da Casa que fizesse isso.

Ela trouxe uma das maletas de maquiagem para a mesa de jantar, abriu o trinco e a tampa, revelando uma dúzia de compartimentos com batons, sombras, blushes e máscaras.

Soltei um suspiro e assenti com a cabeça. — Tudo bem, — eu disse. — Vamos ao trabalho.

Lindsey levou a declaração a sério. Ela puxou meus cabelos para um rabo de cavalo, esfregou meu rosto e depois me atacou com pincéis e pinças, esponjas e seruns, marcadores e corretivo, base, pó e sombra.

Enquanto ela trabalhava, Shay movia-se silenciosamente ao redor do quarto, às vezes em pé, às vezes agachada, enquanto tirava fotos. Isso era... Enervante.

— Quando foi a última vez que você foi picada e cutucada? — Mallory perguntou.

— Ontem à noite! — Lindsey gritou, inclinando-se para brindar sua taça contra a da Mallory.

— Vocês são incorrigíveis, — eu disse.

— Nós temos isso em comum. — Lindsey inclinou a cabeça. — Eu gosto do aspecto da maquiagem até agora. Romântico, mas não muito *apanhada pelo vento*.

Sorri. — Possivelmente o título do primeiro romance que já li.

Lindsey bufou, passou o batom na parte de trás da mão e depois o pontilhou nos meus lábios. — Mmm-hmm, — ela disse, acenando com a cabeça para mim, depois adicionou uma camada de brilho claro. Ela colocou o aplicador do brilho de volta ao frasco, depois olhou ao redor do quarto.

— Acho que terminei. Todos?

Todos se afastaram e começaram a falar sobre o trabalho de Lindsey.

— Muito elegante, — Helen disse; o que eu achava que era tão bom quanto uma garota poderia conseguir.

— Agora que você está extremamente linda, — Lindsey disse, — Você finalmente nos deixará ver o vestido?

Antecipação caiu sobre o quarto como um nevoeiro, silenciando tudo.

Ninguém havia visto ainda, nem mesmo Mallory. Não esperava beber champanhe enquanto passava quatro horas em uma loja de noivas – isso realmente parecia ineficiente – mas aceitei isso porque precisava fazer isso. Eu imaginava Mallory, Charlotte e Lindsey dando polegares para baixo para o tafetá, saias rodada e ombreiras. Isso não funcionaria dessa maneira. Escolhi o primeiro vestido que testei. E como estávamos com uma agenda apertada, eu comprei, dando à equipe tempo o suficiente para que ele fosse alterado antes do grande dia.

Era a roupa mais cara que eu já havia comprado. Cara demais, mas se eu fosse gastar dinheiro em um vestido, achei que seria esse. E o preço parecia pequeno em comparação com os vestidos que Ethan comprara para mim. O fato de não ter gastado praticamente nada do salário da Casa que eu havia ganhado em um ano ajudou a aliviar a culpa.

— Claro, — eu disse, e elas se afastaram para me deixar levantar para pegar o saco no cabide. Quando voltei, elas estavam me observando.

— Posso pegar minhas próprias roupas, — eu disse timidamente.

— Isso não é apenas roupa, — Mallory disse. — É o seu vestido de casamento. — Ela levantou as mãos. — Mas a ponte foi atravessada e não estou levando isso para o lado pessoal.

— Você é simples.

— Eu sou simples. Mas vou viver. Então, vamos ver.

Abri o saco, inesperadamente nervosa sobre se Mallory gostaria ou não do vestido. Eu precisava que ela gostasse.

— Ah, — Mallory disse, mal falando, seus olhos brilhando ao vê-lo. — Oh, Merit. Isso é tão...

— É muito você, — Lindsey disse, estendendo a mão para espremer a mão de Mallory.

Era por isso que peguei o primeiro vestido que testei. Porque era absolutamente eu, e senti isso quando o vesti. Eu, mas talvez algo mais. Um eu a mais, se a vantagem fosse uma espécie de elegância que eu nunca sentira. Mas uma elegância que eu imaginava que minha mãe se orgulharia.

Era um vestido esbelto, coberto de uma delicada renda francesa. Havia mangas curtas da mesma renda e um corpete com decote de coração. A renda continuou pela cintura, onde a seda subjacente cortava até o chão e reunia em uma curta calda de mais renda. Era delicado, romântico e antiquado, e se encaixa em todo o meu corpo.

— Realmente é, — Mallory disse; lágrimas caindo fervorosamente agora. Ela se levantou e envolveu seus braços em volta de mim com um forte abraço que também me fez sentir lágrimas.

— Sem choros em beisebol ou moda vampírica, — eu disse.

— Haverá lágrimas no casamento, — Lindsey disse. — Daqueles que estão felizes por vocês dois se encontrarem, e daqueles com ciúmes que ambos estão fora do mercado.

Quase resmunguei, até que eu me lembrei do fato de que Lacey Sheridan, chefe da Casa Sheridan de San Diego, amava Ethan o bastante para tentar nos afastar. A etiqueta Vampira exigia que a convidássemos, mas não sabia se ela respondera ao convite. Não que eu estivesse preocupada demais com isso agora. Se servisse de consolo, vê-lo dizer *eu aceito* poderia ajudá-la a seguir em frente. E provavelmente, a irritaria um pouco. Estava tudo bem para mim.

— Você vai surpreendê-lo, — Mallory disse, usando um lenço para limpar os olhos. — Quero dizer, ele é totalmente louco por você, mas se você não o tivesse na palma da mão antes, agora você terá.

\*\*\*

A maquiagem foi seguida pelo vestido, que foi seguido pelo cabelo. Quando Lindsey terminou de enrolar, puxar, alfinetar, e colocar spray no meu cabelo, meu couro cabeludo parecia que quase fora tirado minha cabeça.

Estremeci quando ela colocou um grampo final, que cutucou diretamente na pele atrás da minha orelha. Do outro lado da sala, Helen sorriu. Decidi dar-lhe o benefício da dúvida e assumi que ela gostava do cabelo, não da dor.

— Aqui vamos nós, — Lindsey disse. — Hora do espelho.

— Ah, aqui! — Mallory disse. — Para efeito completo. — Ela abriu uma brilhante caixa branca no balcão e tirou meu buquê.

— Oh, é bonito, — eu disse, pegando-o. Havia enormes peônias brancas e hortênsias verdes claras, com raminhos de lírio branco do vale. As hastes estavam envoltas em cetim branco. — E é pesado, — eu disse quando Mallory me entregou. — Como estou?

— Uma mini-Merit! — Ela disse, e puxou a dela de uma segunda caixa. Mesmas flores, tamanho menor.

— Posso ver agora. — Perguntei, segurando as flores obedientemente na minha frente.

— Voilà! — Lindsey disse, e girou a cadeira.

Eu encarei.

Minha maquiagem era, assim como Lindsey havia dito, suave e romântica. Minha pele parecia luminosa, meus lábios cheios, e uma sombra certa de rosa quente, minhas bochechas pálidas lindamente enrubescidas. Meus cílios pareciam longos; eu teria que tirar esse segredo dela mais tarde. Havia algo um pouco antigo na aparência – uma versão suavizada da maquiagem de uma estrela de cinema dos anos quarenta.

Ela encontrou o mesmo equilíbrio com o meu cabelo. Ela enrolou em suaves cachos e arrumou-os num elegante nó solto na parte de trás do meu pescoço. Delicadas flores brancas que combinavam com o meu buquê estavam presas no topo do nó.

— Está *incrível*, — eu disse, olhando para ela. — Sério – você poderia fazer isso profissionalmente.

Ela piscou. — Um dos meus muitos talentos. E eu fiz, por um período muito breve nos anos quarenta. Muitos cachos e topetes.

Isso explicava.

\*\*\*

A biblioteca de Harold Washington estava fortemente no meio do Loop, construída como um forte para proteger o conhecimento mantido no interior. Era observada de cima por corujas de bronze e cercada por uma coroa afiada do mesmo bronze, o que fazia o prédio parecer mais real.

Pisei fora daqueles trilhos uma vez, quando Ethan foi embora e Jonah me ensinava como pular. Ah, como os tempos mudaram.

Havia guardas do lado de fora do prédio, junto com algumas dúzias de seres humanos com sorrisos, câmeras e cartazes de *FELICITAÇÕES!* Eles gritavam enquanto caminhávamos em direção à porta, e ofereci um rápido aceno entre os seguranças muito altos enquanto nos arrastavam para dentro. Ethan não poupou nenhuma despesa com a segurança.

Saltos clicando nos pisos de pedra, fomos escoltadas para um elevador, que se elevou lenta e silenciosamente para o Jardim de Inverno que encabeçava o prédio. As portas se abriram, revelando Jeff e Catcher na frente das portas que levavam para o espaço onde teríamos a cerimônia.

— Você está linda, Merit, — Jeff disse enquanto Shay se movia silenciosamente ao nosso redor, capturando o momento. — Como uma personagem de *Final Fantasy* que ganhou vida.

— Obrigada, eu acho.

— Um momento, senhoras, — Lindsey disse, enfiando a bolsa sob o braço enquanto me olhava. Ela escanceou o cabelo, a maquiagem, o vestido, o buquê e a batinha, antes de assentir com aprovação. — Esta Casa está limpa, — ela disse.

— Esse aparelho realmente não funciona aqui, — eu disse. — O que significa que você passou muito tempo com Luc.

— Não pude evitar, — ela disse; estreitando os olhos enquanto se inclinava para arrumar um cacho errante no meu cabelo. — Estou louca pelo cara. — Ela olhou para Jeff e Catcher. — É hora de tomar o meu lugar. Qual dos rapazes bonitos gostaria de me acompanhar?

— É a minha vez, — Jeff disse, oferecendo seu braço a Lindsey enquanto Catcher abria a porta para que pudessem passar.

Quando o fizeram, gesticulei em direção à porta. — Posso espreitar? — Era hora de enfrentar a música – e a possibilidade de pombas.

Catcher apontou um dedo de advertência para mim. — Não deixe que eles a vejam e não faça uma cena. Acabamos de colocar todos nos seus lugares.

— Não será um problema, — eu disse quando ele abriu a porta uma polegada.

— Oh, — eu disse; os olhos se arregalando enquanto eu olhava.

Parecia um conto de fadas. O jardim estava envolto em um claro tecido, tão delicado como as nuvens, iluminado pelo que deveria ser mil velas que refletiam nos pisos de pedra, paredes de vidro e fileiras de cadeiras brancas.

O ar era fresco e com o nítido aroma de flores – mais peônias densamente eriçadas e hortênsias verdes claras agrupadas com os *ramos* de Lindsey em altas hastes de cristal e cortinas nos cantos das salas, e cobriram um arco no final do corredor.

E na frente desse arco glorioso estava o homem com quem eu me casaria. Ele usava um smoking preto de dois botões com uma gravata preta que cabia perfeitamente ao seu corpo comprido e magro. Seu cabelo até o ombro estava penteado para trás, um sorriso se insinuando nos cantos de seus lábios. Suas mãos estavam cruzadas na frente dele, mas seus ombros estavam retos e orgulhosos. Ele parecia poderoso, feliz e muito satisfeito com a sua sorte.



Meu humano favorito, meu avô, estava atrás dele em um terno muito elegante, o cabelo arrepiado e penteado, as mãos cruzadas em torno de um pequeno livro de couro. A prefeita deu-lhe autoridade para conduzir o casamento como um agradecimento por Towerline e uma desculpa por deixar Sorcha escapar por entre os dedos quando terminou.

Um pouco para o lado, a vampira Katherine de Cadogan sentava-se atrás de um violoncelo com um vestido preto, e seu irmão, Thomas, segurava um violino. Eles tocavam música clássica suave enquanto as pessoas se instalavam em seus lugares.

Era lindo, feliz e parecia um conto de fadas. E me fiz esquecer que a maioria dos contos de fadas tinham finais sombrios.

Endireitei-me novamente quando Catcher fechou a porta e olhei para Mallory. A alegria borbulhou em uma risada nervosa. — Santa merda, Mallory. Estou prestes a me casar.

Ela endireitou a saia, verificou os brincos e me deu um sorriso torto. — Você está prestes a se casar com Darth Sullivan. Foi bom eu ter feito você enfrentá-lo naquela noite, há muito tempo.

— Eu acho que estava perfeitamente disposta a enfrentar. Mas sim, você definitivamente me induziu.

— Sou um agitadora, — ela concordou. — Vocês dois passaram por muito. Mas não há mais ninguém em quem eu confie, Merit.

— Se você me fizer chorar e bagunçar a maquiagem de Lindsey, ela provavelmente vai esfaquear você. Ou, pelo menos, dar a você um bom soco Cadogan.

Nós viramos ao som de passos. Malik, Amit e meu pai caminhavam em nossa direção. Todos os três usavam smokings escuros semelhantes ao estilo de Ethan, camisas brancas e lenços verdes claros de bolso. Meu pai carregava Olivia, que parecia adorável em seu vestido sem mangas, com um laço verde claro na cintura e uma saia

de tule. Havia um lacinho em seus cachos loiros, e uma cesta branca apertada em seu punho minúsculo.

Meu pai a colocou no chão, e ela correu para sua mãe. Meu pai imediatamente tirou o telefone do bolso e começou a verificar suas mensagens. Acho que ele não poderia ser incomodado.

— Você vai surpreendê-lo, — Amit disse, pressionando um beijo na minha bochecha.

— Bom, — eu disse com um sorriso. — Ele precisa manter a perspectiva.

Charlotte se agachou na frente de Olivia, ajustou o laço e apontou para mim. — Livie, você viu a tia Merit? Você viu quão bonita ela está?

Olivia se virou para mim e estendeu a cesta. — Eu jogo flores!

— E você fará um trabalho maravilhoso, — eu disse.

Ela enfiou a mão, pegou algumas gordas pétalas brancas e as jogou no ar, os olhos fechados enquanto elas acariciavam o seu rosto.

— Baby, lembra de que tem que esperar até você entrar?

Era tarde para os humanos, e particularmente para uma criança. Ela provavelmente estava cansada e privada de sono, e seus olhos arregalaram, o lábio superior vacilou. — Agora.

Felizmente, tornou-se *agora* rapidamente, quando a porta se abriu e Jeff voltou ao seu posto, e *Pachelbel Canon* começou a tocar.

— Agora é a hora, — Charlotte disse; ajoelhada para endireitar a saia de Olivia. — Você está pronta, bebê?

— Flores!

Charlotte acenou com a cabeça para Jeff e Catcher, e eles abriram as portas enquanto as pessoas se sentavam em seus lugares para ver melhor.

— Vá, — Charlotte sussurrou, e Olivia decolou em uma corrida pelas portas. Mas ela parou no meio do corredor, virou quase um círculo completo enquanto olhava as pessoas à sua volta.

— Livie! — Charlotte sussurrou. — Jogue as flores!

Enquanto a multidão ria, Olivia se virou e olhou para a mãe. — Ok! — Ela correu pelo corredor, jogando pétalas enquanto se movia. Então parou novamente e olhou para a porta, onde Charlotte e Malik tomaram suas posições.

— Mamãe! — Ela gritou. — Mamãe! Eu estou fazendo!

— Você está indo tão bem, — Charlotte disse, dando-lhe um polegar enquanto a multidão ria de apreciação. — Continue!

Olivia assentiu e continuou andando, jogando pétalas com um abandono selvagem. Os homens e as mulheres que estavam sentados ao lado do corredor as tiravam com bom humor das mangas e colos.

— Oh, querido Deus, essa pode ser a coisa mais linda que eu vi durante todo o ano, — Mallory disse enquanto Charlotte e Malik seguiam Olivia pelo corredor.

— Ela puxou a tia dela, — eu disse com um sorriso.

— Você está dizendo que ela é fofa ou ruim em seguir as instruções?

— Har-har-har, — eu disse, mas apreciei que Mallory estava mantendo a coisa leve. Havia tanto amor na sala, tanta expectativa, que senti que estava de pé em um penhasco emocional. E se eu cair – se eu deixar uma única lágrima cair – penso não ser capaz de segurar o resto delas.

Mallory lançou um olhar para Amit. — Senhor, eu acredito que é hora de você fazer o seu dever.

Ele sorriu e ofereceu o braço dele. — Minha dama.

Ela pegou seu braço e soltou um beijo sobre o ombro dele. — Vejo você depois!

E então, havia três, pensei, enquanto eu ficava ao lado da minha mãe e pai e esperava que Amit e Mallory fizessem a caminhada.

Nós decidimos que meu pai levaria minha mãe pelo corredor. Em vez de ser escoltada, eu andaria até Ethan sozinha, e ficaria ao lado dele como sua parceira, amiga e amante. Era assim que eu queria que nosso relacionamento começasse. Meu pai guardou o telefone e pegou a mão da minha mãe, depois olhou para mim com olhos azuis claros que ecoavam tão claramente os meus.

— Vá encontrar o seu marido, — ele disse, e atravessaram a porta juntos.

Imaginei que essas quatro palavras eram as únicas que meu pai poderia poupar, pois não esperou uma resposta, apenas caminhou pelo corredor e ajudou minha mãe a sentar-se. Então ele voltou-se para Ethan, apertou a mão com uma velocidade profissional – o acordo finalmente terminou – e sentou ao lado dela.

Senti uma adaga afiada escovar, mas não deixaria isso me machucar. Não essa noite. Não agora, quando os membros da festa do casamento estavam em posição, e só havia Ethan e eu. Não havia tempo para se arrepender. Aqui não. Agora não.

Através da porta aberta, o Winter Garden se eriçou de antecipação.

Katherine e Thomas começaram a tocar novamente, suas cordas dançavam através de um arranjo que eles criaram apenas para o casamento. A multidão se levantou. Ethan e os outros se viraram para a porta enquanto as notas de Thomas passavam pelas ondas do violoncelo de Katherine.

Dei um passo para soleira da porta, as mãos agarradas em torno de meu buquê como se fosse o punho de uma preciosa katana. E então, respirei e entrei.

Eu sabia que o casamento era tanto para amigos e familiares quanto para nós. O espetáculo era para eles; os votos – um tipo diferente de juramento – eram para nós.

Mas o olhar no rosto de Ethan quando ele me viu pela primeira vez, isso foi apenas para mim.

## CAPÍTULO 06



# Eu quero isso assim

Os olhos de Ethan se arregalaram e ficaram quentes, seu olhar cheio de amor e orgulho, possessividade e promessas perversas.

Enquanto caminhava até ele, meu mestre e amigo, eu pensei no primeiro momento em que conversamos, quando o culpei por me transformar em um vampiro sem minha permissão, ainda que tivesse salvado a minha vida. Ele me perguntou se eu acreditava que ele era um monstro, se eu acreditava que ele me transformou em um monstro. Na época, eu não sabia – sobre qualquer um de nós. E então, ele deu sua vida por mim, e por algum milagre, eu a devolvi. E não poderia estar mais agradecida por isso.

Eu queria olhar para aqueles que eu passava; sorrir ou acenar com a cabeça, aceitar seus beijos. Mas enquanto eu podia senti-los sorrindo ao meu lado, eu não conseguia tirar meus olhos dele. Cheguei a ele, e precisei olhar para cima para encontrar o seu olhar, mesmo com saltos.

*Você é a coisa mais bonita que eu já vi*, ele silenciosamente disse, as palavras apenas para mim.

Sorri para ele. *Em sua longa e ilustre vida?*

*Em cada momento dela. Não há pôr-do-sol, nenhuma criativa obra-prima, nenhuma ária ou sinfonia tão bonita quanto você.*

*Você não parece tão mal*, eu disse com um sorriso largo o suficiente que fez minhas bochechas doerem.

Olhei para o meu avô, que piscou para mim. — Você está pronta para começar?

— Absolutamente, — eu disse, e estendi meu buquê para Mallory, que desistiu completamente de segurar as lágrimas. Amit se aproximou, oferecendo-lhe um lenço.

— Alergia, — ela sussurrou com uma risada, e apertou o lenço em suas bochechas.

— Senhoras e senhores, — meu avô disse, chamando nossa atenção novamente. — Estamos aqui reunidos hoje para testemunhar a união de Ethan Sullivan e Caroline Evelyn Merit no santo matrimônio.

— Woo-hoo! — Não vi quem gritou, mas, devido às risadas da multidão, eles apreciaram o sentimento.

— Concordo plenamente, — meu avô disse. — Apenas alguns meses atrás, muitos dos homens e mulheres nesta sala estavam em circunstâncias muito terríveis, incluindo o nosso noivo. Mas o destino é uma mulher astuta e, assim como às vezes nos sentimos aflitos em nosso passado recente, então temos alegria na noite de hoje, quando esses dois indivíduos corajosos, gentis e teimosos se juntam, ficando juntos contra os futuros caprichos do destino. — Ele sorriu para a multidão. — Vamos ajudá-los a selar essa união em matrimônio.

Ele olhou para Ethan. — Você, Ethan Sullivan, aceita Caroline Evelyn Merit para ser legalmente sua esposa, para ter e sustentar desta noite em diante, até que a morte o separe? Novamente, quero dizer.

A multidão riu, mas a expressão de Ethan estava definida e séria. — Eu aceito.

— E você a amará e a honrará durante todos os seus dias, sejam eles ricos ou pobres, na doença ou na saúde, enquanto você viver nesta terra?

— Eu vou.

Meu avô assentiu e virou os olhos para mim. — E você, Caroline Evelyn Merit, aceita Ethan Sullivan para ser legalmente seu marido, para ter e sustentar a partir desta noite em diante, até a que morte a separe?

Virei meu olhar para Ethan, gostando desse instantâneo frisson de nervosismo em seus olhos. Ethan, Mestre da Casa Cadogan, queria que eu selasse o negócio. Era fácil obedecer isso, pois não havia dúvida em minha mente.

— Eu aceito.

— E você o amará e o honrará durante todos os seus dias, sejam eles ricos ou pobres, na doença ou na saúde, enquanto você viver nesta terra?

— Eu vou.

Meu avô assentiu com a cabeça. — Você está com os anéis?

Alcançamos os nossos obedientes assistentes, que nos entregaram os anéis.

— Ethan, coloque o anel no quarto dedo de Merit.

Olhei para baixo, meus lábios se separando conforme a luz brilhava no anel. Era um aro prata desgastado, e inscrito no círculo lia-se, Não Me Esqueça. Uma antiguidade, mas não do tipo que você poderia comprar em uma loja.

Era o anel da minha avó. As lágrimas brotaram novamente, mas me recusando a chorar, olhei para o meu avô. Ele sorriu para mim, balançando a cabeça.

Ele havia dado o anel a Ethan por mim, porque queria que eu o usasse, porque eu amava minha avó com todo meu coração, e porque ele também a amava.

— Ela quer que você o tenha, — ele disse com um aceno de cabeça, seus próprios olhos vermelhos.

Com meu coração tão cheio de amor que eu temia que isso pudesse explodir, eu olhei para Ethan, para o meu Mestre e guerreiro, que sabia exatamente como



honrar o que eu conhecia como amor e generosamente concordara em compartilhá-lo aqui.

— Repita depois de mim, — meu avô disse. — Eu lhe ofereço este anel, Merit, como um símbolo do meu amor e compromisso.

— Eu ofereço esse anel, — Ethan disse; sua voz tão clara quanto as esmeraldas de seus olhos, — Como um símbolo do meu *eterno* amor e compromisso. — Ele sorriu pela adição e deslizou o anel no meu dedo.

— Merit, — meu avô pediu, e abri a palma da minha mão, mostrando a Ethan o anel que eu fizera para ele.

Era um aro de platina, inscrito com as minúsculas folhas de carvalho do brasão de sua família original, tirado do escudo que ainda pendia na sala de treinamento da Casa.

— Bem, — ele disse; emoção no rosto. Ele olhou para mim, admiração brilhando em seus olhos.

— Coloque o anel no quarto dedo da mão de Ethan, — meu avô disse, e coloquei o anel no dedo dele.

— E repita depois de mim: eu te ofereço esse anel, Ethan, como símbolo do meu amor e compromisso.

Eu olhei para ele. — Eu lhe ofereço este anel, Ethan, como um símbolo do meu eterno amor e compromisso. — Deslizei o anel em seu lugar.

Meu avô sorriu. — Pelo poder que o estado de Illinois me confere, agora eu os declaro marido e mulher.

*Para sempre*, Ethan disse, só para mim.

*Para sempre*, eu concordei, e quase podia sentir seu amor, poderoso e forte, como um cobertor ao nosso redor.

Meu avô sorriu e ergueu os braços. — Você pode beijar o vampiro.

Ethan não perdeu tempo. Seus olhos reluzentes de poder, com orgulho, ele deslizou uma mão ao redor do meu pescoço e se moveu para o beijo, que era poderoso e profundo, e singularmente possessivo.

Nossa família e amigos ficaram de pé, aplaudindo e assoviando, mas Ethan os ignorou.

Ele deixou o beijo ficar quente o suficiente para chamuscar antes de se afastar.

A prata em seus olhos brilhava. — Eu amo você, — ele disse. *Sra. Sullivan*, ele acrescentou em silêncio, apenas para mim.

*Sr. Merit*, ofereci.

Ele sorriu. *Você é minha e eu sou seu, seja qual for o título.*

— Senhoras e senhores, — meu avô disse, — Uma Sentinela e seu Mestre.

— Isso funciona, — sussurrei, enquanto Mallory entregava meu buquê. Ethan pegou minha mão e a plateia aplaudiu.

Katherine e Thomas começaram sua música. Juntos, caminhamos pelo corredor, entre amigos e familiares e pedaços de pétalas de rosa, e em direção ao nosso futuro.

\*\*\*

A elegância econômica que minha mãe e Helen conseguiram para a cerimônia foi abandonada na recepção.

Era realizada no outro lado do espaço dividido e apresentava uma pista de dança para a plateia e muitas mesas com aperitivos, e ao redor, mesas com assentos,

todas cobertas com flores tropicais. Havia palmeiras em vasos, ave-do-paraíso em cilindros claros em cada mesa, e arranjos florais pendurados no teto.

Minha mãe insistiu que nós não entrássemos na recepção propriamente dita até que Shay nos fotografasse em todas as posições possíveis em torno da sala, com todos os grupos possíveis de indivíduos. Grupos familiares, grupos de amigos, grupos de Casas, grupos de empresas associadas. (Um convite para o casamento do Merit-Sullivan era aparentemente quente).

*Você não poupou nenhuma despesa*, disse silenciosamente, sorrindo enquanto Ethan sacudia a mão de um dos parceiros comerciais de meu pai. Ele pagou a maior parte do casamento com suas próprias economias.

*Você vale a pena*, ele disse.

Quando todas as fotografias foram tiradas, Shay nos liberou, e o líder da banda pegou o microfone.

— Estou emocionado em apresentar, pela primeira vez, o Sr. e a Sra. Ethan Sullivan! — Ele não tinha o memorando de nomeação, mas também, ele provavelmente não esteve em casamento com criaturas sobrenaturais que geralmente não usava os sobrenomes. Nós éramos um grupo particular.

Nós sobrevivemos ao casamento e chegamos à recepção. Pela primeira vez, senti-me relaxar. Senti que um nó de tensão na minha barriga finalmente afrouxou.

Vampiros surgiram. Eles vieram prestar homenagem a Ethan, nos cumprimentar e nos felicitar. Nicole Heart, com pele escura e olhos sérios, os cabelos ondulando gentilmente em seus ombros nus com um vestido pêssego claro. Morgan Greer, chefe da Casa Navarre de Chicago, com pele clara, cabelos escuros e aparência sonhadora.

Havia mais mestres, mais humanos, mais capitães de finanças, da indústria e academia que Ethan conhecera em seus muitos anos como vampiro. Sobrenaturais

das variedades mais pacíficas, que deixavam alguns humanos encarando as ninfas, os trolls e shifters de ombros largos.

Os saxofones encheram o ar, e o cantor fez uma boa impressão de Al Green conforme ele começava a murmurar, *Let's Stay Together*.

Ethan estendeu a mão, torceu o dedo para me chamar para frente. *Preciso convocá-la, Sentinela?*

Eu sorri para ele. *Por que não deixamos isso para a lua de mel?* Ofereci minha mão e ele me puxou contra a longa e dura linha de seu corpo, para o prazer da multidão, que assoviava de admiração.

Uma das mãos nas minhas, e a outra na parte inferior das minhas costas, nos balançamos com a música enquanto a multidão observava.

A felicidade no salão era literalmente palpável, a magia borbulhando no ar a partir dos sobrenaturais, que tomavam champanhe, conversavam e observavam, ou de outra forma, gozavam de uma boa festa.

— Parece que todos estão se divertindo, — eu disse a ele.

— Acredito que você está certa, — Ethan disse, e quando olhei para ele inclinei meu queixo para um beijo. Ele ganhou vaias pelo empenho, as quais eu tenho certeza que vieram da direção de Luc.

*Eu amo você*, ele disse. *Verdadeiramente, loucamente, ferozmente. Tanto que estou quase bêbado com isso.*

*Parte disso pode ser o champanhe muito bom*, eu disse. *Os franceses podem transformar vampiros irritantes, mas eles fazem champanhes muito bons.*

Ethan sorriu. *Eles fazem.*

*E eu te amo também. E acho que você vai apreciar bastante o enxoval que vou colocar mais tarde.*

Suas sobrancelhas levantaram com interesse. *Estou gostando, até por saber que isso existe.*

*Apenas espere*, eu disse, e lhe dei uma piscadela.

\*\*\*

Nós dançamos, e o mundo ao nosso redor desapareceu. Havia apenas Ethan e eu e a melodia arrebatadora entre o brilho dessas mil velas. Sem política, sem drama. Apenas amor e esperança, e o fato desse homem incrivelmente sexy e poderoso me pertencer.

Quando a música terminou, Ethan me girou e me abaixou para mais aplausos e diversão.

— Você está realmente trabalhando para a multidão esta noite.

— É a minha festa, — ele disse com um sorriso.

O som do cristal vibrando foi uma interrupção bem-vinda. Olhamos para trás e encontramos Amit no pequeno palco, o microfone na mão.

— Senhoras e senhores, — ele disse, — Para aqueles que não me conhecem, meu nome é Amit Patel. E tive a duvidosa honra de conhecer o noivo por mais de um século.

Houve risadas bem-cronometradas.

— Eu o vi no seu pior, e isso não seria um brinde muito bom de casamento se eu não compartilhasse pelo menos algumas dessas histórias embaraçosas com vocês.

— Bom Deus, — Ethan sussurrou ao meu lado enquanto meu sorriso se espalhava.

Histórias vergonhosas sobre meu lindo marido parecia ser a cura perfeita para tristezas relacionadas à família.

— Sim, por favor! — Gritei.

— Bem, houve a vez que a única montaria que pudemos encontrar foi um burro com um olhar muito triste. Então, feche seus olhos se quiser, e imagine o Mestre Ethan Sullivan montando em Bisonho. Até que o Bisonho decidiu que não estava interessado em ser montado e o jogou na rua. O olhar no rosto dele – era igual a esse. — Amit parou de rir. — Ele ficou chocado – absolutamente chocado – que um burro tenha se atrevido. — Seu sorriso era caloroso ao olhar para Ethan novamente. — Ele era um Mestre mesmo naquela época. E então, houve um tempo em certa casa de má reputação...

Havia sussurros lascivos na audiência, e Ethan limpou a garganta. — O ignore, Sentinela.

— Oh, estou ignorando. Por favor, continue! — Gritei.

— Ethan, é claro, não participou das ofertas menos honoráveis. Mas ele fugia de um humano que suspeitava que Ethan tivesse tendências demoníacas. Então, é claro, Ethan se direcionou a janela. Desembarcou na sela de um cavalo, para a diversão de todos.

Resmunguei e olhei para Ethan. — Por que você sempre termina no chão?

— Ele está escolhendo seletivamente, — Ethan disse, balançando a cabeça para Amit.

— Mas há mais, é claro, — Amit disse. — Mais histórias, boas e más. Porque enquanto eu vi Ethan no seu pior, eu também vi Ethan no seu melhor. — Ele olhou para mim. — E ele está no seu melhor quando está com você. Isso, eu penso, é o melhor tipo de amor. O amor não garante felicidade, riqueza ou sucesso. Mas se você está disposto a se comprometer a isso, a trabalhar, ele garante a parceria. Para que,

independentemente dos julgamentos ou adversidades, sem importar a alegria ou a perda, você não estará sozinho. — Ele ergueu o copo. — Para Ethan e Merit.

— Para Ethan e Merit! — A multidão respondeu, pontuando com mais palmas e taças de cristal batendo, o que, esperançosamente, os distraiu das lágrimas que eu rapidamente limpei.

Amit entregou o microfone a Mallory, depois desceu e moveu-se em direção a nós. Ele apertou as mãos de Ethan, depois depositou um beijo na minha bochecha.

— Parabéns e boa sorte.

— Agradecida em ambos os aspectos, — eu disse com um sorriso.

— Minha vez! — Mallory disse. — Eu queria fazer uma sátira, mas nossos ilustres planejadores de casamento cancelaram essa ideia. Também propus aprender a tocar o ukulele e honrar nossa Merit e Ethan com uma música, mas isso foi um não. Então, eu acho que terei que usar minhas palavras.

— Você consegue! — Catcher gritou.

— Obrigada, querido, — ela disse com uma risada. — Eu debatia quantos detalhes eu deveria mostrar neste palco, se deveria envergonhá-la completamente, ou apenas um pouco. Provavelmente vou seguir o caminho. — Ela colocou uma mão no quadril, entrando no discurso. — Mas vou falar que ela tem um amor incomparável por chocolate, e ficou, por um breve período, obcecada pelos Backstreet Boys.

— Oh Deus, — murmurei, cobrindo meu rosto com uma mão.

— O que é um Backstreet Boy? — Ethan sussurrou.

— Esqueça, — eu disse. — Esqueça.

— Houve aquelas *férias* em DC, na qual ela passou três dias completos na Biblioteca do Congresso, conseguir levá-la uma única vez para jogar boliche. Uma vez,

— ela repetiu, com um dramático revirar de olhos. — E o incidente envolvendo a maratona que ela basicamente arruinou quando tropeçou no primeiro colocado.

— Foi um acidente! — Insisti. — Ele veio na minha direção.

— Mmm-hmm, — Mallory disse. — Nossa menina, nossa noiva, é um pouco livre, obcecada com chocolate e propensa a tornar-se obsessiva com as coisas mais estranhas. *Novidade*, — ela acrescentou através de uma tosse falsa.

— Mas, acima de tudo, — ela disse, voltando a olhar para mim, — Há a Merit. Há alegria, curiosidade e bravura, que é quase ridiculamente aterrorizante. E há lealdade. Havia lealdade quando eu não merecia, o que provavelmente torna a melhor lealdade de todas. — Ela soluçou, desviou o olhar, obviamente, segurando as lágrimas. E quando se recompôs, ela olhou para Ethan.

— Você tem essa lealdade agora, e não tenho dúvidas de que você sente a mesma coisa sobre ela. Podemos chamá-lo de Darth Sullivan, mas você é realmente o cavaleiro em armadura brilhante. Você deixou que ela visse um lado que ela mesma não sabia que existia, e é esse lindo lado de chutar bundas. Por isso, o mundo é eternamente grato. — Ela levantou a taça. — Para Ethan e Merit!

Houve mais brindes, e então Amit a ajudou a descer novamente. Ela me abraçou e me apertou o suficiente para machucar as costelas.

— Eu te amo.

— Também te amo, Mallory. E irei até mesmo esquecer o comentário *Novidade*.

Ela se afastou, limpou uma lágrima da minha bochecha e piscou para mim. — Faça o seu melhor, vampira.

— Parece que você está se divertindo.

Eu olhei para trás e encontrei meu avô sorrindo para mim, as mãos nos bolsos de sua jaqueta. Tanto a jaqueta e as calças cinza eram um pouco grande para ele, as



calças pendendo um pouco sobre os sapatos de sola grossa. Era perfeitamente coisa de avô, e só me fazia amá-lo muito mais.

— Tem sido uma bela noite, — falei.

— Tem sido uma bela noite, — ele disse. — Um belo casamento, um casal maravilhoso e alguma maldita boa comida.

Meu estômago resmungou. Eu podia sentir o cheiro do bife, mas não tive a chance de experimentá-lo.

Olhei a multidão, vendo meu pai, que caminhava pelo salão com minha mãe. Não, não apenas do outro lado do salão, percebi. Em direção à porta. Sua mão estava nas costas dela, sua capa sobre o braço.

Eles estavam indo embora. Eles esperaram o tempo suficiente para fotos e brindes, e isso, aparentemente era suficiente. Imaginei que não haveria uma dança pai-filha.

Meu avô deve ter percebido o que eu vi e suspirou pesadamente. — Não sei por que ele está indo tão cedo.

— Negócios, — eu disse. — Chamada de conferência...

— Ele é um homem ocupado.

— Ele é um homem com prioridades distorcidas, — eu disse. — E isso não faz com que eu me sinta melhor.

— Não. Não. Sinto Muito.

Concordei, sentindo que meu humor flutuante escorria, e eu agarrava os finos fios. — Robert nem sequer apareceu. — Robert era meu irmão mais velho e muito filho do meu pai. Ele ficou ferido no Towerline enquanto cortejava Adrien Reed por um novo negócio. Isso foi uma mudança ruim em muitos níveis, mas ele colocou a culpa nos

*sobrenaturais* ou então, foi o que eu escutei. Ele não falou uma palavra para mim desde então.

— Não sei por que espero o contrário, — eu disse, mas essa era uma mentira. Eu esperava o contrário, pelo menos de meu pai, porque houve um brilho de esperança recentemente.

— Porque você espera mais dele, e com razão. Você espera muito de seus amigos, de sua família, de você mesma. — Ele olhou para a porta, olhando para frente. — Não é insensato esperar que seu pai seja um participante completamente voluntário em seu casamento.

— Se isso ajudar, — ele disse depois de um momento, — Eu não acho que ele a decepcione por causa do desapontamento dele. Ele conheceu a perda. E em resposta, ele tenta controlar o que pode, por qualquer meio que possa. — Ele me olhou. — Sua imortalidade é um excelente exemplo. Não estou tentando dar desculpas por ele. Estou apenas tentando explicar o que ele poderia estar pensando.

— Isso ajuda, na verdade, — eu disse depois que o silêncio encheu o ar. — Você realmente acredita nisso?

Meu avô sorriu. — Acredito que é possível. Mas não sei se há alguém na terra inteiramente certo do que está na cabeça do homem, Merit.

Isso não era uma surpresa.

\*\*\*

Eu me recusei a deixar que as circunstâncias que eu não podia controlar afetasse meu humor. Mallory, Lindsey, Margot e eu dançamos até que meus pés estavam entorpecidos, e tomei mais champanhe do que deveria, e comida não suficiente.

— Bem, bem, — Mallory disse, deslizando ao meu lado enquanto fazíamos uma pausa entre as canções. — Parece que você conseguiu.

— O quê? — Perguntei, e virei na direção onde ela apontava. Jonah e Margot estavam em um canto, quase escondidos por um enorme vaso com uma palmeira. Ele era mais alto do que ela por quase um palmo, seu cabelo castanho avermelhado e seu rosto cinza contrastava interessantemente contra seu lindo cabelo Chanel preto e sua figura curvilínea.

Margot riu de algo que ele disse, tocando o braço dele em um gesto de camaradagem. Era uma jogada simples e fácil, algo que ela provavelmente teria feito mil vezes antes. Mas ambos pareciam assustados com o contato e desviaram o olhar, ambos com sorrisos secretos. Sorrisos cheios de esperança.

Uma mulher caminhou em direção a eles, ofereceu uma bandeja de hors d'oeuvres. Jonah levantou uma mão para recusar, mas Margot riu, pegou o braço dele e apontou para a bandeja, começando a explicar os lanches dispostos enquanto Jonah olhava. Ele parecia com suspeita quando apontou para algo, mas concordou em tentar, e colocou-o na boca.

E então fechou os olhos com óbvia satisfação.

— Eu disse a você, — ela falou, as palavras são fáceis de ler em seu rosto sorridente enquanto o cutucava com o cotovelo.

Eu queria esfregar minhas mãos juntas e gargalhar de satisfação. Mas se regozijar parecia um mau agouro no meu próprio casamento.

Mallory colocou um braço na minha cintura. — Sabe o que é incrível?

Deixei minha cabeça cair no ombro dela. — O que, guria?

— Nós conseguimos um casamento e uma recepção sem drama sobrenatural.

— Se você acabou de nos amaldiçoar eu ficarei tão irritada.

— Amaldiçoar não. Encantar? Sim. Enfeitiçar? Absolutamente. Mas não amaldiçoar. Isso é apenas coincidência.

— O que, sobrenaturalmente, você esperava que acontecesse?

Ela bufou. — Qualquer coisa e tudo? Você sabe como é – a vida para as Verdadeiras donas de casa de Cadogan.

— Isso nunca deverá ser uma coisa efetiva.

— *Aucontraire*, — Mallory disse. — Eu gostaria de ver a merda fora disso.

Aposto que ela não era a única.

## CAPÍTULO 07



# Delírios de Grandeza

Quando a fome conseguiu o melhor de mim – não havia tempo para provar a linda comida que Margot juntou – peguei um queijo em espiral de uma cesta e me abaixei em um canto para devorá-lo.

Eu não estava oficialmente certa do que Margot havia colocado nisso, mas era bom o suficiente para que eu sempre desejasse outro. Cuidadosamente esfreguei as mãos, tentando não colocar migalhas aromatizadas de parmesão no meu vestido, e emergi atrás de uma palmeira em um vaso.

— E a linda noiva, — Gabriel disse. Ele era alto e corpulento, com a pele dourada e cabelo castanho-avermelhado varridos pelo sol. Ele trocou o jeans e jaqueta de couro por calças social, uma camisa com botões e um blazer, mas a roupa apenas o fez parecer mais selvagem. Tarzan, emergindo recentemente da selva, disfarçando músculos sob um terno.

— Merit, você parece adorável. E foi um lindo casamento. Espero que seu marido se mostre digno.

— Não acho que isso seja um problema, — eu disse com um sorriso. Olhei ao redor, não vi Tanya. — Onde está sua amável esposa?

Ele gesticulou através da sala, onde Tanya – esbelta e delicada, com cabelos castanhos e olhos azuis – sentava-se numa mesa com meu avô. Ele falava

animadamente enquanto ela rabiscava algo em um pequeno bloco de papel, sorrindo enquanto escrevia.

Ele sorriu. — Ela está pegando emprestada a receita de bolo de carne da sua avó.

— Excelente escolha, — eu disse com um aceno de cabeça. Minha avó foi uma cozinheira fantástica.

Ele puxou um frasco do bolso do casaco, oferecendo conforme Ethan se juntava a nós. — Posso oferecer-lhe uma bebida de felicitações, Kitten?

O sorriso de Ethan parecia agradável, mas havia aço por trás. — Agradeço-lhe que você não chame minha esposa de *Kitten*.

Gabriel sorriu. — Perguntei-me quando você iria dizer isso.

— E agora você sabe.

— Agora eu sei.

— Eu quero, — pedi, e peguei o frasco da mão de Gabe, sorvi com desconfiança e fiquei agradavelmente surpreendida. Era escocês, ou assim pensei. Escuro e com gosto de carvalho, mas ainda tão suave como o mel, e com a mesma doçura cítrica.

Entreguei o frasco para Ethan. Ele ergueu as sobrancelhas, mas tomou um gole, e surpresa também cruzou o seu rosto.

— Bem, — ele disse, e tomou outro gole. — É como... Beber o sol.

Gabe pegou o frasco de volta e o tampou. — Esta é uma coisinha em que estamos trabalhando. — Seu sorriso ficou malicioso. — Estamos satisfeitos com os primeiros resultados.

Ethan enfiou as mãos nos bolsos. — Você está procurando investidores?

Esse sorriso malicioso ficou positivamente de lobo. — Shifters em negócios com vampiros? É um jogo perigoso.

— Muito perigoso para o Apex do Bando Central da América do Norte?

— Você não disse uma vez que nós éramos família? — Brinquei.

Na palavra *família*, uma sombra atravessou o rosto dele, e o medo em seus olhos gelou meu sangue. Não gostei de ver essa emoção em Gabriel Keene, que era tão destemido conforme eles se conheciam.

— O que é? — Ethan perguntou.

Gabriel balançou a cabeça. — É o seu casamento. — Ele abriu o frasco que ainda não havia guardado e tomou um gole antes de afastá-lo.

— É a nossa vida, — Ethan disse. — E a nossa cidade. Se você sabe alguma coisa...

Gabriel havia profetizado que Ethan e eu teríamos um filho – o primeiro entre os vampiros. Historicamente, três vampiros foram concebidos, mas nenhum durou.

Havia uma advertência para o nosso possível milagre: teríamos que enfrentar um teste não especificado antes de acontecer, e até mesmo o drama do ano passado não havia preenchido essa cota horrível.

Gabriel virou e olhou para mim, parecia quase olhar através de mim com essa mudança dele. — Você precisa estar no seu melhor. — Ele olhou para Ethan. — Vocês dois.

— Que significa? — Ethan perguntou; um fio de preocupação em sua voz.

— Significa... — ele fez uma pausa, parecendo lidar com palavras. — Há algo no ar. Algo que não gosto. Algo desconfortável.

O arrepio ficou mais forte, levantando arrepios em meus braços enquanto pensava em minha conversa com Mallory...

— Que tipo de coisa? — Ethan perguntou.

Gabriel apenas balançou a cabeça. — Esse é o problema. Não sei.

— É uma inquietação geral? — Perguntei calmamente. — Um mal-estar?

Ele pareceu surpreso, então suspeito.

— Mallory disse o mesmo, — expliquei. — Que ela tinha uma sensação de medo e não sabia por quê. Não era possível identificar um motivo para isso. Catcher não sentiu nada e ela não quis falar com você porque temia que estivesse sendo paranoica.

Gabriel balançou a cabeça. — Não gosto disso.

— Por que você acha que isso está acontecendo?

— Não sei, — ele disse, e olhou para nós. — Você sabe que as profecias não são exatas. Tenho sentimentos, imagens, mas não sei detalhes.

— Mas? — Eu disse.

— Mas parece que o mundo está mudando. E com isso, o futuro. Seu futuro. — Ele olhou para o meu abdômen. — O futuro dele ou dela.

Eu não havia tomado a ideia de uma criança como certa, ou não tinha a intenção. Eu sabia que o futuro era incerto. Mas isso não aliviou o medo que me apertava, que me fez sentir excepcionalmente protetora de alguém que ainda não existia.

Ethan aproximou-se um pouco mais, como se me trouxesse para dentro da esfera de sua proteção. — Você já disse que seríamos testados.

— E vocês serão. — Gabe levantou o olhar novamente, e a simpatia em seus olhos quase me levou às lágrimas. — Mas isso pode não ser suficiente.



— O que significa? — Eu disse, mas a palavra soava vazia, longe. Como se eu não fosse realmente parte da conversa, apenas ouvinte. Tentando vivenciar isso.

— Significa que não há garantia, — Ethan disse.

Gabriel passou a mão em seus cabelos, sua frustração óbvia. — Eu sinto muito. Não pretendia falar sobre isso aqui. Não é o momento ou o lugar.

— Se há perigo por aí, é exatamente a hora e o lugar.

Gabriel grunhiu em reconhecimento a proteção de Ethan.

— O que nós fazemos? — Perguntei.

— Não viva com medo, — Gabriel disse. — Apenas viva. Mantenha seu povo próximo; mantenha seus olhos abertos. É tudo o que qualquer um pode fazer.

A poucos metros de distância, Tanya virou, acenando para Gabriel. Sua atenção se deslocou, estreitou sobre sua esposa, como um homem também acostumado às possibilidades de perigo e perda.

Ele pressionou um beijo forte na minha testa. — Tenha cuidado, Kitten, — ele disse, depois caminhou até sua esposa.

Ethan e eu ficamos juntos por um momento.

— Eu disse para ele não chamar você de Kitten, — ele murmurou, provavelmente apenas para me fazer sorrir. O que funcionou.

— Sim, bem, nem sempre podemos conseguir o que queremos.

As palavras saíram antes que eu pensasse nelas; estendi a mão e apertei a mão de Ethan, me aproximando da incerteza.

— Não quero que ele esteja certo. Não quero que Mallory esteja certa. Eu quero que o mundo gire como nestes últimos meses, quando minha decisão mais difícil foi escolher um vestido de dama de honra para Charlotte.

— E talvez lidando com o fantasma.

— E o fantasma, — eu disse com um aceno de cabeça, enquanto nossa vizinha necromante, Annabelle, rodava na pista de dança com seu marido, parecendo radiante em sua roupa rosa claro.

Ethan colocou um braço em volta da minha cintura e apertou os lábios na minha têmpora. — Nós lidaremos com cada noite quando chegar, assim como fizemos antes. Isso é tudo o que podemos fazer, e o melhor que podemos fazer.

Eu concordei, deixei-me ter um momento para me apoiar contra ele, ficar ao lado dele, pelo menos até meu estômago resmungar.

— Vamos também pegar alguma comida.

Eu não discutiria com isso.

\*\*\*

No momento em que as primeiras horas do novo dia se aproximavam, assim como Mallory previra, meu rosto doía de sorrir, eu abandonei meus sapatos, e os cachos soltavam do coque, Lindsey trabalhara tão cuidadosamente para conseguir isso.

Sobrenaturais, acostumados até altas horas, ainda dançavam com a banda, que já tocava durante horas. Alguns seres humanos saudáveis dançavam, mas o resto estava com os olhos caídos nas mesas, bocejando enquanto esperavam uma oportunidade para ir embora.

— Senhoras e senhores! — Lindsey disse do palco, o microfone na mão. A multidão se acalmou. — Chegamos ao final da nossa noite – literalmente, porque o sol chegará em poucas horas, e ainda temos que levar Ethan e Merit para a suíte de núpcias muito especial.

A multidão gritou.

— Mas antes de irmos, é hora de uma última tradição. Merit, se você se juntar a mim no palco, é hora de você jogar o buquê!

*Boa sorte, Sentinela.*

Olhei para Ethan, que piscou rapidamente. Este era o último momento do nosso casamento e, portanto, o último momento antes da nossa noite de núpcias começar. Futuro incerto ou não, não havia confusão com o desejo em seus olhos.

Subi ao palco, aceitando o buquê que Lindsey me ofereceu. E uma coisa boa também, porque eu havia perdido a noção do tempo há horas.

Algumas mulheres e poucos homens se reuniram na frente do palco, rindo enquanto se preparavam para o ritual. — Todos estão prontos?

Os gritos eram agudos e enérgicos. Olhei para Lindsey. — Você também quer ir lá?

— Oh infernos não. Meu cowboy e eu não somos pessoas de contratos.

— Você não é, — eu disse, e me virei, pegando o buquê nas duas mãos, o joguei.

Houve gritos quando o buquê foi no ar e o som de lutas atrás de mim conforme os saltos altos, os tafetás e as mãos disputavam. E depois um suspiro... E silêncio.

Eu me virei.

Uma garota com o mesmo cabelo de trigo de Gabriel, que estava vestida de preto da cabeça aos pés olhou para as flores embrulhadas em suas mãos, o olhar arregalado e um pouco horrorizado.

Joguei o buquê um pouco forte demais, lançando-o sobre a multidão de noivas se contorcendo e as que queriam ser noivas, e aterrissando nas mãos de uma mulher atrás delas.

Mordi o lábio para não rir da expressão dela. Por mais que ela amasse Jeff Christopher, o casamento não parecia estar nos planos imediatos de Fallon Keene.

— Oh, agora, isso é irônico, — Lindsey disse atrás de mim. — Parabéns, Fallon!

As senhoras que perderam deram um aplauso afável, mas você poderia dizer que seus corações não estavam concordando. Por sua parte, Jeff caminhou em direção a Fallon com um sorriso largo no rosto. Suspeita nos olhos dela, ele tirou o buquê de suas mãos e a beijou com força. E o que ele sussurrou para ela depois disso fez com que um sorriso curvasse o canto de sua boca.

Sim, havia algo sobre casamentos.

\*\*\*\*

— Antes que a festa do casamento se disperse e vocês dois vão embora para Paris, — Shay disse, — Vamos sair e tirarmos fotos da cidade com a noiva, o noivo, a dama de honra e o padrinho.

— Isso é necessário? — Sussurrei. — Ela já tirou sete mil fotos.

Mallory fingiu choque. — Sete mil?

Eu a cutuquei. — Espertinha.

Ethan estendeu a mão e pegou minha mão. — Lá fora está bom, — ele disse, tomando a decisão por nós dois. — Estou emocionado por ter mais tempo com minha linda esposa.

Essa era uma palavra poderosa e, em seus lábios, quase sedutora.

*Apenas espere*, Ethan disse em silêncio, ecoando a promessa implícita que fez para ele mais cedo.

*Com entusiasmo*, prometi. *Tenho planos para você, Sullivan.*

O flash brilhante de sua resposta mágica levantou os pelos dos meus braços.

— É melhor fazer isso o mais rápido possível, — Mallory disse, sorrindo para nós. — Antes que eles comecem a se atacar entre as estantes.

O sorriso de Ethan deixou pouca dúvida de que já tínhamos explorado essa atividade particular, embora na biblioteca da Casa, em vez desta. — Nós vamos conseguir, — ele assegurou.

\*\*\*

Apertei meus pés em meus sapatos novamente, deixando Lindsey prender as mechas rebeldes do meu cabelo ao coque. Catcher saiu com Mallory, e quando Lindsey terminou, Amit ofereceu-lhe um braço cavalheiresco.

— Você está se tornando uma escolta especializada, — eu disse a ele quando o elevador nos levou ao primeiro andar.

— Uma das minhas muitas habilidades, — ele disse, nivelando seus profundos olhos castanhos na câmera de Shay quando ela tentou tirar uma foto.

Saindo das grandes portas de latão da biblioteca, descemos pela rua até o trilho El que subia acima da Van Buren.

— Aqui, — Shay disse, apontando para qualquer um dos lados dos suportes do trilho de aço, iluminado de cima, de modo que a luz se juntava na calçada. — Ethan nesse lado, Merit no outro.

— Estamos fazendo isso, — ele disse, e pisou para um lado, apoiou uma mão contra a estrutura de aço.

— Me dê uma pose, Merit, — Shay disse.

Enrolei minhas mãos em garras e mostrei meus dentes, ouvi o clique sensível de um obturador de câmera. Eu acho que ela gostou.

— Hum, hum, — Ethan disse, e olhei para ele. Ele gesticulou em direção ao trilho. — Esperando por você, esposa.

— Não fique irritado, marido, — eu disse, e imitei sua pose.

Shay tirou fotos, depois fez um gesto para as escadas que subiam para a estação El. — Suba as escadas, — ela disse. — Então, olhe para baixo, sobre a grade.

Nós fizemos como ela pediu. Shay ficou no meio da rua, apontando a câmera para nós.

— Faça algo romântico! — Lindsey gritou, e antes que eu pudesse responder, as mãos de Ethan estavam no meu rosto, e seus lábios plantados nos meus. Ele apertou um braço em volta da minha cintura e puxou-me contra o sólido comprimento de seu corpo, e a excitação ficou forte entre nós enquanto ele aprofundava o beijo.

*Logo*, ele me disse, a palavra ecoando em minha cabeça como uma bola de gude em uma caixa vazia.

— Acredito que é hora de começar a lua de mel, — ele disse quando finalmente se afastou novamente. Desde que meu corpo estava moldado no dele, minha boca inchada, eu não estava realmente em posição de discutir.

— Claro, — foi tudo o que consegui dizer. E, fracamente, na verdade.

— Vamos mudar de posição! — Shay gritou.

— Não nesta vida, irmã, — murmurei, e segurei a mão de Ethan.

Ethan riu com satisfação masculina. — Não se preocupe, Sentinela. Você é a única mulher para mim.

Certo.

\*\*\*

Nós tiramos mais fotos no El, algumas fotos em Pritzker Park, algumas fotos na frente de paredes de tijolos, e depois as mesmas fotos com uma variedade de pessoas. Shay se ofereceu para nos levar até Buckingham Fountain, mas os olhares de Ethan ficavam cada vez mais incendiários, e eu estava perdendo minha imunidade ao calor deles.

— Nós poderíamos tirar... — Shay começou, mas a cortei com uma mão.

Ela estava tirando fotos por horas. E minha mãe foi embora a muito tempo do casamento, então ela havia perdido seu direito de se queixar.

— Acredito que nós capturamos adequadamente o momento, — eu disse, e olhei para Ethan. — A menos que você não esteja de acordo?

— Tem algo que eu gostaria de fazer, — ele disse com um sorriso tão malicioso que temia que ele sugerisse que nos seguissemos de volta ao hotel. Mas, em vez disso, ele pegou minha mão, e nós voltamos para a biblioteca e para a entrada em Van Buren. Chegamos às portas de latão arqueadas, *BIBLIOTECA PÚBLICA DE CHICAGO* gravado no vidro em arco.

— Aqui, — ele disse, e, sem se preocupar em explicar, me pegou. Eu girei, envolvi meus braços ao redor de seu pescoço enquanto ele centrava nossos corpos embaixo da inscrição.

O sorriso dele segurava uma confiança fria. — Prova de que consegui tirá-la da biblioteca.

Revirei os olhos durante a primeira foto, sorri durante a segunda e pressionei meus lábios na sua bochecha durante a terceira. — Obrigado por ceder, — ele disse quando me soltou novamente. Ele pressionou os lábios na minha testa. Mas mesmo aquele ato casto provocou frissons de excitação e antecipação em mim.

— Obrigada, pessoal, — Shay disse. — Foi um ótimo evento. Entrarei em contato. — Mas seu olhar estava na tela de sua câmera, os dedos ocupados mexendo nos botões.

— Aposto que ela diz isso a todas as meninas.

— Ela provavelmente diz, — Ethan disse. — Mas terminamos, então vamos embora.

— Sua limusine está ao virar a esquina, — Amit disse com um sorriso que me disse que ele e Malik fizeram alguma decoração.

De mãos dadas, caminhamos pelo prédio para South Plymouth, onde o tijolo vermelho da biblioteca deu lugar ao vidro escuro e ao aço elegante. A limusine estava estacionada no meio da calçada, *RECÉM-CASADOS* em letras de forma brancas na janela traseira, balões brancos presos ao para-choque e ao porta-malas, fitas azuis e brancas e bandeiras estavam espalhadas sob o para-choque traseiro.

— E eu acho que essa é a nossa carona. — Ethan disse secamente.

Meu primeiro pensamento foi que Amit ficou ofendido pelo comentário, ele fez um som que dispersou o ar na nossa frente. Ethan percebeu a verdade mais rapidamente, jogou uma mão protetora na minha frente enquanto olhava para a rua sombreada.

O som não foi uma objeção.

Foi um grito.

Uma dúzia de seres humanos preenchia a Plymouth entre o Congresso e Van Buren, e eles estavam brigando um com o outro, o som de carne atingindo carne ecoando através da escuridão. A multidão era uma mistura de pessoas em roupas de rua, pijamas, ternos e uma variedade de idades, gêneros, raças.

Os carros foram parados no meio da rua escura, onde as pessoas simplesmente os abandonaram, saíram e começaram a esmurrar uns aos outros,



motores ainda ligados e as rádios continuavam explodindo. As portas para os prédios de apartamentos estavam abertas, e um saco de papel de fastfood – o lanche de tarde da noite de alguém – estava perdido na calçada.

Esta não era uma festa, casamento ou outra coisa. Era uma briga.

Eu não poderia dizer o que começou isso. Não parecia uma guerra civil ou um motim de vitória. Esta era uma briga que fez as pessoas saírem dos carros e das casas quando deveriam estar dormindo. E não havia uma causa óbvia. Mas alguma coisa levou essas pessoas à violência.

— O que diabos é isso? — Catcher perguntou.

Um homem correu em nossa direção, agarrando os seus cabelos. — A voz! Tire os malditos gritos da minha cabeça!

Esse homem não era o único gritando aquelas palavras – as mesmas palavras que ouvi Winston murmurar. E ele não era o único com pânico praticamente formigando sobre sua pele.

Eu xinguei; e podia sentir o sangue drenando do meu rosto. *Há algo no ar*, disse Gabriel. *Parece que o mundo está mudando.*

Era isso que ele quis dizer?

— Winston, — Ethan disse em voz baixa, como se elevar sua voz pudesse aproximá-los.

Concordei. — Sim, — eu disse, mas a palavra ficou grossa na minha língua. E na parte de trás da minha garganta, o cheiro forte de produtos químicos, tal como eu sentia na Casa.

Ele estava a apenas dez metros de nós quando de repente se aproximou, e o cheiro de sangue encheu o ar, adicionando cobre a esse forte cheiro de magia.

Atrás dele, havia um homem com um terno de negócio, a gravata desfeita e o botão superior aberto, círculos escuros sob seus olhos e sombra de cinco horas em seu rosto. E na mão dele, uma chave de roda sangrenta. Ele olhou para nós e levantou a arma.

— É sua culpa? Você está fazendo isso comigo? — As palavras eram demandas, seus olhos se movendo entre nós, procurando por alguém para culpar. E como éramos os únicos não afetados pela magia – seja qual for a magia – ele nos escolheu.

— Entre.

Ethan e eu nos demos ordens simultaneamente. Mas quando nos olhamos, assentimos com a aceitação. Acabamos de fazer um voto para ficar um ao lado do outro. Poderia muito bem começar agora.

Catcher olhou para Shay. — Entre e chame os policiais. Vá. Agora.

Ela não era uma correspondente de guerra. Era uma fotógrafa de casamento, e o horror a fazia congelar, os olhos arregalados e atordoados.

— Shay! — Catcher disse novamente, uma ordem nítida e decisiva.

Ela piscou e olhou para ele.

— Entre. Chame a polícia. Vá.

Ele deve ter conseguido, porque ela girou o calcanhar e correu para a porta.

Infelizmente, a voz de Catcher, aquela ordem de proteção, flutuou. E a multidão brigando percebeu que estávamos lá e viraram para olhar para nós, seus conflitos imediatos foram esquecidos.

Nós nos condensamos para um grupo menor, um grupo mais apertado, examinando a crescente ameaça.

— Sentinela? — Ethan disse. — Acredito que você é a única com experiência aqui.

Eles não precisavam ser mortos; precisavam ser apenas subjugados. — Apaguem eles, — eu disse, — Essa é a melhor maneira de evitar que eles se matem ou uns aos outros.

— Ou nós, — Mallory disse calmamente.

— Nós podemos distraí-los, separá-los, — Catcher concordou, seu olhar se estreitou conforme ele olhava para o grupo.

O homem com a chave de roda a levantou sobre sua cabeça.

*Meu*, Ethan disse em silêncio, tirou a jaqueta e a jogou em um parquímetro.

Esse foi o primeiro ato da ofensiva. A jaqueta de Amit seguiu a de Ethan. Mallory e Catcher começaram a reunir poder; se contorcendo enquanto preparavam bolas de fogo mágicas.

— Luc ficará irritado por perder isso, — Lindsey disse, pisando ao meu lado. Ela prendeu seus cabelos com um elástico escuro, entrelaçando-o em um coque para mantê-lo fora do caminho. Era um movimento prático que combinava com a determinação em seus olhos. Lindsey pode desfrutar de suas atitudes de moda, mas não havia ninguém mais feroz em batalha.

— Provavelmente sim, — concordei. — Vamos acabar com isso.

## CAPÍTULO 08



# Guerra dos mundos

Havia um ritmo em cada luta, uma espécie de dança entre adversários. Mas a velocidade, os passos, a música, variaram. Quando Ethan e eu praticávamos, era um belo balé com movimentos cuidadosos e precisão requintada. Esta luta era uma dança bêbada a meia-noite. Tudo eram cotovelo e olhos não focados e pé sendo pisados.

Separei duas mulheres de camisola, chinelos ainda no pé, que gritavam como banshees entre soluços e lamentos aterrorizados. Como Winston e o primeiro homem que vimos esta noite, elas puxavam os cabelos, como se pudessem arrancar os demônios. Isso, obviamente, não funcionou, o que parecia agravar seus gritos.

Foi desconcertante ver a luta de Winston. Era exponencialmente pior observar a loucura viajar através de uma multidão.

As mulheres lutaram novamente quando as separei, virando-me alternativamente de uma para outra. Varri meus pés para a minha direita com um chute baixo que a colocou no chão. Quando ela caiu, eu virei para a outra, mergulhando para me esquivar de uma tapa. Ela não era uma lutadora. Era um animal, atacando alguma coisa que a atacava. Alguma coisa predatória.

Levantei-me, ombros curvados no caso dela tentar fazer outra jogada. Ela não ser treinada não quer dizer que não era perigosa. Ela jogou os dois braços em cima de mim, as unhas à mostra, uma manicure que não poderia ser de alguns dias atrás. Peguei um de seus braços, virei e torci até que ela se curvou, deslocando seu ombro. Ela não saberia como escapar do movimento, então usei o momento como vantagem.

Ou tentei. A outra mulher apareceu de novo. Com a minha mão livre, eu amarrei o lado direito do meu vestido e chutei, com o salto apontando.

Bati embaixo do seu queixo e sua cabeça ricocheteou para trás. Seus olhos rolaram, e ela caiu no chão.

— Boa garota, — eu disse, e voltei para a outra mulher.

— Sentinela, — Ethan disse, e olhei para a gravata preta estendida. Seu cabelo caía em seu rosto, sua camisa desabotoada. — Amarre as mãos dela.

Concordei, peguei a fina gravata de seda enquanto ele corria e bloqueava o ataque de uma mulher carregando – literalmente carregando – um rolo de madeira que parecia ainda estar polvilhado com farinha. E pior.

*Concentre-se*, disse a mim mesma, e puxei o outro braço da mulher para trás. Até esse ponto, sua voz tornou-se um longo passeio de súplicas guturais. — Faça com isso pare faça, faça com que isso pare, faça com que isso pare, faça com isso pare!

— Eu gostaria de fazer, mas você precisa ser nocauteada, então terá que ficar com a segunda opção. — Eu a manobrei para o bicicletário e a empurrei para o chão, então passei seus braços por um dos suportes de bicicleta e usei a gravata para protegê-la. — Nós a deixaremos inconsciente o mais rápido possível.

Eu virei, e fui empurrada para trás pela mão estendida de Catcher enquanto uma bola de fogo azul passava por mim, jogada pela mão de Mallory. Que acertou um homem empunhando um sangrento bastão de beisebol no peito, enviando-o voando para trás, braços e pernas jogados para frente por causa do impulso. Ele voou meio metro antes de bater na calçada, braços e pernas espalhados. E ficou deitado.

Olhei para o Catcher com horror. — Ela o matou?

— Deus, não. É apenas força, não fogo. Tipo ser atingido por um pufe muito grande.

Olhei para o homem. Com certeza, seu peito continuava subindo e descendo, mas ele não tentou se levantar. Eu diria que atingiu a marca.

— Merda! — Mallory gritou, quando uma mulher gigante – facilmente de um 1,98m e 240 quilos de músculo – a perseguiu. Duas Mallory inteiras mal cobria a massa dela. Sua camiseta dos Cubs estava rasgada e sangrenta, o sangue escorria do seu nariz e seus olhos estavam selvagens de medo. E ela estava muito perto para Mallory usar a magia.

— Pare de gritar! — Ela disse; a acusação clara em seus olhos. — Pare de gritar! Pare de gritar!

— Não estou gritando! — Mallory disse, agora gritando.

— Mais tarde, — Catcher disse, e foi ajudar sua esposa.

O brilho de metal na luz da rua chamou minha atenção, e olhei para trás. Uma mulher caminhou para frente, uma faca de chefe na mão. Ela vestia pijama e chinelos, e aposto que a faca veio da cozinha dela.

Tanto faz o motivo misterioso do porque ela segurava isso, ela provavelmente teria andado diretamente de sua casa até o inferno.

Seu cabelo era curto e encaracolado, seus olhos estavam selvagens e em pânico. Ela ergueu a faca em uma mão, bateu contra a sua têmpora com a outra. — Tire-os da minha cabeça!

— Eu posso ajudá-la, — eu disse, estendendo a mão enquanto mantinha meus olhos fixos na faca e sua lâmina larga e plana, com um padrão que parecia metal de grão de madeira. Se for bem cuidada, estaria afiada e poderia causar algum dano.

— Você não pode! — Ela gritou, colocando tanta energia no som que seu corpo curvou-se com a força disso. — Eles não vão parar. Vou fazê-los parar! Vou detê-los!

Ela segurou a faca na garganta, e meu coração pareceu parar com simpatia.

— Por favor, não, — eu disse, tentando fazê-la voltar a olhar para mim. — Juro que posso ajudá-la. Há um lugar onde você pode ir, aonde a voz não vai mais incomodar você.

Esse lugar pode envolver uma cela e um coma induzido por drogas, mas era tudo que eu tinha a oferecer no momento, pelo menos até que descobríssemos mais.

Ela parou por um momento, o ombro se contorcendo em direção a sua orelha, e pude ver uma faísca de esperança nos olhos dela. Mas era uma pequena faísca, extinguida por qualquer delírio que rasgava sua consciência. Ela agarrou mechas de seus cabelos, curvando-se na cintura como se a voz tivesse peso e a puxasse da terra.

Ela gritou e bateu com raiva os pés no chão, com óbvia frustração, e quando ergueu o olhar novamente, havia um desespero terrível em seus olhos. — Isso não vai acabar. Não termina. É o mesmo durante todo o dia, todos os dias, e não há nada que você possa fazer sobre isso ou que eu possa fazer sobre isso. Não para. Não para!

Ela posicionou a faca para que a lâmina apontasse para ela, uma nova e sombria determinação em seus olhos.

— Não! — Eu disse, e corri, mas eu estava um momento atrasada. Ela mergulhou a faca em seu abdômen, sangue escuro manchou seu avental. Os dedos ainda estavam envolvidos em torno da lâmina, tornando-se carmesim enquanto ela caía de joelhos, os olhos arregalados. Ela olhou para baixo, o horror encheu os olhos e começou a se balançar.

— Uma ajudinha aqui! — Gritei e desviei. Ela estendeu uma mão e começou a bater em mim. Peguei seu pulso liso, envolvi minha mão livre ao redor da outra na faca. Não havia como dizer o que foi perfurado, ou se puxar a faca pioraria a situação.

Malik caiu de joelhos ao meu lado. — Faça exatamente o que você está fazendo, — ele disse, e tirou a jaqueta. — Mantenha a mão na faca. Eu vou aplicar pressão.

Apenas concordei; desde que eu estava ocupada tentando manter a mão em garras da mulher longe de mim. Ela ainda estava gritando; seu plano para matar o ruído, dando-se uma brutal quantidade de dor, claramente não estava funcionando.

Malik enrolou a jaqueta ao redor da faca abaixo das nossas mãos juntas, pressionado firmemente. A mulher gritou com dor, o que fez mais cabeças delirantes virar em nossa direção.

Uma bola azul brilhou, as faíscas se desfazendo à medida que passava como uma cintilação inoportuna. Olhei para cima, observei ir em direção a um jovem de vinte e poucos anos, com shorts e chinelos, e que avançava desordenadamente, as mãos agarrando sua cabeça como se tentasse arrancar algo incômodo. Ele caiu no chão que nem o primeiro.

— Merit, — Malik disse. Olhei e o encontrei acenando com a cabeça para a minha saia.

— *Merda*, — murmurei e bati nas faíscas que passavam pela seda. Mas minhas mãos estavam muito ocupadas...

— Entendi, — Amit disse, batendo as faíscas com uma mão. Ele apagou as cinzas, batendo novamente apenas para ter certeza, e então olhou para a mulher sangrando no chão na nossa frente. Havia listras de sangue no seu rosto.

— A Casa Cadogan tem uma maneira única de festejar, — ele disse.

Olhei para minhas mãos cobertas de sangue e ao redor de uma faca igualmente sangrenta, esperando em Deus que eu não perdesse a mulher que não consegui salvar. — Sim. Eu diria que isso resume tudo.

\*\*\*



As ambulâncias chegaram primeiro, as sirenas rugindo em nossa direção, as luzes piscando. Catcher levou os paramédicos para a nossa posição, e eles trabalharam para estabilizar a mulher, levando-a para a ambulância. Eles devem ter experimentado desastres no trabalho, pois não se encolheram ao ver o caos, nem os humanos no chão.

— Mantenha uma guarda sobre ela e presa na cama, — Catcher disse sobre a mulher com a faca. — Ela fez isso sozinha.

— Suicídio? — Um dos paramédicos perguntou, se benzendo no processo, dois dedos na testa, esterno, esquerda e direita.

— Não exatamente, — Catcher disse. — Mas não temos tempo para explicar agora. O Omdubsman entrará em contato.

Ethan caminhou em minha direção, me olhou, e fez o mesmo com ele. Membros ainda intactos. Sujo e manchado de sangue, como eu, mas no geral, saudável.

— Estou bem, — eu disse, antecipando a pergunta. — Você?

Ele concordou, olhando para a camisa agora desabotoada e as calças rasgadas. — As ruas de Chicago estão sujas. Eu não recomendo rolar sobre elas.

Olhei para baixo. Eu havia perdido uma manga, o laço ao longo do meu vestido foi destruído, e o sangue manchava a frente em feixes de um vermelhão feio.

— Sim, meu vestido está destruído.

Ele olhou para ele. — Você e roupas. Pelo menos, o casamento já terminou.

Empalideci ao perceber o que viria. Eu teria que levar o vestido a Casa, onde Helen, sem dúvida, veria. Eu poderia quase sentir o sermão tomando forma, o julgamento se formando como uma nuvem sobre nós, não importa se eu paguei a maldita coisa.

— Helen, — eu disse, olhando para ele e observando o entendimento surgir em seus olhos.

Seu olhar endureceu. — Vamos nos trocar. Nossas malas já estão no hotel. Nós vamos apenas pegar e sair, e ela nunca saberá o que aconteceu.

Até que dezenas de pedestres com celular e repórteres com câmeras – todos estavam atrás da fita amarela apressadamente pendurada – compartilhassem suas imagens com o mundo.

— Muito tarde para isso, — eu disse, e olhei para a carnificina que nós ajudamos a semear esta noite.

Havia mais seres humanos do que sobrenaturais, mas tínhamos mais força e mais poder de fogo, literalmente e figurativamente. Alguns foram nocauteados, alguns ainda se contorciam, e alguns estavam amarrados nas divisórias do bicicletário com gravatas borboletas abandonadas. Mais de uma dúzia de humanos de bruços no chão, enquanto nos estávamos de pé, ensanguentados e rasgados sobre eles – humanos que acabaram com algum tipo de transtorno delirante que vimos em um vampiro na Casa Cadogan.

— Não era apenas Winston, — eu disse.

— Não, — Ethan disse. — Não era apenas Winston. E precisamos saber por que e como.

Além das pessoas no chão, dois recipientes de lixo estavam em chamas, espalhando cheiro de plástico queimado e lixo pelo ar. O sangue se espalhava e se juntava no concreto, refletindo as luzes azuis e vermelhas dos carros da polícia.

Quando quatro oficiais uniformizados do CPD emergiram de seus carros, levantamos nossas mãos instintivamente. Mas com o vestuário do casamento, teria parecido que fomos comer café da manhã no bairro.

Meu avô e Jeff avançaram para nós da biblioteca, ambos ainda em seus ternos imaculados.

Meu avô retirou sua identificação. — Eu sou o Omdubsman, — ele disse. — Os executores estão todos no chão. Estes são os que os impediram de se matarem.

Demos aos policiais um minuto para eles se orientarem, guardar as armas no coldre e para o oficial encarregado encontrar meu avô.

— Oh, Merit, — Mallory disse, juntando-se a nós. — Seu vestido.

— Eu sei. O seu não está muito melhor. — Havia pequenas queimaduras circulares e feias machas vermelhas através do laço verde claro.

Ela olhou para baixo. — Oh sim. Ficou um pouco chamuscado com esse último bombardeio. Adivinha, não vou transformar isso em um vestido elegante.

— E acho que não vou me casar novamente. — Não que eu iria querer uma repetição dessa noite. Ou a última parte disso, de qualquer maneira.

Acompanhando meu avô, um detetive caminhou em nossa direção, um crachá pendurado numa corrente ao redor do pescoço. Ele tinha um rosto pálido, vivido, um monte de cabelos brancos e um terno feito sob medida, desde as lapelas afiadas até o lenço de bolso. Eu não ficaria surpresa ao ver polainas sob os punhos das calças.

— Um morto, doze feridos até certo ponto, — meu avô relatou. As ambulâncias ainda estavam deixando a cena, levando os humanos que faziam parte da multidão para hospitais próximos.

— Sou o detetive Pulaski, — o detetive disse com o bloco de notas na mão. — Quem quer começar?

— Nós nos deparamos com isso, — Ethan disse. — Estávamos tirando fotografias de casamento, virando a esquina e lá estavam eles. Lutando e delirando.

O olhar do meu avô alargou-se, e ele me olhou. Eu acenei para a pergunta não dita. — Igual a Winston. Eles estavam em pânico e com medo, e ouviam gritos. E por causa disso, seja lá qual fosse motivo, eles se tornam violentos.

— Winston Stiles, — meu avô explicou a Pulaski. — Um vampiro que atacou Merit na noite passada em Cadogan House. Ele está atualmente preso na instalação sobrenatural.

Pulaski olhou para trás. — Alguma dessas pessoas são vampiros?

— Todos humanos, — Ethan disse.

— Então, um vampiro ficou louco, e então vários humanos ficaram loucos?

Era contagioso? Ele quis dizer. Os delírios estão se espalhando pela cidade?

— Os vampiros não infectaram os humanos, — Ethan disse. Mas havia preocupação em seus olhos. Não sabíamos como isso se espalhara, fosse o que fosse. E a única outra pessoa que vimos com delírios foi um vampiro em nossa Casa.

— Então, como isso se espalhou?

— Talvez isso não tenha acontecido, — Mallory disse, e todos olharam para ela.

— Os delírios geralmente não são contagiosos, e não têm outros sintomas.

— Então, qual a outra opção? — Pulaski perguntou.

— Eles estão dizendo a verdade, — Mallory disse. Ela afastou o cabelo que escovava seu rosto, seu esmalte claro – a mesma cor que todas colocamos para o casamento – lascado nas bordas. — Eles estão tendo os mesmos delírios porque estão ouvindo as mesmas coisas. Estão ouvindo algo real.

Ethan inclinou a cabeça. — Se o som – ou sua origem – é real, por que não podemos ouvir? Por que todos os outros não são afetados?

— Não sei, — Mallory disse. — Acho que é isso que temos que descobrir. E isso nem sequer alcança a questão maior.

— Que é? — Ethan perguntou.

Ela olhou para ele. — Quem está gritando? Quem quer muito ser ouvido? — Ela espalhou seu olhar pela cidade como se procurasse uma inimiga.

— Sorchas? — Ethan perguntou.

Mallory balançou a cabeça. — As defesas estão intactas.

— E não há como ela contorná-las? — Ethan perguntou. — Tem como contornar isso?

Nós abordamos esse terreno antes, é claro. Quando as defesas foram propostas, examinamos todos os detalhes da magia, desde os locais de defesa ao grau em que eles nos dariam proteção – uma advertência justa.

— As defesas são um circuito. Se ela usar magia, quebra o circuito, e nós vamos ouvir falar sobre isso. Nós não ouvimos falar sobre isso; portanto...

— Não é Sorchas, — Ethan concluiu.

Mallory assentiu. — Além disso, ela é uma bruxa alquímica. Isso não parece alquimia.

Pulaski levantou a mão. — Não estou interessado na ladainha mágica. Vou deixar isso para vocês. O que eu quero saber é o que, exatamente, aconteceu aqui. Em detalhes.

— Eu vou acompanhá-lo, — Catcher disse, e levou-o a poucos metros de distância, apontando para o local onde dobramos a esquina há alguns insondáveis minutos atrás.

Meu avô seguiu-os, mas olhou para nós e rodeou um dedo no ar. Ele queria que nós continuássemos falando.

— Então, a magia é de outra pessoa? — Ethan perguntou.

— Tem que ser, — Mallory disse. — Eu simplesmente não sei de quem, ou pelo menos, ainda não. Embora exista essa coisa metálica estranha.

— Sim, — eu disse, virando para Mallory. — Senti o mesmo depois de ver Winston. Pensei que fosse por causa das ilusões. Como, ele estava doente, o que deu a magia dele um cheiro estranho. Mas talvez seja uma assinatura de alguma coisa. Está associado a certo tipo de magia ou criatura?

Ela balançou a cabeça. — Não que eu esteja ciente, mas terei que verificar os livros.

— Paige está fora da cidade, — Ethan disse, — Ou eu também a procuraria. — Paige era uma feiticeira que praticamente morava na Casa Cadogan, principalmente por causa de seu relacionamento com o nosso bibliotecário. — O Bibliotecário está em uma conferência do ALA em Nova York. — Ethan acrescentou. — Ela está com ele.

Paige ficou chateada por perder o casamento. O bibliotecário estava muito animado com a conferência – e os livros – para ficar excessivamente preocupado.

— Eu posso procurar, — Mallory disse, olhando para o marido, que estava com meu avô e Pulaski. — Ele ficará ocupado com isso por pelo menos um curto prazo.

— A prefeita ficará com raiva, — concordei.

— Sim. Provavelmente.

Amit caminhou até nós. — Não é a viagem aos Estados que eu tinha em mente, — ele disse, e olhou para Ethan, preocupação em seus olhos. — Há algo sobre Chicago, não é?

— Alguma coisa na maldita água, eu estou começando a ficar preocupado, — Ethan disse.

— Ou no ar, — eu disse, e olhei para Mallory. — Gabe teve a mesma sensação de medo. Então, seja lá o que estiver sentindo, você não está sozinha.

Ela parecia compreensivelmente aliviada e preocupada com essa informação.

Um repórter nos encontrou, ele estava ocupado tirando fotos da carnificina, os restos da festa de casamento.

— Tire uma foto, — Mallory disse, se afastando para que Ethan e eu estivéssemos sozinhos.

— Se você quer o verdadeiro sentido da Casa Cadogan, tire uma foto de Merit e Ethan após a batalha. Tire uma foto deles juntos, ensanguentados porque tentaram fazer a diferença. Esses são os vampiros de Chicagoland.

Com uma expressão sombria, o repórter assentiu e apontou sua câmera para nós.

## CAPÍTULO 09



## Bom, mas...

Nós nos despedimos do restante que estava na festa de casamento e entramos na limusine que nos levaria de volta ao Portman.

Ao anoitecer, deveríamos pegar um avião especialmente equipado e protegido contra a luz do sol para Paris, para uma semana de madeleines e café expresso e luar refletindo no Sena.

Exceto que eu sabia que não poderia acontecer. — Não vamos a Paris, — eu disse, e coloquei minha cabeça em seu ombro.

— Não, — ele disse. — E eu deveria pedir que todos os convidados do casamento deixem Chicago o mais rápido possível. Não é conveniente arrastá-los para isso.

Senti-me de repente, insuportavelmente cansada. Emocionalmente esgotada por uma longa noite de preparação e socialização, fisicamente exausta por uma batalha com a qual não queríamos nos encontrar. E por mais que eu soubesse por que não poderíamos ir, por que não podíamos deixar a cidade no meio de algum contágio sobrenatural desconhecido, não pude tirar o pesado sofrimento que se instalou nos meus ossos.

Eu só queria uma lua de mel. Isso não era pedir muito, não é?



Ethan colocou um braço ao meu redor, me puxando para mais perto. Fechei os olhos e me acalmei com o calor e a proximidade dele. — Suponho que eu estava errado sobre isso não ser nosso problema, — ele disse.

— Tornou-se o nosso problema, não por culpa nossa. Não poderíamos ter feito muito sobre isso. E foi bom que estivéssemos lá. Não era nosso plano, mas se não tivéssemos aparecido, as coisas teriam ficado muito pior.

Ethan sorriu, e me aproximei. — Acredito que eu quem deveria estar confortando você, e não o contrário. Porque minha linda esposa merece paz e conforto.

— *Esposa* parece estranho. Eu me pergunto quando vou me acostumar com isso.

— Você tem uma eternidade, — Ethan disse, — Porque não estou deixando você ir.

\*\*\*\*

Estava quase amanhecendo, e o Portman Grand estava silencioso, nossos passos ecoando no chão de mármore. Uma mulher estava atrás do balcão de reserva, sua testa franzida para algo na frente dela. Um homem do outro lado da sala limpava as mesas na área de estar, e uma família solitária e esgotada esperava no fim da escada, todos com camisa combinando, escrito FÉRIAS DA FAMÍLIA CARTER. Os olhares dos pais levantaram para nos observar, os olhos arregalados, enquanto verificavam nossas roupas rasgadas e corpos arranhados.

— Sente-se, — Ethan disse calmamente. — Vou fazer o chek-in.

Eu concordei, caminhando em direção à fonte de pedra contra a parede distante.

— Grande luta pelo buquê de noiva, — falei aos pais, com uma única sugestão de um sorriso que consegui, e esperava que fosse suficiente para acalmar seus medos.

A água escorria da cabeça de um leão montado na parede em uma base de quatro membros. Eu me sentei na borda e assisti os peixinhos através da água em minha direção, provavelmente esperando o café da manhã.

Fechei os olhos e ouvi o som da água, tentei esquecer tudo o que ouvi, vi e senti hoje à noite. Tudo, exceto o amor. Porque quando tudo foi dito e feito, essa poderia ser a única coisa real que deixaríamos.

Estava suficientemente cansada para não perceber que ele se juntou a mim novamente – não o ouvi atravessar o saguão de mármore – até que sua mão estivesse no meu ombro.

— Sentinela, eu acredito que você está quase pronta para encerrar por hoje.

Assenti. — Eu acho também.

— Nesse caso, vamos subir. — Ele me puxou para meus pés e mantive minha mão na dele.

\*\*\*\*

A suíte de lua de mel era ainda maior do que os quartos em que nos preparamos para o casamento – e não apenas por causa do liso piano de cauda que ficava em uma longa parede de janelas com vista para a cidade. Como o outro, este quarto foi dividido em espaços separados, incluindo uma sala de jantar, um enorme sofá de frente para as janelas, e uma biblioteca cheia de livros em uma parede que devia ter um metro e meio até o teto. Uma porta que levava a um terraço pontilhado de arbustos e móveis singelos.

Várias portas levavam do corredor para o outro lado da sala. Uma escada flutuante monopolizava a parede interna, levando ao que adivinhei que fosse o quarto. E ao lado das escadas, um conjunto de malas de couro marrom escuro com o C de Cadogan gravado em prata, estava pronto para Paris.

Eu estava preparada para ser romântica sobre a glória da cobertura, mas a visão delas trouxe esse sofrimento para o foco novamente.

Caminhei até as janelas e olhei para a cidade. Parecia escura e pacífica desta altura, embora eu soubesse que era uma miragem. Que veríamos mais seja lá o que vimos esta noite. E até que descobríssemos exatamente o que era, não seríamos capazes de parar. Mais pessoas morreriam.

Suspirei fortemente e com muita autoindulgência. — Às vezes, eu queria que nossas vidas fossem normais.

— Acabamos de nos casar, — Ethan disse, caminhando em direção a um balde de champanhe e verificando a data. — Essa é uma coisa bastante normal de se fazer.

— E fomos atacados por uma multidão de donas de casa e crianças. Aquilo não é.

Ethan deslizou o champanhe para dentro do balde novamente e olhou para mim.

— Pense em tudo o que podemos ter perdido, Sentinela. Tantas luas cheias. Tanta magia que outros perderam. Tantos Mallocakes que um metabolismo mais lento pode não conseguir processar.

Eu sabia que ele estava tentando me fazer rir, e olhei para ele. — Agora, quem está confortando quem?

— Eu devia a você.

Sorri para ele. — Eu gostaria de um banho quente. Talvez você possa me consolar lá?

O sorriso dele era lento, caloroso e promissor. — Acredito que posso organizar algo. — Ele olhou para a escada. — Vamos subir, esposa?

Eu sorri para ele. — Vamos subir, marido.

\*\*\*

— Droga, — eu disse calmamente.

Nós conseguimos subir as escadas, mas ficamos boquiabertos na entrada.

O quarto era enorme, com papel prateado nas paredes e tapete claro no chão. A cama era uma piscina de azul na frente de uma parede com janelas que mostrava o Lago Michigan e embaixo de um esculpido candelabro de lágrimas de vidro que enviava suaves feixes de luz pelo quarto. Eucalipto e lavanda perfumavam o ar, e música suave tocava ao fundo.

— É um quarto para relaxar, — Ethan disse. — Para descansar e dormir. E como amanhã chegará rapidamente o suficiente – e qualquer outra ocorrência que esteja incluída – descansaremos enquanto pudermos.

Descansar soava delicioso, mas de alguma forma, derrotista. Era, afinal, a única lua de mel que teríamos. Paris era uma lembrança. O resto era o nosso futuro.

— Você pode precisar de alguma ajuda para sair do seu vestido. Ou o que resta dele.

— Não me lembre.

— Vire-se, — ele disse, girando um dedo. Estava cansada demais para discutir ou dar uma resposta sedutora, então eu virei e esperei ele desabotoar os botões, abrindo a parte de trás. O vestido estava devastado o suficiente para que caísse no chão em uma pilha manchada de seda e cetim.

— Bem, — Ethan disse, olhando o conjunto abaixo – as meias, a liga, e bustiê. Parte do meu enxoval de casamento e um conjunto destinado a ser visto apenas por ele.

— Isso é... Adorável... — ele disse; sua voz profunda com apreciação. Ele desceu uma mão pelas minhas costas, o seu toque levantando arrepios em meu corpo. — Você é uma bela criatura, Merit.

— Pode me ajudar com meus cabelos? — Perguntei, apontando para o nó que agora estava pendurado pesadamente na minha nuca.

— Claro.

Ele avançou e começou a soltar os cachos e as tranças. Demorou um par de minutos para tirar os grampos. Quando terminou, eu virei à cabeça, sacudi o cabelo e virei minha cabeça novamente, passando os dedos pelo meu cabelo.

— Ainda melhor, — ele murmurou.

Eu olhei para Ethan, seus olhos – prata com emoção – olhando para o meu corpo como um homem com uma longa sede. — Tudo isso é meu, — ele disse, arrastando a parte de trás de sua mão através do meu braço nu.

— Eu amo você, — eu disse a ele, colocando uma mão em seu rosto. — Mas eu o afastaria para tomar banho agora mesmo.

Ele riu. — Estou feliz por saber onde estou, Sentinela. E neste caso particular, não vou ficar no seu caminho.

\*\*\*

O banheiro era quase tão grande quanto o quarto, com uma grande banheira curva de mármore claro, grande o suficiente para uma multidão. Toalhas felpudas

estavam empilhadas em uma estante perto da porta, e um lustre de vidro projetava pequenas sombras no chão.

— Impressionante, — eu disse.

— Apenas o melhor para a minha Sentinela. — Ele virou as duas torneiras, e água e vapor começaram a encher o banheiro.

— Posso querer uma bebida, — ele disse. — Fique de olho na água.

Eu concordei, tirando a tampa de um frasco que parecia com poeira roxa pontilhado com minúsculas flores secas ao lado da banheira, e cheirei. Lavanda e algo um pouco adstringente. Eucalipto, talvez. — Gosta do banho *pot-pourri*? — Gritei.

— Não estou inteiramente certo do que é isso, — ele disse do outro quarto. — Embora eu prefira não cheirar como um *parfumerie* Parisiense.

— Eu acho que isso não será um problema, — eu disse, e peguei alguns dos sais e salpiquei sobre a água. O cheiro era celeste, um bálsamo que afastou os pensamentos de batalha e sangue da minha mente.

— Esta é a segunda vez que eu te encontrei dormindo quase perto da água, — Ethan disse. Ele havia tirado a camisa, os sapatos, o cinto. Usava apenas a calça preta, o cós enquadrando os músculos em seu abdômen, e apenas contornando os músculos diagonais que marcava seus quadris.

Abri os olhos e peguei o copo de vinho que ele ofereceu; sua cor clara como a luz. — Não dormindo, — eu disse, tomando um gole. — Só tentando estar em outro lugar.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Não longe de você, — esclareci. — Somente longe disso.

Ele concordou, e tirou uma mecha de cabelo do meu rosto. — Haverá mais perguntas, mais demandas. Portanto, vamos ter esta noite, Merit, apenas para nós.

Podemos não ter Paris, mas vamos pelo menos ter memórias de nossa noite de núpcias que não envolvam violência.

— Isso soa bem.

Ele desligou a água, em seguida, pegou meu copo, colocando ambos na borda da banheira, então caiu de joelhos na minha frente.

— Receio que seja tarde demais para um pedido de casamento, — eu disse, engolindo em seco contra o aumento de luxúria. Não tenho que lutar contra esse sentimento – não com o meu marido, não esta noite. Mas a luxúria foi alimentada por exaustão, e não quero apressar isto. Não na nossa primeira vez como marido e mulher.

— Parece que você me tem de joelhos, Sentinela, — ele disse, e correu suas mãos até uma perna. Meus olhos se fecharam instintivamente, minha cabeça caindo para trás. Concentrei-me nas sensações de suas mãos em mim, aqueles dedos longos e hábeis provocando conforme eles escorregavam, uma polegada de cada vez, até minhas coxas. Ele soltou uma meia da liga de renda delicada que a segurava, correndo as pontas de seus dedos contra mim.

Olhei para ele. — Eu diria que você está me protegendo de novo, mas não sei se é preciso.

Ele olhou para mim, os olhos prateados com emoções. — Eu não tenho em mente proteger, Sentinela. Tenho a intenção de deixá-la desesperada, e deixá-la sem fôlego.

Como se na sugestão – como se ele dominasse o meu corpo assim como domina a minha Casa – eu estremeci.

Ele escorregou uma segunda meia, jogando-a como fez com a primeira, e depois escorregou a liga, dedos relanceando pelo meu núcleo. Precisei tentar me equilibrar quando a sensação ameaçou me derrubar.

Ele levantou novamente, pegou minha mão e colocou-a contra seu coração. — Isso bate por você, eternamente.

Concordei; incapaz de falar, e deslizei minha mão pelo seu peito e seu abdômen, então eu o encontrei rígido com excitação e desejo. Ele respirou fundo.

— Quem está sem respirar agora? — Perguntei.

Seu maxilar apertou. — Talvez eu deva ficar de joelhos novamente.

Eu sorri e desabotoei suas calças, deixando-as cair no chão. A cueca boxer de seda que ele usava pouco fez para camuflar sua excitação.

— Vire-se, — ele disse, e eu fiz, afastando meu cabelo do sutiã que ele ainda não tirou. Ele tirou um gancho, depois outro, descartou a seda e me puxou fortemente contra ele, suas mãos vagando das costelas aos peitos, a barriga e provocando. Ele inclinou a cabeça para o meu pescoço, provocou com beijos e a sugestão de suas presas, as quais ele sabia que me deixava louca.

Um pouco mais de seda e estávamos nus.

— Água, — ele disse, e me ajudou na entrar na banheira tamanho piscina.

A água estava apenas um pouco escaldante, meu tipo favorito de banho. Lavanda subiu ao nosso redor, pequenos botões roxos flutuando na superfície perfumada.

Ele entrou ao meu lado, suas longas pernas ondulando a superfície da água. Ele me cercou. Sentando-se, me puxou para ele, dedos longos agarraram meus cabelos enquanto roubava minha boca, tomando posse do corpo e da alma. A água lambeu os meus seios, mas não consegui esconder nada dele. Ele não permitiria isso.

Não que eu tivesse algo a esconder. Ele me conhecia melhor do que ninguém, melhor do que todos. Cada centímetro do meu corpo, cada partícula de bravura e medo. Eu não reivindicaria saber de cada parte dos quatrocentos anos de Ethan, mas



eu sabia a verdade dele. Eu conhecia o escuro e a luz, entendia sua sinfonia secreta. Ele me pertencia tanto quanto eu pertencia a ele.

Estabeleci meu corpo em cima dele, o abrigando, e senti seu estremecimento como resposta.

— Para sempre, — ele disse; os dedos no meu cabelo ainda fortes, ainda se recusando a soltar, como se ele ainda precisava me ligar a ele.

— Para sempre, — sussurrei contra a boca dele, e balancei contra ele, a água perfumada lambendo nossos corpos. O ritmo acelerou; Ethan movendo-se cada vez mais e mais profundamente, os dentes e a língua lutando contra uma batalha semelhante à da água, necessitando se apressar dentro de mim como uma coisa tangível, a união de prazer, dor e desejo.

— Goze, — ele disse; e meu corpo respondeu ao comando como um soldado. Segurei os seus ombros quando meu corpo se curvou, contraiu, o calor e a eletricidade pulsando como uma conexão ao vivo.

— Sim, — ele rosnou, seu orgulho e satisfação dando textura à palavra, então isso pareceu aguçar o ar. — Para sempre, — ele disse enquanto seu corpo se contraía, um som de uma linda agonia escorregando de seus lábios.

— Para sempre, — eu disse, e coloquei minhas mãos em suas bochechas, apertei um beijo suave em seus olhos fechados e lábios. — Para sempre.

\*\*\*\*

O casamento foi lindo. A recepção foi muito divertida, pelo menos até o caos tomar conta. Fazer amor pela primeira vez como esposo e esposa foi sublime.

E mais tarde, depois que o amor foi demonstrado e provado, e nós lutarmos com os nossos próprios demônios, quando o amanhecer começou a subir no horizonte

com seus dedos rosa, estávamos na cama com pijamas limpos, um serviço de quarto se espalhava entre nós e garrafas De Blood4You e Veuve Clicquot no gelo.

— Entendo que a comida na recepção estava divina, — Ethan disse; esticado na cama ao meu lado, cavando caviar em uma torrada. — Não que tivéssemos tempo para apreciá-la.

Não sendo fã de ovos de peixe, peguei guacamole com um doritos. — Não, e estou morrendo de fome. Um casamento e uma multidão em massa fazem isso com um vampiro.

— Isso é o que me disseram. Notei Jonah e Margot dançando.

Assenti. — Estou tentando juntá-los. Eu acho que eles se dariam bem.

Ele olhou para mim. — Na minha experiência, brincar de cupidos, muitas vezes sai pela culatra.

Resmunguei. — Quando foi a última vez que você bancou o cupido?

— Juliet e Morgan.

Olhei para ele, o doritos na metade da boca e baixei novamente. — Você tentou juntar Juliet e Morgan. — Morgan finalmente virou o seu próprio Mestre da Casa de Navarra, mas ainda assim, eu não podia vê-lo com nossa pequena guarda e lutadora temível.

— *Tentou* sendo a palavra ativa, — Ethan disse. — Não deu certo. — Sua voz era calma.

— Bem, claro que não. — Franzi a testa, tentando imaginar a maliciosa Juliet com o anteriormente passivo e agressivo Morgan. — Óleo e água.

— Não vejo por que eles deveriam ser. Ambos são funcionários sêniores, em um modo de falar. São pessoas espirituosas e inteligentes, Morgan, mais agora, que saiu da sombra de Celina.

— Personalidades erradas. Química errada.

— Alguns diriam o mesmo sobre nós.

— E eles estariam errados, — eu disse com um sorriso, e mordi o doritos. —  
Eu ajudo a controlar seu ego.

— Sou um vampiro tímido e reservado, — ele disse, sem um pouco de  
sinceridade ou credibilidade. — E evito que você corra para o perigo.

Dei-lhe um olhar.

— Bem, eu tento, — ele alterou. — E essa é a sua expressão oficial de Esposa  
descrente? Eu gostaria de seguir em frente e guardar isso na memória.

— Você é hilário, marido.

— E você é linda, esposa. Teimosa ou qualquer outra forma.

Um elogio, de qualquer maneira.

## CAPÍTULO 10



# Nós sempre (não) teremos Paris

Acordei com o cheiro de chocolate e açúcar, mas fiquei com os olhos fechados, aproveitando a fantasia de que os problemas de Chicago se resolveram e nós fomos levados para Paris enquanto dormíamos. Eu abriria altas janelas de ferro para uma varanda, uma brisa maravilhosa e uma vista da Torre Eiffel.

— *Bonjour, mon amour*, — eu disse.

— Você ainda está em Chicago, — Ethan me lembrou. — E a prefeita quer nos ver.

Claro que sim. Puxei um travesseiro sobre o meu rosto. — Não posso ouvir você. O sol continua no horizonte.

— O sol já se pôs. E a prefeita ligou. E peguei o café da manhã.

Joguei o travesseiro e sentei-me.

Ethan sentou-se ao meu lado na beira da cama, nu, exceto por um par de calças de pijama de seda. A bandeja do café da manhã estava posicionada na mesa de cabeceira com o copo prometido de chocolate fumegante e dois croissants de aparência perfeita ao lado de uma tigela de framboesas viçosas.

— Duas escolhas deliciosas, — eu disse, inclinando-se para beijá-lo. — Boa noite, marido.

Ele sorriu maliciosamente e me beijou. — Boa noite, esposa.

Peguei um croissant, arrancando a extremidade pontiaguda. — A prefeita realmente nos convocou?

— Ela convocou, assim como o seu avô. Todos nós estaremos no escritório dela o mais rápido possível.

O croissant era bom, mas a ideia de lidar com o drama novamente deixou a minha boca seca. Lançar-me numa briga? Não é totalmente divertido. Lidar com uma prefeita que tende a acreditar no pior de nós? Não é tão divertido.

— Nós deveríamos tê-la convidado para o casamento, — eu disse, cruzando minhas pernas e dando outra mordida.

Ethan riu. — Nós convidamos. Você não a viu?

— Não. — Sorri para ele. — Eu só tenho olhos para você.

— Mmm-hmm. E para os carboidratos.

— Ela planeja nos culpar pelo que aconteceu ontem à noite? Não vejo como poderia. Fizemos a situação não piorar. — Apontei para o *Tribune* dobrado ao lado da comida, que mostrava uma foto minha e de Ethan em roupas de casamento rasgadas, mãos dadas e olhando para a desolação. VAMPIROS PARAM FÚRIA DE HUMANOS. Foi, de longe, uma das melhores manchetes que vimos. Talvez a cidade finalmente começasse a nos ver como soldados, em vez de criminosos.

O olhar de Ethan deslizou pelo quarto, para o manchado e rasgado pedaço de seda branca e renda no chão. — Até levarmos isso a Helen.

— Ela provavelmente já viu o *Tribune*, — eu disse. — Suspeito que já saiba.

— E, sem dúvida, estaremos discutindo sobre isso até voltarmos para a Casa.  
— Ethan levantou; a metade inferior de seu corpo exorbitante enquadrado perfeitamente pela seda coberta. — Coma seu café da manhã e se vista, e vamos acabar com isso.

Eu faria os dois. Mas, como ainda era tecnicamente minha lua de mel, coloquei um braço em volta da cintura dele e o puxei para a cama.

A prefeita e o croissant podem esperar um pouco mais.

\*\*\*\*

Nós nos vestimos e atravessamos o saguão do nosso belo hotel, parando quando parecia que todos os outros estavam pressionados contra as janelas do saguão ou saindo.

Alguma coisa aconteceu. Algo que chamou a atenção dos humanos e, devido à energia vibrando no lugar, os deixou muito nervosos.

*Tenha cuidado*, Ethan disse silenciosamente, e caminhamos por eles, sussurros no nosso rastro. Saímos... E em um espesso redemoinho de neve branca.

Os flocos eram enormes, a queda da neve intensa o suficiente para que eu não pudesse ver os edifícios do outro lado da rua. Eles abafaram o som do trânsito, dos pedestres, do típico zumbido da cidade.

— Está uns quarenta graus lá fora, — Ethan disse. — Isso não é possível.

Coloquei uma fina camisa preta com manga até o cotovelo, com jeans e botas, e na verdade, estava um pouco quente. Provavelmente não era a primeira vez que nevava em Illinois em agosto. E, enquanto podíamos ver apenas um fio de céu entre os altos arranha-céus, o que podíamos ver era escuro e claro. O que significava que a

neve não caía das nuvens, mas do nada. Surgia literalmente de algum lugar acima de nós.

— Magia, — Ethan disse calmamente. — Gabriel disse que havia algo no ar. Pensei que ele quisesse dizer ontem à noite.

— Sim. Eu também pensei.

A magia vibrava ao nosso redor, mas sem o cheiro químico que marcava as alucinações. Isso era magia, mas magia diferente. Eu não sabia se isso era melhor ou pior do que a outra opção.

Nosso encontro com a prefeita estava prestes a ficar um pouco mais intenso.

Meu telefone começou a tocar, e o peguei, verificando a tela enquanto Ethan fazia o mesmo. Havia alertas de Jeff e da Casa sobre o clima – e as defesas guinchando pela cidade.

As defesas de Sorchá foram violadas, o que significava que essa era a magia de Sorchá – e de alguma forma conseguia controlar o tempo.

Esse era oficialmente um grande território ruim.

— Vamos nos mexer, — Ethan disse severamente, e fomos para a Câmara Municipal.

\*\*\*\*

As calçadas do Loop estavam ocupadas com pessoas que vieram admirar o tempo, pegar flocos de neve com suas línguas ou fazer vídeos para compartilhar o choque e o espanto.

A prefeitura parecia como um monte de edifícios do governo dos EUA – quadrada, com granito, janelas retangulares simétricas e muitas colunas com

reforços. As portas eram de latão que brilhavam como ouro, e o átrio era de mármore, com altos tetos abobadados e elevadores cobertos por bronze lustroso.

Catcher e meu avô estavam no saguão, logo após a área de segurança, esperando por nós. Meu avô trocou seu casaco de esporte marrom habitual por um terno escuro que estava um pouco enrolado nos braços, as calças eram muito longas. Achei essas coisas quase estupidamente cativantes. Catcher usava jeans e uma camiseta preta sem um comentário inteligente, a qual era praticamente comum, e mostrava o quanto ele estava preocupado.

— Boa noite, — Ethan disse.

Meu avô assentiu; sua expressão sombria.

— Ela está na cidade? — Ethan perguntou.

— Ainda não houve nenhum relatório sobre ela, — Catcher disse.

— Se ainda não está aqui, — meu avô disse, — Ela estará em breve. — Ele olhou para a neve caindo lá fora. — Ela vai querer ver isso.

— Qual é o protocolo agora que as defesas foram derrubadas? — Ethan perguntou.

— Baumgartner enviará uma patrulha para cada setor, — Catcher disse. Baumgartner era o líder da Ordem, o sindicato dos feiticeiros. — Eles determinarão onde as brechas ocorreram, o que espero que nos ajudem a localizá-la e descobrir o tipo de magia que ela está usando.

— E por quanto tempo.

Todo mundo simplesmente olhou para mim.

— Sorch, — expliquei. — Ela é muito egoísta para se afastar, para aceitar tranquilamente o que ela teria visto como uma humilhante derrota. Não é assim que



ela opera. Isso era inevitável. Pelo menos agora, não teremos que nos perguntar quando isso acontecerá.

Olhei para todos eles e vi o flash de reconhecimento em seus olhos. Mesmo que não tivéssemos falado sobre isso, sentimos o mesmo. Nós acreditamos que ela voltaria. E agora ela voltou.

— Não há cheiro químico, — eu disse.

Catcher concordou. — Eu percebi isso. Não ligamos a voz ou o cheiro químico a qualquer magia conhecida. Mas a ausência sugere que isso é algo diferente.

— Uma magia diferente, ou um feiticeiro diferente? — Ethan perguntou.

— Um ou outro, — Catcher disse. — Ou ambos.

— Como estão os humanos? — Ethan perguntou.

— Todos estão estáveis, exceto a mulher com a faca, — Catcher disse. — O nome dela é Rosemary Parsons. Ela está em condições críticas, mas eles estão esperançosos.

— Ela está sedada? — Ethan perguntou.

— Está, — meu avô disse. — E ainda no hospital. Todo mundo está na fábrica.

A prisão sobrenatural, ele quis dizer. — Por quê? — Perguntei.

— Quarentena, — Ethan disse, e meu avô concordou.

— Nós não sabemos por que isso está acontecendo, ou se é realmente transmissível. Portanto, temos que tomar precauções. O escritório de campo de Chicago, CDC, está fazendo alguns testes, apenas no caso. Mas eles também não acham que isso é um contágio biológico.

— Precisamos conversar com eles, — Ethan disse. — Obter mais informações sobre os delírios que eles estão experimentando.

Meu avô concordou. — Winston Stiles está acordado e se comunicando. Ele gostaria de vê-lo, para se desculpar.

— Talvez ele possa nos dar uma maldita ideia do que está acontecendo aqui, — Ethan disse.

— Isso não faria mal, — concordei.

— E a reunião desta noite? — Ethan perguntou, gesticulando para o elevador.

— Vamos relatar, — meu avô disse, — E oferecer ideias para resolver este probleminha espinhoso.

— E você tem uma ideia? — Ethan perguntou.

— Não, — meu avô disse. — Aqui está à esperança de que o passeio do elevador seja produtivo.

\*\*\*\*

Se City Hall foi construída para inspirar, o gabinete da prefeita foi construído para negócios. Era uma grande sala aberta de pisos de madeira dourado e painéis, cortinas cobrindo as janelas. A prefeita Kowalczyk havia instalado a escrivaninha escura e curva sob uma enorme fotografia aérea de Chicago, caso alguém esquecesse o domínio sobre o qual ela governava.

A prefeita estava sentada atrás de sua mesa, seus cabelos castanhos cuidadosamente pintados e pulverizados, maquiagem ainda polida, embora provavelmente já estivesse no trabalho por doze horas. Ela usava um poderoso terno na cor de carmesim escuro, mãos cruzadas em seu colo enquanto observava o vídeo na tela plana na parede oposta, que mostrava cenas da luta, a imagem vibrando para a esquerda e para a direita quando a câmera era empurrada.

Um homem que eu assumi ser seu ajudante – com quarenta anos, barrigudo e calvo – estava atrás dela, contra a parede, um braço cruzado sobre o peito, o outro segurando um pequeno tablet.

Quando uma âncora apareceu na tela novamente, a prefeita pressionou um botão em um controle remoto e olhou para nós, os dedos agora entrelaçados em suas mãos dobradas. Ela olhou para cada um de nós, depois pousou o olhar no meu avô. — Sr. Merit.

— Senhora Prefeita.

— Você conhece meu chefe de gabinete, Lane Conrad.

Eles trocaram acenos de cabeça.

— Está nevando lá fora sem motivo aparente e sem uma aparente baixa umidade, — a prefeita disse. — Isso é perturbador. E esse vídeo, é claro, é perturbador sozinho.

Ele assentiu. — Concordo em ambas as coisas, Senhora Prefeita.

— E sua causa?

— Ambos os fenômenos estão sendo investigados. Dito isto, acabamos de ser informados de que as defesas foram elertadas.

Tanto a prefeita quanto o ajudante ficaram quietos.

— *Ela* está de volta à minha cidade? — A prefeita perguntou, forçando o pronome através de um maxilar apertado.

*Bom*, pensei. Pelo menos essa raiva foi direcionada adequadamente. Isso pode tornar o problema um pouco mais fácil.

— Não que estivéssemos conscientes, mas isso está dentro da jurisdição do CPD. As defesas foram alertadas quando a neve começou a cair.

— Então ela criou a queda de neve?

— Essa é a conclusão lógica. O momento sugere que ela criou ou fez que isso acontecesse por alguma outra manipulação mágica. Começaremos a investigar isso logo que sairmos daqui.

— E os delírios? — O assessor perguntou, sem tirar os olhos do tablet. — Os primeiros relatórios dizem que eles são mágicos também.

Meu avô manteve seu olhar na prefeita. — Nós não temos nenhuma evidência definitiva de uma coisa ou outra. Mas há indícios de magia.

— Que é qual? — A prefeita perguntou.

— A magia tem um tipo único de energia, — meu avô explicou. — Um toque que é detectável por outros sobrenaturais, e ocasionalmente traz um cheiro particular. O vampiro que atacou Merit no Casa Cadogan tinha esse aroma. E esses seres humanos também.

O assessor baixou o tablet. — Os humanos tinham magia?

— Não precisamente. Mais pareciam tocado por isso.

— Por Sorchá?

— Não temos provas disso neste momento, Senhora Prefeita. As defesas não foram alertadas até a queda da neve.

— Você disse que um vampiro delirante atacou Merit? — A prefeita perguntou. — Quando foi isso, e por que não foi relatado para mim?

— O vampiro, por todas as aparências, era emocionalmente instável, — meu avô disse. — Ele atacou Merit na noite retrasada. Naquele momento, não tínhamos motivos para acreditar que o ataque era mais do que a ação de um homem doente.

Ela gesticulou em direção à janela. — E agora a neve. Como estão conectados?

— Não temos motivos para acreditar que estão relacionados no momento.

— Ambos são mágicos, — Lane disse, cruzando os braços sobre o tablet e exalando ceticismo arrogante.

— Não estamos dizendo que eles não acabarão relacionados, — meu avô disse. — Só que ainda não encontramos algo em comum. As identidades dos seres humanos só foram divulgadas há uma hora, então não fomos capazes de pesquisá-los ou entrevistá-los completamente. — Ele lançou a Lane um olhar não muito amigável.

— Seu escritório abre ao entardecer, — Lane disse, com um tom superior.

— O seu não, — meu avô disse.

— Cavalheiros. — O tom da prefeita era cortante, o olhar estreitado sobre meu avô. — Se esta é uma atividade sobrenatural, ela permanece sob sua jurisdição. Lane, você fornecerá ao Sr. Merit informações à medida que elas forem reunidas.

Lane parecia preparado para murmurar atrás de suas costas, mas tocou em algo em seu tablet.

— Obrigado, Senhora Prefeita.

— Não me agradeça ainda, Sr. Merit. Isso significa que isso continua sendo seu problema. Determine a causa e corrija-a. E se é essa mulher... — Ela fez uma pausa, trabalhando claramente para controlar sua raiva. — Vamos lidar com ela, como é apropriado para uma traidora, uma assassina, uma sociopata. — Seu olhar subiu novamente. — Estamos entendidos?

Meu avô concordou. — Sim, senhora.

— A mídia, — o assessor alertou, olhando em seu tablet, e a prefeita acenou com a cabeça.

— Os repórteres, é claro, estarão contatando todos vocês para comentar. Por enquanto, dirija essas perguntas à nossa equipe de relações públicas. Podemos querer

que vocês falem com o público mais tarde. Mas eu preferiria que esses assuntos fossem investigados e abordados antes que isso seja necessário. Estamos entendidos?

— Perfeitamente, senhora.

— Então, vocês estão dispensados, — ela disse. — Mantenha-nos informados e mantenha a cidade segura.

Mais fácil falar do que fazer.

\*\*\*\*

Ainda nevava quando voltamos à rua. A temperatura havia caído um pouco desde que estivemos lá dentro, mas provavelmente isso ocorreu com a noite refrescante, sem qualquer magia da Sorchia – ou qualquer outra pessoa. Ainda não estava frio o suficiente para a neve aderir, embora a calçada e as ruas brilhassem com água.

Meu avô estendeu a mão, assistindo os flocos de tamanho de dez centavos derreterem na palma da mão. — Há coisas que eu não pensaria ver nessa ou em qualquer outra vida. Neve mágica é definitivamente uma delas.

— Foi melhor do que eu pensei, — Ethan disse. — Delegando menos culpa que eu pensava que ela faria.

— Ela está aprendendo, — meu avô disse. — E vou dar crédito a ela por isso. Mas é difícil dizer quanto tempo vai durar.

— Enquanto a cidade permanecer na maior parte segura, — Catcher disse, pegando o telefone. — Se piorar, ela procurará alguém para culpar.

— O assessor está disposto a nos acusar agora por não ter todas as respostas, — Ethan disse.

— Lane é um homem impaciente, — meu avô concordou. — Mas se nosso escritório for seriamente considerado o árbitro de questões mágicas, é justo que exija que nós os resolvamos. Essa é a cadeia de autoridade.

— É política, — Catcher murmurou.

— Isso também. — Meu avô deu uma olhada ao redor, parando seu olhar em uma linha de caminhões de comida de cores vivas, alinhados no Daley Center Plaza do outro lado da rua: Spotted Dogs, que servia cachorros-quentes gourmet, Pizzataco, que servia uma híbrida pizza-taco e Coriander Creamery, que servia sorvete *gourmet*, que supostamente envolvia principalmente ervas e flores picadas que não tinham nada haver com sundaes ou sorvete de casquinha. Na minha humilde opinião.

— Alguém está com fome? — Ele perguntou.

— Ouvi dizer que o caminhão de cachorro-quente é muito bom, — Catcher disse.

— Estou morrendo de fome, — eu disse, para absolutamente nenhuma surpresa de ninguém. — Mas não tenho dinheiro. — Eu raramente carregava qualquer coisa além do minha identidade e cartão do ônibus. Olhei para Ethan. — Com o risco de parecer anacronicamente como uma esposa, você pode pagar?

— Posso dispensar algum dinheiro para você, — Ethan disse. — Provavelmente. Quão faminta você está exatamente?

— Você é hilário, — eu disse, mas segurei a mão dele enquanto nos arrastávamos entre os carros para o outro lado da rua.

Todos nós optamos pelo caminhão de cachorro-quente, juntando-se à fila de pessoas que não ficaram perturbadas pelo clima. Mas isso não impediu que eles especulassem sobre isso.

— São os vampiros, — disse o homem na nossa frente, seu sotaque carregado de Chicago. Ele conversava com seu companheiro, que usava uma camiseta Blackhawks que combinava com a dele.

— Eles trabalham magia negra naquela Casa deles. Passei mais de uma vez, vi as luzes acesas no meio da noite. Eu sei o que estavam fazendo.

*Provavelmente impostos ou algo igualmente aborrecido,* Ethan disse silenciosamente. *Mas com quem devemos discutir?*

Ethan estava cada vez mais frustrado com os humanos propensos ao preconceito.

— Não, — disse a mulher na frente dele, virando-se para se juntar à conversa. — São as bruxas. Isto é mágica de bruxa, e eu colocaria um bom dinheiro nisso. — Ela olhou para a camisa deles e assentiu. — Vai, Hawks.

— Vai, Hawks, — disseram os homens. Embora não pudessem concordar com a magia, eles poderiam concordar com o hóquei.

*Talvez seja melhor planejar nossa refeição,* Ethan disse, olhando para o cardápio em uma lousa ao lado do caminhão. *O que é um Funyun?*

*Anéis de cebola e torresmo. Você não gostaria deles.*

*O que significa que você os adora,* ele disse.

*Na verdade, eu gosto. Foi por isso que escolhi Garbage Dog. Você deve pegar o estilo de Chicago,* eu disse a Ethan. *Esse é o seu favorito.*

*Ele olhou para mim. Um ano me conhecendo, e você já me descobriu? Sou tão previsível, Sentinela?*

*É Sra. Sentinela para você. E sim, eu tenho um bom senso sobre você. Tão bom que eu poderia ter escrito o Guia do Noviciado para Ethan Sullivan se eu tivesse tido tempo. Você gosta de ser responsável, de bela porcelana, comida servida em bela*



*porcelana, ternos feitos sob medida, Scotch de vinte anos e, por razões que não entendo, Doctor Who.*

Ele sorriu conforme a fila avançava. *Ele é um Senhor do Tempo. Posso me identificar.*

Apenas balancei a cabeça. Ethan tinha títulos honorários o suficiente e certamente não precisava adicionar *Senhor do Tempo* à lista.

Quando chegamos à janela, fomos recebidos por um homem com a pele bronzeada e os cabelos escuros, os ombros largos sob sua camisa SPOTTED DOGS. — O que posso oferecer?

— Chicago Dog, — Ethan disse.

— E para a senhora?

— Garbage Dog, — eu disse.

Ethan me deu um olhar de soslaio. — E?

— E... Fritas. E os anéis de cebola, também, já que estamos jogando coisas em uma cesta de frituras.

O homem piscou. — Eu gosto de uma mulher com apetite.

Provavelmente não o meu apetite particular, dado as atividades da noite passada, mas tanto faz. — E uma bebida.

— Recomendo os shakes de chocolate. Nós fazemos o melhor da cidade.

Meu olhar estreitou, e Ethan apenas riu, puxou notas do bolso e ofereceu-as ao vendedor. — Você pode ter iniciado uma conversa que você não terá tempo para terminar.

— Quanto de chocolate é o chocolate? — Perguntei.

Mas o homem estava preparado, e sua expressão era totalmente séria. — Nossa base de chocolate inclui um xarope feito de grãos pequenos de um torrador na Califórnia, flocos de oitenta e cinco por cento de escuro cacau em pó da França.

— Seus termos são aceitáveis, — eu disse com igual gravidade.

Balançando a cabeça, mas aceitando o seu destino, Ethan tirou outra nota e passou pela janela.

— Vocês dois são fofos juntos, — o vendedor disse, passando um copo com espuma pela janela. — Vocês devem se casar.

Ethan ergueu a mão, reluzindo levemente o seu anel. — Já casamos.

# CAPÍTULO 11



## Provisões

Nós levamos nossos cachorros quentes para a mesa de piquenique ao ar livre sob um amplo guarda-chuva, que provavelmente foi colocado para se proteger contra o sol, mas também funcionava muito bem para a neve.

A comida espalhada era quase embaraçosa, tanto em pães quanto em quantidade. Mas as chances eram boas e a batalha de ontem a noite não era a única que enfrentaríamos nas próximas noites, e eu não estava preparada.

Infelizmente, o garfo de plástico era um desafio difícil para cachorros quentes que incluía misturas de mac 'n' cheese, molho picante e pickles fritos. Eu consegui dar uma mordida, mastigar, e considerar. E franzi a testa.

— Você não parece impressionada, — Catcher disse, esguichando ketchup em um círculo cuidadoso em um guardanapo.

— Estou confusa. — Mordi um pickle frito, quase estremeci com a acidez maravilhosamente viciosa. — E ainda estou avaliando. Terei que trabalhar com meus sentimentos.

Ethan apenas balançou a cabeça, divertimento em seu rosto. — Minha intrépida Sentinela, vencida por um Garbage Dog.

Grunhindo, Catcher limpou as mãos para tirar o celular do bolso. Ele olhou a tela. — Bem. Isso é interessante.

— O quê? — Meu avô perguntou, limpando a mostarda da bochecha.

— Os dois primeiros humanos que Jeff verificou estavam perto de Towerline na noite em que Sorchia tentou iniciar sua rede de alquimia.

— Quão perto? — Ethan perguntou.

Catcher clicou na tela. — Um estava em uma estação elétrica fazendo algum trabalho depois do expediente quando a magia se derramou. O outro mora do outro lado da rua, ele estava no telhado observando a ação. Nenhum deles foi evacuado.

Assenti. — Então, pelo menos, algumas das pessoas que ouviram os gritos estavam perto de Towerline quando a magia se espalhou.

— Os delírios começaram antes da neve, — Catcher disse. — E as defesas não soaram até a neve começar. Portanto, Sorchia não está causando os delírios, pelo menos não por nenhuma magia ativa e contínua.

Olhei para Catcher. — Poderia ser algum tipo de efeito latente de sua alquimia?

— Nós desenredamos a magia dela, — Catcher disse. — Não faz sentido que qualquer magia tenha sido deixada, latente ou não. Por outro lado, embora possa ser alguém além de Sorchia, dada a conexão com o Towerline, isso é altamente improvável. *Elimine todos os outros fatores, e aquele que permanece deve ser a verdade.*

— Sherlock Holmes, — meu avô disse, aprovando. — O que permanece, neste caso, é a sua alquimia e seus efeitos persistentes.

O que significava que os delírios, de um jeito ou de outro, eram culpa de Sorchia.

O celular de Ethan tocou novamente. Ele verificou, então olhou para o meu avô com uma expressão preocupada que não me deu conforto. — O *Tribune* entrevistou a mulher que estava no telhado depois do fato, — ele disse. — Ela disse que havia quarenta pessoas assistindo a batalha.

— Eles não conseguiram evacuar todos que estavam em arranha-céus perto do local da batalha, — meu avô disse. — Não houve tempo suficiente, nem mão-de-obra.

— E quanto ao Winston? — Perguntei. — Nós sabemos se ele estava perto de Towerline?

— Não sabemos, — meu avô disse.

— Nós precisamos falar com ele sobre isso, e sobre o que ele está ouvindo, — eu disse. — Precisamos descobrir o que está acontecendo antes que alguém se machuque.

Ethan assentiu. — Se a proximidade física da alquimia de Sorcha é o gatilho para os delírios, temos um grande problema. Veremos mais delírios, mais violência.

Catcher deu uma última mordida no cachorro quente, limpou as mãos e enrolou o guardanapo. — Vamos cruzar os dedos para não termos mais dessas pessoas que foram expostas ou que tenham sido expostas de forma diferente. — Ele olhou para o meu avô. — Mas teremos que dizer a prefeita que é possível que haja mais incidentes. Ela precisará estar preparada – e ter médicos preparados, cumprindo a lei.

— Estou menos que entusiasmado para lhe dar essas instruções.

Catcher riu. — É por isso que eles pagam você com grandes quantias, Chuck.

— E lhe dão o título e a van, — observei.

Meu avô sorriu. — Essas coisas dificilmente valem a pena. — Ele olhou minha refeição com apreciação. — Mas uma mordida disso pode valer a pena. Isso é um Funyun?

— Sim, é, — eu disse com um sorriso, e deslizei os restos para ele. — O excelente gosto é claramente genético.

— Questiono várias coisas sobre essa afirmação, — Ethan disse. — Mas considerando nossas circunstâncias, eu não vou falar.

Meu avô pegou o garfo, soprou a neve da mesa de piquenique antes de puxar meu jantar o restante do caminho e começou a cavar uma garfada do Garbage Dog.

— Então, — eu disse, — Resumindo, pensamos que os delírios são algum tipo de efeito latente do trabalho de Sorchia no Towerline. E a neve?

— As defesas soaram, — Catcher disse. — Ainda está cinquenta graus, e não cai de uma nuvem real. Então, é magia ativa. A neve é adjacente da magia.

— Neve adjacente? — Meu avô perguntou.

— Muito quente, sem nuvens, — eu disse. — Cai como a neve, mas não é criado da mesma maneira.

— Exatamente, — Catcher disse.

— Então, ela não está realmente manipulando o tempo, — meu avô disse.

— Não no sentido técnico, embora esteja criando um fenômeno meteorológico. — Catcher colocou os cotovelos sobre a mesa, juntou as mãos enquanto se inclinava para frente. — É o que não consigo entender. Por que a neve? Os habitantes de Chicago já viram neve antes. Atravessamos tempestades de neve.

— E ainda... — Ethan disse.

— E ainda, — Catcher grunhiu.

O celular do meu avô tocou. Ele puxou, olhou para a tela e franziu a testa.

— O que há de errado? — Perguntei.

— Mensagem de Jeff. Apenas diz: *Olhe para Towerline*.

Todos nós olhamos para o nordeste, mas não conseguimos ver tão longe no emaranhado dos arranha-céus.

— Acho que vamos dar um passeio, — Catcher disse. Nós nos levantamos, jogamos nosso lixo fora, e partimos para a nossa próxima jornada, com medo reunindo-se ao nosso redor.

\*\*\*\*

Nós ziguezagueamos a leste e norte em direção ao rio. Meu avô estava no telefone, tendo convocado o CPD para isolar o prédio, por via das dúvidas.

A temperatura estava caindo, a neve agora começando a deixar as estradas e calçadas lisas. Ainda não tinha nenhuma origem meteorológica óbvia – o céu estava claro acima da neve – mas isso não parecia importar.

— Reed ainda possui Towerline? — Perguntei. Eu não estava inteiramente certa do que acontecia quando você se tornava um supervilão. Os seus bens eram perdidos?

— Não sei se ele tinha testamento, — meu avô disse. — Ele morreu antes de Sorchia, e ela provavelmente teria sido a beneficiária de seus bens. Mas desde que ela o matou, o Slayer Statute provavelmente impedirá que ela herde. Eles não tiveram filhos, então acho que os pais dele seriam os próximos na fila.

— De qualquer maneira, — Ethan disse: — Towerline e tudo o que ele possuir estará preso em legitimação nos próximos anos. — Ele olhou para mim. — Então, seu pai não irá recuperá-lo tão cedo.

Eu não estava certa de que ele queria. Não falamos sobre isso, mas eu tinha a sensação de que ele considerava Towerline uma falha pessoal, ainda que ele desistisse por boas razões, e esse não era o tipo de coisa sobre a qual meu pai queria se preocupar. Eu não diria que o prédio era amaldiçoado, mas não gostaria de possuir imóveis com tanta bagunça sobrenatural.

Nós emergimos do labirinto de edifícios na esquina do State e Wabash, a ponte da State Street na nossa frente, as Torres de Marina em forma de espiga de milho a nossa direita. E a nossa esquerda, no primeiro setor imobiliário no lado norte do rio em Michigan, estava o edifício Towerline. Ou o que restava da sua estrutura. Os painéis de vidro que estavam faltando no alto do lobby foram cobertos. Era uma solução feia que a cidade não gostava, mas até que os tribunais resolvessem a questão da propriedade, não havia fundos para repará-la.

E dada à visão a nossa frente, duvidava que esses fundos chegassem em breve. Uma coluna de nuvens subia acima do prédio, faixas de redemoinhos brancos e roxo brilhante contra um céu, de outra forma tão escuro quanto breu. Parecia uma tempestade ciclônica, mas a neve não vinha dessas nuvens, nem de outras.

— Sem neve, — eu disse. — Mas alguém pensou que está mais frio aqui?

— A temperatura caiu quanto mais perto chegamos de Towerline, — meu avô concordou.

Ethan suspirou. — A lua de mel está decididamente acabada.

\*\*\*\*

Eu geralmente tentava ser corajosa e certamente estava mais disposta a correr riscos do que estava há um ano, quando era uma vampira iniciante. Mas até mesmo eu não entraria no frágil elevador – ou subiria dezenas de escadas – até o ultimo andar para inspecionar o que poderia estar acontecendo no telhado.

Deixamos isso para os helicópteros do CPD que meu avô chamou, e atravessamos a ponte State Street para a área que o CPD mais uma vez isolara na frente da praça do extenso prédio.

Michigan Avenue foi isolada com fita adesiva, uniformes do CPD já postados em intervalos ao longo da linha. O tráfego foi redirecionado, mas isso não impediu que



os pedestres se juntassem nas bordas, como da última vez. Parecia haver menos hoje à noite, talvez por causa do clima, esperançosamente porque aprenderam suas lições da última vez, entendendo que a magia dessa mulher era inerentemente perigosa.

E no meio da rua, atrás de uma barreira de carros de polícia e vans, estavam os membros da equipe SWAT que coordenariam a resposta do CPD... Seja lá o que fosse.

Havia um zumbido em torno dos homens e das mulheres, mas não era mágico. Era aço, a reação mágica do meu corpo às suas armas, uma sensibilidade relacionada à minha conexão com minha espada.

— Nós nos encontramos novamente, — disse um homem com um corpo forte e cabelos curtos e claros.

Ele estava no comando da recepção naquela noite fatídica, quando derrubamos Sorchia pela primeira vez. Essa também foi à noite em que Ethan me pediu em casamento. Agora, voltamos como marido e mulher, mas tão conscientes do poder de Sorchia.

— É uma pena não termos conseguido prendê-la, — o oficial disse, e havia uma desculpa em sua expressão. Bom. Não havia nenhuma maneira que ele pudesse nos culpar.

— É uma pena, — Ethan disse. — E você não disse seu nome naquela noite.

— Minha culpa, — ele disse, e ofereceu uma mão. — Jim Wilcox.

— Ethan Sullivan, — ele disse.

— Helicópteros a caminho? — Meu avô perguntou.

— Sim. — Ele gesticulou para uma unidade de comunicação integrada na parte de trás de uma van de painel branco. — A prefeita está envolvida, e está monitorando a situação.

— E ela está chateada, — disse uma mulher de pele escura e uma nuvem de cabelos encaracolados abaixado por um pequeno fone de ouvido com microfone. Ela usava finas calças pretas e uma blusa carmesim debaixo de uma jaqueta cinza escuro, seu emblema em uma corrente ao redor do pescoço. Adivinhei que ela estivesse em seus trinta e poucos anos. — Pierce, — ela disse. — Agente Mikaela. Unidade de Resposta Paranormal do FBI.

Isso, foi a primeira vez que ouvi falar de tal coisa, mas não argumentaria que era desnecessário. As nuvens acima de Towerline provaram sua necessidade com facilidade.

— Agente, — meu avô disse, balançando a mão dela. — Chuck Merit. Catcher Bell, meu associado.

Ela assentiu para eles. — Estou na sede em Nova York, mas ouvi falar muito do seu trabalho em Chicago. — Ela olhou para nós. — E ouvi muito sobre vocês, Ethan e Merit.

— Você conhece Victor Garcia? — Ethan perguntou. Ele era o chefe da Casa Cabot de Nova York.

— Conheço, — ela disse com um sorriso irônico. — Ele pediu que eu transmitisse suas felicitações caso visse vocês, e disse que você poderia ligar para ele caso quisesse verificar minha lealdade.

Ethan sorriu, apreciando que ela havia se preparado para essa reunião. — Eu mantereis isso em mente. O que a traz a Chicago?

— A paz e a quietude, — ela disse, sem piscar. — Devemos recorrer à magia?

— Vamos fazer, — meu avô disse.

— Nós escaneamos o prédio procurando sinais de calor e movimento, — ela disse, — E não encontramos nada. Sorcha, se ela voltou para Chicago, não está no prédio. O helicóptero informará momentaneamente.

Pierce colocou um dedo contra a orelha enquanto o tremor das lâminas do helicóptero começava a bater no ar na parte superior. — Primeiro relatório do helicóptero chegando, — ela disse. — E... O telhado está vazio. Não há indicação de movimento ou atividade.

— Está mais frio lá em cima? — Catcher perguntou. — Diretamente abaixo da formação da nuvem?

Ela levantou as sobrancelhas, mas repetiu a pergunta em seu fone de ouvido. — Afirmativo. As leituras da temperatura dizem que são dez graus mais frios no espaço entre Towerline e o fenômeno.

Ela afastou o microfone e olhou para nós. — O que isso significa?

Olhei para Catcher, que pareceu estar tão irritado quanto o resto de nós. Seu olhar estava na nuvem girando ameaçadoramente acima da torre, as mãos nos quadris enquanto tentava descobrir seu significado.

— Tem que ser a fonte do tempo, mas não sei como ou por quê. A última vez que vi algo assim, algo meteorológico, foi...

— Mallory, — terminei por ele, pensando no estrago que ela causou em Chicago durante seu período, felizmente breve, como uma feiticeira das trevas. Ela rasgou a cidade.

— Sim, — Catcher disse. — As defesas dizem que isso é Sorchia. Mas não sei como ela está fazendo isso, ou o que deveria fazer.

Cruzei meus braços quando a temperatura pareceu cair mais quinze graus instantaneamente, minha respiração saindo em um vapor claro no vento arrepiante.

— Ela vai nos congelar, — Ethan disse.

Catcher esfregou os dedos em sua testa. — Essa é uma possibilidade, — ele disse, mas uma que ele não parecia certo. E Catcher não era um homem que gostava de não saber.

Havia suspiros de choque atrás de nós. Eu me virei, esperando encontrar Sorchia andando na Michigan Avenue como um dos Cavaleiros do Apocalipse.

Em vez disso, as pessoas se reuniram na balaustrada ornamentada à beira da ponte que dava para o rio.

Eu corri com Ethan um passo atrás de mim, e empurrei as pessoas até que pude ver a água abaixo – e uma espessa faixa branca deslizava do rio e em direção ao lago.

— O que é isso? — Ele perguntou ao meu lado. — Algum tipo de contaminante?

— Não, — eu disse, e o medo que se instalou em meus ossos foi tão frio quanto à brisa cortante. — O rio está congelando.

Vi o rio fluir, e o vi congelar. Mas nunca vi isso congelar, nunca vi gelo cristalizar em uma escala tão grande, observando a água se tornar opaca e opalescente, seu movimento rígido, como se alguém tivesse virado um interruptor e desligado.

Não deveria ter acontecido tão rapidamente. O rio não deveria ter congelado de uma só vez, e certamente não em agosto.

Gritos foram emitidos a partir do canal.

Apesar da neve, era um dia quente, e as pessoas aproveitavam o clima – e a chance de experimentar a estranheza da neve em agosto. Um barco de passeio, seu convés superior cheio de pessoas, se aproximava da doca da Michigan Avenue, mas ainda estava a uns doze metros a oeste. A água se expandia enquanto congelava, e aquela força – aquele volume – empurrava o barco para o banco de concreto.

O gemido de metal encheu o ar, depois um som como uma espingarda. O barco saltou, jogando as pessoas no estreito espaço entre o barco e o rio. Um abismo cheio de lama solidificando. O gelo esmagava o barco, e todos os outros seriam esmagados pela pressão ou enviados para o rio.

O CPD estava atrás de nós, e mergulhariam assim que pudessem. Mas estávamos aqui agora.

Eu não estava inteiramente certa se os vampiros podiam se afogar ou ter hipotermia – certamente não? – Mas realmente não importava. Nossas possibilidades de sobrevivência eram maiores que as deles. Então, tínhamos que aproveitar a chance.

Um olhou para outro, um aceno de confirmação, então subimos na balaustrada e pulamos.

\*\*\*\*

Vampiro e gravidade eram amigos. Talvez não melhores amigos – nós precisávamos planejar nossas quedas para evitar nos machucar – mas nós pulamos seis metros no barco abaixo sem quebrar os ossos. Ainda derrapamos no convés coberto de gelo, mas conseguimos nos recuperar, e levantamos.

E provavelmente devemos ter anunciado a nossa presença, porque duas pessoas caindo repentinamente em um navio de passageiros histéricos não ajudavam a acalmá-los.

— Vou ajudar os que estão na brecha, — Ethan disse.

— Ficarei no deck, tentando conduzi-los pela escada e mais perto da doca.

Imaginei que o casamento exigiria a divisão de responsabilidades. Não esperava que estivéssemos dividindo trabalhos em duas missões de resgate separadas com menos de vinte e quatro horas.

*Para sempre*, Ethan me disse, então pulou para o segundo andar.

— Está tudo bem, — eu disse, avançando para os humanos que estavam pendurados em cadeiras aparafusadas ao convés, em um esforço para ficarem em posição vertical e evitar deslizarem para dentro da abertura. — Nós vamos tirar vocês

do barco. E levar para a doca, — acrescentei, desde que tirá-los do barco e entrar na água era uma possibilidade real.

A equipe do barco estava no andar de baixo, então olhei ao redor, encontrando alguém que parecia razoavelmente forte e razoavelmente calmo, apontei para ele. Ele era jovem, com pele bronzeada, cabelos escuros e um leve bigode sobre o lábio superior, o qual ele provavelmente desejava que fosse mais grosso.

— Você! — Eu disse. — Qual o seu nome?

— Pham.

— Excelente, Pham. Eu sou a Merit. Você vai me ajudar, ok?

Ele engoliu em seco, o pomo de adão balançando no seu pescoço magro. — Tudo bem.

Coloquei uma mão em seu braço. — Você consegue. — Olhei ao redor, apontando para a escada mais próxima – ou a meia escada do barco, uma versão de meia escada de um barco – onde as pessoas empurravam e impulsionavam para chegar primeiro ao convés. As escadas já estavam inclinadas e escorregadias, então empurrar era uma receita para certo desastre. — Vá ficar na escada, — eu disse.

— Não sei nadar, — ele disse, piscando as lágrimas que pude ver, as quais ele se esforçava para não derramar. — Não quero me afogar.

— Pham, você sabe o que eu sou?

— Vampiro, — ele disse com um aceno de cabeça.

— Exatamente. Eu sou imortal, o que significa que estar água não pode me machucar. — Ou então era o que eu esperava. Deus, realmente, realmente esperava. — Então, de uma maneira ou de outra, eu estarei aqui para garantir que você saia deste barco. Tudo bem?

Isso pareceu ser suficiente para satisfazê-lo. Com determinação nos olhos, ele assentiu, depois deslizou pelo convés, inclinando-se em direção à escada, espremendo sua forma magra na fila e posicionando-se no ponto de acesso. — Uma pessoa por vez! — Ele gritou. — Uma pessoa de cada vez!

Encontrei outro supervisor, uma mulher com ombros fortes e uma cintura estreita. O corpo de uma nadadora, eu esperava. Apenas no caso. Coloquei-a no comando da escada na entrada oposta.

— Saia do meu caminho!

Olhei para trás e assisti Pham se esforçar para parar um homem com um terno que tentou empurrar uma mulher mais velha para que ele pudesse chegar primeiro às escadas.

E essa foi a minha sugestão. Empurrei a multidão, agarrando-o pelo braço. Vi fogo de fúria em seu rosto substituído por confusão rápida, e depois raiva novamente quando o puxei.

— Tire suas mãos de mim.

Puxei-o para perto pela lapela do casaco muito caro. — Você não deixará esta situação pior e mais perigosa por ser um idiota. Se não pode seguir as regras, você vai para o final da fila.

Ele tentou afastar minhas mãos.

Ênfase no *tentou*.

— Eu sou mais forte do que você. Posso garantir que você será a última pessoa a sair deste barco, ou posso chamar o *Tribune* e informar que você simplesmente tentou empurrar uma mulher vinte anos mais velha para que descesse a escada.

— Eu vou acabar com você por isso.

— Duvido. Mas meu nome é Merit, Sentinela da Casa Cadogan. Você quer acabar comigo? A Casa é fácil de encontrar.

Isso colocou o temor de Deus em seus olhos.

— Exatamente, — eu disse. — Coloque sua bunda na fila.

Ele voltou para a posição, permanecendo lá até a vez dele. — Que obra de arte é o homem, — murmurei, e me virei a tempo de ouvir uma mulher gritar quando o barco estremeceu. Ela avançou com as mãos estendidas, conforme algo desaparecia ao lado do barco.

Seu filho caiu do barco e em uma placa de gelo, gritando de terror. Ele deslizou através do gelo quase até a borda serrilhada, conseguindo parar antes de se precipitar na água escura.

Havia cortes em suas bochechas por raspar no gelo, e seu rosto estava pálido com medo. Mas ele estava inteiro.

— Vou pegá-lo! — Gritei e olhei para a lisa placa de gelo, um pedaço do tamanho de uma poltrona reclinável. Eu não podia pular sobre ele. Ainda se mexia na água não completamente congelada, flutuando agora, mas talvez se eu não colocasse todo meu peso e a força do meu salto sobre ele. Se não aguentasse, ambos acabariam na água.

*Criança no mar*, eu disse a Ethan. *Eu vou atrás dele.*

*Tenha cuidado*, ele disse, mas eu já estava me movendo, não me incomodando em esperar por uma resposta.

A criança caiu do lado que se inclinava em direção à água, provavelmente tendo escorregado na neve que se fixou como concreto ao redor do convés quando a temperatura começou a cair. *Vampiro do gelo chegando*, pensei, e fiquei de joelhos na grade. Havia cordas que ligavam um convés ao outro nesta parte do navio. Se fosse cuidadosa, e muito afortunada, eu poderia conseguir um ponto de apoio.



Fiquei feliz por usar minhas botas.

— Meu bebê! — A mãe gritou quando me levantei, colocando uma perna sobre a grade.

— Qual o nome dele? — Perguntei, colocando a outra perna, o que me deixou balançando ao longo da lateral do barco. Mantive um aperto de ferro no aço congelado, os dedos frígidos. Uma pena eu não ter pensado em usar luvas.

— Stephen, — ela disse, torcendo os dedos com nervos compreensíveis. — O nome dele é Stephen.

— Vou buscá-lo e trazê-lo para você. — Olhei em busca de algo útil para ela fazer. — Pegue essa boia, — eu disse a ela, gesticulando para o círculo branco com letras escritas em vermelho que pendiam ao longo da grade há poucos metros de distância.

— Mantenha a corda presa, e fique perto do corrimão. Quando eu lhe der o sinal, jogue-a para mim.

Ela concordou, escolheu o seu caminho pelo convés inclinado com as duas mãos no corrimão e tirou a boia.

Respirei fundo e tirei o primeiro pé do corrimão inferior, esticando e procurando a corda que pendia abaixo.

Mas eu era muito pequena, ou a corda estava muito longe, dependendo da perspectiva. Eu teria que soltar os dois pés.

— Dedos, não falhem comigo agora, — murmurei e soltei uns trilhos para segurar o próximo, depois movi mão sobre mão até ficar pendurada no trilho inferior, os pés suspensos no ar devido à chapa do barco. Meus anéis de casamento e noivado picavam o meu dedo, mas ignorei a dor, concentrando em encontrar a corda com o dedo. O convés inclinado colocou a corda pelo menos um metro e meio na minha

frente, e tive que me balançar como uma ginasta para me curvar para frente. Demorou um momento de desajeitada procura, mas meus dedos começaram a pegar.

Olhei para baixo, lutando contra a súbita vertigem causada pela água balançando abaixo de mim. O rio estava a poucos metros abaixo, uma pequena gota. Mas sua placa de gelo se afastara a poucos metros, conduzida pela corrente do rio. Outra placa de gelo tomou seu lugar.

Não havia ajuda para isso. Fiquei de olho no gelo, marquei os segundos até que pudesse pousar o mais diretamente possível e soltei.

Caí agachada no gelo, um quadrado no meio.

E deveria saber melhor do que ficar preocupada com isso.

Houve um respingo no outro lado do barco, um grito. Mais alguém caiu na água. E esse movimento, tão leve, inclinou o gelo. Antes que eu pudesse reagir, a placa inclinou, enviando-me para trás. A mudança no meu peso inclinou o gelo ainda mais, e não havia nada para agarrar, nada para segurar.

A mulher no corrimão gritou, e então eu estava debaixo d'água.

## CAPÍTULO 12



# Coração de gelo

O frio foi instantaneamente doloroso, cada célula e nervo gritava alertas simultâneos de que algo estava muito, muito errado. Que a água estava muito fria, a temperatura muito baixa, e eu estava em perigo.

Eu emergi, suguei o ar, tirando a água gelada dos meus olhos. Agarrei a placa de gelo mais próxima, procurando por algo que eu pudesse agarrar para subir. Mas meus dedos das mãos e pés estavam entorpecidos, e era difícil segurar. E não tinha sentido, eu percebi, meu cérebro instável. Se eu estava na água, também poderia mirar no gelo em que o garoto estava.

Nadei através da lama, afastando o gelo do caminho, meus dedos azuis com frio, até a massa de gelo flutuante onde Stephen chorava, as mãos segurando a borda do gelo. Ele usava uma camiseta e shorts, e provavelmente estava com tanto frio quanto eu.

— Oi, — eu disse na beira da água, tentando não deixá-lo ver meus dentes batendo. — Você é Stephen, certo?

Ele concordou, seus enormes olhos azuis se encheram de terror.

— Excelente. Sou a Merit e vou ajudá-lo a voltar ao barco.

— Você é uma sereia?

— Não exatamente, — eu disse, e virei o gelo em direção ao barco, nadando enquanto nos empurrava em direção a ele. De repente, eu estava novamente nas lições de natação com uma prancha – exceto que aquelas lições nunca foram em água gelada no meio do rio Chicago.

Nadei o máximo que pude, e senti o rio congelar ao redor dos meus pés. Estava nadando rio acima e cada bater dos meus pés ficava mais difícil, como nadar em areia movediça.

— Boia! — Consegui falar através de dentes tremendo, e levantei uma mão. — Stephen, querido, vamos colocar isso em você, tudo bem?

— Espere! — Eu disse. — Puxe-o! — Gritei para quem ainda pudesse me ouvir, e eles começaram a puxá-lo para o navio.

— Stephen! — Sua mãe chegou ao convés inferior.

— Aquil! — Um homem gritou, estendendo uma mão para ajudar a me puxar a bordo. Mas aquela mão parecia tão longe, e pareceu ficar cada vez menor. Eu não conseguia entender como isso era possível, como o mundo poderia encolher. E à medida que sua mão se afastava, a dor brutal do frio que se alojara nos meus ossos como um câncer começou a desaparecer.

Abaixei-me e comecei a afundar como uma pedra. Eu não estava flutuando, minhas roupas estavam pesadas e molhadas, e a água grossa desacelerou meu progresso em direção à superfície.

Abri os olhos na água escura, assisti a luz sobre o espesso gelo. Eu chutei e me empurrei para cima, embora o gelo na água me empurrasse como valentões em um corredor de escola do ensino médio. Mas o gelo acima de mim estava congelado, solidificando-se em uma tampa acima da água. Eu cavava no gelo com dedos entorpecidos, mas era muito sólido para escavar, muito grande para simplesmente afastar. O pânico arranhou a minha garganta, meus pulmões implorando por ar.

Manchas escuras apareceram na minha visão. Enquanto eu afundava novamente na água, o pânico desapareceu para uma espécie de aceitação resignada.

Não pensei em saber como o afogamento parecia, mas não teria imaginado que era assim. Não havia pânico agora, apenas a constatação de que eu estava no fundo, e provavelmente ficaria sem oxigênio em breve.

O Eu-Pensando estava separado do Eu-me-Afogando, e a primeira assistia a segunda com curiosidade dissociativa. *Estou me afogando? Que estranho.*

*Não consegui ficar casada por muito tempo, pensei. Seria bom ficar casada, ser a primeira-dama da Casa Cadogan, por um tempo mais longo. Estar com Ethan por um tempo mais longo.*

*Ethan, eu pensei. Ethan. Ethan.*

A palavra, o nome dele, o conhecimento dele, foi como luz em um quarto escuro. Isso me tirou da consciência desvanecendo, da letargia e da aceitação que os meus ossos e músculos doloridos desejavam. Qualquer coisa para tirar essa dor.

*Ethan.*

Eu chutei, empurrando com cada grama de energia que meu corpo poderia poupar, mãos erguidas para esfaquear o gelo, quando uma mão apareceu na água, me agarrou pela parte de trás da minha jaqueta, como um cachorrinho sendo puxado do perigo pelo pescoço.

Eu emergi na superfície e engasguei por ar, a dor do frio cortando-me novamente como uma adaga.

Deixei ele me puxar para o barco e caí sobre o meu lado, cuspidando o que parecia litros de água do rio.

— Sentinela, eu nunca mais deixarei você sair da Casa novamente.

Concordei, deixando-o me ajudar a sentar. Tudo doía, e não conseguia parar os tremores que sacudiam o meu corpo. — Não... É uma má... Ideia. Também consertar o tempo, provavelmente.

Ele tirou minha jaqueta molhada e envolveu um cobertor térmico de prata cintilante ao meu redor, então tirou os cabelos úmidos do meu rosto.

— Ouvi você chamar o meu nome, — ele disse.

Pensei nisso. Não percebi que havia dito ou que ele havia ouvido. Mas graças a Deus por isso.

Inclinei-me, o abracei, e deixei sair o soluço que estava preso na minha garganta.

Graças a Deus por ele.

\*\*\*\*

A multidão ficou agradecida e grata quando cruzamos as escadas de volta para Michigan Avenue. Mas nossas roupas estavam molhadas e crocantes do ar congelado, e havia cristais de gelo no meu cabelo. Senti como se estivesse congelada por dentro, como se os cristais realmente comesçassem a se formar no meu sangue.

— Bom trabalho como sempre, — meu avô disse. — Embora absolutamente aterrorizante.

— A maioria das coisas que ela faz hoje em dia é assim, — Ethan disse.

Meu avô se aproximou. — Ela precisa ir ao hospital? Seus lábios parecem... Azulados.

— Não, — Ethan disse. — Vamos mantê-la acordada e em movimento, e qualquer coisa que possa ter sido danificada se curará. — Seu olhar esquentou. — E

quando ela estiver se sentindo cem por cento novamente, teremos uma conversa muito longa sobre mergulhar em um rio congelado.

Desde que isso soou muito mais vistoso do que ter subido ao rio e caído no último momento, eu o deixaria acreditar nisso. E sim, não foi a minha melhor jogada. Mas a família Patton estava super feliz com minha imprudência no momento, e esse era o único resultado que importava.

Pierce caminhou em nossa direção. Ela abandonou o fone de ouvido, mas adicionou uma jaqueta do CPD que era muito grande para seu corpo atlético. — O Departamento de Gestão de Água está enviando um navio para quebrar o gelo para manter o tráfego em movimento. Nós vamos manter o tráfego automotivo redirecionado sobre esta parte de Michigan até descobrirmos o que está acontecendo. — Ela apontou seu olhar diretamente para o meu avô.

— Espero que seja algo que você possa fazer.

— Eu também, — ele disse.

— Eu acho que queremos conversar com Winston, — Ethan disse. — Mas nós precisamos ir primeiro para a Casa, trocar de roupa. — Ele olhou para mim. — Eu liguei para Brody. Ele está a caminho, e nos encontrará ao longo do rio. — Ele olhou para os limites da polícia, os sinais de desvio, o congestionamento geral. — É melhor ficar fora disso.

Meu avô concordou. — Melhor ficar fora do Loop, se possível. Quanto a Winston, avise-me quando estiver pronto, e nos encontraremos no portão.

— Nós faremos isso. Vamos, Sentinela, — Ethan disse, colocando uma mão na minha cintura. — Vamos para casa.

*Preciso estar com meu povo por um momento*, ele disse silenciosamente.

E na Casa dele, pensei, atrás da cerca, onde os Noviciados não precisavam desse mesmo tipo de salvação.

\*\*\*\*

Caminhamos em silêncio através da multidão, aceitamos acenos e sorrisos educados, agradecimentos e tapinhas nas costas. Estávamos cansados o suficiente para que os acenos e sorrisos fossem as únicas respostas que poderíamos dar.

— Senhor, — Brody disse, abrindo a porta do grande SUV preto que ele dirigiu para nos pegar. Sem dúvida, seria melhor controlar a neve do que as rodas atuais de Ethan – um elegante carro esportivo que estava melhor equipado para as estradas retas do que estradas congelando.

Para seu crédito, Brody ligou o calor e os aquecedores de assento. Eu estava dormindo antes de deixar o Loop, minha cabeça apoiada no ombro de Ethan.

Acordei novamente quando Brody estacionou o veículo em frente ao portão, e saiu do carro para abrir a porta para nós. O portão estava fechado, mas os guardas humanos o abriram o suficientemente rápido, desde que estavam à nossa vista. Pela primeira vez, entramos na propriedade da Casa Cadogan como marido e mulher.

Antes que eu pudesse discutir, Ethan me pegou.

Coloquei um braço ao redor do pescoço dele. — Acho que está um pouco atrasado para isso, não é?

— Carregar a esposa até a porta é uma tradição. E talvez seja uma boa sorte. Podemos precisar um pouco.

Nenhuma discussão.

— Parabéns!

A porta se abriu para outra cacofonia de som, mas essa cacofonia era muito melhor do que a última. Lindsey, Luc, Malik e mais duas dúzias de vampiros estavam no saguão sob um cartaz dourado escrito PARABÉNS pendurado no teto decorado.



Sopravam cornetas de papel dourado e bolhas de pequenas garrafas douradas enquanto Margot colocava copos fumegantes de chocolate quente e sangue aquecido.

— Você não teve uma lua de mel, — Lindsey disse, — Então decidimos que você precisava, pelo menos, de um olá de boas-vindas. E uma oportunidade para se aquecer.

— Você deve estar congelada! — Margot disse.

— Estive mais quente, — concordei. — E a temperatura ainda está caindo.

— Você fez um trabalho incrível, — Malik disse.

— Foi uma noite e tanto até agora, — Ethan disse, balançando a cabeça para a oferta de chocolate quente. — A prefeita estava preocupada, mas parece dirigir a pressão para o escritório do *Omdubsman*, em vez de nós.

— Ele pode lidar com isso, — Malik disse enquanto pegava o copo de chocolate quente e tomava um gole profundo. Brody se ofereceu parar para um café, mas eu queria principalmente chegar em casa o mais rápido possível.

— Ele pode, — Ethan concordou. — E ajudaremos o possível. Ver o rio congelando – foi algo completamente diferente.

— Nenhuma alma perdida, — Luc disse, dando uma tapinha no braço dele como parabéns. — Então, é uma coisa a mais para comemorar.

— É, — Ethan concordou. — Mas o envolvimento de Sorcha não é. A neve e a temperatura parecem ser os primeiros passos. Você viu Towerline?

— A maioria dos canais está mostrando imagens ao vivo, — Luc disse. — É difícil de evitar. O que era aquilo?

— A fonte do tempo, — eu disse, e estremeci involuntariamente.

— Além disso, não sabemos, — Ethan disse. — Ela precisa trocar de roupa. Dê-nos alguns minutos; então nos encontraremos na Sala de Operação. Vamos discutir os detalhes então.

Luc deu uma continência. — Sire. — Ele olhou para mim. — Senhora Sire.

— Não, — eu disse, balançando a cabeça. — Não quero saber disso aqui.

Chegamos à escada, mas paramos ao vermos o obstáculo que nos esperava. Helen estava ali, com as mãos cruzadas. Esperando.

*Firme, agora, Sentinela. Ela não é tão ruim quanto os humanos delirantes.*

Fácil para ele dizer. Helen adorava Ethan. Embora, quando olhou, ela direcionou olhares duros para nós dois.

— Suas malas foram levadas para o andar de cima, e os convidados do casamento já foram embora.

Ethan assentiu. — Obrigado, Helen. — Ele deu um passo à frente para continuar subindo a escada, mas ela levantou a mão.

— Suas roupas de casamento foram severamente danificadas. — Ela olhou para Ethan. — Um terno Turnbull & Asser. — Ela olhou para mim. — Um vestido Chanel. As duas roupas teriam sido partes importantes dos arquivos da Casa.

— Nós fomos atacados.

— Eu estava inteiramente preparada para lembrar a você da importância de manter a imagem desta Casa, ser apropriado. Mas você fez o certo por esses seres humanos pobres e iludidos. Então, as peças serão reparadas – na medida em que possam ser reparadas – e colocadas no arquivo.

— Sua eficiência é apreciada, assim como a sua preocupação com o legado da Casa.

— Sim, bem, — Helen disse. E com um aceno rápido, ela saiu do caminho.

*Acho que nós nos livramos fácil*, eu disse silenciosamente.

— Sire. Merit.

*Que azar*, Ethan disse, e olhamos para trás.

— Realmente foi um belo casamento. Parabéns a vocês dois.

Com isso, ela desapareceu pelo corredor.

Elogios de Helen? Definitivamente nos livramos com facilidade.

\*\*\*\*

O banho no Portman Grand foi bom. Mas um banho na minha casa – com Ethan esfregando shampoo em meu cabelo? Melhor ainda.

Ele me deixou ficar sob a água até que eu ficasse aquecida novamente. O banho parecia enxaguar a tensão da noite, ou pelo menos os pedaços que não estavam firmemente cavados nos meus ossos e nos músculos. Essa tensão não seria atenuada até Sorchia estar presa. E eu espero que o CPD não a deixe escapar do alcance deles desta vez.

Eu debatia se colocava jeans ou couro, perguntando-me quanto mais problemas teríamos antes do nascer do sol novamente. Decidi pelo jeans. Eles não eram tão bons em uma batalha, mas ficavam mais à vontade. Eu estava apostando todas as minhas fichas que *não haveria mais batalhas esta noite*, embora soubesse que as chances não eram favoráveis.

Jeans, botas, camisa de manga comprida, jaqueta de couro, o pingente da Cadogan. Era meu uniforme Cadogan, ajustado para as súbitas questões da temperatura.

— Venha aqui, — Ethan disse, e me abraçou. — Eu preciso de um momento aqui, com você, no silêncio.

Ethan era forte e geralmente exigente, e sempre seguiu esse caminho em particular. Acho que esqueci que até mesmo um Mestre precisava de uma pausa de vez em quando.

— Foi uma primeira noite alegre de casamento, — ele disse.

— Maldito clima mágico, uma operação de resgate no rio, uma reunião com a prefeita, e algumas escolhas questionáveis de comida. — Eu olhei para ele. — Nós não dissemos do *melhor para o pior*, mas estava implícito.

Ele beijou minha testa. — Um desses dias nós teremos *melhor* em abundância. Haverá noites tranquilas com livros e bom uísque, viagens a locais exóticos e muitos Mallocakes.

Ele não disse que haveria noites com uma criança, a alegria e a exaustão dessa experiência. Tem sido uma montanha-russa emocional – aceitando o fato de que ser um vampiro significava não ter uma criança, deixando a esperança se reerguer novamente com a profecia de Gabriel, tendo esse sonho amortecido por uma forte dose de medo. Entre os pronunciamentos de Gabriel, houve uma alegria provisória, a possibilidade de poder seguir essa linha entre vampiro e humano – ter Ethan, imortalidade, força e uma criança. Agora, essa linha parecia improvável.

Nunca fui boa com a incerteza. Então afastei isso, concentrando no que era real, no que era certo. Ethan ao meu lado, a Casa atrás de mim.

— Isso parece muito bom, — eu disse, forçando um sorriso.

Às vezes, isso *era* o suficiente.

\*\*\*\*

A Sala de Operações era uma concentração da segurança da casa, com canais para monitorar câmeras de segurança ao longo de uma parede, uma mesa de conferência, uma enorme tela na parede para revisar dados e locais de mapeamento, e estações de computador para pesquisas.

Informalmente, a sala apresentava potes de beef jerky<sup>11</sup> que precisava substituir pelo menos a cada duas semanas. Ainda não ouvi uma piada sobre carne salgada, mas eu precisava assumir que um dos guardas tinha um na câmara e estava preparado. Isso estava realmente vencido.

A Sala de Operações ficava no porão, juntamente com o acesso ao estacionamento da Casa, o impressionante arsenal da Casa e um dos meus lugares favoritos, a sala de treinamento da Casa.

Encontramos Luc em sua posição habitual – na extremidade da mesa de conferência, tornozelos cruzados no topo da mesa. Ele passava um dedo na tela de um tablet, provavelmente mexendo no aplicativo de segurança que projetara para a Casa. Ele olhou para cima quando entramos, mais chocolate quente na mão, desta vez com uma pitada de Bailey's.

— Sire e Primeira Dama, — ele disse, sentando-se e colocando os pés no chão. — A Segurança da Casa Cadogan votou para que você não deixe a casa. Parece mais seguro dessa maneira.

— Para todos os envolvidos, — Ethan concordou, e sentou-se a mesa. — Alguma evolução?

— Jules? — Luc perguntou, olhando para Juliet, que estava sentada no outro lado da mesa, uma pilha de livros e papéis na frente dela. Ela digitou algo no tablet incorporado, e uma imagem da nuvem apareceu na tela. — Ela nos levou para o prédio do outro lado da rua, o que nos dá uma boa visão do lugar.

---

11 Produto tipicamente norte americano feito a partir de carne desidratada ao qual se adicionam condimentos especiais para cada tipo de gosto.

Era uma boa visão – em cores e surpreendentemente claro para uma webcan, especialmente à noite. A ferocidade e a enormidade da nuvem passavam alto e claro. Para o bem ou para o mal, parecia que nada mudou. A nuvem continuou a girar, como um tornado esperando um momento para atacar.

— Sem mudanças, — Luc disse. — Exceto que a temperatura continua caindo. São quinze graus agora. O rio está gelo sólido.

— Quão amplo é o efeito? — Ethan perguntou.

— Divida a tela, Jules.

— Nisso, — ela disse, mordendo o lábio enquanto digitava. Um mapa isotérmico apareceu na tela, com faixas de cor mostrando cada mudança de temperatura. Fora de Chicago, as temperaturas eram quentes, faixas em tons de verde. Quanto mais perto você chegava ao centro da cidade, mais azul cada faixa, e a temperatura mais fria.

Então, o efeito da temperatura estava limitado a Chicago e centrado no centro. Esta não foi a primeira vez que vimos esse tipo de foco geográfico da Sorcha.

Olhei para Juliet. — Você pode sobrepor a rede alquímica da Sorcha em cima disso?

Ela franziu a testa, olhando para o tablet outra vez. — Acho que sim. Deixe-me brincar com isso por um segundo... Preciso encontrar a imagem certa.

Ela bateu nas teclas, olhando para a tela. Uma foto do capitão América pairava acima da cidade.

— E esse é claramente o arquivo errado, — ela disse. — Alguém já está salvando arquivos gráficos na pasta de trabalho novamente. — *Tosse. Tosse.*

Todos nós olhamos para Luc.

— Por que você me culpou por isso?

Continuamos olhando Luc.

— Apenas fazendo minha pesquisa, — ele disse. — Capitão América contra um vampiro. Quem ganha?

Na verdade, era uma questão interessante, mas este não era o momento ou lugar para isso.

— Só um segundo, — Juliet disse. Demorou mais que alguns segundos. Mostrou imagens de Batman, Viúva Negra e o Falcão antes que a brilhante grade verde abaixasse para o mapa que ela havia colocado.

Sorcha trabalhou sua magia sobre a cidade em um padrão muito específico de pontos quentes alquímicos destinados a formar uma espécie de rede ao redor da cidade. O tempo congelado desta noite coincidiu com essa rede quase exatamente, com o ponto mais frio centrado sobre o edifício Towerline.

— Bem, eu não posso acreditar, — Luc disse.

— Ou Sorcha gosta muito de voltar à cena do crime, — eu disse, — Ou ela está fazendo uso do que fez antes.

— Talvez ela esteja aproveitando algo deixado para trás, — Ethan disse. — Capitalizando a magia que derramou na rede alquímica durante seu último passeio?

— Talvez, — eu disse. — Catcher acha que é o que está causando os delírios, afinal.

— Seria preciso muita energia para congelar o rio, — Ethan murmurou enquanto olhava para os gráficos.

Envolvi minhas mãos em torno da caneca que Margot encheu para mim, deixei meus dedos tirar o calor da cerâmica lisa... E percebi o que estava acontecendo.

— *Oh*, — eu disse.

Ethan se virou para mim. — Oh?

Peguei a mão dele e apertei contra a caneca. — Quente?

— Sim?

— Porque seus dedos estão absorvendo o calor?

— Sim-oh. — Ele inclinou a cabeça para o mapa. — *Oh*.

— Oh, — Luc disse; os olhos indo da caneca para o mapa. — Muito bem, Sentinela.

— A formação da nuvem é um tipo de dissipador de calor, — falei. — Está puxando o calor da atmosfera. É por isso que fica mais frio quanto mais perto se chega a Towerline e a formação.

— Ela está tirando o calor de Chicago, — Luc disse. — Ela vai congelar a cidade?

— Possivelmente, — Ethan disse calmamente. — Embora, como apontou Catcher, isso não é uma ameaça para Chicago. Nós já lidamos com tempestades de neve antes.

— Talvez ela espere repercutir outra era do gelo, — Juliet sugeriu.

— Talvez, — Ethan disse, mas ainda não pareceu totalmente convencido. — No caso desse plano, prepare a Casa. Verifique os nossos fornecimentos, os túneis de emergência, os geradores.

— Sobre isso, — Luc disse, apontando um dedo para Juliet. Ela assentiu, voltando para o computador e começou a fazer os preparativos. Ao fazer isso, enviei uma mensagem para Jeff e Catcher sobre o tempo.

— Os delírios e o tempo têm Towerline em comum, — eu disse, e expliquei a Luc o que soubemos a partir de Jeff sobre as conexões dos dois humanos com o prédio.

— Mas não há conexão óbvia entre os delírios e o clima, — Luc disse.



— Não que possamos dizer até agora, — Ethan disse, e ergueu o olhar para o mapa novamente. — Mas o Towerline é claramente a chave. Talvez o Sr. Stiles possa nos dar uma visão sobre os delírios, e isso nos dará uma visão do resto. — Ele afastou sua cadeira para trás, um sinal de que era hora de sair. — Vamos ver o que ele tem a dizer.

— Antes de irem, — Luc disse, levantando-se para nos encontrar, — Linds e eu conseguimos algo para vocês. Ela está patrulhando, mas queria que eu desse para vocês.

— Vocês não precisavam... — Ethan começou, mas Luc balançou a cabeça.

— Nós queríamos. — Ele se levantou e caminhou até a mesa dele, abriu uma gaveta e puxou um pote de castanha.

— *Oooh*, — eu disse, mas Luc balançou a cabeça.

— Não é só para você, Sentinela. Isto é para vocês dois. — Ele puxou uma caixinha embrulhada com um brilhante papel alumínio e um laço em cima.

— Nossos parabéns, — Luc disse, e ofereceu a caixa com os braços estendidos, como se apresentasse um presente ao rei. O que eu acho que não estava longe da verdade.

Coloquei uma mão nas costas de Ethan quando ele retirou o papel, revelando uma bonita caixa azul da cor do ovo do Tordo Americano<sup>12</sup>. Ele abriu e afastou o delicado papel branco. O sorriso dele floresceu, e me mostrou. Aninhado dentro da caixa estava um pequeno retângulo de prata com SULLIVAN/MERIT gravado em elegantes letras maiúsculas.

Corri um dedo ao longo da borda lisa e brilhante.



— É para a porta do apartamento de vocês, — Luc disse. — Nós pensamos que seria um toque agradável – lembrando a todos que é um espaço compartilhado agora.

Pode haver caos do lado de fora da casa. Magia que não entendemos e inimigos que ainda não podíamos identificar. Mas aqui, dentro dos nossos salões, havia família.

— Esse é um pensamento maravilhoso, — eu disse. — Muito obrigada, a você e Lindsey.

— De nada, Sentinela. Pedirei a Helen que coloque para vocês enquanto vocês estão no meio do caminho.

— Obrigado, — Ethan disse, e ofereceu a mão. — É apreciado.

Eles apertaram as mãos, o momento cheio de amizade e sentimentos. E sendo alfas em todos os sentidos da palavra, eles sacudiram rápido o suficiente.

— Saiam daqui, seus loucos. E tenham cuidado com os criminosos.

Essa era uma boa lição de vida.

# CAPÍTULO 13



## Nimby<sup>13</sup>

Chicago mantinha seus presos sobrenaturais longe da população humana. A fábrica compreendia uma dúzia de edifícios, no mesmo tijolo vermelho, é claro, em um círculo ao redor do maior, onde os prisioneiros eram mantidos.

Brody estacionou o SUV no final da estrada de cascalho perto da dupla cerca recentemente instalada. Se não fosse por essa cerca, e as torres erguidas ao longo do perímetro, você não saberia que isso era uma prisão. Mas essas torres provavelmente receberiam guardas em breve. Guardas com armas de fogo e espingardas.

A neve ainda estava caindo, jogando uma manta branca e bonita nas terras da fábrica, o que fazia tudo parecer um pouco mais limpo, um pouco menos prisão. Também amortecia o som, então dificilmente podíamos ouvir o barulho da cidade daqui.

Meu avô estacionou o seu grande e quadrado sedã ao lado do nosso e saiu do carro. Ele vestia luvas de malha e um chapéu correspondente contra o frio, provavelmente algo que a esposa de Robert, Elizabeth, havia feito para ele. Ela era uma costureira. Não que ela se dignasse falar comigo atualmente, mas isso era uma questão para outro dia...

— Foi uma boa ideia, — o meu avô disse, andando em minha direção no portão da prisão. — Ver se a mudança de temperatura coincidia com a rede de Sorch.

— Alguma ideia do por que combinarem? — Perguntei.

---

13 Uma pessoa que se opõe à localização de algo percebido como desagradável ou potencialmente perigosos no próprio bairro, como um aterro sanitário ou instalação de resíduos perigosos, especialmente ao não levantar nenhuma dessas objeções a desenvolvimentos semelhantes em outros lugares.

Meu avô balançou a cabeça. — Muitas hipóteses, mas nada concreto. Talvez não tenhamos nada até que ela dê o próximo passo. — Ele lançou uma olhada para o céu, que estava obscurecido pela neve caindo. — E não há como dizer o que isso pode ser. — Ele voltou a olhar para mim. — Você ficará bem?

Ele estava pensando em Logan, o vampiro que me transformou. Eu não estava, ou não estivera. Isso fazia parte do acordo que fiz comigo mesma – eu o deixaria viver, mas o tiraria da minha mente. Ele não controlaria minha vida.

Meus olhos ficaram frios. — Se for esperto, ele ficará longe de mim.

— Ele está em um setor diferente da ala, — meu avô disse. — E os humanos estão em um prédio completamente diferente.

— Então, vamos ficar bem, — eu disse, e Ethan colocou uma mão nas minhas costas.

*Essa é minha garota.*

Um guarda em um carrinho de golfe parou dentro do portão, saindo para abri-lo.

— Sr. Merit, — ele disse, depois acenou com a cabeça para nós.

— Acredito que esta é a sua carona, — meu avô disse.

Olhei para ele. — Você não vai conosco?

— Acho que vocês terão melhor sorte se falarem com ele sozinho. Ele quer se desculpar com você, — ele olhou para Ethan, — Ele foi até você para pedir ajuda. Ele pode ser mais aberto se eu não estiver lá. — Ele sorriu. — Mas façam boas perguntas.

Assenti. — Faremos o nosso melhor.

\*\*\*\*

Eu não sabia para o que este edifício era usado – fornos, talvez? Depósito? Era grande e aberto, com paredes de tijolos e um chão de concreto pontilhado por cubos, os compartimentos nos quais os sobrenaturais eram mantidos. Winston estava em um canto da sala.

O guarda nos acompanhou silenciosamente até o compartimento, e apontou para a faixa amarela ao redor da cela. — Fiquem deste lado da cela, — ele disse, então olhou para o relógio. — Vocês têm quinze minutos.

Ele iniciou um temporizador com um sinal sonoro, depois se moveu para uma estação ao longo da parede com um computador e uma câmera de segurança.

Winston Stiles sentava na borda de uma cama de metal montada na parede, um colchão pequeno em cima dela. Os cotovelos estavam sobre os joelhos, as mãos juntas e os olhos fechados. Sua testa estava franzida, sua boca movendo-se em silêncio, como se estivesse em oração.

Ele parecia menor com o macacão azul claro. Parecia mais limpo, o cabelo escovado e o rosto barbeado. Também parecia mais alerta e um pouco menos delirante. Mas sua pele ainda estava pálida, seus olhos vazios, suas bochechas afundadas.

— Sr. Stiles, — Ethan disse.

Ele piscou, virando a cabeça em nossa direção. E seus olhos se arregalaram, o horror florescendo. — É você. — Ele se levantou com um salto e correu para as barras tão rapidamente que pisei na frente de Ethan, empurrando-o para trás, e pelo som, isso não deixou Ethan feliz, e irritou o Sr. Stiles.

Ele envolveu os dedos em torno das barras que estavam alinhadas na frente da cela e olhou-me com olhos suplicantes. — Sinto muito. Sinto muito pelo que aconteceu. — Ele olhou para Ethan. — Eu sinto muito. Não queria fazer – eu estava derrotado. Queria ajuda, e não consegui descobrir como fazer isso parar, e

simplesmente... Eu simplesmente perdi o controle. — Sua expressão se fechou, a culpa pesava em seus olhos quando ele olhou para mim. — Eu sinto muito.

— Está tudo bem, Sr. Stiles, — eu disse, oferecendo-lhe o conforto que consegui atrás da linha amarela. — Nós sabemos que não é culpa sua.

— Vocês sabem?

— Você não causou o problema, Sr. Stiles, — Ethan disse. — Você foi vítima disso. E estamos tentando identificar o autor.

— Por favor, me chame de Winston. O autor... — sua voz se apagou conforme considerava a palavra e suas implicações. — Você acha que alguém fez isso comigo? Você acha que não estou apenas louco?

— Você não está louco, Winston, — eu disse. — Nós pensamos que você foi afetado pela magia. Mas não sabemos o porquê, e não temos certeza de como.

— Houve outro incidente na noite passada, — Ethan explicou. — No centro da cidade. Mais pessoas como você ouviram coisas que as perturbaram, fizeram-nas lutar entre si. Algo está fazendo isso com as pessoas. Mas não temos certeza do quê. É por isso que estamos aqui.

Ele concordou, arrastando uma mão em sua mandíbula. — Tudo bem. Tudo bem.

— Winston, você pode nos falar sobre a voz que ouviu? — Perguntei. — O que dizia?

Ele coçou a têmpora. — As únicas palavras que eu lembro eram *olá* e *estou aqui*. Ele disse essas palavras muitas vezes.

— Ele? — Perguntei. — Era homem?

Ele fez uma pausa. — Bem, sim. Acho que não pensei nisso, mas sim. Eu acho que era uma voz masculina. Era profunda. Eu tinha a sensação de que ele queria que

alguém o ouvisse. Queria isso desesperadamente. Como se estivesse com dor, confuso, e precisasse ser notado.

— Ele estava ferido? — Perguntei. — Ele precisava de ajuda?

— Talvez, mas realmente não sei. Não era tão específico, se é que você me entende. Estava implorando, na verdade.

Ethan assentiu. — Você poderia dizer de onde veio a voz?

— Não, além de dentro da minha cabeça, quero dizer. Sei que isso parece louco, mas eu podia ouvi-lo – realmente ouvi-lo, como se alguém aumentasse o volume da televisão. Não era como uma alucinação, ou como se eu estivesse fingindo. Era real, exceto que eu era o único que podia ouvi-lo.

— Era só um som? — Ethan perguntou. — Você viu alguma coisa? Ouviu mais alguma coisa?

— Bem, não. Eram apenas palavras. Apenas as mesmas palavras, repetidamente. E alto. Alto demais. — Ele esfregou a orelha, estremecendo.

Ah, mas não era só o barulho, era? — E o cheiro, Winston? Você sentiu alguma coisa?

Ele parecia confuso. — Sentir alguma coisa?

— Quando você ouviu a voz, ou talvez antes de começar a ouvir isso, você sentiu algo incomum?

Ele olhou para baixo, parecendo um pouco desfocado enquanto considerava a questão. — Agora que você mencionou isso, sim. Muitos anos atrás, eu trabalhei em uma fábrica em Skokie – nós fazíamos certos produtos de beleza – esmaltes e outras coisas assim. Geralmente, havia um cheiro de solvente no ar. Quando comecei a ouvir a voz, acho que senti algo assim. Não é o mesmo, mas um tipo de cheiro industrial, se isso faz sentido.

— Isso faz sentido, — eu disse, e o sorriso de Winston era apreciativo.

— Você sente alguma coisa agora? — Ethan perguntou. — Ouve alguma coisa?

— Ah, não. Não desde que eles me apagaram. Contudo, tenho memórias. As palavras eram tão altas que me lembro de ouvi-las.

— Mas as memórias são diferentes? — Perguntei. — Quer dizer, você pode dizer a diferença?

Ele concordou. — Com as memórias, eu realmente não ouço. Não é da mesma maneira. Não sei por que é diferente, mas é. Continua alto, no entanto. Como um flashback.

Olhei ao redor da sala; a mesa simples, soldada na parede que tinha um copo, uma maçã e um pequeno caderno. Uma série de tintas em pequenos copos de plástico ao longo de uma única coluna ao lado, juntamente com um pincel antigo e lascado. O punho era largo, como se o pincel fosse feito para crianças.

— Você está pintando? — Perguntei.

Winston piscou por um momento, olhou para trás quando gesticulei para a mesa. — Oh, minhas anotações, você quer dizer? Perguntei se eu poderia ter um caderno, uma caneta. Eles me ofereceram um livro, mas não sou muito de ler. Mas gosto de desenhar.

— Podemos dar uma olhada neles, Winston?

Ele coçou a bochecha distraidamente, e olhou para trás. — Oh, eu não sei. Não há nada particularmente bom lá. É apenas uma espécie de bloco de desenho, você vê. Apenas algo que eu faço para passar o tempo. As noites são longas. Eu pratico para fazer as coisas parecerem, bem, reais, eu acho. E, às vezes, eu apenas escrevo o que vem à mente. Ajuda a limpar a confusão.

Bingo.



— Você disse que queria essas imagens, esses sons, fora da sua cabeça. Você os desenhou?

O entendimento surgiu em seus olhos. — Oh, eu entendo! Claro. Se isso for ajudar, absolutamente. — Ele voltou para a mesa, a bainha de sua calça muito comprida, embaralhando no chão de concreto. *Shush-shush-shush*.

Ele trouxe o livro, estendendo-os através das barras.

A maioria das páginas foi usada. Algumas páginas estavam em branco, apenas um pequeno e preciso esboço de lápis. A visão de Winston de sua cela, os potes de tinta, as mãos em poses diferentes.

— Você tem uma mão encantadora, — Ethan disse, olhando conforme eu virava as páginas.

Winston encolheu os ombros. — Eu acho que isso me relaxa.

Outras eram formas de pinturas abstratas, as quais enchiam a página de uma borda a outra, deixando-as grossas e difíceis de virar, a tinta descascando sob meus dedos. A maioria era em tons de cinza com estrias ou linhas brancas ou pretas, e algumas palavras apresentavam as mesmas cores fortes. Voz em uma, Escutar em outra. Havia várias páginas com blocos brancos e cinza que pareciam dentes, outros com orelhas e espirais de pequenas palavras.

— O que é isso? — Perguntei.

Ele encolheu os ombros. — As bocas, eu acho, que dizem todas essas palavras. As imagens apenas chegam a mim, e eu as desenho.

— Winston, eu poderia pegar isso emprestado? Só por um tempinho, — assegurei-lhe quando ele pareceu cabisbaixo. — Vou devolver, e tenho certeza de que podemos providenciar para que você tenha outro caderno enquanto pegamos este emprestado.

— Por que você o quer? — Ele perguntou.

Tentei escolher minhas palavras com cuidado. — Gostaria de ver seus desenhos novamente quando eu tiver mais tempo. Pensar neles, eu acho. Apenas no caso de nos darem alguma pista sobre o que está acontecendo.

— Tudo bem, — ele disse. — Mas eu gostaria de ter um substituto.

— Cuidarei disso pessoalmente, — Ethan disse.

Coloquei o caderno cuidadosamente dentro do meu casaco a fim de mantê-lo seco na neve.

— Winston, você se lembra da noite do ataque na Towerline? — Ethan perguntou. — Quando Sorchia usou a magia dela?

Ele concordou com gravidade. — Eu lembro. De fato, eu não estava longe de lá quando aconteceu. Fui demitido no início deste ano, tenho trabalhado temporariamente desde então, pegando o trabalho que pude encontrar. Eu estava trabalhando a cerca de um quarteirão – ajudando a descarregar caixas de materiais no Wellworth Hotel para uma convenção de algum tipo – quando aconteceu. — Ele balançou a cabeça. — Uma noite triste. Nunca vi algo assim.

*Bingo*, eu pensei. Outra conexão com a magia caindo em Towerline. — Essa pode ser uma das razões pelas quais você está ouvindo a voz, — eu disse. — Estamos investigando isso.

Seus olhos se arregalaram. — Você acha que peguei algo por causa dessa magia?

— Não é um vírus, — Ethan disse. — Mas pode ter havido alguns efeitos. Nós vamos informar a você se descobrimos o que aconteceu.

Ele concordou e passou uma mão sobre a cabeça conforme parecia considerar. — É por isso que eu fui a Casa Cadogan primeiro. Não, Towerline, — acrescentou para as nossas expressões de surpresas. — Emprego. Tem sido difícil – não ter trabalho permanente – e não é fácil encontrar trabalho como vampiro. Esperava falar com você

sobre um trabalho. — Ele balançou a cabeça. — Parece egoísta agora, ter causado todo esse problema.

— Não é egoísta, — Ethan disse. — É por isso que oferecemos assistência — para ajudar vampiros em situações incomuns.

Winston suspirou. — Não acho que isso me ajude no mercado de trabalho.

— Nós vamos cruzar essa ponte quando chegarmos a ela, — Ethan disse. — Você não estará aqui para sempre. E quando descobrimos o que está causando os delírios, e pararmos isso, você ainda precisará dessa ajuda.

De forma muito deliberada, com seu olhar sobre Winston, Ethan atravessou a linha amarela e estendeu a mão pelas barras da cela de Winston.

Winston deu um passo mais perto. O movimento era cauteloso, mas o aperto de mão não era.

— Obrigado por escutar, — ele disse. — Às vezes, você só precisa de alguém que escute. Que pense que você não está louco.

Sem argumento para isso. A questão era — qual pessoa precisava que Winston escutasse.

\*\*\*\*

Antes de voltarmos para o guarda, parei Ethan com uma mão em seu braço.

— Há alguém com quem possamos conversar. Alguém que possa ter uma ideia do que está acontecendo.

Ethan considerou por um momento. — Você está pensando em Tate.

O ex-prefeito Seth Tate era um dos *bons* seres mágicos criados há milênios, comprimido pela magia e dividido novamente devido à magia negra de Mallory. Ele

confessou um crime que não cometeu a fim de redimir aqueles que ele cometeu, e ficar perto de Regan, sua sobrinha magicamente melhorada, para ajudá-la na sua reabilitação na prisão.

Nós nos conhecemos há muito tempo, e acho que viramos amigos. Ou alguma versão sobrenatural de amigos.

— Além de conversar com Claudia, ele é a nossa melhor e mais antiga fonte de informações sobre magia.

Claudia era a rainha das fadas. Ela estava separada de sua terra natal na Grã-Bretanha e vivia em uma torre em Chicago há centenas de anos. Ela liderou as fadas que guardavam a Casa Cadogan antes de nos traírem. Ela – e o resto – são perigosas.

Ethan considerou por um momento. — Tudo bem. E pode ser bom que você mostre a ele o anel. Lembrá-lo de que você está casada.

— Seth não está interessado em mim, — eu disse. — Não assim. — Eu o conhecia desde que eu era criança; meu pai apoiara suas campanhas desde que ele era um jovem vereador.

— Muito bem, — Ethan disse, pegando minha mão. — Não tenho escrúpulos em lembrar.

Eu olhei para ele, esse homem com ombros largos e cabelos dourados, uma mente brilhante e um espírito rápido, e olhos verdes que estavam focados em mim. Ninguém jamais me olhou do jeito que ele olha – como se pudesse ver quem eu era e o que eu poderia ser simultaneamente. E eu sabia que ele não queria dar o lembrete porque temia que eu me desviasse ou que outros pudessem se interessar, mas por causa de quem e o que eu era para ele.

Porque assim como ele era meu, eu era dele.

\*\*\*\*

Esperamos dez minutos enquanto as perguntas eram feitas, e nosso pedido para conversar com Tate era considerado pelas partes apropriadas.

— Por este caminho, — o guarda disse. Ele liderou o caminho de volta para a primeira fila de celas, onde a cela de Seth estava posicionada.

Seth Tate poderia ter sido um anjo, mas tinha a aparência do tipo anjo caído. Cabelo tão escuro como a meia-noite em torno de brilhantes olhos azuis, lábios generosos e um maxilar quadrado. Usava uma bata preta até chão, embora houvesse pouca coisa que fosse angelical sobre o seu passado.

Onde a cela de Winston era presa por barras, Seth estava de frente para uma longa folha de vidro. Não haveria contato entre nós.

— Merit, — Seth disse, levantando-se de sua cadeira em uma pequena mesa, sua túnica girando em torno de seus pés enquanto se movia. — Ethan. É bom ver vocês. Parabéns pelo casamento. Embora esteja triste, a situação tomou um rumo para o pior. — Ele gesticulou para o jornal espalhado sobre a mesa. — Eu estava lendo sobre o ataque.

— É por isso que estamos aqui, — eu disse. — Algo está acontecendo, Seth.

Seth moveu um passo mais perto. — Que tipo de coisa?

— Você não sente nada? — Ethan perguntou.

— Aqui? — Seth cruzou os braços e olhou para o teto de sua cela. — Não. Mas, novamente, eu passo todos os dias neste prédio muito protegido. E houve muitos desses dias. — Ele olhou para baixo novamente. — Estive bloqueado da magia por muitos meses. O suficiente para que minha capacidade de sentir também desaparecesse.

— Os humanos que nos atacaram ontem à noite estão tendo delírios, — eu disse. — Como o vampiro que me atacou há duas noites.

— O *Tribune* sugeriu que era uma doença. — Os olhos de Tate se arregalaram.  
— Você está doente?

— Estou bem, — eu disse. — Nós não pensamos que seja uma doença, ou qualquer outra coisa contagiosa, ou pelo menos, não da maneira tradicional. Pensamos que seja causado por algum tipo de magia desconhecida, a qual traz um cheiro químico. Isso significa alguma coisa para você?

Seth levantou as sobrancelhas. — Tecnicamente, tudo no mundo é um produto químico.

— Industrial, então, — Ethan disse.

Seth franziu a testa, juntando as mãos na frente dele. — Não é inapropriado. Cada tipo de magia, cada metodologia, tem suas próprias características. Um cheiro industrial, — ele disse, olhando para baixo novamente enquanto considerava. — O que mais isso faz?

— O afetado ouve uma voz gritando com ele, várias e várias vezes, — eu disse.

— O que ele grita?

— Frases simples, — eu disse. — Olá. Socorro. Estou aqui.

Suas sobrancelhas arquearam. — Eles ouvem algo, ou alguém, que precisa de ajuda? Algo está tentando contatá-los?

— Isso são perguntas ou teorias? — Ethan perguntou.

— Sim, — Seth disse. Ele se virou, caminhou até uma extremidade da cela e depois voltou. — Se acredita que é Sorchia, você não estaria aqui perguntando.

— Correto, — Ethan disse. — A cidade ficou de guarda, e as defesas não foram violadas, até a neve.

Seth concordou. — Os afetados têm algo em comum?

— Pelo menos dois deles, e possivelmente mais do que isso, estavam perto de Towerline quando Sorchia fez sua magia pela primeira vez. Os delírios não fizeram com que as defesas soassem, embora a neve tenha feito.

— Algum tipo de efeito latente?

— Isso é o que pensamos, — eu disse. — O que é isso, Seth? Quem é?

— Não sei. Talvez, seu primeiro passo seja descobrir quem, ou o que, precisa da ajuda que estão pedindo.

— Você sabe como eu poderia fazer isso? — Perguntei com um meio sorriso.

— Não, — ele disse. — E ouvir nem sempre é a coisa mais fácil de fazer.

Sem esperar por uma resposta, voltou para a mesa e sentou, depois passou uma mão pelos cabelos. Talvez ele precisasse de ajuda... Ou pelo menos alguém que o escutasse.

— Ethan, você poderia nos dar um minuto?

Ethan não parecia entusiasmado com a ideia. Mas mesmo que não confiasse inteiramente em Tate, ele confiava em mim.

*Estarei na porta. Seja cuidadosa.*

*Eu serei.*

Observei-o voltar para onde o guarda esperava, depois olhei para Seth. — Você está bem? — Perguntei calmamente.

Demorou um momento para ele responder. — Uma consciência é uma coisa pesada de suportar. — Ele sorriu, afastando um ponto com fiapos no joelho direito. — Não sou santo nem sacerdote, e sei que as balanças nunca poderão ser equilibradas. Mas acredito que todos podem se redimir.

— E como Regan está? — Perguntei.

— Ela ainda está tão brava. É como um fogo no seu núcleo, mesmo aqui, onde a magia é amortecida. Não sei se ela pode perder essa raiva completamente.

— Ela não pode, — eu disse. Eu sabia alguma coisa de raiva e ressentimento, como a que eu senti por Ethan por algum tempo, por mais injustificada que fosse. — Mas ela pode aprender a controlar? Canalizar?

— Não sei. — Ele tamborilou os dedos na mesa, um sinal de frustração. — Ela não gosta de falar comigo sobre isso. Eu queria ser mais para ela – um pai para ela – se eu pudesse. Mas ela não quer isso.

Seth era um playboy em seus dias pré-Dominic. O poder era sedutor para muitos, especialmente em uma cidade como Chicago, que foi construída com apertos de mão, ofertas nos bastidores e corrupção. Eu nunca soube que ele queria ser um homem de família, mas acho que quando foi dada a oportunidade, ele descobriu que queria. E então, foi negado.

Seth levantou e caminhou até mim, com as mãos juntas na frente dele. — Agradeço sua pergunta e por escutar. Mas você também não precisa suportar o peso de meus medos. Você não pode salvar todos. — Um sorriso triste levantou um canto de sua boca. — Por mais que tente.

Pensei novamente em Gabriel, do futuro que agora parecia precário, da criança que ele não podia garantir, e levantei meu olhar para Seth. — Eu tentarei, de qualquer maneira. Continuo tentando, porque é isso que eu devo fazer.

O mesmo sorriso novamente, afiado com tristeza. — Vá encontrar seu criador de magia, Merit. E tenha cuidado lá fora.

— Eu vou. Boa sorte, Seth.

Esperava que houvesse o suficiente para satisfazer a demanda.

\*\*\*\*



Meu avô esperava em seu carro quando voltamos, o motor ligado e o aquecedor explodindo contra o frio.

— Relatório? — Perguntou, rolando a janela com a manivela, a moda antiga.

— Winston parece bastante normal, — Ethan disse. — Independentemente dos delírios que experimentava, ele não os ouviu agora.

— Os médicos suspeitam que a sedação possa ter *redefinido* seu cérebro, — meu avô disse. — E, além disso, o edifício é selado para magia, graças à Ordem. Então, a magia não o afetará enquanto ele estiver aqui.

— E se ele saísse novamente? — Perguntei. — O efeito desaparece depois de um tempo?

— Nós não sabemos, — meu avô disse. — Ainda não tentamos.

Essa era uma resposta que não gostei. A magia desaparecer significava que precisávamos apenas evitar que as vítimas machucassem umas as outras até que a magia se libertasse sozinha. Caso não se desgastasse, teríamos que mantê-los separados e seguros – e descobrir uma maneira de fazer isso parar. Isso soou muito, muito mais difícil.

Nossos telefones – todos eles – começaram a tocar imediatamente. Nós os pegamos e verificamos as telas.

— Bem, — meu avô disse, olhando para nós, — Acho que vamos embora agora.

— Duas dúzias de fadas no meu gramado da frente? — Ethan disse, o olhar estreitava perigosamente. — Sim. Acredito que é algo que precisaremos abordar. — Ele olhou para mim. — Parece que você pode ter sua chance de falar com Claudia, afinal.

# CAPÍTULO 14



## A menina sombreada

As fadas mercenárias já foram aliadas da Casa Cadogan – ou suficientemente próximas. Eram guerreiras temíveis e destemidas, e foram as primeiras a proteger o portão da casa enquanto dormíamos. Mas as fadas gostavam de ouro, e foram atraídas pelo Greenwich Presidium, nossos antigos mestres britânicos, se voltando contra nós. Então, não era uma boa notícia saber que elas estavam acampadas no quintal.

Por outro lado, dada à semana que tivemos até agora, de alguma forma não é de todo surpreendente.

Brody dirigiu rapidamente para a Casa. Ele conectou-se com a Sala de Operações através do sistema de áudio do veículo para que pudéssemos nos comunicar com Luc e Malik.

— O que elas querem? — Ethan perguntou; a testa franzida, os braços cruzados e uma perna sobre a outra. Ele mudou do modo investigativo para o modo Mestre muito rapidamente.

— Ainda não abrimos a porta, — Malik disse. — Ligamos assim que o portão nos alertou. Elas foram autorizadas a entrar no quintal por causa da cortesia sobrenatural.

— Armas?

— Nenhuma, — Luc disse. — Essa é a razão número dois pela qual foram permitidas no quintal. Elas não disseram nada. Estão em formação. Ela está parada na frente delas. Esperando, como todos estão.

— Sugestões? — Ethan perguntou.

— Acho que devemos escutá-las, — Luc disse. — Elas não são aliadas, mas também não estão sendo agressivas, pelo menos, agora. Vieram até nós sem armas e, embora elas provavelmente não se dignassem a falar com ninguém além de você, parecem muito interessadas em uma conversa.

— Malik? — Ethan perguntou.

— Concordo.

Ele olhou para mim. — Sentinela?

— Concordo. As chances são de que ela quer falar sobre as mesmas coisas sobre as quais queremos falar.

— O tempo, — Malik disse, sem ironia.

— O tempo, — eu disse.

— Concordo, — Ethan disse. — Bloqueie a Casa. Quero todos totalmente alertas, apenas no caso. Nós estaremos aí em...

— Dois minutos, — Brody forneceu, encontrando o olhar de Ethan no espelho retrovisor.

— Dois minutos, — Ethan disse com um aceno de cabeça. — Vamos continuar alertas.

\*\*\*\*

Os pneus guincharam quando Brody parou o veículo em frente a Casa.

— Pronto? — Ethan perguntou a Luc.

— Prontos como nunca estaremos quando algumas dúzias de fadas mercenárias aparecem na nossa porta.

— Então vamos, — Ethan disse, e o áudio silenciou.

Brody abriu a porta de Ethan e nós caminhamos até o portão, assentimos com a cabeça para os guardas, que se afastaram para nos deixar entrar no terreno. Ao mesmo tempo, Malik abriu a porta da casa, saindo primeiro, Luc e Lindsey atrás dele, depois Kelley e Julieta.

As fadas, uniformemente magra, com maçãs do rosto esculpidas e longos cabelos escuros, todas vestidas idênticas, de preto, estavam em um triângulo largo, a ponta apontando para o portão, o lado de frente para a Casa. Elas eram um contraste impressionante e gráfico com a neve que cobria o gramado.

Elas se separaram quando nos aproximamos, dividindo com precisão matemática ao longo da calçada. E quando a última linha delas se separou, ela se virou para nos encarar.

Ela ficou na frente dessa linha de fadas, uma visão absoluta. Sua pele era como leite branco, o cabelo longo e ondulado e loiro morango coberto por um delicado anel de flores brancas. Lírio do vale, assim como os do meu buquê. Usava seu vestido branco geralmente diáfano, seu corpo voluptuoso facilmente visível debaixo dele.

Mas havia uma diferença. Claudia sempre foi linda, mas milênios presa em uma torre começaram a tomar seu preço. Esta noite, a idade e fadiga que marcavam sua pele haviam desaparecido, como por um artista com mãos habilidosas.

Ela estava incrivelmente bonita. E muito, muito perigosa.

— Claudia, — Ethan disse.

— Bloodletter<sup>14</sup>. — Ela deslizou seu olhar, cheio de perigos e magia antiga, para mim. — Consorte.

— Esposa, — Ethan corrigiu.

Ela parecia duvidosa com a distinção. Fadas não acreditam no amor, ou assim elas dizem.

— Por que você está aqui? — Ethan perguntou.

— O mundo está mudando. — Havia uma pitada de Irlanda em sua voz, um trinado que não estivera lá antes. Ela estendeu a mão, observou os flocos de neve que se acomodavam na palma da mão e os explodiu. Os flocos acenderam-se, e dissiparam.

— Estamos cientes, — Ethan disse. — Permiti você no meu terreno, Claudia, apesar da sua traição anterior. Diga-me o que deseja, ou vá embora.

Eu não estava certa de que esse era o melhor tom para se levar com uma mulher perigosa e que trouxera seu exército perigoso. Coloquei uma mão na minha katana, apenas no caso.

— Não há necessidade de ameaças, — ela disse, e jogou uma mão no ar.

Algo escovou minha mão. Uma fina videira verde floresceu da bainha lacada da minha katana e se esgueirou em direção ao punho da espada, torcendo em torno dela para mantê-la no lugar. Folhas, pequenas e brilhantemente verdes, separaram da videira e desenrolaram, enviando aromas de folhas novas na primavera e o pólen de flores no ar.

Isto era mágica antiga, mágica de fadas. Magia com a qual ela tinha acesso antes de abandonar voluntariamente. Ela amava Dominic, o gêmeo literalmente

---

14 Praticante de Flebotomia. A flebotomia consiste em uma incisão realizada na veia, que apresenta diversos objetivos distintos. Uma para remoção de sangue e outra para inserção de um cateter.

malvado de Seth, e desistiu de sua magia para salvá-lo, ainda que sustentado que as fadas estavam acima de emoções tão básicas.

*Ela não deveria ter mais essa magia.*

*Isso é novo*, eu disse silenciosamente para Ethan.

*E preocupante.*

Por várias razões, pensei, e olhei para cima, vendo o desafio em seus olhos. — Tire sua magia da minha espada.

O olhar de Claudia se moveu para Ethan, como se quisesse confirmar se eu tinha alguma autoridade na Casa – ou para avaliar se casar havia o suavizado. Ele sorriu para ela.

— Ela continua Sentinela desta Casa, Claudia, e você sabe que ela pode lutar. Por essa razão, sugiro que atenda o aviso dela.

Claudia o observou por um momento. Sua expressão não mudou, mas peguei o movimento suave de seus dedos, e o sussurro em seus longos cabelos vermelhos. E eu não precisava olhar para baixo para saber que a videira estava se retirando. O formigamento da magia recuou junto.

— Você recuperou o poder, — Ethan disse.

O sorriso dela parecia agradável, mas havia algo por trás disso. Algo antigo, poderoso e traiçoeiro.

O ar ficou cheio de zumbido mágico tão rapidamente que quase não tive tempo de reconhecer o ataque antes que estivéssemos em outro lugar... E em algum outro momento.

Eu estava em um prado, verde e exuberante, e tão cheio de neblina quanto uma costa irlandesa. Uma cotovia cantava em algum lugar a distância, sua voz era uma melodia contra a flor da agitada grama, o som distante de um oceano batendo.

Olhei para baixo, encontrei-me com uma saia longa de tecido macio e nodoso, uma túnica sobre ela, da mesma cor azul claro.

Ethan estava ao meu lado, com os olhos fechados, em perneiras e túnica, uma pesada espada de ferro na mão, luzes azuis em seu rosto.

— Lá, — Ethan disse, e ergueu o braço, apontando para o prado.

Uma dúzia de homens e mulheres estava em um círculo, movendo-se ritmicamente ao som suave e oco de um tambor de couro.

Fechei os olhos, deixando a brisa acariciar meu rosto, tão macia como o beijo de uma mãe. Não havia nada de mágico aqui. Era a brisa, a grama alta debaixo da ponta dos dedos, a ondulação da maré do frio oceano. Era o ar salgado, a névoa pálida, os dançarinos e suas músicas. Penetrava em cada pedra, cada colina e vale, cada pessoa, cada pensamento na terra da fada, o lugar onde elas fizeram sua casa. Um lugar que *era* uma casa.

Havia aqui felicidade e dor. Nascimento e morte, e o desfile de coisas que acontecem no meio, o caleidoscópio de experiências que constituem uma vida. Mas, sob tudo, havia alegria, porque havia casa. Porque esse era o domínio das fadas. Isso era a Terra das Fadas, literal e figurativamente.

Um som ecoou sobre a colina, o riso de uma criança que eu nunca vi antes, mas de alguma forma conhecia tão intimamente quanto eu mesma. A risada ecoou pela terra, repleta de alegria e animação.

O sorriso de Ethan se alargou, seus olhos se acalmaram com alegria e esperança enquanto observava o horizonte, esperando que a criança subisse a colina. Ele avançou para se aproximar um pouco da criança... Mas o vento aumentou e ficou frio. A terra estremeceu, e nós voltamos para Chicago.

Onde quer que nós tenhamos ido, nós voltaríamos.

Eu sabia que não foi real, que nada que nós vimos era real, então nada poderia ter sido tirado de nós. Mas isso não importava. O sofrimento foi instantâneo e profundo como um oceano, deixando-me vazia e dolorida, e esvaziou uma parte da minha alma que eu sabia que nunca seria preenchida. Não quando eu poderia ter ficado naquele mundo para sempre, esperando que a criança corresse para nossos braços.

Uma mão agarrou a minha, e olhei para Ethan, encontrei aquele mesmo olhar de saudade no rosto dele. E, à medida que o momento passava, aquela saudade desapareceu para compreensão. Nós ficamos naquele mundo por apenas um momento. E nenhum de nós queria voltar. Pela expressão dos vampiros à nossa volta, não fomos os únicos afetados.

Não é de admirar que tantos personagens de conto de fada tenham desaparecido, acidentalmente (ou intencionalmente) quando colocaram o pé na terra das fadas, para nunca mais voltar. Eles não foram capturados pelas fadas, ou não literalmente. Simplesmente não queriam voltar. Viviam contentes em Emain Ablach por uma eternidade.

Estava bastante segura de que eu não havia ouvido a frase antes. Mas ela foi introduzida em meus pensamentos como uma nota secreta, uma mensagem escondida que eu lembraria por uma eternidade, e um lugar para o qual eu provavelmente nunca mais retornaria.

Movi meu olhar para Claudia, vi que ela sabia pelo menos algo do que vimos, o que experimentamos, e também vi o que parecia ser arrogância.

Claudia olhou para mim, e me encontrei enervada pela atenção dela. Seus olhos pareciam ver demais. — Você viu demais.

Balancei a cabeça. O que vi não era para ela. E eu não tinha tempo de ficar pensando nisso agora, então afastei isso. — O que é Emain Ablach?

— A terra verde. Nossa terra.



— Você tem acesso à terra verde novamente, — Ethan disse; cada palavra cuidadosamente falada.

Claudia assentiu. — Posso ver a casa, como mostrei a vocês. Não posso viajar fisicamente para lá, mas posso ver. Isso é... Uma mudança.

— E você está aqui para nos mostrar, — Ethan disse. — Para demonstrar o seu poder.

— Ou para exhibir? — Perguntei.

Meu tom não foi amigável, nem os olhos dela.

— Escolhi sacrificar minha conexão, por mais que o destinatário do meu presente não merecesse. O acordo estava feito. O poder não deveria ter voltado para mim.

Seus olhos, tão vividamente azuis, escureceram, como os mares sob uma tempestade ardente. E havia medo em seus olhos. Até mesmo Claudia, que era tão egoísta e perigosa, conforme eles viram, estava preocupada.

— Por que isso está acontecendo? — Ethan perguntou.

Suas sobrancelhas arquearam. — Não estou aqui para responder suas perguntas, bloodletter.

A expressão de Ethan permaneceu implacável. — E, no entanto, você está aqui. No meu território, sem permissão, procurando uma audiência comigo.

Claudia rosnou; raiva piscando nos olhos. — Você não a parou quando teve a chance.

Não havia dúvidas sobre quem era a *ela* que mencionou.

— Ao contrário. Paramos Sorchia; os humanos permitiram que ela escapasse. Você acredita que ela é a razão pela qual seu poder voltou?

Pela primeira vez desde que a conheci, havia uma incerteza na expressão de Claudia. — Há poder nessa terra. O poder que a *garota sombreada* trabalhou para conter.

— A *garota sombreada*? — Ethan perguntou.

Mas eu entendi. — Ela fala de Mallory, — eu disse. Ela ficou sombreada pela magia negra. Mallory inverteu a magia de Sorchia. Não deveria restar nada do feitiço de Sorchia.

E isso me incomodava – como poderia haver magia para criar os delírios se a batalha em Towerline foi erradicada?

Bem na hora, e antes que Claudia pudesse responder, Mallory e Catcher atravessaram o portão e a calçada.

Eles pararam quando nos alcançaram, e os olhos de Mallory se arregalaram ao acompanhar o espetáculo que era Claudia.

Emoções passavam pelo rosto dela – confusão, curiosidade, e provavelmente ela sentia a profundidade da magia de Claudia, algo que parecia luxúria. Como uma *necessidade*. Algo que provavelmente não era bom para uma mulher viciada em magia negra.

— Mallory, — eu disse, falando o nome dela rapidamente. Isso aparentemente concluiu o que eu precisava fazer e pareceu afastá-la do seu momentâneo estupor mágico.

— Olá, — Catcher disse, balançando a cabeça para Ethan, para Claudia. — Não queremos interromper.

Mas ele claramente estava aqui para interromper, pular, caso as fadas fossem uma ameaça. E com Mallory, para contê-las.

— Você não está, — Ethan disse. — Claudia, este é Catcher e Mallory Bell. Claudia é a rainha da fada.

— A *garota sombreada*, — Claudia disse calmamente. Seu olhar saltou sobre Catcher, evidentemente não impressionada. Mas ela olhou para Mallory cuidadosamente, e pela primeira vez desde que a conheci, havia algo parecido com respeito em seus olhos. Algo como reconhecimento, como se ela tivesse finalmente encontrado alguém digno de seu interesse, e não os mesmos velhos vampiros.

— Você fez magia antiga, — Claudia disse. — Essa magia sombreou você.

— Eu trabalhei para afastar essa sombra, — Mallory disse, endireitando os ombros.

— E se afastou do poder ilimitado, — Claudia disse; claramente não impressionada. — Você se voltou para palavras e cantos, ervas e sussurros.

— Você também não se afastou do poder?

— Você me julgaria?

— Se você vai julgar primeiro, sim. Talvez possamos ignorar o resto do jogo de intimidação e chegar ao ponto?

Os olhos de Claudia dispararam – ela não estava acostumada com feiticeiras com a boca esperta – mas deixou o comentário de lado. Talvez ela tenha ficado intimidada por Mallory, o que estava tudo bem para mim. Eu não estava confortável sem um controle sobre o poder de Claudia. Não precisávamos de outra Sorchia.

— Eu senti sua magia, desenredando a dela. Não foi suficiente.

Mallory piscou, parecia confusa e insultada ao mesmo tempo. — Nós revertemos o feitiço com sucesso.

— Possivelmente. Mas isso não permitiu que a magia se disseminasse depois que se desenredou.

Mallory apenas olhou para ela por um momento. — Isso é impossível, — ela disse calmamente. — Isso não poderia ter funcionado. Nós conhecemos sua magia – sua alquimia. Trabalhamos completamente a inversão.

Ela olhou para mim, para Ethan, para Catcher. — Eles sabem a verdade.

O olhar de Mallory de repente se voltou para nós. — Sabem?

— Tem que haver magia restante, — eu disse silenciosamente. — Os delírios foram criados pela magia, e eles não alertaram as defesas.

— Mas fui tão cuidadosa. — Ela estendeu a mão, pegando o braço de Catcher. — Nós fizemos com muito cuidado. Fizemos tudo certo.

Eu podia sentir sua ira crescer, observando-a trabalhar para controlá-la. Murmurando para si mesma, Mallory caminhou até o portão, os sapatos esmagando a neve, então de novo.

— Nós prendemos a alquimia dela, — ela disse, apontando para cada um de nós. — Preguei na parede. Mas talvez, enquanto estávamos no telhado, ela escapou por algum tipo de código escondido. Um vírus ou cavalo de Tróia que ela adicionou no último minuto, algo que não conseguimos detectar...

— Oh, meu Deus! — Ela disse, e bateu a palma da mão contra a testa. — É tão óbvio. Tão malditamente óbvio. — Ela olhou para Catcher. — É por isso que nossos feitiços ficaram presos – por que sua magia mostrou a tela azul. Por causa do pequeno cavalo de Tróia mágico. Destravamos a alquimia, mas em vez da magia se disseminar por toda a cidade, há... o que? Uma névoa dela presa aqui? — Ela olhou para Claudia, que simplesmente inclinou a cabeça.

— Por que não podemos sentir essa magia? — Ethan perguntou. — O zumbido?

— Porque está espalhado por uma grande área, — Mallory disse. — Não é forte o suficiente para sentir, mas ainda está lá. Ainda esperando.

— E as defesas foram criadas após Towerline, — Catcher disse, balançando a cabeça enquanto as peças se juntavam para ele. — Depois que a magia foi lançada. Essa foi a base de referência para que as defesas fossem criadas. Apenas a nova magia de Sorchia acima dessa linha de base as desencadearia.

Olhei para Claudia, considerei o brilho de sua pele, seus novos direitos de visitar as terras verdes. — Você foi afetada por essa magia.

Ela não se incomodou em olhar para mim, mas manteve seu olhar em Mallory. — Minha torre é enfeitiçada; é como eu fico aqui e vivo. Suspeito que tenha absorvido esse poder, e colhi os benefícios.

— E os delírios? — Ethan perguntou.

— Talvez a magia tenha ficado escondida nos bolsões, — Catcher disse. — Jeff confirmou que todos os humanos com quem lutamos ontem à noite estavam perto de Towerline quando a batalha caiu. E duas dúzias de – seres humanos – foram presos por surtos esporádicos, a maioria estava no centro da cidade.

— Esta terra está pairando sobre um precipício, — Claudia disse. — Se cairá ou não, não consigo ver; vocês que irão determinar, a batalha de vocês para ganhar.

— *Ganhe*, — ela disse, e com essa demanda final, ela se virou e atravessou as filas de fadas, que permaneceram imóveis na neve por tanto tempo que flocos de neve se acumularam em seus ombros. Elas se juntaram atrás dela como um trem, depois elas desapareceram pelo caminho e atravessaram o portão, seus passos desaparecendo no silêncio.

— Retire a casa do alerta, — Ethan disse. — Agora.

Luc assentiu com a cabeça para Juliet, que se dirigiu ao porão para fazer os arranjos.

— Foi real? — Ele perguntou calmamente, pisando ao lado de Ethan. Luc não era o tipo de reservas. — Nós estávamos lá?

— Ela nos levou para a terra verde, — Ethan explicou.

A testa de Mallory franziu com interesse. — Sério.

— A terra verde não faz parte do nosso mundo, — Ethan disse a Luc, colocando uma mão de apoio em seu ombro. — Mas é tão real como qualquer coisa nele.

Luc passou a mão por seus cabelos. — Eu teria ficado para sempre. Ela poderia ter me deixado e ido embora, e eu ficaria um milhão de anos e nunca mais iria querer qualquer coisa.

— Esse é o poder da fada, — Ethan disse. — Existe uma razão para os contos de fadas. Não são histórias de amor; eles são avisos.

— Se ela mantiver magia suficiente para visitar a terra verde, — Catcher disse, — Ela mudará a dinâmica do poder sobrenatural em todo o mundo.

— Se tiver a oportunidade, ela usará isso contra nós, — Ethan concordou. — Mas, por enquanto, devemos lidar com o presente. — Ele inclinou a cabeça para Catcher. — Você veio aqui para ajudar?

— E para pesquisar, — Mallory disse. — Eu queria sua biblioteca emprestada para fazer alguma pesquisa sobre a magia que estamos vendo. Talvez toque algum sino histórico.

Não pude deixar de sorrir. — Ou sino histórico?

— Nomeando trocadilhos, — Catcher disse secamente. — Muito esperto.

— E aqui está algo mais esperto, — eu disse. A sugestão de Seth – e a visita de Claudia me deu uma ideia. — Eu acho que devemos ir à fonte.

— O que isso significa? — Ethan perguntou.

Olhei para Mallory. — Isso começou com uma voz. Acho que é hora de nós escutarmos.

Um silêncio irônico seguiu essa sugestão.

— Para esclarecer, — Catcher disse. — Existe uma voz poderosa o suficiente para deixar os humanos literalmente loucos. E Merit pensa que devemos nos sintonizar com isso.

Mas mantive meu olhar em Mallory e assisti o interesse despertar em seus olhos.

— Se ouvirmos, aprenderíamos mais sobre isso. — Ela concordou. — Talvez tentar descobrir de onde vem – ou quem é.

— Essa é a ideia, — eu disse.

— Poderia ser feito? — Ethan perguntou.

— É certamente possível, — ela disse. — É de origem mágica, então, teoricamente, devemos poder usar magia para escutar. Mas eu teria que resolver os detalhes, juntar meu kit. Isso levará tempo. Esta não é mágica OTC<sup>15</sup>.

— Sem receita? — Ethan perguntou.

— Eu estava pensando em *espontânea*, — Mallory disse com um sorriso, — Mas também gosto do seu pensamento.

— Quanto tempo você precisará? — Ethan perguntou.

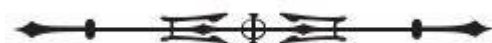
— Algumas horas, talvez. — Mallory sorriu. — Suspeito que os recém-casados possam se ocupar enquanto isso.

— Eu aposto que podemos, — eu disse. Mas o brilho no meu olhar não era romântico. Era estratégico. — Quero entrar na casa da Sorchia.

---

<sup>15</sup> Pode ser entendido como medicação sem receita médica ou algo feito as claras, abertamente, de forma espontânea.

## CAPÍTULO 15



### E to the E<sub>16</sub>

— Você está cheia de planos interessantes esta noite, — Catcher disse. Mas mantive meu olhar sobre Ethan, observando as emoções e considerações se movendo em seu rosto.

— Ela deve ter uma sala de trabalho, um escritório, — eu disse. — Um lugar onde ela prepara sua magia. Eu quero vê-lo. Talvez encontremos algo que explique o que está acontecendo em Chicago.

— E talvez não encontraremos, — Ethan disse, — E seremos presos por invadir e entrar. — Ele olhou para Catcher. — Você não procurou pela casa depois que ela foi presa?

— Nós fomos expulsos dez minutos depois pelo pessoal que investiga cenas de crimes, — Catcher disse com a voz tão seca quanto torrada. — Isso não nos deu tempo para olhar a casa inteira – apenas a ala central.

— E nós não conseguimos tirar nada disso, — Mallory disse, — Além da sensação de seu gosto atroz.

Ela tinha razão. Não havia muito na casa de Reed que não fosse coberto de veludo vermelho gritante ou dourado reluzente, cada recanto cheio de móveis e estatuetas.



— Podemos entrar? — Ethan perguntou.

— A propriedade de Reed está em sucessão, — Catcher disse, passando os dedos sobre a cabeça careca. — Desde que Sorchia é acusada de seu assassinato e ainda está foragida, a casa está sendo monitorada por um segurança contratado pelo testamenteiro.

Ethan olhou para mim como se achasse que isso pudesse me dissuadir. Apenas sorri para ele.

— Qual o ponto de ser Sentinela da melhor Casa de Vampiros da cidade se eu não conseguir quebrar algumas leis humanas?

Ethan arqueou uma sobrancelha. — Trabalhando sua arte de puxar-saco?

Sorri para ele. — Se isso me faz conseguir o que eu quero, sim.

— Eu poderia dar um telefonema, — Catcher disse, — Pedir permissão formal para vocês entrarem na casa. Mas se disserem que não, eles estarão alertas, e isso tornará mais difícil para vocês entrarem.

— E se você não fizer essa chamada, — eu disse, — Podemos ser capazes de usar nossas consideráveis habilidades para entrar sem sermos detectados.

— Algo parecido. E se ela tem um espaço de trabalho, há uma chance de que esteja lá, que tenha passado pelos guardas e entrado.

— Então, ela deveria ficar atenta, — Ethan disse. — Porque isso não será uma visita social.

— Eu digo para ignorar a ligação, — eu disse, — E não deixá-los em alerta. — Olhei para Ethan.

Ele considerou em silêncio por um momento. — O que a minha Sentinela quer, minha Sentinela consegue.

— Como não tenho um armário abastecido com chocolate, isso é literalmente incorreto, — falei. — Mas tudo bem sobre essa coisa de Sorchia.

— Enquanto vocês cometem crimes, vamos ficar aqui, trabalhar na magia, — Catcher disse. — E talvez, se estiver tudo bem para você, vamos passar a noite na Casa.

Não era a primeira vez que eles faziam isso. Quando Mallory colocou as defesas na Casa, ela ficou aqui para manter funcionando. Desde então, ela descobriu uma maneira de energizar com a boa e velha eletricidade; ela só precisava verificar a magia para garantir que tudo estivesse funcionando do jeito que deveria estar.

— Sem objeção, — Ethan disse. — Estou bastante certo de que suas boas maneiras são melhores que as de Sorchia.

Não era uma coisa difícil de cumprir.

\*\*\*\*

Estávamos vestidos de preto, o que não era especialmente incomum para os vampiros, e tínhamos espadas ao redor da nossa cintura. Eu trouxe uma mochila pequena e elegante, apenas no caso de encontrar algo que valesse roubar.

Luc insistiu que Brody assumisse o volante do SUV, dando-nos pelo menos mais um guarda, no caso de nos metermos em problemas. Mas não planejávamos entrar em problemas. A expressão firme no rosto de Ethan dizia bastante.

A temperatura caiu ainda mais. Apenas cinco graus acima de zero, de acordo com o relatório meteorológico atual. A neve havia parado; talvez o dissipador de calor tivesse sugado toda a umidade disponível do céu.

A casa Reed estava em um bairro histórico ao nordeste do Hyde Park, onde várias mansões da Era Dourada foram mantidas historicamente imaculadas. Pegava

um grande pedaço do quarteirão; não um pedaço tão grande como a Casa Cadogan fazia em Hyde Park, mas com uma atitude significativamente maior. Era dinheiro velho. Dinheiro da velha Chicago.

Os quarteirões tinham a forma de um U, um centro unificado e alas separadas em cada extremidade, um pátio privado no meio. Catcher tinha razão sobre os guardas. Havia dois na frente, um guarda adicional em cada lado da casa. Possivelmente mais um perambulando dentro. Os herdeiros da fortuna de Reed, quem quer que fossem, não corriam riscos com sua herança.

— Nós não podemos entrar, — eu disse, e estreitei o meu olhar para um enorme carvalho que se encostava a um canto da casa. — Então, nós vamos subir.

\*\*\*\*

Nós deixamos Brody no meio da calçada, mergulhamos na escuridão através das árvores antigas e elegantes que sombreavam o quarteirão, depois deslizamos para o lado do prédio. Observamos o guarda em silêncio, esperamos ele passar, depois nos dirigimos para a árvore que estava em um canto da casa. Havia neve no chão, mas, como era agosto, as flores ainda estão caindo das árvores. Isso nos daria alguma cobertura, pelo menos até que chegássemos a casa. Mas pensaríamos nisso quando chegasse a hora.

*Já faz um tempo desde que subi em uma árvore,* Ethan disse, mas agarrou um galho, e subiu facilmente. A força de um vampiro era muito útil.

*Faz um tempo para mim, também, embora não sejam os séculos que você provavelmente tem sobre mim.* O seguí, e pegamos um galho grande de cada vez.

*Espere,* Ethan disse, e parei, vendo o guarda passar por baixo de nós, a luz verde em seu comunicador piscando na escuridão. Segurei a respiração, como se isso

nos escondesse da luz da lua, mas não consegui parar o pedaço de neve que caiu sob meu pé e pousou com um barulho audível no chão, há 4,5 metros abaixo.

Eu queria que meu coração desacelerasse, porque batia tão alto que eu tinha certeza de que o guarda podia ouvi-lo. Mas ele continuou andando, fazendo sua procissão lenta no quarteirão, procurando pela feiticeira que poderia roubar seu caminho de volta para sua casa.

*Esta parte é um pouco complicada*, Ethan disse, e se colocou de pé, depois atravessou o parapeito de pedra que atravessava o segundo andar da casa. Era cerca de três metros de largura, e seria uma caminhada muito complicada. Mas esse era o caminho para entrar, então não fazia sentido pensar sobre isso.

Ethan estendeu uma mão e me ajudou a atravessar.

Ficar na árvore não me incomodou, mas, parada sobre uma borda de dois andares acima do chão não fazia nada para me acalmar. Nós nos movemos para uma janela escura e olhamos para dentro. Parecia um quarto, escuro e quase vazio. Tentei levantar a grade, mas estava trancada.

*Fique atenta para os carros*, Ethan disse, *e me avise quando você vir um*.

Enquanto eu concordava, Ethan desembainhou sua katana, virou-a para que o pesado pomo estivesse de frente para a janela. E esperou.

Levaram dois longos minutos para que os faróis aparecessem na rua. *Está vindo*, eu disse a ele. *Cinco segundos*.

Quando o carro passou na frente da casa, ele bateu a katana contra o vidro. O vidro fez um barulho, mas o ruído foi pelo menos parcialmente abafado pelo som do carro que passava. Esperamos em silêncio por um alarme, pelo pesado bater dos pés dos guardas, mas não ouvimos nada.

Os olhos se estreitaram em concentração, Ethan enfiou a mão dentro da abertura irregular do vidro, abriu a fechadura e levantou a grade.

Ele entrou primeiro, afastou o vidro e depois ofereceu uma mão para me ajudar a entrar. Nós deixámos a janela aberta, o ar frio entrando no quarto atrás de nós, e avançamos para a porta fechada que provavelmente levava ao corredor.

Cheguei primeiro, girei a maçaneta com uma concentração lenta e cuidadosa, puxando a porta apenas uma fresta.

A luz no corredor estava clara e dourada, e não havia nada além do silêncio do outro lado.

*Nós estamos limpos*, eu disse a ele, e entramos no corredor.

Era grande. Cavernoso, tanto quanto as casas eram. Muito espaço aberto, muito mármore e muita decoração. Um museu de retratos, pinturas, mesas e aparadores.

Atravessamos o corredor para a junção que levava a uma longa galeria de arte e a escadaria principal entre eles. O corredor era como um museu de portas – uma após a outra em duas longas filas.

*Acho que nós começamos aqui*, eu disse, e Ethan assentiu.

*Você pega essa*, Ethan disse. *Vou pegar a outra*.

*Tudo bem*, eu disse, e caminhamos para nossas respectivas portas.

Consegui um armário. Ele conseguiu o quarto principal. Nós procuramos, não encontrando nada interessante. Seguimos para outro quarto, um banheiro, e um pequeno home theater.

Acabei descobrindo algo de valor, pessoalmente, se não profissionalmente, na minha terceira porta.

A sala era pequena, pouco mais do que um recanto com uma janela no final. Mas a parede mais longa estava cheia de livros, com duas cadeiras e uma pequena mesa à frente.

Curiosa, andei até as prateleiras, examinando as lombadas. Eu esperava grimórios, biografias de celebridades ou histórias de crimes verdadeiros. Não podia imaginar Sorchá lendo mais nada.

Mas eram contos de fadas. Volume após volume, de países e culturas ao redor do mundo. Livros de referência, livros para crianças, livros ilustrados. Mas tudo sobre criaturas mágicas e os mundos que eles habitavam.

— *Fairy Tales of the Round, Round World*<sup>17</sup>, — murmurei e puxei o livro da prateleira. Foi um dos meus livros favoritos quando criança, e li as histórias de Camelot e Chapeuzinho Vermelho, fadas e gênios dezenas de vezes. Quando criança, este livro era o meu companheiro. Perdi minha cópia com dobras nos cantos em algum lugar ao longo do caminho, e não havia pensado nele em anos.

Abri o livro, as páginas grossas e rígidas com o passar dos anos, mas absolutamente imaculadas. Não havia marcas de lápis aqui, sem desenhos ou rabiscos nas margens. Se Sorchá leu este livro, o lia com cuidado e não deixava vestígios.

Algo sobre isso me deixou terrivelmente triste. E, olhando para o resto de seus livros – as centenas de volumes de histórias nesta sala exuberante – absolutamente furiosa.

\*\*\*\*

Ela tinha tudo, e ainda exigia mais. Mais poder. Mais fama. Somente... Mais.

Ethan deve ter sentido a explosão de magia. *Sentinela?* Ele perguntou, entrando na sala.

---

<sup>17</sup> Contos de fadas de todo o mundo. É um tesouro de contos de fadas e o mais amado do mundo. Possui mais de 100 contos de fadas que representam mais de cinquenta nações, todos selecionados de *The Blue Fairy Book* e onze outras coleções compiladas por Andrew Lang. O livro também inclui mais de 100 ilustrações de H.J. Ford que trazem a sua magia e maravilhas vividamente à vida.

*Ela teve todas as oportunidades, eu disse a ele. Privilégio, riqueza, status. Poderia ter feito qualquer coisa com esse tipo de poder. E ela escolheu destruir.*

Ele caminhou em minha direção e colocou um fio de cabelo atrás da minha orelha. *Você está com raiva porque não era tão diferente, uma vez. Mas seus caminhos divergiram.*

Ele me conhecia tão bem. *Em direções muito diferentes, concordei.*

Nós duas fomos atraídas para o mundo dos sobrenaturais. Eu, por um ataque. Ela, presumivelmente, quando aprendeu sobre seu poder. E, como eu disse, ela escolheu destruir.

*O que você encontrou?* Perguntei a ele.

*Outro quarto, ele disse. Então, nada. Desde que Catcher olhou a ala central, vamos verificar os outros.*

Voltamos para o corredor, ficando em alerta após um barulho de comunicador quebrar o silêncio monástico.

— Movendo-se para o segundo andar, — disse uma voz desconhecida da longa galeria que levava à escada principal, o raio da lanterna balançando enquanto ele subia em nossa direção.

Um guarda, provavelmente, fazendo uma varredura na propriedade.

*Aqui, Ethan disse, e me puxou para uma alcova arredondada, nossas costas pressionadas contra a pedra fria enquanto a lanterna varria o corredor diante de nós.*

Os passos se aproximaram até que um homem com um terno escuro com muito músculo abaixo passou, lanterna em uma mão, comunicador na outra. Ele parou na frente da alcova, e nós seguramos nossa respiração.

— Nada na zona quatro, — ele disse, levando o comunicador a boca. — Se ela está aqui, eu não a vejo.

— Câmbio, — disse a voz digital no outro lado da linha. — Vá para a zona cinco, verifique novamente.

— Câmbio, — disse o homem, e continuou andando pelo corredor. Nós saímos quando ele virou a esquina para a outra ala da casa.

*Vamos*, Ethan disse, e nós nos arrastamos pelo corredor na direção oposta. Encontramos mais dois quartos, mais três banheiros, uma sala de estar, uma sala de jogos, e o que parecia com quartos para funcionários.

E então, no final da ala, abrimos a porta final e entramos na loucura.

— Uau, — eu disse calmamente.

Os símbolos alquímicos que Sorchá desenhara pela cidade foram escritos loucamente, da mesma forma que abrangia as paredes, chão, e teto de um barracão em um cemitério. Assumi que havia muitos – e que foram desenhados de uma maneira bizarra – porque era necessário para a magia. Agora, eu me pergunto se não era apenas um sintoma de sua insanidade subjacente.

A sala era grande, pelo menos tão grande quanto as outras que vimos. Paredes claras, pisos de madeira, sem móveis, apenas uma mesa de madeira e uma cadeira no meio da sala.

Mas as paredes estavam quase inteiramente cobertas de pedaços de papel. Havia pequenas notas manuscritas, páginas com imagens e blocos de texto, e longos pergaminhos de símbolos alquímicos, como os que Sorchá desenhara em Chicago, atravessavam a sala. Origamis em papel branco pendiam do teto, e pedaços de papel estavam espalhados pelo chão.

Ethan se aproximou da parede, com uma sobrancelha franzida enquanto a examinava.

Caminhei até a mesa, olhando para a simples tigela de pedra que estava posicionada ali. Havia uma caixa de fósforos ao lado, e um galho seco.



Levantei, cheirei. Alecrim, e com os fósforos e tigela, provavelmente um lugar onde Sorchia realizava sua magia alquímica. Eu olhei para cima. O meio do teto estava marcado por um grande medalhão redondo, suas formas florais cobertas de fuligem.

Devolvi o alecrim e voltei para Ethan. *Alquimia*, eu disse. *Esta é a sala de trabalho dela.*

Ele concordou; seu olhar acompanhando as escritas e imagens.

Parecia haver uma área de foco centrada na parede em frente à tigela. Fios verdes ligavam as páginas às outras partes da sala e voltava para as folhas aqui. Mas se havia uma narrativa aqui, ou qualquer tipo de lógica linear, eu não podia ver.

*Isso significa alguma coisa para você?* Ele perguntou.

*Nem um pouco. Acho que ela estava trabalhando magia, tentando descobrir como fazer conexões entre símbolos ou feitiços? Mas esse é o meu melhor palpite.*

Ethan concordou.

*Talvez tenha mais sentido para Mallory*, eu disse, e puxei meu telefone, conseguindo tirar uma foto quando o alarme dividiu o ar, tão afiado quanto uma faca.

— Atenção, — disse a voz que tocava pelo aparente sistema de intercomunicação da casa. — Sua entrada ilegal foi detectada e as autoridades foram notificadas. Atenção, — disse novamente, então repetiu a mensagem.

*Acho que eles encontraram a janela*, Ethan disse.

*Ou viu nossos rastros na neve.*

*Não importa*, ele disse com uma piscadela, *vamos fazer uma saída graciosa.*

Assenti. *Estou bem atrás de você*, assegurei. Eu me arrastei para o centro do caos e comecei a rasgar papéis da parede, empurrando-os para minha mochila aberta. Eu não sairia de mãos vazias.

Então, nos movemos para o corredor, nos agarramos às sombras e abrimos o caminho novamente.

\*\*\*\*

Mallory estava situada na mesa da conferência no escritório de Ethan quando voltamos; livros, notebooks, latas de refrigerante, papel e canetas espalhados pela mesa. Não era diferente da bagunça no escritório de Sorchia, embora não fosse tão insano. E eu não tinha uma única dúvida sobre os motivos de Mallory.

— Nós não fomos embora nem por duas horas, — Ethan disse, olhou para frente enquanto dava uma olhada no caos de seu escritório geralmente ordenado.

— As boas bruxas trabalham rapidamente. — Ela olhou para mim e gesticulou para a mochila. — O que você achou?

— Insanidade, — Ethan disse.

— Sério, — eu disse, colocando minha mochila na mesa. — Lá era como *Uma Mente Brilhante*. — Eu dei os detalhes. — Não encontramos nenhum computador, notebooks, quadros brancos. Nenhum plano secreto simplesmente escondido. — Abri a mochila e tirei os papéis que peguei no escritório de Sorchia. — Mas peguei esses.

— E eles são... — Mallory perguntou, observando-os com desconfiança.

— Uma porcentagem muito pequena das anotações dela, — Ethan disse.

Assenti. — Eles estavam por toda a sala, então peguei um par de metros quadrados antes que tivéssemos que fugir.

— Eles viram vocês? — Catcher perguntou.

— Não, — Ethan disse com um sorriso para mim. — Eles encontraram evidências de nossa entrada. Receio que possamos ter quebrado uma janela.

— Devem ter quebrado mais do que isso, — Catcher murmurou. — Idiotas.

Mallory tirou uma nota pegajosa do topo, que dizia *gordura*, olhando-o com desconfiança antes de colocar de lado de novo. — Vamos olhar eles quando voltarmos.

— Assumo que você está pronta? — Ethan perguntou.

— Pronta para ouvir e pronta para ir.

Ele arqueou uma sobrancelha. — E para onde iremos?

— Centro da cidade, relativamente perto de Towerline. Preciso estar dentro da antiga rede alquímica, e de preferência, no silêncio. — Ela estremeceu. — E talvez não ao lado de um prédio residencial. Só para prevenir.

No caso das coisas ficarem ruins. Porque sempre há uma chance disso acontecer.

— Para confirmar, — Ethan disse, — Você quer estar perto de Towerline – no centro de Chicago – mas não muito perto das outras milhões de pessoas que moram lá.

— Exatamente, — ela disse brilhantemente.

— Millennium Park, — Catcher disse. — Hoje não haverá ninguém no pavilhão. O gramado nos dará espaço. Não está exatamente perto de Towerline, mas é tão perto onde podemos conseguir esse tipo de espaço e privacidade.

Mallory franziu os lábios. — Ideia interessante, — ela disse. — Talvez eu possa usar as treliças como algum tipo de antena.

— Vamos dar um passo de cada vez, — Catcher disse.

\*\*\*\*

Uma vez que todos nós voltaríamos para Casa Cadogan após nossa viagem ao centro da cidade, Catcher dirigiu o SUV. Ele e Ethan ficaram no banco da frente, o que deu a Mallory e eu a chance de conversar. Duplamente bom, porque eu queria continuar afastando minhas emoções crescentes.

— E o que você está achando da vida de casada? — Mallory perguntou do seu lugar ao meu lado no banco da segunda fila.

— Neste momento? — Considerei a questão. — Traíçoeiro.

Mallory bufou. — Sim, mas com justiça, sua vida amorosa também era muito traiçoeira. É o que você consegue por pegar um Darth Sullivan.

Olhei para ela. — Ele já contou o apelido que ele deu para mim?

— É claro que contou.

Arqueei minhas sobrancelhas. — O que você quer dizer com *é claro que ele contou*? Confesse!

— Oh não, — ela disse, retirando um pedaço remanescente de esmalte em sua unha. — Não quero ser parte disso. Você acabará o deixando.

Estreitei meu olhar para ela. — Eu poderia fazer você falar.

Ela sorriu. — Eu duvido seriamente, vampira.

— Estraga-prazeres.

— Provavelmente sobre muitas coisas, sim.

A visão se transformou em escuridão quando chegamos a Lake Shore Drive, o que nos levaria para o centro da cidade.

— E como você está? — Perguntei.

Ela franziu a testa. — O que você quer dizer?

Mantive minha voz baixa. — Você pareceu, eu acho, meio libidinosa com a magia de Claudia.

Ela sorriu um pouco. — Por um segundo, pensei que você diria que eu olhava ansiosamente para Claudia. O que, falo sério, ela é uma gata.

— Ela é antiga, voluptuosa e irlandesa. Um Crush feminino.

— Totalmente Crush, — ela concordou. — Eu sou afim de meninos, e tenho o meu garoto em particular. Mas ela tem um encanto que é apenas – é como um soco no estômago. E o vestido não ajuda. Eu não consegui afastar isso. Mas que droga, mas ela tem corpo para isso. — Ela sorriu. — Eu realmente quero pedir a ela para ir tomar um café a fim de falar sobre sua magia. Talvez ela me leve à terra verde, o que seria muito surpreendente. Mas com a magia e o vestido, ela seria presa por comportamento obsceno ou completamente inundada por admiradores. E não sei se as fadas ainda bebem café.

Eu também não. — E a magia? — Perguntei.

Mallory fez uma pausa. — Não vou mentir – eu senti uma pontada.

— Uma pontada?

— Querer. Desejo. Não é negra, a magia de Claudia. Ela não precisa de morte e dor para fazer sua magia funcionar. Mas é antiga. E com magia que é antiga, o bem e o mal não estão tão distantes.

— Você resistiu, então é bom.

Ela franziu a testa, arrumou-se numa posição de pernas cruzadas no amplo assento de couro. — Sim. — Ela estendeu a mão e flexionou os dedos, fazendo um punho. — E não foi fácil não me aproximar e agarrar um pouco de magia. A memória é tão vívida. Sinto-a correndo debaixo da minha pele, tanta energia, tanto potencial. Essa é a parte difícil de qualquer vício, eu acho. Lembrar o quão bom se sentia e dizer

não de qualquer maneira. Mas mesmo que eu me entregasse, o que não vou, aquela não é a magia para se entregar. Muito antiga. Muito diferente. Muito poderosa.

— A menos que todos nós desejássemos terminar em um voo direto para a terra verde, — eu disse.

— Sério, Merit. — ela disse depois de um momento.

Eu olhei para ela.

— Obrigada por perguntar. Pois, eu acho, isso me atrai. O vício não é fácil. Mas é um pouco mais fácil quando você pode ser honesta sobre isso. Quando pode reconhecer isso, em vez de fingir que não existe.

— De nada, Mallory. — Estendi a mão e apertei a mão dela. — É para isso que servem as amigas.

— E compartilhar paixões por meninas.

— E compartilhar paixões por meninas.

— Sério, aquele vestido, no entanto.

Decidi deixar por isso mesmo.

\*\*\*\*

Catcher encontrou um ponto na rua há um quarteirão de Michigan, e nós saímos do carro, katanas presas sob nossos casacos. Também pegamos suprimentos para a magia de Mallory, destinada a funcionar no centro da cidade, e cobertores para espalhar no chão sob seus acessórios.

Eu me perguntei se nós veríamos mais ou menos pessoas fora: eles permaneceriam dentro para evitar o perigo do prédio ou sairiam para brincar com a neve?

O primeiro, principalmente. Mesmo no frio, as pessoas brotavam nas calçadas, os turistas esfregando os braços nas camisetas de mangas curtas que imaginavam serem suficientes para um fim verão, ou vestir novas camisas dos Bears e dos Blackhawks que pegaram nas lojas de lembranças. A maioria olhava nervosamente para o céu, lançava olhares para o rio. Outros olhavam dos saguões do hotel, dos restaurantes ao longo da calçada, observando a cidade, como se Chicago pudesse ser um tigre esperando – um perigo ainda por atacar.

Atravessamos Michigan para o parque, passando os poucos turistas que olhavam seus reflexos no Cloud Gate, tirando selfies com os amigos. O perigo pode ter mantido muitos habitantes de Chicago dentro de casa. Mas isso não atenuou o espírito egoísta.

Nós andamos para o trecho da grama na frente do coreto, suas placas de metal se juntavam e arqueavam como armaduras. As vigas de aço subiam sobre nós, entrecruzando-se para manter os alto-falantes para os concertos no parque. Cristais de gelos pediam deles, suas pontas pontudas, fazendo parecer que estávamos presos em uma gaiola blindada.

E sob os feixes espinhosos, um trecho de neve que claramente foi o local de alegria e de felicidade hoje. Havia marca de passos, anjos da neve e muitas pegadas que impediam o que poderia ter sido um manto perfeito de branco.

— Algum lugar em particular? — Ethan perguntou.

— Qualquer um serve, — Mallory disse, ficando no meio do gramado. Ela colocou a bolsa no chão, pegou um cobertor e espalhou no chão.

Catcher a seguiu. Ethan olhou para mim.

— Isso é uma boa ideia?

Olhei para Mallory. — Não sei. Mas que escolha nós temos?

# CAPÍTULO 16



## Uísque tango foxtrote

Nós nos sentamos em um semicírculo sobre o cobertor, o que não fez muito para amortecer a neve abaixo de nós.

Mallory abriu a bolsa, tirou uma redonda bandeja de prata polida que brilhou. Ela pegou emprestada do estoque de utensílios de Margot durante sua busca por objetos que podiam fazer mágica. Também trouxe fósforos, um raminho de alecrim e uma pequena garrafa de champanhe.

— Para que serve o champanhe? — Ethan perguntou, quando ela colocou o equipamento no chão e a bolsa de lado.

— Para nós, — ela disse com um sorriso. — Foi uma longa noite. — Ela entregou a garrafa para Catcher. — Por favor, abra, enquanto eu preparo o resto.

Ela colocou a bandeja no chão entre nós, o raminho de alecrim em cima dele.

— Isso parece alquimia, — eu disse. — Menos o cadinho.

— É inspirado na alquimia, pelo que a Sorchia faz e no meu próprio estilo.

Olhei para Catcher. — Qual é o seu estilo?

— Você sabe a resposta para isso, — ele disse, puxando a rolha com os dentes, fumaça escapando da garrafa.

— Armas, — eu disse. Ele foi o primeiro a me treinar a usar uma katana, usou magia e meu sangue para temperar a lâmina, o que me deu a habilidade de sentir



armas de fogo. Não é uma habilidade inútil, dado o tipo de coisas que costumamos enfrentar.

— Armas, — ele concordou, tomando um gole de champanhe e passando a garrafa ao redor. — Chegamos ao ponto em que realmente temos algo para lutar, e eu sou o homem dela.

— Ele está sendo modesto, — Mallory disse, tomando um longo gole e passando a garrafa para Ethan. Ela se sentou sobre os calcanhares. — Ele ser o melhor nas armas não significa que ele não seja ótimo em tudo o mais. — Ela olhou para ele, piscou. — Todos os tipos de coisas.

— Não precisamos dos detalhes, — Ethan disse, tomando um gole e passando a garrafa para mim, gelo se condensando na parte de fora da garrafa. Se não fosse pelo teor do álcool, o champanhe poderia ter congelado com o ar dolorosamente frio. Mas isso não afetou o sabor, de flores delicadas e as bolhas.

Mallory balançou a cabeça. — Você já está casado com a duquesa há muito tempo. — Então, ela colocou uma mão na boca e resmungou um xingamento.

Levei um momento para entender o que ela disse – ao fato de que acabara de falar o apelido dele para mim. Olhei para Ethan, com uma sobrancelha arqueada em perfeita imitação de seu truque favorito. — Duquesa? É assim que você me chama?

Seu sorriso era amplo e divertido. — Darth Sullivan, — ele me lembrou.

— Esse apelido particular serviu, — lembrei-o.

— E *Duquesa* não?

— Não sou do tipo princesa.

— Não, você não é. Mas não é assim que você ganhou o nome. Lembre-se de que, em nossa primeira reunião, você entrou na minha Casa, com a sua pele pálida e os cabelos escuros, e aqueles olhos claros e assombrados – que estavam cheios de

tanta dor e raiva. Você parecia uma duquesa de uma terra estranha e bonita. Eu não podia tirar meus olhos de você.

Eu apenas olhei para ele. Ele fez elogios antes, e obviamente eu sabia que ele me amava. Mas nunca ouvi a história do nosso primeiro encontro dessa maneira.

— E então ela desafiou você a um duelo, — Mallory disse.

— Desafiou. Ela era muito imperiosa.

Mallory assentiu. — E você estava tipo, *Tudo bem, garota. Vamos. Vamos ver o que você tem.*

Apontei para Mallory. — Você não está ajudando.

— Discordo, mas... — ela imitou fechar seus lábios com um zíper.

— E ela está certa, — Ethan disse. — Isso é bastante próximo do que eu me lembro.

— Droga, Sullivan, — Catcher disse enquanto eu oferecia a garrafa para ele. Ele recusou, eu então a recuperei, deixando-a de lado. — Merit tem a lembrança de um Mestre irritado. Você provavelmente deveria ter cuidado ao usar esse apelido.

Ethan sorriu para mim. — Ele tem um ponto, Duquesa. Você é boa nisso.

Eu rosnei. Talvez precisasse desafiá-lo mais frequentemente, pensei. Apenas para mantê-lo na linha.

Ethan inclinou e colocou um beijo nos meus lábios. — Se isso ajuda, você se tornou uma Sentinela muito, muito rapidamente.

Mantive meu olhar estreitado. — A Casa inteira sabe disso?

Havia diversão em seus olhos. — Menos do que aqueles que sabem do *Darth Sullivan*.

— Touché, — eu disse depois de um momento.

— Se vocês terminaram de flertar, — Catcher disse, — Devemos continuar com a magia?

— Vamos fazer, — Mallory disse, puxando um palito de fósforo. — Estou pronta para começar.

— O que devemos fazer? — Perguntei.

— Pareça amigável. Não queremos assustá-lo. — Com isso, ela acendeu o palito contra o lado da caixa, faísca e enxofre seguindo em seu rastro. Ela colocou a caixa de lado e aplicou cuidadosamente o fogo no pau de alecrim. O cheiro de ervas encheu o ar, me deixando com fome de frango assado. Mas afastei isso.

Silenciosamente, Mallory abriu seu caderno, rabiscou algo em uma página e rasgou-o. Ela dobrou a página em um arranjo complicado, segurou-o sobre o alecrim ardente até que ele pegou fogo também, e deixou cair na bandeja.

— Para o ambiente e explicação, — Mallory disse, sentando-se com as pernas cruzadas, as mãos nos joelhos e endireitando as costas. E começou a puxar sua magia.

Catcher já me disse que os feiticeiros não faziam magia – eles canalizam. Eles eram capazes, por razões genéticas ou paranormais, de canalizar a magia do universo, redirecionando-a para algum propósito. Era isso o que Mallory fazia agora, puxando magia que estava quente o suficiente para fazer o vapor literalmente subir do topo da sua cabeça.

Ela estendeu as mãos e assoprou nelas.

— Ela está assoprando a magia? — Perguntei calmamente.

Catcher estalou a língua. — Está aquecendo as mãos, novata.

Lógico, mas como eu deveria saber? Não passei muitas noites com Mal em parques públicos tentando entrar em contato com criaturas mágicas que não dava para ver.

Com as mãos aparentemente quentes o suficiente, Mallory colocou-as na frente dela. Uma faísca apareceu, cresceu e aumentou enquanto ela se concentrava, os lábios se movendo e a cabeça balançando em algum movimento silencioso. Eu teria adivinhado que ela estava cantando uma música favorita do Muse, mas isso provavelmente também seria errado, então mantive isso para mim.

A faísca floresceu ao tamanho de uma bola de golfe, depois uma bola de beisebol, depois uma de futebol, a luz brilhante o suficiente para passar por entre suas mãos, como quando eu segurava meus dedos sobre uma lanterna quando criança.

Quando a órbita de luz, do mesmo azul claro que um céu de verão, estava grande o suficiente, ela abriu os olhos. — Com cuidado, — ela murmurou para si mesma, e inclinou-se para frente, colocando a bola na bandeja. Ela pairava lá, vibrando de poder, lançando luz clara nos nossos rostos.

Olhei ao redor, esperando que ninguém estivesse nos observando. Os feiticeiros foram revelados, mas isso não significava que era uma boa ideia para os humanos observarem esse pequeno experimento. Considerando o clima, eles poderiam ligar primeiro para o CPD e fazer perguntas depois.

Mallory voltou a sentar e limpou a garganta. — Criamos um receptor. Vamos ver se podemos ligar. — Ela colocou a mão sobre a bola de fogo, os dedos estendidos e batendo no ar acima da bola.

O movimento criou um maçante som grave que ondulou no ar, como se ela tivesse deixado cair uma pedra em um lago. Os círculos saíram da órbita, para nós, através de nós, até que se espalharam a poucos metros de distância.

Mãos sobre a órbita, a orelha inclinada para o céu, Mallory esperou. — Estamos aqui, — ela disse. — E estamos procurando por você.

Ela bateu na órbita novamente, fazendo outro som maçante e enviando outra onda ondulando.

Mas ainda não havia resposta. Não que eu estivesse inteiramente certa de que tipo de resposta nós deveríamos receber.

— O que esperamos ouvir? — Ethan perguntou.

— Reconhecimento, — Mallory disse. — Eu sei que podem me ouvir. As mensagens estão retornando.

— Como um radar, — Ethan disse, e Mallory concordou.

— A batida encontra algo, a mensagem volta. Posso sentir. — Ela ergueu o olhar para Catcher. — Você?

Ele assentiu. — Fracamente, mas sim. Há algo lá fora.

— Então, vamos tentar mais alto, — ela disse. Ela se recompôs, soltou uma respiração e colocou a mão sobre a esfera novamente. Ela deu outro golpe na órbita, depois um segundo e um terceiro.

Os sons pareciam aumentar, ficando mais intensos com cada golpe, até que era como se as vibrações fossem parar meu coração.

Desta vez, as saudações passaram. E a voz não gostou da nossa intrusão.

Luz atravessou o céu, trovejando como o tiro de um rifle em um alvo. O poder atravessou o campo como uma mão dando uma tapa, e então eu estava voando, as luzes da cidade borradas com o movimento.

Bato com minhas costas no chão, meu diafragma fica travado com o choque, minha cabeça bate no chão, meus dedos dos pés e mãos formigando com calor e energia.

Deitei-me por um momento na grama, olhando as poucas estrelas que conseguiram perfurar o céu. Cada uma estava cercada por um halo de luz, e abelhas zumbiam em meus ouvidos.

Lentamente, eu levantei sobre os meus cotovelos e olhei ao redor. Ethan, Catcher e Mallory também estavam no chão, todos piscando para o céu. Nós caímos perpendicularmente uns aos outros, nossos corpos alinhados como os pontos de uma bússola. E entre nós, a órbita ainda brilhava.

— Bem, — Mallory disse, afastando o cabelo do rosto.

Eu me sentei e coloquei uma mão na testa, como se isso impedisse o mundo de girar. — Isso não foi um sucesso. Isso foi uma espécie de granada mágica.

— Foi um sucesso, — Mallory disse, e todos a olhamos.

— Como? — Ethan perguntou, tirando a neve da manga.

— Nós sabemos que nos ouviram. E sabemos que podemos lutar de volta. — Ela se moveu de joelhos, cutucou o alecrim com um dedo e depois se sentou sobre os calcanhares. Ela olhou para o céu e fechou os olhos, a brisa soprava seus cabelos através de suas bochechas rosadas. Após um momento de silêncio, ela olhou para nós. — Precisamos tentar novamente.

— Não. — Desta vez, Ethan disse sério. — Absolutamente não.

— Concordo, — eu disse. — Quando você cutuca o urso e ele tenta rasgar o seu rosto, você se agrupa e planeja novamente.

Ethan esfregou sua nuca. — Ou talvez você possa tentar novamente sozinha e nos dar o relatório depois. Enquanto estamos a várias milhas de distância.

Mallory sentou, mas olhou para o chão, franzindo a testa. — Olhe, mesmo que as respostas sejam de alguma forma automática, se os delírios são apenas emoções presas na magia, e nada está realmente pedindo ajuda, ainda podemos aprender com isso. Se continuarmos fazendo perguntas, talvez possamos ter uma sensação da propagação, de seu tamanho, das respostas que recuperamos.

— Como ecos, — ofereci.

— Como ecos, — ela concordou. — Estamos ficando sem tempo. Ela está se preparando para algo grande, e esse grande acontecerá muito, muito em breve. Se não estivermos preparados para isso, isso será pior do que o Towerline.

A Towerline foi meio sucesso e meio desastre, com muitas lesões e destruição.

Ethan abriu a boca, fechou-a novamente e olhou para Catcher, que balançava a cabeça, depois os ombros, como se tentasse afrouxar uma dor teimosa. Então, ele olhou para nós.

— Estamos todos inteiros, — Catcher disse. — Não estou sugerindo que você seja um covarde se não tentar novamente, mas...

— Mas está sutilmente implicando isso, — Ethan disse.

Catcher sorriu. — Isso é magia, amigos. É um jogo perigoso. Talvez os vampiros não possam lidar com isso.

Os olhos de Ethan ardiam em prata. — Isso é um desafio?

— Se é isso que é preciso. — Catcher olhou para mim. — Nós temos que tentar algo. Esta é a única coisa que sabemos fazer para tentar.

Não consegui discutir com essa lógica, então olhei para Mallory. Ela tirou um duro caderninho de papel de sua bolsa, e o folheava. — Apenas me dê um minuto.

Apertei meu olhar para Catcher. — Cerveja e pizza depois disso, e você está pagando.

Seus lábios se curvaram em um sorriso malicioso. — Você é um encontro barato.

— Essa é uma das suas melhores qualidades, — meu marido disse.

Dei uma cotovelada nele, e nos instalamos em nossas posições.

— Está ficando mais frio, — Catcher disse. — Provavelmente devemos acabar com isso enquanto ainda pudermos no mover.

Fiz um barulho sarcástico. — Vá nadar no rio e depois fale comigo sobre o frio.

— Minha pequena sereia, — Ethan murmurou enquanto Mallory colocava uma mão sobre a órbita novamente.

Desta vez, uma única batida. — Estamos aqui para escutar, — ela disse, — Não vamos te prejudicar.

Nós ficamos na escuridão fria, as orelhas esperando por qualquer resposta. Mas não houve nenhuma.

Mallory sacudiu a cabeça, molhou os lábios e bateu na órbita novamente. — Se você conversar com a gente, podemos tentar ajudá-lo.

Ela quase gritou quando a órbita pulsou com luz, e pulou para trás.

Começou como um sussurro, uma chamada fraca e distante. E com cada percussão o som aumentava, e aumentava, crescendo.

Socorro.

Socorro.

SOCORRO.

*SOCORRO.*

A voz era masculina. Era um som e muitos, um choro singular e um milhão de vozes. Essa era provavelmente a *profundidade* que Winston mencionou.

— Mas que porra, — Mallory murmurou enquanto olhávamos para a órbita.

*OLÁ. AJUDE-ME.*



O som era alto, como se fosse uma sala que de repente nos enclausurasse, sugando o ar e deixando para trás apenas o medo, o terror. Não era apenas um grito, mas uma demanda de atenção. Não apenas um pedido, mas uma ordem.

Isso era pânico e raiva, frustração e tristeza, um coquetel de desesperança. E não era o tipo de emoção que entorpecia os sentidos, mas o tipo que as aumentava. O tipo que fazia todo barulho parecer um tambor de timpani<sup>18</sup>, cada carícia uma queimadura ofuscante. A irritação começou a coçar sob minha pele, a emoção cheia de desespero.

Deveria ser isso o que os delirantes escutavam. Não era de se admirar que estivessem aterrorizados, Winston e os outros. Não era de se admirar que pedissem ajuda, e consideravam a morte para acabar com a dor.

— Eles não estavam delirando, — Catcher sussurrou calmamente. — Nem mesmo perto.

— Olá, — Mallory disse para a órbita. — Estamos aqui em Chicago com você. Onde você está? Como podemos ajudar?

*OLÁ. AJUDE-ME.*

— Parece uma gravação, — Ethan disse calmamente. — Apenas refletindo pensamentos.

*AJUDE-ME. OLÁ. AJUDE-ME. OLÁ. AJUDE-ME. OLÁ.*

As palavras tornaram-se mais rápidas, pareciam mais insistentes, como se empurrassem mais carga emocional – e mais bagagem mágica.



— Estamos aqui, — Mallory disse. — Você pode nos dizer onde você está? Pode nos dizer como ajudá-lo?

Silêncio.

*EU ESTOU...*

A órbita pulsava com cada palavra.

*EU ESTOU...*

— É consciente, — Mallory disse calmamente.

— Isso não é possível, — Ethan disse calmamente. — A magia latente não está viva.

A magia discordou. *EU ESTOU!* Ele gritou; alto o suficiente para que nós colocássemos nossas mãos sobre nossos ouvidos.

*EU ESTOU!* A órbita explodiu, atirando a bandeja de prata no ar.

Ethan jogou um braço sobre mim e me empurrou para o chão enquanto a magia estilhaçava o ar ao nosso redor. O barulho do som ecoou através do coreto, de um lado para o outro, nos edifícios perto de nós, como uma bomba.

E então, tão repentinamente quanto a explosão aconteceu, o mundo ficou silencioso novamente.

Nós nos sentamos cautelosamente, olhando ao nosso redor. A órbita desapareceu, e com isso, a bandeja e o alecrim. E havia um buraco no meio do cobertor, as bordas ainda marcadas pelo fogo.

— Melhor não contar a Helen sobre a bandeja, — eu disse rapidamente, antes que Ethan pudesse se opor.

Ethan resmungou o seu descontentamento. — Todos estão bem?

— Tudo bem aqui, — Catcher disse, ajudando Mallory a se sentar. Havia um traço de fumaça no seu rosto, mas seus membros ainda estavam intactos, o que ela confirmou batendo cada braço e perna.

— Bem, — ela disse, então bufou. — A fonte dos delírios da cidade é meio que um idiota.

Como se essa fonte estivesse insultada pela declaração, uma rajada de vento gelado cortou o gramado, carregando consigo o mesmo cheiro químico que marcava os outros que ouviram os delírios. O cheiro nos cercou como um nevoeiro.

E desta vez, enquanto estávamos no meio do centro de Chicago em um cobertor na neve, percebi quão familiar era esse cheiro.

*Não, pensei. Não é um cheiro. Perfume.*

Não era realmente industrial, nem químico. Era industrial e químico. Era escapamento e pessoas e movimento e vida. Era rio e lago e vasto céu. Era Chicago, como se a cidade tivesse destilado sua própria essência, um elixir que trazia dicas de todas as coisas que existiam dentro de suas fronteiras.

Ou dentro da rede alquímica que Sorchia criara, aquela que se espalhara de Towerline como uma aranha.

Pensei no que Winston pintou em seu caderno pequeno e esfarrapado, e a pintura que até mesmo Winston pensava que fossem dentes – denteados e irregulares – da boca que gritava os seus delírios.

Eles não eram dentes, percebi, olhando para fila de edifícios irregulares no leste. Ele desenhou o horizonte. Ele desenhou Chicago.

Ele escutou *Chicago*. De alguma forma, por causa da magia que eu não entendia, ele escutou Chicago.

— Merit? — Mallory perguntou; a cabeça inclinada enquanto ela me estudava.

— Winston Styles pintou imagens que vieram até ele quando ouviu a voz. Ele desenhou o horizonte, — eu disse. — Ele escutou Chicago. O cheiro não é magia, nem um produto químico. É Chicago. Espremido e destilado, mas a mesma Chicago.

Nenhum deles parecia convencido. — Fechem os olhos, — eu disse. — Fechem os olhos e pensem no cheiro.

Eles pareciam ainda mais céticos sobre essa ideia. Mas fecharam os olhos.

— Tráfego, — Mallory disse depois de um minuto. — Escapamento.

— E, por baixo disso? — Perguntei.

Ela franziu a testa. — Fumaça. E o lago. E o vento soprando nas pradarias. Cachorros quentes e carne assada e churrasco no verão. Corpos, suor e lágrimas. — Ela abriu os olhos. — É como se alguém fizesse um perfume de Chicago – com tudo isso junto.

Ethan e Catcher inalaram profundamente, seguraram o ar em seus corpos como se medissem o conteúdo.

— Pizza, — Ethan disse.

— Sim, — Catcher disse. — Quero dizer, muito escapamento e fumaça, mas há um rastro de salsicha, talvez?

— Os delírios não são delírios, — eu disse. — Eles estão ouvindo Chicago.

— A voz é consciente, — Catcher disse. — Chicago não é. Isso não é possível.

— Não deve haver neve no chão em agosto, — Mallory disse. — Não deve haver pessoas tentando se prejudicar para aliviar seus delírios. Não temos o luxo do *possível* neste momento. Mas, — ela acrescentou, — Acho que você está certo sobre a cidade – Chicago é um lugar realmente grande. Se fosse possível que uma cidade pudesse ser consciente, e se Chicago fosse tão afortunada, de uma em um milhão de cidades, tenho certeza de que haveria mais do que uma única voz e mais cheiros.

— Como cachorros quentes de Chicago? — Catcher perguntou.

— Alguma coisa assim. Infelizmente, isso não nos ajuda a dizer o que é. — O olhar de Mallory se estreitou perigosamente. — Mas vou procurar descobrir.

\*\*\*\*

Estávamos a menos de uma hora do amanhecer, então pulamos o plano anterior de comer e beber cerveja, e optamos por voltar para a Casa. O retorno foi silencioso, todos nós pensando, imaginando o que estava acontecendo em Chicago. Catcher estacionou na rua e caminhamos silenciosamente para a Casa.

Mallory bocejou imensamente, mas revirou os ombros como se estivesse afastando a exaustão. — Preciso de tempo para ler e pensar, — ela disse. — Eu vou me refugiar na biblioteca por um tempo, se isso estiver bem para você.

— Está tudo por mim, — Ethan disse. — Mas não se esqueça de cuidar de si mesma, de dormir.

Ela assentiu. — Eu vou dormir quando me sentir melhor. Quando eu vencer isso.

— Vou contar a Chuck o que descobrimos, — Catcher disse.

— Será que ele vai querer contar a prefeita? — Ethan perguntou, fechando e trancando.

Catcher puxou sua orelha. — Ainda não, eu acho. Não até que possamos realmente dizer o que é. Mas essa será uma decisão dele.

Ethan assentiu. — Vamos nos encontrar ao anoitecer. E nenhuma magia na Casa.

— Confie em mim, — Mallory disse. — Não quero mais dessa magia até termos alguma informação.

— Um bom plano para todos nós, — Ethan disse, e nos dirigimos para o andar de cima.

\*\*\*\*

— Não há comida da Margot suficientemente para este dia, — falei quando estávamos sozinhos novamente. Tirei minhas botas, as deixando cair fortemente no chão.

A voz era tão triste, tão irritada, tão frustrada, e senti que aquelas emoções ainda se agarravam a mim. E quando essa porta foi aberta, as outras emoções que afastei – a tristeza que eu ainda sentia por nossa visita à terra verde – apareceu novamente.

Gabriel, Claudia. As mensagens sobre a possibilidade de nosso filho ficaram cada vez mais crescentes, e a possibilidade de ter um filho parecia escorregar mais e mais para longe.

Ethan grunhiu, caminhou até a escrivaninha e olhou a cesta que ela havia montado. E então sorriu. — Acredito que você pode querer reconsiderar essa declaração, Sentinela.

Eu duvidava que uma reconsideração fosse necessária, mas dei uma olhada na cesta.

— Mmmph, — foi o som mais próximo que fiz. — Não estou realmente com fome.

Caminhei até a janela e afastei a pesada cortina de seda com um dedo. O mundo lá fora estava escuro e frio, o gelo se concentrando no vidro.

— Não está com fome? — Ethan brincou, puxando sua camisa sobre a cabeça.  
— Como isso é possível?

Quando não respondi, ele se aproximou, virou-me para ele e franziu a testa para o que viu. — Você está preocupada, — ele disse, acariciando um polegar ao longo da minha mandíbula.

Eu parei, temendo soar ridícula, mas lembrei-me que ele era meu marido, meu parceiro, meu confidente e amigo, então, eu confiava nele.

— Estava pensando sobre a terra verde e a criança que vimos lá. Isso machuca. Vê-la sendo levada.

— Nós não estávamos realmente lá, — ele disse gentilmente, — E ela não foi realmente levada.

— Pareceu real. Doía como se fosse real, e Gabriel disse que nada estava garantido. E se esse é realmente nosso futuro? Em nossa realidade, em vez na de Claudia, mas o mesmo tipo de perda?

— Não era o nosso futuro, — Ethan disse. — Era uma ilusão.

Mas a tristeza me agarrava, envolvia os seus dedos ao redor do meu coração e não estava pronta para soltar. — E mesmo que fosse, — comecei, virando para a janela. — Olhe para a cidade, Ethan. Este é o nosso legado: feiticeiras violentas, inimigos à nossa porta, humanos tomados pela magia. Por que iríamos querer trazer uma criança para este mundo? Para o mundo de Sorchia?

— Não é o mundo de Sorchia, — Ethan disse; seu tom tão afiado quanto uma faca. — É o nosso mundo. Ela está se intrometendo, e nós vamos lidar com ela como sempre fazemos.

Balancei a cabeça. — Mesmo que possamos ter um filho, as crianças são frágeis.

— As crianças são resistentes e nossa criança será imortal.

— Assim nós presumimos. Mas não sabemos disso. Na verdade, não. Não sabemos nada sobre a biologia, como funcionaria. E se ela for a única – a única criança vampira? Que tipo de vida seria? Que tipo de vida ela teria?

— De onde vem isso?

Estendi uma mão em direção à janela. — De lá. Daqui. De todas as noites que temos de lutar para permanecer vivo. Perguntando-me se isso acabará.

— Não é como se você estivesse com medo.

— Não são todas as noites que estou diante de uma cidade que está de alguma forma possuída de magia. Apenas um idiota não teria medo.

— Merit, foi uma longa noite pontuada de medo, raiva e magia. Você só precisa dormir. — Sua voz era suave e gentil, e isso quase me levou às lágrimas novamente. Não queria piedade ou consolação; essa tristeza, essa quase tristeza, exigia toda a minha atenção.

— Não preciso dormir. — Minha voz parecia petulante, até mesmo para mim. E isso só me fez sentir pior.

— Então, talvez eu possa ter dito que não é como se você recuasse diante do medo.

— É o que nós estaríamos fazendo? Recuando? Ou apenas sendo lógicos?

Desta vez, seu tom era mais firme. — Nada do que você disse é lógico.

— Não seja condescendente.

Raiva apareceu nos olhos dele. — Não estou sendo condescendente. Estou esperando bravura de você. Se você tem medo, vamos trabalhar com isso. Mas não recuaremos por causa dela. Não vamos deixar que ela destrua nossa família antes de termos a chance de começar.



— Nada é certo, — eu disse, pensando em Gabe e Claudia. — E talvez eu não queira mais riscos.

— Então, talvez você não esteja agindo como a Sentinela desta Casa.

Não tinha palavras para ele, nenhuma resposta possível. Eu não gostava de ter medo, e certamente não gostava de mostrar esse medo para ele. Mas isso não parecia importar. O medo ainda me agarrava, sombrio e gélido, assim como o inverno que aparentemente se apoderava da cidade.

Nós olhamos um para o outro em silêncio até que a escuridão automática desceu sobre as janelas, até que o sol atravessasse o horizonte.

Nós dormimos porque o sol o exigia, mas havia uma fria lacuna entre nós.

# CAPÍTULO 17



## Bola de neve

Planejava fugir para uma corrida ao entardecer, esperando que o frio no ar limpasse minha cabeça – e alguma da tensão que ainda permanecia entre Ethan e eu.

Perguntando-me o que eu deveria usar – o quão embrulhada eu precisaria ficar contra o frio de Sorchá – eu afastei a cortina pesada. E olhei para a tela branca que brilhava sob um limpo céu escuro.

— Ethan.

Ele já estava vestido, e folheava o *Tribune*. Ele se moveu atrás de mim, e ouvi quando ele prendeu o fôlego ao perceber o que enfrentávamos.

A cidade parecia ter sido mergulhada em nitrogênio líquido – ou caído em uma era do gelo. Havia um centímetro de neve no chão, e cada superfície acima do solo – árvores, cerca, as casas além – estavam cobertas de brilhante gelo azul-branco ou pendurados com cristais tão afiados quanto estiletes.

A rua do lado de fora, geralmente cheia nas primeiras horas da noite, estava sem carros. Os veículos estacionados na rua estavam tão revestidos de neve e gelo que parecia borracha. Se toda a cidade estiver assim, isso teria parado a cidade.

O medo se instalou abaixo na minha barriga.

— Ainda não havia verificado meu telefone, — Ethan disse. — Eu estava dando – a nós – a chance de conversar primeiro.

Olhei para ele e vi a mesma preocupação em seus olhos. — Deve haver muitas mensagens. Meu avô, as outras Casas. A prefeita. — Olhei para a janela novamente. Inferno, se o resto da cidade estiver assim, a Guarda Nacional de Illinois provavelmente estaria batendo nossa porta.

— Todos, — ele concordou. — Este não é o tipo de coisa que podemos afastar ou ignorar. Isso exigirá uma resposta.

Houve uma batida na porta.

— E acho que não teremos o luxo dessa conversa, — ele disse, e olhou para mim por um momento antes de virar para a porta.

Ele abriu e encontrou Luc com o punho levantado, pronto para bater de novo. Luc usava uma camisa escrito Casa Cadogan, com jeans e arranhadas botas de cowboy, o cabelo mais despenteado do que o habitual.

— Desculpe pela interrupção, Sire, mas acho que você não verificou suas mensagens. — Ele encontrou o meu olhar, assentindo com a cabeça. — Sra. Sire.

— Ainda não olhei, — Ethan disse. — O que há de errado?

— Se você descer as escadas? Mallory e Catcher já estão lá em baixo.

Ethan assentiu, olhou para mim e percebi que ainda usava pijama. — Vamos descer em um momento. Assim que Merit estiver vestida.

Luc assentiu. — Estamos no seu escritório.

Neve ou não, eu não ia correr.

\*\*\*\*

Descemos em três minutos e meio, e entramos no escritório de Ethan para encontrar Catcher, Mallory, Malik, Lindsey e Luc já reunidos. Todos estavam de pé, e

todos tinham seus olhos na televisão incorporada a uma das prateleiras da parede mais distante.

Catcher e Mallory ainda estavam de pijama – camisa da Casa Cadogan e calças xadrez, que provavelmente pegaram emprestados de Helen para passar a noite. Pareciam não terem dormido muito.

A televisão foi sintonizada em um canal de notícias, onde um repórter masculino estava em frente à barricada em Towerline. Ele usava um casaco, cachecol, luvas e chapéu, e ainda parecia estar com frio. Atrás dele, a rua estava vazia e escorregadia como uma pista de gelo.

— Estou aqui na frente do edifício Towerline, — ele disse enquanto nos movíamos para a multidão, mais perto da televisão, — Onde a momentos atrás, a feiticeira Sorch Reed apareceu para entregar um ultimato arrepiante para a cidade de Chicago. Vamos ver essa filmagem novamente.

O medo gélido serpenteou pela minha espinha.

A cena mudou para a gravação feita anteriormente – Sorch, com a luz dourada do crepúsculo em volta dela – de pé na neve que cobria o terreno do Towerline. Ou ela ignorava o frio, ou tinha magia, por que ele não a afetava. O tempo estava uma droga, ela usava um vestido longo na cor esmeralda. Era longo e quadrado no peito, uma saia volumosa embaixo, todo coberto de renda geométrica sobre a malha do mesmo verde escuro. Os cabelos dela, grossos e loiros, enrolados lindamente sobre os ombros.

Ela estava com uma postura perfeita, as mãos atrás dela, as miçangas e lantejoulas brilhando nos holofotes e nos flashes das câmeras. O sorriso no rosto estava satisfeito e apenas um pouco presunçoso, como uma estudante mostrando sua faixa de primeiro lugar na feira de ciências.

— Boa noite, cidadãos de Chicago. Espero que vocês tenham gostado dessa revigorante prova de meu poder. — Ela olhou ao redor, o orgulho brilhando em seus

olhos. — Levou incrivelmente pouco esforço da minha parte, embora fosse, obviamente, ajudado pelos esforços secundarista da feiticeira, Mallory Carmichael.

Mallory xingou sob sua respiração.

Não gostei da maneira como ela usou *feiticeira* como um título, como se fôssemos personagens de um filme de faroeste, e que ela planejava cuidar de nós ao amanhecer em uma estrada empoeirada e branqueada pelo sol, entre edifícios de madeira desgastados.

— Tenham certeza de que este é apenas o começo – uma amostra de meus poderes praticados. E pretendo usá-los. Eu tinha um plano para esta cidade, que nos levaria a uma nova era. Esse plano foi arruinado por seus sobrenaturais, seus funcionários responsáveis pela aplicação da lei, porque eles são muito cegos, muito estúpidos, para ver a virtude disso.

Um pouco do semblante calmo e sereno, o sorriso fixo como de uma debutante, vacilou, como uma máscara escorregando.

— Vocês têm dívidas a pagar. Eu vou cobrar. Retomarei o que vocês tiraram de mim, e tomarei o que está em dívida.

Ela sorriu, e era relaxante. Era um sorriso de predador, amoral e afiado.

— Vou pegar esta cidade como pagamento de suas dívidas, ou pegarei os traidores. Se Merit, da Casa Cadogam, e Mallory Carmichael forem entregues a mim até amanhã, eu liberarei Chicago.

Houve um suspiro na sala – talvez tenha vindo de mim? – e algumas cabeças se viraram para olhar para Mallory e eu antes de olhar novamente para Sorch.

— Se fizerem o que eu pedi – essa coisinha que eu pedi: o gelo vai derreter e as temperaturas aumentarão, e vocês poderão ter sua cidade de volta. — Seus olhos escureceram, como nuvens de tempestade passando. Embora ela tenha sorrido agradavelmente, não havia nada de agradável em seus olhos. — Se não fizerem isso,

se me negarem o que me devem, vocês aprenderão o quão vingativa posso ser. Não peço muita coisa, vocês não acham? Duas vidas, em troca de três milhões?

Ela esperou, como se permitindo que toda a cidade entendesse, e deslizou as mãos dos bolsos da saia volumosa. — Vocês têm dez horas. Espero que vocês sejam inteligentes o suficiente para tomar a decisão certa.

Houve um redemoinho digno de um filme – verde, é claro – e ela desapareceu, a neve voando como a única prova de que ela estava lá.

— Tudo bem, — Lindsey disse; interrompendo o silêncio. — Vou cortar a tensão dizendo que ela é uma vadia de pedra. Mas realmente me irrita quão linda ela é. Posso ter uma paixão pelo estilo da minha inimiga mortal?

— Sim, — Mallory disse; o olhar estreitado na tela. — Problemas não relacionados.

— Boa. Porque aquele vestido era lindo. Eu a odeio.

— Por causa do estilo ou por ser inimiga mortal? — Perguntei.

— Sim, — foi a resposta de Lindsey. — Por causa disso.

— Ela está blefando, — Catcher disse, com a voz baixa e perigosa, com a fúria apenas contida. — Ela não tem esse tipo de poder – não para destruir a cidade. — Mas ele não parecia totalmente certo.

— Ela só precisa do nosso medo, — Mallory disse. — E ela tem muito disso para fazer isso. O suficiente para extorquir a prefeita e todos os outros. Pelo menos ela não é passiva-agressiva.

— Ela é agressiva-agressiva, — Catcher disse. — E quero uma chance com ela dessa vez.

— Ela não pediu por você, — Mallory disse. — Ela pediu a nós.

— Ela não pegará vocês, — Ethan disse. Olhei para ele, encontrando seu olhar sobre mim, seus olhos cheios de calor faiscante. — Sob nenhuma circunstância vocês serão entregues a Sorchá Reed.

— Apoiado, — Catcher disse; um timbre profundo em sua voz, como se tivesse impregnando a própria palavra com magia.

Como eu, Mallory parecia pronta para discutir. Não que eu quisesse me entregar a Sorchá – eu vi o que ela podia fazer. Mas não queria sacrificar Chicago – e cada pessoa nela – para sua sociopatia. Deveria haver um meio termo entre ceder e desistir.

E nós duas éramos inteligentes o suficiente para escolher nossas batalhas. Mallory e eu trocamos um olhar e um pequeno aceno de cabeça. Faríamos o que devíamos fazer para proteger nossa cidade, nosso povo e nossos homens.

— Nós a derrotamos uma vez, — ela disse, com um longo olhar para o seu marido. — E ela teria ficado assim se o CPD não a tivesse perdido. Vamos derrotá-la novamente.

Os telefones começaram a tocar, o som de aviso de mensagem, e os pegamos. — Jonah, — eu disse, lendo o meu. — Deixando-nos saber que a Casa Gray tem a nossa proteção.

— Seu avô, — Catcher disse. — Ele e Jeff estão a caminho; a prefeita quer uma reunião de estratégia em duas horas. — Ele olhou para cima. — Não seremos capazes de evitar isso.

— E o *Tribune* está pedindo uma nota. — Ethan grunhiu as palavras, depois jogou seu telefone em uma cadeira vazia, onde aparentemente planejou ignorá-lo.

— Não seria uma má ideia falar com eles, — Luc disse.

A fúria no rosto de Ethan o fez parecer tanto lobo quanto vampiro. — Ela pediu a vida da minha esposa em troca dessa cidade. Eles não têm o direito de justificar

essa demanda com perguntas sobre se eu vou concordar com isso. Se eu entregarei Merit para satisfazer os caprichos de uma mulher que é louca.

*Ethan*, eu silenciosamente disse, e coloquei uma mão no braço dele. *Isso não ajudará. E ele não é nosso inimigo.*

A sala ficou carregada e silenciosa por um momento, a tensão era tão espessa quanto névoa, e então ele concordou, dando um passo atrás.

— Você deve dizer o que você pensa, — Luc disse, e levantou as mãos antes que Ethan pudesse argumentar. — Eu sei que você não gosta de conferências de imprensa. Mas devemos considerar mostrar nosso lado da história para as pessoas de fora.

— Em menos de dez horas entrego minha esposa, ou Sorchá destrói a cidade. Contar minha história por aí não é uma prioridade.

— Você é um homem teimoso.

— Eu sou, — Ethan disse. — E serei condenado se minha cidade for derrubada pela Bruxa Malvada do Centro-Oeste.

Feito e dito.

\*\*\*\*

Nós levamos tempo para nos organizar, conseguir comida e para Mallory e Catcher tomarem banho. Nós nos reunimos novamente no escritório de Ethan, onde a tela agora exibia o dossiê que Luc havia reunido sobre Sorchá Reed.

— Se quisermos vencer a Bruxa Malvada, — Luc disse, — Precisamos prever sua magia. E se queremos prever sua magia, temos que saber como ela funciona.

— Mais como, Bruxa Vadia, — Lindsey murmurou.



— Sem objeções, — Ethan disse.

Luc concordou. — Primeiramente, Mallory e Catcher têm uma atualização.

Mallory, que se vestiu enquanto nós nos preparávamos para a reunião, levantou-se do sofá. Seu cabelo azul estava em um coque alto hoje, seu pequeno corpo engolido por um moletom da Casa Cadogan. Ela parecia um pouco como uma estudante de segundo ano durante a semana final. Ela parecia muito bem.

— Graças a Merit, — ela disse, — Fizemos um pequeno progresso.

A esperança fez meu coração bater mais rápido. — Você encontrou algo nas anotações?

— Nós encontramos, — Mallory disse. — Mais ou menos. Assim, as anotações são basicamente divagações, o que provavelmente não é surpreendente, dado que foram ordenadas ao redor da sala. Parece uma série de feitiços em que ela estava interessada, ideias para projetos, coisas assim. Era basicamente um quadro de avisos realmente obsessivo. Juntas, as peças não fazem muito sentido. Então, se você considerá-las individualmente. E, individualmente, elas também não faziam muito sentido. Até chegar a isso.

Ela me ofereceu o pedaço de papel. Era uma cópia do que parecia um livro ou uma página de revista. A metade de cima da página estava preenchida com palavras escritas à mão em um pequeno papel dourado de manuscritos medievais. A metade de baixo da página exibia esboços de desenhos em uma fina linha torta. Que parecia um globo perto do que parecia uma estrela, com representações bidimensionais de seres humanos.

— Parece velho, — eu disse. — Mas não é particularmente familiar.

— Nem para mim, — ela disse. — Especialmente a linguagem completamente diferente. Mas fiz um pequeno teste. É uma página do Manuscrito Danzig.

— Você está brincando, — eu disse, mas dei outra olhada na página.

— E o que é o Manuscrito Danzig? — Luc perguntou.

Eu realmente não havia visto o Manuscrito Danzig, mas sabia o suficiente sobre isso. — Um livro escrito no século XVII, — eu disse. — Desenhos de plantas e animais que não existiam e escritos que não estavam em nenhuma linguagem identificável. — Mallory estava certa – as letras de forma não eram inteiramente claras nesta página fotocopiada, mas não era um alfabeto latino ou Cirílico, ou qualquer alfabeto que eu reconhecesse.

— Há algumas dúzias de teorias sobre o que o livro deve significar, — eu disse. — Se foi codificado ou criptografado, a última escrita em uma linguagem perdida, as divagações de um louco, uma piada muito antiga.

— E acontece que Ethan tem uma cópia do livro em sua magnífica biblioteca.

Mallory estendeu a mão para Catcher, que lhe ofereceu um livro de couro grande e escuro. Ela abriu o livro na página que marcou com uma fita. Correspondia exatamente com a página do escritório de Sorchia.

Ethan olhou para o livro por cima do meu ombro. — E ninguém determinou conclusivamente o que isso significa?

— Não em quatrocentos anos, — eu disse.

Mallory sorriu maliciosamente. — Bem, não até hoje à noite.

Levantei o olhar e olhei para ela. — O quê?

— Eu traduzi o Manuscrito Danzig.

— Você está brincando.

Seu sorriso era enorme, orgulhoso. — Não estou brincando. Levei uma boa hora para descobrir o truque, — ela disse com uma piscadela. — Mas tenho habilidades que a maioria dos acadêmicos não tem.

— Habilidades? — Perguntei, então olhei para a página outra vez.

— Abracadabra, — Mallory disse, e desenhou um símbolo no ar acima do texto.

A magia brilhante se derramou no ar e, com ele, o perfume ligeiramente mofado de livros antigos, de escuros corredores de livros. As letras de formas se esticaram e se moveram como se estivessem animadas, depois se reagruparam em letras latinas e em inglês.

Virei para a próxima página, depois para a próxima. Todas foram traduzidas pela magia de Mallory.

— Puta merda, Mallory. — Eu olhei para ela. — Você traduziu o Manuscrito Danzig.

— Eu sei, certo? — Ela soprou suas unhas, e as passou na sua camisa. — Sou muito foda. Felizmente, a magia está contida nas palavras do manuscrito, não nas páginas. É por isso que essa pequena tradução funciona no exemplar de Ethan.

— Então, o que é? — Lindsey perguntou. — E qual é o significado?

— Como se vê, o Manuscrito Danzig não é uma piada ou divagações, embora tenha sido criptografada. É um grimório.

— Um livro de feitiços? — Perguntei.

Mallory assentiu. — De um feiticeiro chamado, eu não estou brincando, Portnoy, O Feio. As palavras estão em inglês, mas estão na taquigrafia mágica de Portnoy, que leva tempo para traduzir. Começamos com a página que você encontrou no escritório da Sorch.

Ela apontou para o globo, o círculo de seres humanos grosseiramente desenhados. — O texto descreve um grupo de seres humanos com emoções poderosas. Emoções fortes que são descartadas no mundo. — Ela traçou um dedo no desenho da estrela. — A magia une essas emoções, dando-lhes uma faísca. Uma criatura nasce desse espírito coletivo. Está vivo e é consciente.

Ela levantou o olhar para nós. — Isso é chamado Egrégora<sup>19</sup>. Essa é a voz que ouvimos.

A sala ficou em silêncio.

— Como? — Ethan disse.

— O cavalo de Tróia de Sorch, — Mallory disse. — A magia que não se dissipou depois do Towerline.

Catcher inclinou-se para frente. — Pense nas emoções que as pessoas estavam sentindo ao redor de Towerline quando a batalha ocorreu. As pessoas ficaram assustadas com a luta, os sobrenaturais, o rio, a possibilidade de o prédio cair. A cidade estava em crise, e isso era além de todas as outras coisas que eles normalmente se preocupam. Todo esse medo, raiva e preocupação foram reunidos pela magia de Sorch.

— Foi destilado, — Mallory disse. — Assim como o cheiro dessa magia é a essência destilada de Chicago.

— Estamos ouvindo a Egrégora, — Ethan silenciosamente disse, estudando a imagem, movendo o olhar para Mallory. — Magia criando vida?

— Uma forma disso, de qualquer maneira.

— E por que ela faria tudo isso? — Ethan perguntou. — Criar essa magia coletiva? Trabalhar para criar esta Egrégora? Promover os delírios? Para usá-los como uma arma?

— Eu acho que os delírios são um efeito colateral, — Catcher disse. — Havia milhares de pessoas perto de Towerline, mas os delírios foram relativamente raros,

---

<sup>19</sup> Egrégora, ou egrégoro é como se denomina a força espiritual criada a partir da soma de energias coletivas (mentais, emocionais) fruto da congregação de duas ou mais pessoas. O termo pode também ser descrito como sendo um campo de energias extrafísicas criadas no plano astral a partir da energia emitida por um grupo de pessoas através dos seus padrões vibracionais.

esporádicos e geograficamente focados. Isso provavelmente é porque a magia de Sorcha não se espalhou uniformemente.

— O fato de nunca ter sido treinada a magoa, — Mallory disse, balançando a cabeça. — Ela tem habilidades, com certeza. Mas é poder cru, sem treino.

— E isso é muito mais perigoso, — Ethan disse. — Para não mencionar o fato de que é narcisista e imprevisível. Ela mudou o clima. Colocou em perigo a vida de milhões. Fez a cidade parar porque podia. — Ele olhou para Mallory. — Porque você não a deixou entrar no Towerline.

— Ela está agindo como uma adolescente hormonal, — Lindsey disse. — Ela é basicamente o pior romance de *Sweet Valley High*<sup>20</sup> já escrito.

— Com base no que sabemos sobre ela, — Luc disse, — É assim que ela operou a vida toda. Ela consegue o que quer, geralmente porque alguém pagou por isso.

Eu concordei. — Ela nem sequer luta suas próprias batalhas. Ela usou a alquimia para controlar os sobrenaturais para que pudessem lutar por ela. Quer ganhar a guerra, mas não quer lutar. Ela quer poder com impunidade.

— Ela quer uma *arma*, — Catcher concluiu, acenando com a cabeça para mim. — Assim como nós deveríamos ser.

— A Egrégora é consciente, — eu disse. — Se ela pode controlá-la, isso pode lutar contra nós em nome dela.

Mallory assentiu. — Nós pensamos que é aonde ela irá, também. — Ela gesticulou para o livro. — Mas não tivemos tempo para avançar no livro, então não sabemos o que ela tentará a seguir, ou como o tempo se relaciona com isso.

— Outra pergunta, — eu disse. — Se a Egrégora será a arma dela, por que ela nos quer? Por que o ultimato?

---

20 Sweet Valley High foi uma série televisiva americana baseada no livro de Francine Pascal de mesmo nome.

— Vingança, — Ethan disse, e a palavra pendeu no ar, pesada e perigosa.

— Tenho certeza de que uma parte é isso, — Mallory disse. — Mas não pode ser tudo. Ela está criando um espetáculo, com certeza. Mas também está nos dando a chance de nos preparar, de ficarmos prontos. Armar-nos. Estamos deixando passar alguma coisa. Algo envolvendo a Egrégora e nós. Apenas não consigo ver o que é. Preciso de mais tempo para trabalhar no Danzig, — ela se virou para Catcher, — Ou preciso ir direto à fonte.

Catcher a olhou. — Nem pense no que você está pensando. Pular nos braços dela não mudará nada.

— Eu te amo, mas você nem sabe a metade do que estou pensando agora. — Os dentes de Mallory estavam cerrados com raiva, cada palavra como uma mordida em uma semente amarga.

— Ele está certo.

Olhamos para trás, para o meu avô na entrada. Ele entrou com Jeff ao seu lado.

— Quanto você sabe? — Catcher perguntou.

— O suficiente, — ele disse. — Nós falaremos sobre os detalhes mais tarde. — Ele se sentou ao lado de Mallory e juntou as mãos. — Mesmo se você e Merit se entregarem a ela, se vocês se voluntariassem, você acha que isso faria a diferença? Acha que isso mudaria alguma coisa?

— Provavelmente não, — Mallory admitiu. — Mas se houver uma chance de um por cento, ela cederia? Se fôssemos até ela, nos entregássemos, ela tiraria seu gelo e sua alta costura e se afastaria? Isso não vale a pena, salvar a cidade?

— Mallory, — Catcher disse, — Você sabe que a matemática não funciona assim.

— É apenas um exemplo, — ela disse, e esfregou uma mão sobre o rosto.

Pode ter sido um exemplo, mas ela tinha razão. Eu não queria ter muitas pessoas na minha consciência, pesando-a.

— Preciso de mais tempo, — ela disse. — Todos nós precisamos de mais tempo.

— Tenho certeza que ela sabe disso, — Ethan disse. — É por isso que o tempo é um luxo que ela não está nos dando. — Ethan olhou para o meu avô. — Qual é a situação lá fora?

— A cidade está congelada e, por causa disso, calma. O governador convocou a Guarda Nacional e eles estão ajudando aqueles que optaram por evacuar. Houve mais dois casos de humanos com delírios, que enviaram quatro pessoas para o hospital. Sem fatalidades, graças a Deus. E há manifestantes no seu gramado.

— Protestando? — Ethan disse, trincando a palavra. — Protestando por quê?

Meu avô olhou para mim. — Eles exigem que Merit e Mallory se rendam imediatamente pela segurança da cidade.

Os manifestantes não eram uma novidade. Como os fãs da Casa, seus números crescem e diminuem, geralmente dependendo do clima e de quanto aparecíamos nas notícias. Mas isso não interessava muito a Ethan.

A magia dele se acendeu como uma explosão de energia do sol. — Eles se atreveram... Eles se atreveram a se aproximar da minha casa e defender a morte da minha esposa?

Eu podia sentir sua raiva crescendo, como uma tempestade que iluminava o horizonte. Toquei seu braço, mas ele apenas direcionou esses olhos ardentes em mim.

— Não, — ele disse. — Deixo passar muitas coisas dos humanos, Merit. Mas isto não é uma delas. — Ele virou o calcanhar e entrou no corredor, deixando o resto de nós olhando fixamente.

## CAPÍTULO 18



# Meros mortais

Nós o seguimos pelo corredor, chegando ao saguão quando ele abria a porta com força suficiente que bateu contra a parede, deixando um amassado no gesso.

Havia vampiros no corredor, no saguão. Vampiros empacotando-se contra o frio, e seus olhares se desviaram quando passamos por eles. Havia uma culpa nos olhos deles – ou porque Mallory e eu infelizmente fomos escolhidas, ou porque eles pensam que aceitar a proposta de Sorchia era uma boa ideia.

Mordi minha língua, mantendo meus olhos em Ethan. Ignorando a neve, o gelo, o frio, Ethan caminhou pela calçada como um guerreiro indo para a batalha, depois pelo portão e para a calçada do lado de fora.

Nós o seguimos, paramos atrás dele na calçada, onde ele olhou para os treze humanos que tomaram posições na faixa de neve entre a calçada e a rua. Eles estavam empacotados contra o clima, e trouxeram cadeiras de acampamento, cobertores e canecas de chocolate quente.

Pareciam com frios e um pouco lamentáveis, mas Ethan não parecia se importar. Indefesos ou não, ele não teve compaixão.

Seus ombros estavam levantados, os pés plantados, as mãos cruzadas nos lados. O vento soprava seus cabelos, as lapelas de sua jaqueta cara, assim ele parecia um velho atacante que veio reivindicar seu prêmio.

— Vocês estão aqui, na frente da minha casa, tomando café e chocolate, e defendendo assassinato. Como podem ser tão casuais sobre isso? Tão insensíveis?



— Elas são imortais, — disse uma mulher grande e pálida em uma cadeira de acampamento, suas mãos enluvadas em torno de uma caneca térmica. — Então, as entregue. Qual é a pior coisa que poderia acontecer?

— Mallory não é imortal, — Ethan disse. — E ser imortal não significa que você não pode morrer. Isso significa que você não envelhece. — Eu podia ouvir a verdade não dita em sua sentença, mas ele conseguiu não expressar. — Elas são vulneráveis.

— Somos mais vulneráveis, — disse um homem magro, bronzeado, atrás de algumas cadeiras. — Somos humanos. Veja o que ela já fez na nossa cidade.

— Também é nossa cidade, — Ethan disse.

— Era nossa primeiro. — Um homem grande com um boné, jaqueta dos Cubs, afastou o cobertor e levantou, derrubando sua cadeira no processo. — Se não fosse por vocês, não estaríamos nesta situação.

Lentamente, Ethan voltou o olhar para o homem. — Como, exatamente, é culpa nossa?

— Você a aborreceu. Você a irritou. — Ele olhou ao redor, acenando com a cabeça para os outros, tentando fazê-los jogar no time do ódio. — Esta luta não tem nada a ver conosco. É entre vocês, sobrenaturais, e vocês precisam resolver isso sozinhos.

— Essa luta não tem nada a ver conosco, — Ethan gritou; a frustração obviamente aumentando. — Uma louca quer usar magia para colocar a cidade sob o controle dela, sob seu poder. Ela é uma demagoga sem consciência e não é culpa nossa. Mas nós somos os únicos que parecem interessados em tentar detê-la. — Ele olhou novamente para os humanos. — Se ela tivesse pedido suas esposas, seus maridos, seus filhos, vocês estariam tão ansiosos para entregá-los? E, no entanto, aqui estão vocês, falando sobre coisas que nem sequer tentam entender.

— Você se acha melhor do que nós, — disse o homem de boné. — É isso mesmo, certo? — Ele gesticulou em direção a Casa Cadogan. — Você mora em uma

grande Casa, usa seus ternos extravagantes. Não sabe o que é estar lá fora, trabalhando todos os dias, e ter a magia fazendo seu mundo inteiro girar. O mundo seria melhor sem magia nele.

Ele havia dito tantas coisas incorretas, tantas coisas absolutamente erradas, que Ethan parecia momentaneamente boquiaberto. — Saia do meu gramado, — ele disse com os dentes arreganhados.

— Temos direitos constitucionais.

Ethan deu um passo à frente. Ele era uns bons cinco centímetros mais alto que o homem, com todo o poder e força do vampirismo.

— Duvido que você entenda o que realmente significa essa frase, dado o contexto em que a usou. Mas se quiser protestar, fique no outro lado da rua. Melhor ainda, em vez de estar aqui, conversando com seus amigos e reclamando, vá fazer algo sobre isso. Vá para o escritório do Omdubsman e seja voluntário. Vá até uma organização de caridade e doe seu tempo. — Ele estendeu seu olhar sobre todos eles, cobrindo-os com uma desaprovação furiosa. — Mas não ouse pensar que sentar aqui, defendendo o assassinato da minha esposa, é algo que eu permitirei. Vocês têm dois minutos até eu pegar as suas coisas com as minhas próprias mãos. Sugiro que use com sabedoria.

Ele olhou para eles, esse velho atacante, e esperou que eles recuassem.

E, claro, eles fizeram. Não aproveitou a bravura para defender que alguém jogasse sua família aos lobos.

O homem com o boné murmurou insultos, mas pegou a cadeira. O resto deles parecia um pouco humilhados, e três entraram nos carros esperando, decidindo que o clima ou os vampiros não valiam a pena.

— Eles voltarão, — meu avô disse, quando o último fugiu para a faixa de grama do outro lado da rua.

— Sim, — Ethan reconheceu. — Mas talvez alguns deles pensem antes de exigirem nosso sangue em troca.

Ele olhou para mim, seu olhar fixo no meu por muito tempo. *Você me prometeu eternidade, Sentinela*, ele disse. *Pretendo cobrar.*

\*\*\*\*

Porque a neve e o gelo tornariam o centro da cidade mais difícil do que o habitual, nossas duas horas seriam algo como setenta minutos. E então, seria hora de voltar para o centro novamente e conversar com a prefeita sobre a ameaça de Sorchia.

— Você está nervosa? — Mallory perguntou enquanto caminhávamos pelo saguão até a porta da frente e o SUV que esperava lá fora. Catcher nos levaria ao escritório da prefeita. Todo mundo na casa ficaria aqui, portões fechados, com a Casa em alerta. Meu avô dirigiria separadamente, nos encontraria lá. Enquanto isso, Jeff trabalharia com Luc para informar as outras Casas, nossos aliados sobrenaturais, sobre a situação.

— Nada para estar nervosa, — eu disse. Isso era principalmente uma mentira, porque eu não confiava em políticos humanos – com a possível exceção de Seth Tate. Mas ela parecia nervosa. Essa não era uma emoção comum para Mallory, mas esse desastre em particular, misturava feitiçaria poderosa, magia antiga e extorsão, e ela não dormiu muito. Eu poderia ser forte por ela. — Esta é apenas uma reunião de estratégia.

— Uma reunião de estratégia, — Mallory disse, colocando o queixo dentro de seu cachecol grosso. — Certo. Apenas vou falar algumas coisas com a prefeita.

— É precisamente o que vamos fazer, — Ethan disse, colocando uma mão de apoio no ombro dela e me dando um olhar por detrás de suas costas, um aceno de cabeça que dizia que estávamos juntos.

Bom. Porque esse nó de preocupação estava de volta. Eu não queria estar preocupada. Estou há bastante tempo como vampira e Sentinela, e prefiro uma boa luta antiquada a disputa mágica.

Algumas almas resistentes e errantes ainda estavam sentadas sobre a faixa de neve do outro lado da rua, claramente convencidas de sua justiça, a racionalidade do cálculo de Sorchia de duas pessoas para três milhões. Seria o mesmo, perguntei, se ela tivesse pedido uma de suas esposas ou maridos ou crianças? Eu duvidava seriamente disso.

Uma vez que estávamos no SUV, o curso foi lento, e Catcher levou o seu tempo dirigindo através da mistura alternada de lama escaldante e gelo coberto de neve. Além do Hyde Park, o mundo estava na maior parte calmo. O L não estava funcionando; cristais de gelo estavam pendurados nas plataformas elevadas, tão afiados quanto os dentes dos tubarões. Poucos veículos desafiavam as estradas e apenas os limpa-neve, os veículos da Guarda e os carros saindo de Chicago, na esperança de ficarem a salvos antes que as coisas piorassem.

Não havia pessoas no centro da cidade. Aqueles que ainda estavam na cidade haviam ficado em casa, por causa do frio ou do medo que vinha com ele.

Estacionamos na frente do prédio e entramos.

A prefeita pediu que nos encontrássemos com ela não em seu escritório, mas no telhado da Câmara Municipal. Passamos pela segurança, depois fomos acompanhados para um elevador e para um longo corredor.

Lane estava no final do corredor, olhou para o seu telefone, os dedos escorregando e deslizando ao longo da tela. Ele olhou para cima e assentiu. — Ela

está esperando por vocês, — ele disse, então abriu uma porta pesada ao lado dele, enviando uma rajada de ar frio no corredor.

Sáímos para o telhado do prédio – e para um mundo congelado. A cidade se espalhava ao nosso redor, a maior parte brilhando com o gelo e a neve que Sorchha conseguiu despejar em menos de vinte e quatro horas. O gelo tinha um limite; nós o vimos no mapa ontem à noite. Mas as partes do mundo que permaneceram verdes não eram visíveis daqui.

Ao nordeste, as nuvens ainda rodavam sobre o edifício Towerline. Elas não pareciam maiores nem mais ferozes do que estavam na noite anterior, mas até descobrirmos exatamente o que Sorchha estava fazendo, eu não sabia se isso importava muito. Quanto mais frio Chicago poderia ficar?

Aparentemente, muito frio. O vento no telhado era como mil picadores de gelo, forte o suficiente para fazer a respiração parecer como fogo. A neve estava sobre a caixa de plantas, com pistas de gelo entre o caminho.

A prefeita estava empacotada com um longo casaco térmico, agachada perto de uma pilha de neve, retirando a crosta de neve ao redor das plantas. Três guardas em trajes pretos estavam ao redor dela, cada um deles olhando em uma direção diferente, como se esperassem que uma ameaça descesse do ar. Caminhamos em direção a ela.

— Havia um jardim aqui na semana passada, — ela disse sem olhar para nós, levantando-se e limpando a neve de suas mãos enluvadas. — Tomates, milho, feijão. Eles se desenvolviam no calor, e na chuva que nós conseguíamos. — Ela olhou em volta. — Parte do esforço para o *verde* da cidade e cortar nossos custos de aquecimento e resfriamento. E funcionava, até agora.

Eu não sabia muito sobre jardinagem, mas duvidava muito que sobreviveria à neve e ao frio.

A prefeita cruzou os braços, esquentando as mãos. — Vivi nesta cidade por cinquenta e três anos. E nunca imaginei ver algo assim. Não em agosto, de qualquer maneira. — Ela suspirou fortemente, sua respiração cristalizando instantaneamente no ar gelado.

Ela olhou para nós. — Pedi que vocês subissem aqui porque queria que vocês observassem bem isso, para ver o que ela fez. O tanto que ela está disposta a ir para conseguir o que quer.

Não era difícil adivinhar que éramos encaminhados para algo.

— Nós dirigimos no Hyde Park, — meu avô disse. — Nós vimos muito da cidade ao longo do caminho.

— Uma parte dela, — ela concordou. — Mas não o todo. Não o alcance do que ela fez. A completa enormidade do problema que ela criou e o sofrimento que causou com isso.

— Por que você está nos dizendo isso? — Ethan perguntou.

— Porque tenho um pedido. E você não vai gostar.

\*\*\*\*

O humor não era menos sombrio no escritório dela. Pior, desde que Ethan e Catcher estavam quase vibrando de raiva, e Mallory não parecia muito melhor. Eu não sabia como me tornei a única calma de nós quatro, mas eu teria que usar isso a nosso favor, se pudesse. Isso dependia muito do que a prefeita tinha a dizer.

Lane voltou ao escritório e, quando entramos, olhou para nós do tablet que parecia absorver a maior parte de sua atenção.

— Sr. e Sra. Sullivan, — ele disse, com um aceno de cabeça, ainda de olho na tela.

— Merit, está bem, — eu disse.

Ele me lançou um olhar, olhando-me com desgosto, como o fato de eu ter recusado o nome me fez ser suspeita.

A porta do escritório se abriu. Jim Wilcox e Mikaela Pierce entraram, o homem e a mulher das unidades da SWAT e FBI que estavam atrás da barricada em Towerline. Pierce vestia um terno novamente; Wilcox usava uniformes escuros. Eles acenaram com a cabeça para a prefeita, para Lane, para nós, antes de se moverem para o outro lado da sala e ficarem sozinhos e separados. De fato, isso nos disse que não estávamos no mesmo time.

— Status? — A prefeita perguntou.

Mallory e eu ficamos uma ao lado da outra, Catcher e Ethan nas bordas externas como guardas.

— Estável, por enquanto, — Pierce disse. — As nuvens acima de Towerline continuam girando, mas a temperatura está parada. Não houve precipitação nas últimas duas horas.

— A Guarda tem unidades nas zonas de emergência designadas, — Wilcox disse. — Eles estão trabalhando para manter as pessoas calmas, mas com a cidade congelada, as pessoas que normalmente trabalhariam estão em casa. Elas estão em casa, e estão pensando. — Ele lançou um olhar para Mallory e para mim. E pela primeira vez, vi a culpa em seus olhos.

Eles devem nos pedir para nos entregar. Pode haver algumas palavras bonitas sobre não negociar com terroristas, desculpas pelo sacrifício, mas o pedido seria feito.

Estendi a mão, apertei a mão de Mallory em apoio. Ela apertou de volta, e a expressão dela ficou pétrea. Seja qual for o medo que possa ter sentido, ela também estava afastando-o. O orgulho floresceu, levantando arrepios ao longo dos meus braços. Ela era minha irmã de todas as maneiras que importavam. E esta noite, estávamos nisso juntas.

— Eles estão pensando no dinheiro que estão perdendo, os entes queridos que não podem checar, o dano à propriedade que provavelmente sofrerão.

— Para ser justa, — Pierce disse, — Alguns deles provavelmente estão felizes com o dia de neve. — Ela olhou para mim e tentou um sorriso. Apreciei que ela tentasse manter o clima leve, mas essa culpa reveladora também estava em seus olhos. E eu não dava à culpa muito crédito atualmente.

*Foda-se*, pensei, e soltei a mão de Mallory, dei um passo à frente. Ela fez o mesmo, movendo-se para ficar ao meu lado.

Senti a magia de Ethan espetar com preocupação, mas ignorei, estabelecendo o meu olhar na prefeita.

— Estamos todos conscientes da situação, Senhora Prefeita, e do prazo que temos. E todos nós sabemos o que você está prestes a pedir. Para não perdermos tempo, talvez possamos chegar ao ponto?

Eu também podia sentir a preocupação do meu avô sobre o fato de eu ter acabado de fazer demandas à prefeita. Certamente, não era a maneira usual das coisas. Mas não havia como esperar.

Lane fez um ruído de desaprovação. Ele finalmente deixou o tablet, olhando para mim com mais irritação. Mas quando voltei meu olhar para a prefeita, havia algo diferente lá. Um tipo de respeito que não vi antes.

— Aprecio sua sinceridade, — ela disse.

Aceno, aceitando o elogio, enquanto Ethan estava furioso atrás de mim. Mas não havia como evitar.

Ela olhou para Wilcox e assentiu. — Tenente.

— O nascer do sol é as 05h48min da manhã, — ele disse. — Para que a operação pareça tão realista quanto possível, propomos que Merit e Mallory se



apresentem a Sorchá um pouco antes dessa hora. Nós nos movemos, neutralizamos Sorchá e acabamos com isso.

— Não, — Ethan e Catcher disseram simultaneamente.

Dei um passo atrás e coloquei uma mão no braço de Ethan. — Onde? — Perguntei.

— Northerly Island,— Wilcox disse, olhando para mim. — É ideia dela, mas é boa. Há muito espaço aberto no parque, boa visibilidade, espaço para um helicóptero em espera pousar.

— Como você vai neutralizá-la? — Mallory perguntou.

— Estamos trabalhando com Baumgartner, — ele disse.

— Você foi a Baumgartner em vez de nós? — A fúria na voz de Catcher mal estava controlada.

— E o tom de sua voz prova que a decisão foi correta, — Lane disse. — Você não é neutro.

— Maldição, eu não sou neutro. Você está falando sobre usar minha esposa.

— Catcher, — Mallory disse calmamente, mas não se virou.

— Baumgartner e vários feiticeiros da escolha dele tomarão posições em Northerly Island. Quando Sorchá chegar ao encontro de Merit e Mallory, nós vamos entrar e neutralizá-la, movê-la para o centro de detenção sobrenatural.

Ele disse isso tão simplesmente, com tanta confiança, que era fácil entender por que a prefeita acreditava nele. Eu não estava certa de que ele acreditava em suas próprias palavras – sua cara de pôquer era impressionante – mas a chance dele retirar esse plano sem um engate era aproximadamente zero.

— Por *neutralizá-la*, você quer dizer matar, — Ethan disse.

A sala ficou em silêncio.

— Porque você certamente sabe que ela não pretende discutir a situação com Merit e Mallory. Ela não pretende *levá-las* ou questioná-los. Ela pretende matá-las.

— E pretendemos impedir que isso aconteça, — Wilcox disse.

— Com todo o respeito, suas intenções não me valem nada. A vida da minha esposa vale algo para mim. Mallory vale algo para mim. E seu plano é literalmente uma fraude, — Ethan disse. — Ela não acreditará nisso.

— Ela não precisa acreditar. Ela só precisa acreditar que é possível que tenhamos desistido delas.

— Que feiticeiros? — Mallory perguntou, interrompendo a ação.

Wilcox fechou os olhos, como para melhorar sua memória. — Acredito que ele disse Simpson, Tangetti, Morehouse.

Olhei para Mallory, que encontrou o meu olhar, ela balançou a cabeça um pouco. Eles não eram fortes o suficiente para neutralizá-la, eu presumi. Eu não sabia se aquela era uma avaliação para qualquer um que Baumgartner pudesse ter escolhido, porque qualquer feiticeiro que ele permitia na Ordem era necessariamente mais fraco do que ele, ou porque esses três eram fracos, e ele os escolhera como isca para uma batalha que ele sabia que não podia ganhar.

Nem era especialmente reconfortante.

— E como você chegará até ela sem que ela perceba? — Mallory perguntou. — Ela verá uma equipe SWAT chegando.

— Os feiticeiros lidarão com isso, — Wilcox disse. — Eles providenciarão cobertura para nossos amigos e neutralizarão Sorcha quando ela chegar.

— E quem estará protegendo Merit e Mallory? — Ethan perguntou.

Lane fez um barulho sarcástico. — Você está dizendo que elas não podem se proteger?

— Estou dizendo que elas não devem ser jogadas aos lobos sem se preocupar com a segurança delas.

— Estamos um pouco mais preocupados com a segurança de todos os outros cidadãos nesta cidade, Sr. Sullivan. Todos os três milhões deles.

— E as duas vidas em troca por tantos? — Ethan perguntou. — Eu me pergunto se sua matemática mudaria se ela tivesse exigido alguém que você ama.

— Mas ela não pediu, não é? — Ele olhou para Mallory e eu. — Este é um problema sobrenatural com uma solução sobrenatural.

Ethan deu um passo à frente, mostrando os dentes e Lane recuou instintivamente. Provavelmente, seu primeiro movimento inteligente da noite.

— Diga isso novamente para mim, — Ethan disse. — Diga-me novamente que este é um problema sobrenatural. Mostre essa ignorância mais uma vez, e eu irei... Educá-lo.

Havia poucas dúvidas de que sua educação seria feroz e física. Percebendo o mesmo, a prefeita levantou a mão. — Entendo suas preocupações, Sr. Sullivan. E não negocio com terroristas.

— Todas as evidências mostram o contrário, — Ethan murmurou.

As sobrancelhas da prefeita arquearam-se. — Enquanto estou disposta a dar a sua gente uma chance, considerando as circunstâncias, considere em qual escritório você está atualmente.

Ethan não respondeu, mas apenas um humano poderia ter perdido a energia irritada que ele emitiu como calor brilhando no asfalto.

Evidentemente satisfeita com o silêncio, ela olhou para mim. — Precisamos de uma solução para este problema. Você e a Sra. Bell são essa solução. Não podemos permitir que ela destrua Chicago se existe uma solução.

— Ela não vai parar, — eu disse. — Isso não vai convencê-la.

— Claro que sim. — Lane deu um passo à frente, com os braços cruzados. — Ela ficou em silêncio por quatro meses. Ela ouviu falar sobre o casamento, ficou enfurecida e usou sua magia logo em seguida. Ou você acha que é uma coincidência que o rio tenha congelado no dia seguinte ao seu casamento?

Esse pensamento nem me ocorreu, porque Sorcha simplesmente não se importaria. Pensei que ela poderia ter interrompido o casamento com a finalidade de nos causar dor – não porque se importasse por estarmos casados. Nós éramos irritantes para ela. Ferramentas a serem usadas. Nada mais, nada menos.

— Ela não estava em silêncio porque estava feliz ou criou consciência, — Mallory disse. — E não apareceu de repente porque Merit apareceu no *Tribune*. Novamente. Ela tem trabalhado sua magia. — Ela apontou para a janela. — O caso em questão. Este não é um truque de cartas, e não é algo que você simplesmente incita com algumas palavras bonitas. Sorcha é uma alquimista. Isso leva tempo, preparação e prática.

— E você tem certeza absoluta do tipo de magia que ela está usando? O que ela pretende fazer com isso?

Mallory não tinha resposta.

— Precisamente, — a prefeita disse. — Você pode presumir que ela planeja algo mágico, mas até que você tenha algo concreto, continua sendo uma suposição. Por enquanto, vamos nos preocupar com o agora – um prazo muito concreto – usando as ferramentas à nossa disposição. — Ela estabeleceu o olhar em nós. — Eu percebo senhoras, que pedimos muito a vocês. Mas vocês moram há muito tempo em Chicago.

Vocês nasceram aqui, se criaram aqui. Seus amigos e famílias estão aqui. Considerem o que vocês amam nesta cidade, e se vale se arriscar para salvá-la.

Quando tudo mais falhava, coloque culpa.

Ela olhou para mim, para Mallory, imaginando que éramos os votos decisivos aqui. Nós nos olhamos, e concordamos.

A prefeita estava visivelmente aliviada, o que significava que ela realmente pensava que este plano tinha chance de funcionar. Ela se sentou em sua cadeira, a qual rangeu debaixo dela. — Bom, — ela disse. — Bom.

— Vamos preparar a operação militar no planetário, — Wilcox disse. — Oh, quatro horas. Dizemos a ela que a entrega terá lugar às quatro e meia. Isso nos dá tempo para agarrá-la, e você tem tempo para chegar a algum lugar escuro antes que o sol nasça novamente.

— Nós estaremos lá, — eu disse.

Isso nos dava quatro horas para bolar um plano que não fosse uma droga.

## CAPÍTULO 19



# Garotas com prazos

Catcher e Ethan estavam furiosos. Eles conseguiram segurar a raiva do elevador até o piso térreo, até que entramos na rua escura, sem carros.

— Acredito que todos nós temos coisas para dizer, — meu avô disse. — Talvez possamos encontrar algum lugar quente para dizê-las?

Ethan gesticulou para o pequeno hotel do outro lado da rua, a entrada da frente espremida entre uma loja de donuts e uma sapataria, ambas as janelas escuras. — Eles estarão abertos, apesar do tempo, — ele disse, — Desde que já têm os hóspedes nos quartos.

Nós concordamos silenciosamente, atravessamos a neve arada aqui – mais do que em Hyde Park, provavelmente porque estávamos mais perto de Towerline – e entramos no saguão.

O balcão da recepção estava vazio, mas a luz e um som surgiram de uma pequena sala ao lado. O riso gravado ecoou de uma comédia tarde da noite.

Tiramos tanta neve quanto pudemos, caminhamos para uma área de estar do outro lado da sala. O hotel era pequeno, o saguão estava maravilhosamente decorado – mas mostrava sinais de rodapés lascados, móveis gastos, pisos desgastados.

Meu avô pegou um lugar primeiro e gesticulou para nós. — Por que vocês não falam sobre o que precisam conversar, e depois discutiremos os detalhes? — Perplexa

com a possibilidade, ele tirou o telefone e começou a olhar a tela. — Apenas farei um pequeno reconhecimento.

Nós deixamos Mallory e Catcher terem sua própria conversa. Eu ia ter um momento bastante difícil lidando com Ethan; certamente não precisava de dois machos alfas em uma única discussão.

Nós ficamos perto do elevador, as portas de três dos quatros elevadores se abriram como bocas esperando serem preenchidas.

Ethan caminhou até o final de um curto corredor, então voltou novamente, seu olhar focou em mim como um predador sentindo sua presa. — Você não se entregará a um monstro.

— Ethan...

Mas ele deu um passo em minha direção, esmeralda ardia em seus olhos. — Eu sou seu marido, seu amigo, e seu amante. E também sou um soldado. Eu sou um vampiro. Sou um monstro, em cada pequena parte. — A esmeralda mudou, se transmutou em mercúrio – um elemento lutando contra outro. — E se devo mostrar isso para protegê-la, eu vou. Se chegar a isso, Deus tenha piedade de suas almas. Porque eu não terei nenhuma.

— Você sabe que eu devo fazer isso. — Levantei meu queixo. — E você sabe que eu posso fazer isso.

— Ela vai te matar.

— Ela tentará. Não vou deixar. Mallory não vai deixar. Ela é uma sobrenatural, assim como o resto de nós. E é uma narcisista. — Abaixei minha voz, tentando fazê-lo entender. — Ela vai destruir Chicago se tiver a chance, Ethan. Ainda que acontecesse o pior, minha vida é um pequeno preço a pagar por essa cidade.

— Existem outras opções.

— Não há.

O calor flamejou em seus olhos novamente, e ele deu um passo atrás, colocando certa distância entre nós. — Eu quero estrangulá-la e trancá-la.

— Você poderia tentar.

Ele olhou para mim, a sobrancelha arqueada imperiosamente, um rei desafiado. — Você acha que eu não poderia ganhar de você?

Nós lutamos antes, lutamos muitas vezes para contar. Ambos ganhamos batalhas e as perdemos. Mas isso não importava agora. Eu me afastei; dando-me algum espaço, depois olhei para ele. — Eu sei que você está dilacerado, e sei por que, porque eu conheço você.

Seu rosto ainda estava irritado, mas ele ergueu as sobrancelhas.

— Por um lado, eu sou sua família, sua vida. Você me ama, e você é atraído a me proteger. Isso é quem você é. E, por outro lado, eu sou sua Sentinela e sua parceira. Você sabe que sou hábil porque você me treinou, e você não teria permitido nenhum outro resultado. E você me ajudou a ser corajosa, e isso faz você se orgulhar.

Ele ainda parecia irritado, mas pensei que era porque ele sabia que eu estava certa. E eu estava.

— Essa é a nossa dinâmica, — eu disse. — Essa é a nossa vida. Você fica orgulhoso, e fica preocupado. E o mesmo vale para mim, porque se você tivesse ganhado – e a votação não tivesse sido manipulada – você seria o Rei de Todos os Vampiros, e eu teria que me preocupar com golpes de Estado e assassinatos.

Um canto da boca dele se ergueu. — Se a votação não tivesse sido manipulada?

— Obviamente, foi manipulada. Você marcou mais pontos do que Nicole, e salvou a vida dela. Não é de admirar, já que foi ela quem criou a votação em primeiro lugar.

Ele apenas me encarou.



— Você achou que eu não havia percebido?

— Você nunca mencionou.

Dei de ombros. — Eu não queria que você ficasse se preocupando com o assassinato. Mas olhe para as evidências – os vampiros decidiram sair do Presidium Greenwich e ela queria ser sua líder, então ela cria uma *eleição* que coloca você contra ela. E sim, você tem inimigos, mas o suficiente para decidir votar nela, um vampiro fraco, em uma posição de autoridade? Não, ela ganha, o que ela queria o tempo todo. Mas fez com que parecesse um processo democrático, e então ela diz que a votação ficou bem próxima. Então, todos pensam que a votação foi justa e que ela era a escolha democrática. Ela ganha os dois lados.

Algo brilhou nos olhos dele. — Ela manipulou os votos. Ela era obrigada a armazenar os dados eleitorais, os quais nós obtemos. Jeff analisou para mim.

— E não contou nada para nós.

Ethan sorriu. — Ele é bom e confiável.

— Então, ela encheu a urna. — Acenei com a cabeça, pensando nisso. — Nós nos perguntamos como foi feito.

— Nós?

— Os guardas.

Ethan piscou. — Luc sabia?

— Claro — Sorri para ele. — Você contratou vampiros espertos, Ethan, a não ser que tenha esquecido. E voltando ao ponto de partida, você teria sido chefe do GP, e eu me preocuparia ainda mais com você. Em vez disso, eu me preocupo com você no modo usual, e sei que você é capaz de se virar sozinho – pelo menos, quando não está pisando na frente de estacas apontadas para mim.

— Bem, valeu a pena, — Ethan disse, aproximando-se e me abraçando. A tensão havia deixado o corpo dele, mas a magia ainda picava. — Você é especialista em tirar a minha raiva. Malik também, mas com uma energia muito diferente.

— Eu espero que sim, porque a sua esposa e a dele provavelmente se oporiam. — Eu me inclinei e apertei meus lábios contra os dele. — Eu te amo, Ethan. E aprecio que você se preocupe, que esteja preocupado o suficiente com relação a mim para fazer isso. Não vou dizer para você parar – porque isso não seria justo. Mas nós temos uma boa equipe e você me treinou bem. O resto – vida, imortalidade, segurança. Nada disso é garantido, ainda que eu estivesse indo para a Biblioteca da Casa.

Ele riu. — Você teria ficado entediada, Sentinela. Livros devem ser seu descanso, não sua prisão.

Levou um tempo para eu entender que era verdade, mas entendi agora. — Você está certo. E chutar bunda é muito mais gratificante. Se nós vamos sobreviver, se Chicago vai sobreviver, precisamos encarar o que nos assusta.

— Na noite passada, muitas coisas pareciam te assustar.

— Sim, me preocupava. Mas isso é a vida, certo? Não é isso que você me ensinou? Fique com medo, mas faça alguma coisa de qualquer maneira? — Fiz uma pausa. — Isso não muda nada sobre nossa conversa ontem à noite. Na verdade, isso não prova que eu estava certa? Que trazer uma criança para um mundo não é apenas perigoso para ela, mas para todos com quem ela se preocupa?

— Eu poderia estrangular seu pai, — ele disse; os dentes a mostra. — Poderia estrangulá-lo pelo que ele fez com você.

— O fato de você ter sido assassinado na minha frente não ajuda.

Ele rosnou, colocando uma mão no meu queixo. — Pretendo cuidar de vocês dois.

Não queria sorrir, não tive a intenção de trazer luz de fogo e emoção para os olhos dele. Mas a coisa de puro *alfa* me fazia cócegas. — A criança ainda não está aqui e você já está superprotetor.

A máscara de raiva caiu de forma gradualmente.

— Será que importa se eu disser que não a entregaria para ela?

Coloquei uma mão na bochecha dele. — Eu não serei entregue, nem admitirei isso. Mallory e eu somos voluntárias para uma operação que pode acabar com o reinado de Sorchia hoje à noite. Essa não é uma oportunidade que eu pretendo deixar passar. E olhe dessa maneira: somos inerentemente mais capazes que a prefeita e sua cabala de burocratas.

— Então, eu não deveria considerar prender você – eu deveria considerar monitorar você nas salas?

Sorri para ele. — Exatamente. Menos a biblioteca.

— Acredito que acabamos de atravessar um território pessoal.

— Possivelmente. — Sorri para ele. — Agora que conseguimos acabar com o ego e a bravura, podemos falar sobre quão verdadeiramente e terrivelmente ruim esse plano é?

Como esperado, Ethan sorriu, apenas um pouco. — É, verdadeiramente e terrivelmente ruim. — Ele se inclinou e moveu sua boca sobre a minha, um beijo sussurrado. — Eu te amo.

— Eu não posso dizer, — eu disse com um sorriso. E então, gritei quando ele me beliscou. — Eu também te amo, seu tirano.

Ethan bufou e pegou minha mão. — É Darth Sullivan para você, Duquesa.

Apenas balancei a cabeça.

\*\*\*\*

O funcionário do hotel tinha algumas perguntas sobre por que os vampiros se reuniram no saguão. Por causa disso, e devido ao fato de que queríamos estar fora do centro da cidade, e porque tinham melhores comidas na Casa – ou talvez fosse apenas minha opinião – nós voltamos a Casa para entrar no âmago da questão.

E porque isso caiu sob a bandeira do planejamento operacional, nós escolhemos a Sala de Operações no nosso Quartel General.

Jeff desceu as escadas com garrafas de cerveja na mão. — Não sei qual bebida é apropriada para uma noite gelada em Agosto, antes de você fingir se entregar a uma feiticeira louca. IPA<sup>21</sup>? Lager<sup>22</sup>? Vinho tinto?

— Sangue serve, — eu disse, e agarrei uma garrafa, fazendo uma careta no momento em que li o rótulo. Como, exatamente, uma garrafa de sangue era *artificial*?

Não importava. Aceitei, tomei um gole e apreciei o conforto súbito e prazeroso disso. Sangue para um vampiro, eu pensei, era como leite materno.

Quando estávamos reunidos em torno da mesa – Luc, Lindsey, eu, Ethan, Catcher, Mal, meu avô e Jeff – nós conversamos sobre a nossa compreensão da magia que ela criou até agora: alquimia, Egrégora e dissipador de calor – usado por algum motivo, ainda não descobrimos, mas ela provavelmente pretendia usá-lo contra nós.

— O plano, — Luc disse, apontando para o quadro branco, com um ponteiro a laser que ninguém deveria tê-lo deixado ter, — Não é ótimo. Northerly Island não é uma escolha horrível para esta operação. A linha de visão é muito boa, e nos dará um pequeno amortecedor entre a magia e as áreas residenciais. Por outro lado, há um limite de forças terrestres que você pode alinhar na própria ilha caso ela intensifique

---

21 India Pale Ale, um tipo de cerveja de cor clara, semelhante ao amargo.

22 Um tipo de cerveja, efervescente e de cor clara e encorpada.

o ataque. E vamos ficar muito, muito perto do amanhecer. Precisaremos de opções de evacuação, mas vamos chegar a isso. — Ele olhou para Mallory. — O pessoal de Baumgartner está alinhado?

— Nenhum deles é suficientemente forte para combater Sorchia.

— Um problema maior, — eu disse. — Estamos assumindo que ela realmente quer Mallory e eu. Não é tão provável que isto seja uma exibição para qualquer magia em que ela tenha trabalhado? Uma maneira de nos forçar a assistir? Forçar-nos a ser seu público em sua pequena exibição mágica?

— É, — meu avô disse.

— Ou nos separar da Casa Cadogan, — Luc disse.

— Eu falarei com Grey, Greer, — Ethan disse. — Talvez eu possa convencê-los a oferecer vampiros para protegerem a Casa enquanto estamos fora, apenas no caso. Quanto ao resto – os riscos – o plano é esse, — Ethan disse. — A prefeita não mudará agora.

— Concordo, — meu avô disse. — Ela estará preparando uma declaração, se já não emitiu uma, sobre como está trabalhando conosco em um plano para lidar com a situação de forma tranquila e calma.

— Ela provavelmente dirá que pretende entregar Merit e Mallory, — Jeff disse. — Ela é experiente, ou Lane é. Eles podem ser inteligentes o suficiente para fazer Sorchia acreditar que eles realmente entregarão vocês.

Olhei para Mallory. — Se você fosse Sorchia, realmente acreditaria nisso? Se ela dissesse que estava exigindo que nós nos oferecêssemos como sacrifício?

— Exigência é exigência, — Mallory disse com um encolher de ombros. — O fato de fazer isso diz que pelo menos tem uma esperança que a prefeita consiga. Sua arrogância ajuda – ela acha que assustou a estúpida cidade, então eles não terão escolha a não ser agir. E ela já nos vê como pessoas virtuosas, embora provavelmente

incompetentes. Mesmo que a prefeita não nos entregasse, ela esperaria que a gente aparecesse como cordeiros sacrificados.

— A questão, para nós, é como lidaremos com isso, — meu avô disse, inclinando-se para frente e juntando as mãos sobre a mesa. — Como colocamos nosso plano em cima do da prefeita.

— Podem dar opiniões, — Ethan disse. — E nenhuma ideia é uma má ideia.

— Poderíamos chamar mais vampiros, — Luc disse. — Pedir que as Casas enviem pessoas, que cerquem a ilha para ajudar no caso dela aparecer com alguma coisa, e se certificar de que ela não fuja.

— Depois do truque da fumaça que fez em Towerline, ela pode não sair andando, — Catcher disse. — E mais pessoas significam mais baixas se ela aparecer com alguma coisa.

Não é um ponto reconfortante.

— Não saberemos exatamente o que ela está planejando até que saibamos, — Mallory disse. — Enquanto isso, planejamos o que podemos. Se Sorchia estiver trabalhando na alquimia, derrubar o cadinho dela seria um bom começo, caso esteja lá.

— Northerly Islande está dentro das defesas, — Catcher disse. — Então, ela não pode chegar magicamente sem sabermos.

— E no caso de tentar entrar na cidade de alguma outra maneira, esgueirar-se atrás de nós? — Luc perguntou.

Jeff assentiu. — Eu liguei as defesas em um monitor visual, então, se ela as violar, saberemos onde e podemos planejar de acordo.

— Isso não nos dará muito aviso prévio, — Ethan disse, — Mas é melhor do que nada. — Ele se recostou, com as mãos juntas em seu colo e fechou os olhos. — Nós saberemos quando ela chegar. Teremos seis feiticeiros no chão para combatê-la,

além de Mallory e Catcher. Pelo menos alguns vampiros com os membros da SWAT, todos os quais terão armas. Certifique-se de que a Casa esteja protegida nesse intervalo. — Ele ficou calado por um momento, então abriu os olhos e olhou para nós. — O que estamos deixando passar?

— Aliados? — Luc perguntou. Ele cruzou os braços sobre o peito, balançando os calcanhares. — Ela pode trazer outra pessoa.

— Há alguém com quem ela não tenha feito inimizade? — Catcher perguntou, olhando para meu avô.

— Não que eu tenha conhecimento, — ele disse. — As fadas podem ser a melhor opção, simplesmente porque sua fidelidade está sempre, aparentemente, à venda. Mas não acho que Claudia permitiria isso aqui. Não depois do que disse para você. Ela pode gostar do seu novo poder, mas não soa como se estivesse à vontade com o poder que Sorchia tem.

— Precisamos de rotas de fuga, — Ethan disse. — A equipe SWAT mapeará para entrar e sair da ilha, mas acho que não devemos dar por certo a possibilidade de que eles nos ajudem a fugir.

Pensei nas palavras de Lane. — Não, se somos apenas *sobrenaturais* envolvidos em uma briga.

— E não se eles querem deixar Sorchia com algo para operar enquanto fogem, — meu avô disse. — Não gosto de pensar que os oficiais do CPD são tão covardes. Mas o treinamento deles não os preparou para isso. Não para Sorchia e sua magia.

Ethan assentiu. — Nós queremos meios alternativos para sair da ilha. — Ele olhou para meu avô. — Um helicóptero seria útil.

Meu avô assentiu com a cabeça. — Vou verificar isso.

— Posso conhecer alguém com um barco, — eu disse, pensando em Jonah e a lancha que o GV usava para chegar ao Quartel General – o farol na marina perto do

Navy Pier. Teria que ligar para ele. Eu não estava no melhor dos termos com a GV agora, porque eu lhes dera um sermão bem duro sobre serem um pouco mais sobre ação, e um pouco menos conversa. Mas talvez nós finalmente conseguíssemos uma pausa – e talvez o gelo rompesse o suficiente para tornar isso útil. — Vou verificar.

— Se nos separarmos, voltem para a Casa. — Ethan olhou para Luc. — Sugestões para um ponto de extração no centro da cidade?

Luc colocou um mapa de Chicago, aproximou-se do Museum Campus, olhou em volta, apontou o ponteiro a laser no Soldier Field. — Aqui, — ele disse. — Fácil acesso a pé, fácil acesso também de carro. E se fugirmos para cá, ao amanhecer terá sombra.

— Concordo, — Ethan disse. — Coloque Brody no SUV. Entre em contato com a empresa de segurança, pegue um veículo que nos proteja da luz do sol, no caso de precisarmos de uma extração a luz do dia.

— Entendido, — Luc disse. — Se ficarmos perto do limite de tempo, entre no estádio e procure alguma sombra. Eles vão te encontrar, e trazê-lo para Casa.

Eu não gostava dessa opção – a vulnerabilidade de ser tirada do centro de Chicago inconsciente durante as horas da luz do sol – mas não havia como evitar isso, então eu acenei com a cabeça. Sorchia provavelmente fizera isso de propósito, percebi. Colocou o prazo perto do amanhecer para criar a possibilidade de que o sol nos mataria sem qualquer esforço de sua parte, e nos deixaria mais nervosos sobre a coisa toda.

— E nós saímos, — Ethan disse, olhando ao redor. — Eu, Catcher, Luc, Lindsey e Juliet no chão. Brody no carro. Kelley na casa, responsável pela segurança.

— Tudo bem, — Kelley gritou de seu lugar, em um dos monitores da segurança.

Ethan olhou para Jeff e meu avô. — Vocês querem estar estacionados na van, eu suponho?



— Isso nos dá olhos, ouvidos e movimentação, — meu avô disse. — Essa seria a minha sugestão.

— E acesso rápido para pesquisar informações, — Jeff adicionou. — Apenas no caso de precisarmos de algo.

— Google Magia? — Perguntei com um sorriso.

— Isso é realmente verdade, — Catcher disse com severidade.

— Mas ele odeia, e não o faça começar, — Mallory disse. — Não temos tempo suficiente para essa conversa agora.

Fiquei feliz em ver o sorriso no rosto dela, especialmente quando era para provocar seu marido.

— Mais alguma coisa? — Ethan perguntou.

— Nós teremos que estar preparados para que isso dê errado, — Luc disse. — Porque eu diria que as chances são muito boas disso acontecer. Sugiro que nosso objetivo seja não ter baixas. Qualquer coisa, além disso, é um prêmio.

— Bem fodido, — Lindsey concordou.

— Vou sugerir novamente, — Luc disse, — Que você considere dar a sua própria versão. Temos uma equipe de relações públicas.

— Nós vamos, — Ethan disse. — E a Casa fornecerá uma declaração como sempre acontece.

— Sire, é hora de fazer mais do que isso. Você precisa estar lá fora, na frente, o rosto dos vampiros de Chicago. — Ele limpou a garganta, como se estivesse se preparando. — Celina fazia isso.

A mandíbula de Ethan flexionou. — Eu lembro o que Celina fez. E agradeço a sugestão. Mas esse não é o foco que eu quero para a Casa agora.

— *Sire*, — Luc disse, mas seu tom claramente dizia que achava que Ethan estava tomando uma decisão errada.

Ethan verificou o relógio. — Saímos daqui 02h40min. Isso nos dá tempo de chegar ao ponto de encontro na ilha, e fazer a nossa própria verificação – observar antes da operação militar.

— Vamos pegar a van, — meu avô disse olhando Jeff. — Organizar as coisas. Nós vamos encontrá-lo lá.

Ethan concordou.

— Continuarei trabalhando no manuscrito, — Mallory disse. Ela olhou para o relógio, que marcava ameaçadoramente. — Não sei se encontrarei alguma coisa em algumas horas, mas vou tentar.

— Eu vou ajudá-la, — eu disse a ela. — Não temos muito tempo, mas talvez nossa sorte mude.

— Faça o melhor que puderem no tempo que vocês têm, — Ethan disse. — Quero todos preparados e lá embaixo, prontos para irem. — Ele olhou para Luc. — Você cuidará dos detalhes.

— Sempre, — Luc disse.

Ethan se levantou. — Nesse caso, acho que acabamos por agora. — Ele começou a se mover em direção à porta, mas voltou. — As relações com os seres humanos melhoraram, inegavelmente. Mas eles ainda não nos veem como especialistas em assuntos sobrenaturais. Esperamos que não seja a derrocada deles, nem a nossa. Mas devemos ter cuidado e vigilância. Devemos estar sempre atentos, e devemos cuidar uns dos outros. Nossas vidas dependem disso.

\*\*\*\*

Portnoy, O Feio, poderia ter sido facilmente chamado de Portnoy, O Inarticulado. Portnoy, O aturdido.

— Portnoy, O Idiota, — Mallory murmurou, folheando outra página do manuscrito. Uma vez que tínhamos apenas uma cópia do documento, ela se sentou à minha direita, revisando as páginas da direita do manuscrito enquanto eu revisava as da esquerda.

Com um gemido, ela se levantou da cadeira, esticou os braços e o pescoço. Não avançamos desde o momento em que olhamos as páginas de soslaio, tentando encontrar algo relacionado com a Egrégora, explicando como ela poderia ser usada – ou como poderia ser usada contra nós. Encontramos encantos, poções, algumas receitas (para *Gud Bredde*<sup>23</sup>, entre outros), divagações contra reis, descrições sobre plantas e animais. E nada mais sobre a Egrégora.

Mallory deitou no meio do chão, os braços e as pernas se abrindo. — Estou desistindo.

— Você não está desistindo. Você está apenas fazendo uma pausa.

Virei outra página, encontrei outra receita, desta vez para uma pesada torta de carne com órgãos, gordura animal e *geleia de pé de frango*, no que eu não queria pensar muito.

Soltei uma respiração, empurrando com um dedo do pé e girando a cadeira.

— Talvez precisemos recomeçar.

— Towerline?

— Muito antes, — eu disse, voltando para a mesa. — Voltar para a página da Egrégora. — Folhei o livro até chegar ao familiar globo, faíscas e pessoas, e olhei para ele, tentando ver algo novo.

---

<sup>23</sup> Amulet indiano

Comecei no topo da página, trabalhando meu caminho linha a linha em direção ao final. E meu olhar quase passou pelo que encontrei – as linhas claras e fracas no final da página.

— Huh, — eu disse, e folheei a página anterior, e então a página posterior. Nada sobre a Egrégora, ou qualquer outra coisa.

— O que você está vendo?

— Não tenho certeza. Preciso de uma lupa, — eu disse, e levantei, indo até a mesa de Ethan. Talvez estejamos em uma era digital, mas Ethan gostava de suas ferramentas antiquadas. Suas canetas e abridores de cartas – e a grande lupa de tartaruga ao lado deles.

— Aqui vamos nós, — eu disse, voltando e centrando o círculo de vidro sobre as linhas difusas que eu vi no fim da página. — O que isso parece para você?

Mallory inclinou-se, franziu a testa. — Parece que o fim da página estava dobrado. — Como eu, ela a virou para frente e para trás. — Mas não vejo continuação da página. Hmm, — ela disse, e pegou um tablet, apertando as teclas. Ela leu as informações na tela, depois virou de frente para livro e verificou o título da página.

— Droga, — ela disse, e olhou para mim. — O manuscrito envolve páginas maiores de ilustrações que foram dobradas para caber no manuscrito. Como você pode encontrar propagandas em uma revista. Mas foram removidos do manuscrito original para que pudessem ser vendidos separadamente. Eles não foram encontrados até 1987, que é mais de cem anos depois que esta cópia particular do Danzig foi impressa.

— O que explica por que elas não estão aqui. Sabemos o que havia nelas?

Ela olhou novamente para a tela e balançou a cabeça. — Eles não foram digitalizados. — Um sorriso lento espalhou por seu rosto. — E você não vai acreditar onde estão. — Ela olhou para mim. — Estão na maldita Universidade de Chicago.

A Universidade de Chicago era quase minha alma mater<sup>24</sup>, o lugar onde eu estava trabalhando no meu Ph.D. em literatura inglesa na noite em que fui atacada. Na noite em que fui transformada em vampira.

— Provavelmente no Centro de Pesquisa de Coleções Especiais. É onde eles guardam as coisas antigas.

Ela verificou o tablet novamente, assentindo. — Você está certa. Como podemos ver?

— Normalmente, — eu disse, pensando em meus dias de graduação, — faríamos um pedido formal ao centro para ver os documentos. Mostramos nossa ID, e um membro da equipe o traz. Mas, mesmo supondo que a biblioteca ainda esteja aberta, dada a evacuação, isso levaria tempo. — E requer luz do dia.

Mallory xingou. — Então, é isso? Estamos sem sorte?

*Não*, pensei. Não, se eu estivesse disposta a voltar lá. Não, se eu estivesse disposta a abrir a porta que fechei há mais de um ano e não reabri desde então. Mas que escolha eu tenho?

— Não, — eu disse, e empurrei minha cadeira para trás. — Não estamos sem sorte. Ainda não.

---

24 Alma mater é uma expressão de origem latina que pode ser traduzida como a mãe que alimenta ou nutre. O termo era usado na Roma Antiga como um título à deusa mãe e, durante o cristianismo medieval, para aludir à Virgem Maria. É igualmente uma expressão empregada muitas vezes pelos poetas latinos para designar a pátria.

# CAPÍTULO 20



## Triplificado

Disse a Mallory para onde eu ia e pedi que ela informasse os outros. Eu precisava fazer isso, e tinha medo de perder meus nervos se conversasse com Ethan primeiro. Se reconhecesse o medo que eu teria que enfrentar.

Este seria um de volta ao lar, e um bem incomum. Fiquei cara a cara com Logan Hill apenas alguns meses atrás. E embora a Universidade estivesse a apenas uma milha da Casa, eu não quis entrar na biblioteca onde passei tantas noites, uma única vez desde o meu ataque. Eu não conversava com meus professores, meus conselheiros, meus amigos no departamento de inglês. Eu precisava de uma pausa.

Isso não impediu que a culpa formasse um peso duro e frio no meu peito.

O homem alto e magro, com pele escura e cabelos curtos, esperava na frente da entrada da biblioteca, e seus imponentes muros de concreto se erguiam de cada lado. — Merit, — ele disse com um sorriso. — Há quanto tempo.

— Oi, Pax.

Paxton Leonard não era um colega; não exatamente. Ele era um guardião, um dos poucos homens e mulheres confiados com as chaves, literalmente, dos documentos mais preciosos da Universidade de Chicago. Passei bastante tempo no centro, revisando manuscritos para minha dissertação, e acabamos nos tornando amigos.

Ele estendeu a mão e trocamos um estranho abraço. — Você não ligou. Não escreveu.

— Eu sei, — eu disse. — Sinto muito.

— Nós não fizemos nada também. — Ele fez uma pausa. — Nós nos sentimos... Estranho sobre isso.

Assenti. — Eu também.

— Mas continuamos observando você – assistindo aos noticiários. Você percorreu um longo caminho. De livros para espadas.

— Não foi uma transição que imaginei ter de fazer, — eu disse, e deixei um sorriso tocar meus lábios. — Mas funcionou.

Ele sorriu. — Estou feliz em ouvir isso.

— Como está sua família?

— Bem! — Ele disse com um sorriso brilhante. — Mamãe e Howard finalmente se casaram.

— Meu Deus! Quando?

— Em junho, — ele disse com um sorriso. — Ele continuou pedindo, e ela finalmente disse sim. — Ele se inclinou de forma conspiratória. — Disse que ela foi ao túmulo de papai, falou com ele sobre isso, finalmente conseguiu a aprovação dele, então ela se sentiu bem novamente. E Amanda terminou seu primeiro ano de faculdade de medicina.

— Isso é ótimo, Pax.

— Obrigado, Merit. — Então ele acenou. — Eu sei que você está com pressa, então vamos seguir em frente. — Ele puxou as chaves do bolso. — É muito mais fácil entrar em uma biblioteca quando você é a única pessoa que está na rua em Chicago.

Ele destrancou a porta, e eu entrei atrás dele. A biblioteca cheirava, como sempre. Papel, livros, mapas, cadernos, manuscritos. Incluindo o que eu precisava ver.

— Você quer me dizer por que estamos fazendo isso? — Ele perguntou, enquanto pressionava os botões no alarme e nos movemos para o elevador.

— Quero ver os desdobráveis do Manuscrito Danzig.

Suas sobrancelhas escuras arquearam-se. — O Manuscrito Danzig? Por quê? É apenas ladainha.

— Não é ladainha. É real, e está criptografado. A magia reorganiza as letras.

Ele piscou. — Você está falando sério?

Assenti. — Absolutamente. Longa história, pensamos que Sorchia usa o Manuscrito Danzig como uma espécie de guia mágico. E se você puder me ajudar a conseguir, posso apresentá-lo à mulher que descobriu isso. — Sorri para ele. — E vocês dois podem escrever a descoberta inovadora.

A luz nos olhos dele era muito familiar – a excitação da descoberta acadêmica.

— Merti, você tem um acordo, — ele disse, e fez uma saudação quando a porta do elevador se abriu novamente.

Infelizmente, o acordo tinha limites. Ele não me permitiu entrar no espaço onde os documentos eram mantidos. Então, esperei com impaciência, passeando pelo corredor do centro enquanto ele procurava as páginas.

Finalmente ele voltou com uma grande caixa de papelão creme, a qual ele levou para uma mesa. Ele puxou luvas do bolso, deslizou-as e levantou a tampa da caixa.

Dentro, aninhados em papel de arquivo, sem dúvida, havia várias bainhas de papel dobradas na cor creme. — Os desdobráveis do Manuscrito Dazing, — ele disse. — Como você pediu.



Sorri. Ele havia dito essas palavras – ou palavras como essas – muitas vezes durante o meu tempo aqui, e provavelmente muitas vezes desde então.

— Suponho que não me deixará tirar cópias.

— Inferno, não, — ele disse. — Não quero expô-los a esse tipo de luz. — Mas ele sorriu e apontou para uma salinha. — Mas podemos digitalizá-los e imprimi-los. Eles estão revestidos mesmo, então eu realmente estou fazendo um favor à universidade.

Isso era bom o suficiente para mim.

\*\*\*\*

Ethan passeava no escritório quando entrei, o resto da equipe se instalou ao redor da mesa de conferência, olhando as páginas do manuscrito. Ele se virou para a porta ao me ver, e o alívio o inundou.

Ele caminhou em direção a mim. *Você deveria ter me dito para onde ia.*

Concordei. *Eu sei. Mas estava com medo de perder meus nervos.*

Ele sorriu e empurrou o cabelo atrás da minha orelha. *E você perdeu?*

Estendi a pasta, sorrindo alegremente. *Não.*

— Você os pegou? — Mallory perguntou, vindo em minha direção.

— Todos os quarenta, apenas no caso. — Entreguei a pasta. — Ainda não os olhei – apenas corri para cá. E quando isso acabar, você tem um encontro com um bibliotecário pesquisador.

Ela sorriu. — Você me juntou com um acadêmico?

— Eu fiz. Você vai gostar de Pax.

— Simplesmente, não gosto muito dele, — Catcher disse da mesa de conferência.

Ela apertou a pasta no peito. — Nunca tenha medo, Sr. Bell, — ela disse, apertando meu braço antes de voltar para a mesa. — Bom trabalho, vampira.

— Obrigada, bruxa. — Voltei a olhar para Ethan. — Provavelmente eu deveria me vestir. — Eu ainda estava em jeans, e precisaria de algo muito mais substancial para os eventos desta noite.

Ethan verificou o relógio. — Você tem vinte minutos.

Imortais com tão pouco tempo. Não era irônico?

\*\*\*\*

Optei pelo couro. Boas botas. Cabelo em um rabo de cavalo para mantê-lo fora do meu rosto. Meu punhal enfiado na bota, minha katana ao redor da cintura. Meu anel de casamento era um novo peso na minha mão, e olhei para ele no espelho, sorrindo ao vero brilho do metal, a lembrança da minha avó. O lembrete de família e coisas que valem a pena proteger. Era hora de fazer um pouco de proteção sozinha, e desta vez com minha família ao meu lado. Ou os membros sobrenaturais, de qualquer maneira.

Desci as escadas, encontrando Ethan em sua mesa, Mallory e Catcher à mesa. Havia um leve toque de magia na sala, o que eu esperava que fosse um bom sinal.

Ethan estava no telefone, balançando a cabeça. — Obrigado, — ele disse depois de um momento, e o guardou. Ele olhou, me olhou. — Bem, Sentinela. Você parece feroz.

— Eu sou feroz, — eu disse. — Pareço pronta para atacar uma enlouquecida e possivelmente mágica – feiticeira viciada?

Ele inclinou a cabeça, me dando uma avaliação séria. — Absolutamente. Embora você queira trabalhar na expressão feroz.

Dei-lhe um olhar. — Assim?

— Continue trabalhando nisso, — ele disse, então levantou e contornou sua mesa, inclinando meu queixo com um dedo e me olhando cuidadosamente. *Você está bem?*

*Estou bem, prometi. Estarei melhor quando ela estiver morta. Quem era no telefone?*

Ele se recostou contra a mesa, cruzou os braços e sorriu. — Era Morgan, minha curiosa Sentinela. Ele ofereceu qualquer ajuda que precisemos.

— Bom, — eu disse com um aceno de cabeça. — O que você disse a ele?

— Ele colocará uma dúzia de vampiros em Grant Park, apenas no caso. Outra dúzia de vampiros aqui, apenas no caso. — Ethan sorriu. — E estará com eles, espada na mão.

— Bom garoto, — eu disse. — Afinal, ele pode ser um Mestre decente.

— Dedos cruzados, — Ethan disse. — Você conseguiu encontrar um barco?

Ele não sabia que eu teria que pedir a Jonah – e não sabia onde era a sede da Guarda Vermelha – mas havia um brilho nos olhos dele.

Balancei a cabeça. — Não foi possível ligar. A menos que eu receba uma resposta rápida, não teremos barco.

— Temos outros planos de evacuação, — Ethan disse. — Ainda que tenhamos que nadar, sairemos daquela ilha.

— Se o porto estiver congelado, provavelmente poderíamos caminhar pelo lago. Mas aceito a sua ideia.

O grito triunfante de Mallory cortou através da sala como uma faca em um bolo.

— Ah, sim! — Ela disse, pulando para dar um high-five no seu marido.

Nos nós movemos em direção a eles. — Você descobriu? — Perguntei. — Já?

Nós nos movemos para a mesa, onde Mallory espalhou as páginas em agrupamentos de duas filas de quatro ou seis páginas cada.

— Foi muito rápido e reconfortante, — ela disse. — Quando os desdobráveis foram separados do texto principal, eles também foram separados uns dos outros, então tivemos que reorganizá-los. — Ela apontou para as seis páginas bem na nossa frente. — Este é o desdobramento da página Egrégora.

Ethan e eu franzimos a testa para as páginas. Ao contrário do corpo principal do manuscrito, essas páginas consistiam principalmente em linhas de desenhos, o papel e a tinta já desapareceram da sépia, até mesmo nas excelentes cópias coloridas do centro. Mas se os desenhos deveriam representar algo, eu não entendi. Eles pareciam rabiscos aleatórios, sem o globo reconhecível e a forma humana que vimos na página principal.

— Não entendi nada além da horrível caligrafia de Portnoy, — Ethan disse; mãos nos quadris enquanto examinava as páginas.

— Ele não ganhará nenhum prêmio de caligrafia, — Catcher concordou.

— Portnoy claramente não queria que ninguém andasse com o seu grimório, — Mallory disse. — As ilustrações funcionam com o mesmo princípio que as palavras; precisam do mesmo tipo de tradução. Mas você deve colocá-las na posição certa.

— Minha vez, — Catcher disse, então apertou as mãos, preparando-se. Ele estendeu a mão, virou a página no canto superior direito noventa graus no sentido horário. Então, virou a página no canto inferior esquerdo noventa graus no sentido anti-horário, fez um símbolo no ar acima do conjunto de imagens.

Assim como com o texto, as linhas de desenhos começaram a se reorganizar – não apenas as linhas discretas que mudavam de tamanho e posição, mas o desenho inteiro se rearranjava, remontando-se em um todo diferente à medida que a magia vibrava suavemente no ar.

E o que foi retratado lá nos deixou em silêncio.

A faísca da página da Egrégora estava lá, e ao lado disso, o que parecia um arranjo complexo de símbolos alquímicos. E depois disso, presumivelmente criado a partir do trabalho de alquimia, o espírito mágico da Egrégora era uma grande forma semelhante a um animal que surgia sobre uma aldeia sonolenta. A faísca da Egrégora era apenas um ponto no meio de sua testa larga e irregular.

— Ela dará a Egrégora uma forma física, — Mallory disse calmamente.

— Nós dissemos que ela queria uma arma, — Catcher disse. — Alguém para lutar suas batalhas por ela. Estávamos certos.

— Como ela poderia fazer isso? — A voz de Ethan estava tensa com preocupação.

— Essa é a parte realmente inteligente, — Mallory disse. Ela moveu-se para o próximo conjunto de imagens, mudando-as para diferentes posições e fez outro símbolo. Desta vez, as linhas se rearranjaram em uma massa de nuvens sobre a mesma aldeia.

— Ela fez isso com o tempo? — Perguntei; confusa.

— Não é o clima, — Mallory disse. — Isso é uma coincidência. — Ela olhou para nós. — Nós pensamos que as nuvens sobre Towerline eram um dissipador de calor – que ela puxava todo o calor para fora da cidade, e é por isso que o tempo ficou louco, os lagos congelaram, o que não é. Mas o que é calor, na verdade?

Compreensão fez os olhos de Ethan se arregalar. — Energia.

Mallory tocou seu nariz. — E o vampiro entendeu. Não era um dissipador de calor, ou não era o seu objetivo principal. É um coletor de energia, porque é isso que o calor é – o efeito da radiação solar e o que quer que seja. Ela queria toda essa energia, — Mallory apontou para o animal, — Porque ela tem uma grande magia para fazer.

— É um bom trabalho, Mallory, — Ethan disse. — É um bom trabalho. Ela quer que a Egrégora seja física, e está puxando energia para fazer essa magia. Qual forma ela escolherá?

— Isso, — Catcher disse, — Nós não podemos te dizer. O feitiço não especifica uma forma. Ela poderia escolher o que quiser.

— Narval<sup>25</sup>? — Perguntei.

— Ou um monstro pantanoso, mamute lanoso, urso polar, grifo, — Mallory disse. — Ela só precisa de algo que possa conter a magia da Egrégora e sua consciência.

— Então, vamos encontrá-la em Northerly Island, — Ethan disse, andando pelas estantes, depois voltando, — E ela trará um monstro para lutar com a gente.

— Ou irá manifestá-lo, — Mallory disse. — Ela pode querer trabalhar a magia na nossa frente – se mostrar um pouco. E se fizer isso, eu tenho uma coisinha que pode ajudar.

Ela estendeu a mão, pegando algo pequeno e redondo.

— Um batom Color Bomb? — Eu disse, lendo as palavras douradas na parte de cima.



— É um regulador. Como em um carro. Eu fiz enquanto Merit estava no campus.

— Um regulador<sup>26</sup>? — Ethan perguntou. — Como o eleito oficialmente?

— Como um regulador de velocidade, — Mallory disse. — Como em um carro, exceto que isso é por magia. Não tive muito tempo, mas deve limitar a quantidade de energia que ela pode usar ao mesmo tempo. Isso pode impedi-la de reunir poder suficiente para manifestar a Egrégora.

Até mesmo Catcher pareceu impressionado. — Como você pensou nisso?

Ela sorriu. — Você não quer ouvir toda a ideia, mas pensei nisso no caminho para a festa de despedida de solteira. Bem, tipo isso. Eu estava pensando em tirar carteira, e me perguntava se Ethan colocava algum tipo de regulador em seu carro para que Brody só pudesse dirigir a uma velocidade razoável, como por segurança. E então, eu pensei, não, isso poderia dificultar as coisas caso ele precisasse fugir apressadamente, e isso não é bom. E então eu comecei a pensar em outros tipos de reguladores, ou coisas que operam como reguladores – como: os fornos só podem alcançar certas temperaturas, e obsolescência planejada, e por que os lápis são exatamente do tamanho que são, ao invés de algum outro tamanho, porque duram tanto tempo.

— Sua mente é como um labirinto estranho, — eu disse.

Ela sorriu. — Às vezes, a aleatoriedade é útil. Não sempre, mas às vezes.

— Bem pensado, — Ethan disse. — Muito bem pensado. Isso nos dá outra linha de defesa. — Ele olhou para Catcher. — Você precisa dizer a Chuck, e ele precisa alertar o CPD.

— Tudo bem, — Catcher disse, pegando o telefone.

---

<sup>26</sup> Ele diz isso porque governador é um dos muitos significados da palavra usada por Malory. Daí ele associa regulador a governador do estado.

Ethan olhou para o relógio, algo que fazíamos muito ultimamente e depois olhou para mim. — Um momento, Sentinela? — Ele perguntou; então me levou para o outro lado da sala. Quando chegamos lá, ele olhou para mim, silêncio entre nós, cheio de palavras não ditas. Mas não era hora de dizer, falar sobre futuros que pareciam tão incerto. Não com meia dúzia de pessoas na sala.

— Você não arriscará sua vida.

— Eu não tomarei nenhum risco *irracional* com minha vida.

Uma sobrancelha levantou.

— Isso também vale para você considerar o que estamos prestes a fazer. E digo o mesmo para você. — Apontei um dedo para ele. — Não se sacrificará pelos outros.

— Não é exatamente isso que você está fazendo?

— Não. Porque Mallory e eu vamos escapar. E, espero, que Sorcha não. Não dessa vez.

— Mestre. Sentinela.

Nós olhamos para trás. Malik estava na entrada, um sorriso malicioso no rosto. — Acho que é melhor vocês darem uma olhada nisso.

Não nos incomodamos em fazer perguntas, mas seguimos até a porta da frente, Mallory e Catcher atrás de nós.

Uma dúzia de vampiros estava no gramado, cada um deles com camisas escrito Midnight High School, uma dúzia de membros da Guarda Vermelha. Eles usavam as camisas para se identificarem em uma operação.

Até onde eu sabia, os próprios membros da GV eram os únicos que sabiam o que as camisetas simbolizavam. Embora isso possa mudar caso a Casa os visse todos aqui, juntos. E particularmente, o vampiro que estava na frente deles, cabelos castanhos avermelhado ao vento.



— Puta merda, — murmurei enquanto Jonah caminhava em nossa direção, então acenou para Ethan e para mim.

— Jonah, — Ethan disse.

— Ethan.

— O que você está fazendo aqui? — Minha voz era um sussurro. — Isto não é exatamente o tipo de atividade de um agente secreto.

O sorriso de Jonah era malicioso. — Estamos fazendo nosso trabalho, — ele disse calmamente, como se estivéssemos discutindo o clima. Talvez não este clima, mas o clima em geral...

— Estamos aqui para ajudar.

— Para ajudar? — Eu estava tendo problemas para processar toda essa situação. — Você recebeu minhas mensagens?

— Nós recebemos. Desculpe por não retornar a ligação. — Ele sorriu. — Achei que seria mais rápido se apenas aparecêssemos.

— Nós somos a Guarda Vermelha, — Jonah disse; alto o suficiente para que todos os vampiros da Casa o ouvissem. — Existimos para proteger as Casas e seus vampiros, para mantê-los seguros e saudáveis. — Ele olhou para mim. — E é hora de sairmos do nosso esconderijo e, na verdade, viver à altura da nossa reputação.

Fiquei surpresa. Eu lhes dei um sermão bem duro para fazer com que a organização deles significasse alguma coisa, em vez de pagar muitos serviços de advocacia para altos ideais e reuniões secretas. Mas, na verdade, não esperava que eles ouvissem.

— Você a deixou sem palavras, — Ethan disse.

— Uma tarefa quase impossível, — Jonah disse. Ele deu um passo à frente, oferecendo uma mão a Ethan. — Estamos ao seu dispor.

— Estamos felizes em tê-lo, — Ethan disse, então olhou para o resto deles. — A organização de vocês é corajosa e honrada, e vocês estão fazendo uma coisa corajosa e honrada aqui.

Alguns dos vampiros pareciam apreensivos com a ideia, como se não tivessem certeza de que isso fosse uma boa ideia, ou que Ethan não os expulsaria do quintal. Outros pareciam céticos. Compreensível, dado que todo o ponto da GV era desconfiar dos Mestres, impedir que eles oprimissem seus noviciados.

Jonah concordou e sorriu para mim. — Entendi que você procurava por um barco.

Luc deu um passo à frente para apertar a mão de Jonah. — Vamos discutir os detalhes.

Eu ainda olhava enquanto Luc o conduzia pelo quintal e começava a conversar com animação. Os outros Guardas – incluindo aqueles que não gostavam de mim, especialmente da última vez que nos encontramos – me deram acenos de reconhecimento. Nenhum parecia tão irritado quanto eles estiveram quando dei um sermão para eles. Nenhum parecia especialmente amigável.

Não importava. Agora, não precisávamos de amigos. Precisamos de aliados. E essas eram coisas muito diferentes.

\*\*\*\*

Eu conhecia apenas seis feiticeiros no momento: Mallory, Catcher, Paige, Sorchia, Baumgartner e Simon, outro ovo ruim. Eles geralmente eram jovens e atraentes, do tipo brilhante.

Os homens e as mulheres que estavam no saguão do Planetário Adler pareciam ser uma raça completamente diferente. Medianos, do meio oeste e de meia idade. Homens e mulheres com pele escura e clara, eles usavam casacos térmicos contra o

frio, calças caqui e sapatos muito práticos. Eu me senti mal vestida com meu couro e aço.

— Burocratas, — Mallory sussurrou enquanto caminhávamos até eles.

Isso explicava.

A equipe da SWAT moveu uma tela eletrônica no saguão de mármore, que estava aceso com uma luz dourada dos candelabros acima de nós. Eles eram dourados e antiquados, não ao contrário das luzes no primeiro andar da Câmara Municipal. Vestígios de uma era diferente em Chicago.

— Ah, — disse um homem pálido de altura mediana com cabelos prateados e uma pança acima de seu cinto. Ele usava calças caqui e botas de neve, e uma jaqueta térmica que parecia quente, mas não propícia a luta. — Você está aqui.

Este era Al Baumgartner, o chefe da Ordem.

Ele caminhou em nossa direção, os outros na sala aproveitando a oportunidade para nos olhar. Seus olhares, pelo que vi, não eram lisonjeiros. Vi pelo menos um par de olhos revirando, perguntei-me se eles nos viam também como *obviamente* sobrenaturais, da mesma forma que todos pareciam ser muitos *obviamente* humanos.

Baumgartner parou, olhou para Catcher. Havia uma rivalidade entre eles, e enquanto aquelas feridas se curavam, eles ainda se olhavam com cautela.

— Bell.

— Baumgartner.

— Todos podem se reunir ao redor, — Wilcox perguntou, gesticulando para irmos para frente da tela. — Vamos colocar isso em andamento e acabar com isso.

*Ele realmente acha que será tão simples?* Ethan perguntou silenciosamente. *Ou diz isso porque tem que dizer?*

*Meu avô disse para ele o que Sorchia está planejando, eu disse. Então, provavelmente é um pouco da Opção A, e um pouco da opção B.*

A tela mostrava Northerly Island, o planetário na extremidade norte da lagoa ao sul. Um X marcava um ponto perto da extremidade sul, em cima de um dos montes achatados que o Corpo de Engenheiros do Exército dos Estados Unidos esculpiu sujeira e pedra. — Este é o local onde ela concordou em nos encontrar.

Baumgartner puxou o lábio inferior. — Você acha que ela seguirá com isso?

— Se quiser ação, ela virá onde estamos, — Wilcox disse. — E é aí que estaremos. — Ele olhou para mim, para Mallory. — Onde vocês estarão.

— E você estará onde? — Ethan perguntou.

Ele apontou para uma posição ao longo da trilha de pedra que circundava a lagoa, um ponto na água. — Aqui, e teremos atiradores no topo do planetário, apenas no caso. — Ele olhou para Baumgartner. — Seu povo estará aqui, e com proteção? — Ele apontou para pontos na base da colina.

Baumgartner assentiu. — Ela não saberá que estamos lá.

— Tenha cuidado, — meu avô disse. — Ela é mais poderosa do que parece.

Um dos outros feiticeiros deu um passo à frente, e seu tom era malicioso, o que combinava com a expressão em seu rosto. — Nós sabemos quem e o que ela é. Nós colocamos as defesas. Só porque você não está treinado para lidar com ela não significa que não podemos lidar com isso.

— Não é uma questão de treinamento, Simpson, — Mallory disse; e não havia raiva em sua voz. Apenas cansaço. — Você já ouviu o que ela planeja fazer?

— O que você acha que ela planeja fazer, — Simpson disse, revirando os olhos. — O Manuscrito Danzig não é um grimório. É um absurdo, e você está lendo muito disso.

— Sorcha nem sequer é treinada, — Baumgartner disse, como se isso fosse uma defesa contra a magia. — Mesmo que o manuscrito fosse legítimo, não há como conseguir magia nessa escala. Os delírios, o clima, o ultimato – tudo isso é para se mostrar. Ela está atuando.

Olhei para cada um deles, feiticeiros que se recusavam a acreditar que o mundo não era exatamente como imaginavam, ordenado exatamente como eles acreditavam ser. Fúria apareceu, porque eles se recusavam a ver a verdade e a enfrentar o perigo que se aproximava. E pena acompanhou essa raiva, por viverem em mundos tão simples, tão definidos por seus próprios preconceitos.

— Ainda que eu esteja errada, — Mallory disse cuidadosamente, seus olhos se estreitando em fendas perigosas, — Você prefere se preparar para o pior e ser agradavelmente surpreso, ou entrar com sua arrogância e ser destruído?

A feiticeira revirou os olhos. — Sempre drama com você, Bell.

— Simpson, — Baumgartner disse. — Foco.

Simpson mordeu a língua, mas revirou os olhos novamente.

— Eu tenho um regulador, — Mallory disse. — Um pequeno feitiço que arruinará a magia dela, impedirá que ela possa dar forma física a Egrégora. Eu só preciso me aproximar o suficiente para usá-lo.

— Aproveite a chance quando aparecer, — Wilcox disse. — Vamos neutralizá-la. — Ele apontou para um lugar no pavilhão de música perto do parque. — O veículo para levá-la estará aqui. Está guardado e selado, e está pronto.

— E você realmente vai contê-la desta vez? — Baumgartner perguntou arrogantemente, como se tivesse sido o único a fazer todo esforço em Towerline. Na verdade, ele não fez nenhum. Minha opinião sobre ele antes de entrar na sala não era alta. Isso não ajudou em nada.

— A equipe do transporte me assegurou que eles vão. Você nos ajudará a colocá-la dentro?

— Temos experiência em contenção, — Simpson disse.

Eu duvidava que isso também fosse verdade, e que ela alguma vez pudesse ter *contido* algo maior que um pássaro ou rato selvagem. Mas não seria mesquinha em voz alta.

— Então, vamos tomar nossas posições, — Wilcox disse, e caminhamos até a porta, saindo novamente para temperaturas congelantes.

— Bem, — eu disse. — Isso aconteceu exatamente como eu esperava.

— Foda-se a burocracia, — Catcher disse. — Mas sim, não inteiramente inesperado.

— O que há entre sobrenaturais e burocratas? — Mallory perguntou.

— Alguma coisa no DNA, eu suspeito.

— Eu fiz o que podia, — Mallory disse, depois olhou para Catcher. — Certo?

— Sim. Você pode dar a um burocrata uma ideia melhor, — ele disse com uma piscadela. — Mas não pode fazê-lo usá-la.

Mallory riu, o que era um bom ponto, e entrou nos braços dele.

Ethan colocou uma mão no meu rosto. — Eu te amo. Seja cuidadosa.

— A mesma coisa, — Catcher disse a Mallory.

Nós trocamos breves beijos e depois nos olhamos.

— Você está pronta para isso? — Perguntei a Mallory.

Ela estendeu o braço. — Vamos seguir a estrada de tijolos amarelos, — ela disse. E partimos para encontrar a Bruxa Malvada.

\*\*\*\*

Seguimos para a estrada principal da ilha em direção ao parque, os feiticeiros na nossa frente, pelo menos até que se separassem para assumir suas posições. Ethan e Catcher viriam de outras direções, esperançosamente, furtivamente. Luc, Lindsey e Juliet ficariam perto do planetário e mais perto da costa, no caso de Sorchá fugir nessa direção. Brody ficaria no veículo. Felizmente, o CPD pensou antes, e certificou-se de que a neve e o gelo fossem limpos na maior parte. O asfalto ainda estava lamacento e escorregadio, mas não precisávamos de esquis e raquetes de neve.

— Como você se sente sobre o regulador?

— *Confiante* é a palavra. Não é a palavra que eu escolheria, mas definitivamente a palavra.

Ela escorregou um pouco na lama, e agarrei o seu cotovelo antes que ela pudesse cair, ajudando-a a se endireitar de novo.

— E que palavra você escolheria? — Perguntei a ela.

Ela pensou nisso por um momento. — Animada?

— Vou ficar com essa. Quão perto você precisa ficar?

— O mais próximo possível. — Ela puxou o batom do bolso do casaco. — É um híbrido de feitiço e alquimia. Sou o tipo de garota que usa feitiço; ela é uma garota de alquimia. Sem entrar nos detalhes sangrentos, é como um modelador de magia. Supondo tudo.

— Você é uma maravilha. E percorreu um longo caminho em um ano.

— Só preciso de aprovação e estou pronta para ir. Precisarei me concentrar – tanto em terminar o feitiço quanto em não deixá-la saber sobre isso. Então, eu preciso que você lide com ela.

— Isso não será um problema, — eu disse. Minha lâmina e eu precisávamos de um bom treino.

Ela assentiu. — Eu te darei um sinal quando estiver pronta.

Quando alcançamos a colina, ela limpou a garganta nervosamente. — Você quer apostar em como isso ficará ruim?

Fiz uma careta. — Como o número de pessoas que morrerão?

— Não, isso é apenas melancólico. Mais como, Baumgartner nos culpará quando essa coisa for à merda?

Passei dez minutos em uma sala com o homem, e já sabia a resposta para isso. — Ele absolutamente irá. Sem dúvida.

— Hmm, — ela disse, e cruzou os braços. — Outras previsões óbvias – Sorchá usará uma roupa completamente inapropriada. Ela colocará a culpa em algo ou alguém que não seja ela mesma. Os feiticeiros de Baumgartner falharão completamente em neutralizá-la, ou estragarão isso de alguma forma equivocadamente por causa de ego. — Ela pausou. — A prefeita se recusará a assumir a responsabilidade.

— Você está basicamente jogando o cartão de bingo do Desastre Sobrenatural, — eu disse. — E está certa sobre tudo isso.

Chegamos ao circuito ao redor da lagoa, olhando o lugar que deveríamos esperar pela Sorchá.

— Você acha que ela vai aparecer em um redemoinho de fumaça?

— Bruxa Malvada, — ela me lembrou.

Mais um x no cartão do bingo.

\*\*\*\*



O céu estava claro, e o ar estava gelado. Nós estávamos no alto de uma colina coberta de neve, em uma escuridão absoluta, no meio de um planalto com cerca de quarenta metros de diâmetro. A colina não era muito alta – talvez seis metros acima do lago – mas estava elevada o suficiente para que o vento nos rodeasse.

Era agosto no Centro-Oeste, e a ilha deveria está cheia com sons do chilrear de grilos, o coaxar de sapos, o zumbido rítmico de cigarras. As ondas deveriam estar batendo contra o litoral, o vento rarefeito e a grama escurecendo. Em vez disso, o mundo estava em silêncio.

— Ela está vindo, — Mallory disse calmamente, a uma hora até o amanhecer.

Ela não precisava me dizer. O vento aumentou, a magia perfurou o ar desconfortavelmente, e havia uma fenda elétrica no ar, como o som enrugado de eletricidade estática.

*Ela está aqui*, eu disse a Ethan, sem saber se ele estava perto o suficiente para ouvir.

*Estamos prontos*, chegou a resposta dele, e me senti imediatamente melhor. Eu confiava em Ethan com a minha vida – e confiei. Fiquei satisfeita por saber que ele estava aqui e pronto, apenas no caso...

— As defesas foram violadas, — a voz de Jeff chegou através dos comunicadores. — Ela está quase chegando em cima de vocês, então fiquem de olho.

— Nós vamos fazer isso, — Mallory disse, e nós recuamos.

Começou com uma pequena névoa, uma mancha no ar na nossa frente, conforme a vimos engrossar e crescer três dimensões, como uma nuvem de tempestade ganhando força. Mas isso não apenas aumentou de tamanho – isso se movia com luzes e estremecimentos, empurrando para frente em uma direção, depois engrossando, empurrando para trás em outra direção, engrossando.

Por um momento, tive medo de ter entendido completamente errado a situação. Que Sorchia não estava chegando, e, em vez disso, ela criou um monstro novo e diáfano que nos mataria em um secreto silêncio, como o antagonista de uma história do Stephen King.

Mas, tão rápido quanto um dedo, o nevoeiro se dissipou, deixando Sorchia diante de nós, sua expressão altiva e seus olhos selvagens.

Ela escolheu um macacão desta vez, um dos seus look favorito. De seda verde esmeralda com um corpete assimétrico que circundava um ombro, deixando o outro nu. Seu cabelo caía sobre seus ombros, com finos grampos dispostos em X em sua têmpora.

Perguntei-me se ela tinha um estilista, alguém que a ajudava a se preparar antes de destruir um pouco mais de Chicago. Ou se sentava sozinha em seu refúgio secreto, onde quer que fosse, com um guarda-roupa cheio de roupas e um baú de acessórios, e preparava-se em silêncio. Preparava-se para fazer estragos e assassinatos, uma mulher sem um deus a quem responder.

— Lindsey vai pirar por causa do macacão, — Mallory sussurrou.

— Provavelmente. E ela não está congelando?

— Pode ser magia, — ela disse.

Ela sorriu para nós, deu um passo à frente. — Bem, bem, bem. Acho que a cidade de Chicago fez sua escolha. Não que uma vampira magrela e uma pequena feiticeira vadia tenham muito valor.

Olhei para Mallory. — Eu acho que sou a vampira magrela?

— E eu sou a vadia. — Ela estalou a língua. — Recorrendo a linguagem grosseira, Sorchia. Sério?

— Muito deselegante, — concordei, depois olhei para Sorchia. — Estamos aqui, — eu disse, começando o roteiro que descrevemos com a equipe SWAT. — Você disse que liberaria o gelo se aparecemos.

O sorriso dela era esparso. — Você achou que isso será tão fácil? Especialmente com um campo cheio de feiticeiros de cortesia esperando por mim? Pelo menos, tenha um pouco de estilo.

— E o que você quer? — Perguntei.

— Vocês implorando piedade seria um bom começo. Vocês me envergonharam. Eu tinha um plano, que agora tive que mudar!

Sorchia tinha o desenvolvimento emocional de uma adolescente. O que a tornou muito mais imprevisível.

Ela deu um passo adiante em sandálias que brilhavam na cor dourada sob a batinha de seu macacão. — Você tem alguma ideia de quanto tempo eu trabalhei nessa alquimia? Meses. E vocês arruinaram isso em uma única noite. — Ela sorriu seu sorriso de gata, aquele que disse que ela se preparava para dar más notícias.

— Mas tudo bem, — ela disse. — Tenho um novo plano. Eu só preciso de um pouco mais de poder. — Ela estabeleceu o olhar em Mallory, com os olhos intensos e analisando. — Você ajudou muito.

*Ela quer que Mallory termine tudo o que ela começou,* eu disse a Ethan.

*Comum. Os feiticeiros começaram sua magia. Ela a está usando.*

O olhar de Mallory estreitou-se. — Você é a razão pela qual eu estava tão cansada! Você me usou. Drenando-me, como uma...

— Vampira, — Sorchia concluiu, deslizando o olhar para mim. — Uma coisinha que eu fiz. Porque sou muito boa.

— Não tinha como passar pela defesa.

Seu sorriso era dissimulado. — Porque eu já estava lá.

Parte do cavalo de Tróia, eu pensei. Parte da magia que já estava em Towerline quando as defesas foram criadas.

— Mas não o suficiente, — Mallory disse, olhando para as nuvens que se encontravam acima de Towerline, visíveis até de tão longe quanto nós. — É por isso que estou aqui. Porque a longa distância não estava fazendo isso. Você precisa de mim aqui, agora. Por quê?

— Porque há trabalho a ser feito.

— Sobre a Egrégora? Trazê-la?

O sorriso de Sorchia vacilou. Ela não esperava que chegássemos tão longe.

— Sim, — Mallory disse. — Sabemos do Danzig e do seu pequeno plano. Criativo, como as coisas avançam, embora não inteiramente elegante. Muitos passos. Desengonçado.

Fúria apareceu no rosto de Sorchia, colocando uma cor quente em suas bochechas. — Eu vou terminar, e você me ajudará.

— Oh, eu acho que não.

Sorchia deslizou seu olhar frio para mim. — Você me ajudará, ou vou matar sua amiga vampira.

*Diga para eles se apressarem*, eu disse a Ethan. *Porque eu sou o incentivo de Mallory.*

Mas isso não significava que eu não pudesse me divertir. Coloquei o polegar na minha espada, eu a desembainhei e a girei. Parecia bem na minha mão e era bom segurá-la novamente.

— E quanto a mim e você darmos algumas voltas, Sorchia? A menos que tenha medo?

— Não tenho medo de você.

Pisquei um olho, torcendo um dedo para ela. — Venha, então. Vamos ver o que você tem.

A primeira bola de fogo zumbiu tão rapidamente que nem a vi jogá-la.

*Droga, ela é rápida*, eu falei a Ethan, e mal me esquivei do caminho, batendo no chão quando a chama verde voou acima de mim. Ela bateu na neve a dez metros de distância e explodiu com um baque vibrando no chão, enviando neve a três metros no ar.

*Rápida e forte*, eu alterei.

Levantei novamente, lâmina na minha frente para proteger sua próxima jogada. Sorchia apenas revirou os olhos e enviou outra torrente no meu caminho. Eu girei e cortei, meu braço ardendo quando uma faísca penetrou no couro, uma dor aguda picou. As bolas de fogo dissiparam-se, mas deixaram marcas gordurosas na lâmina da minha espada. Corri a parte plana da lâmina contra a perna da minha calça para limpá-la.

— Vamos lá, — eu disse. — Você nem está tentando.

— Eu odeio você, — ela disse, dando um passo à frente. Movi-me para a esquerda, tentando fazê-la girar um círculo completo e colocar Mallory atrás de suas costas.

— Sim, eu também não gosto de você, — eu disse, e golpeei para frente, pegando o tecido na borda de um joelho, e rasgando um buraco de dez centímetros na seda. Cortei sua pele pálida, perfumando o ar com o sangue dela. Sangue poderoso que precisei me forçar a não pensar.

Sorchia gritou e virou; o cabelo voando ao redor do seu rosto em um arco. Ela chicoteou outra bola de fogo em mim – como ela carregava tanta magia? – seus olhos

agora selvagens e dilatados. Eu estava muito perto do tiro; cortei com a minha katana, mas o movimento enviou uma explosão de faíscas no ar, batendo em nós duas.

A dor explodiu em mim, como se eu tivesse pegado estilhaços de fogo em cada pedaço de pele, músculo e osso. A força dela me empurrou e bati no chão com as minhas costas, os olhos fechados quando a magia pulsou sobre minha pele com um milhão de picadas dolorosas.

— Sua vadia! — Sorchia gritou. Ela ainda estava de pé, mas seu macacão era agora uma confusão de queimaduras e buracos.

*Ela tomou do próprio veneno*, eu disse a Ethan. *Este seria um bom momento para eles atacarem*. Espero que Mallory faça o mesmo.

*Quase lá*, Ethan disse.

— Ei, — Mallory disse, e a cabeça de Sorchia se dirigiu para ela. Mallory sorriu e jogou o batom para ela.

Ao mesmo tempo, uma bola de fogo acendeu no céu em direção a nós, enviando luz em um arco sobre a colina e indo em direção a Sorchia.

Eu olhei para trás. Para o ponto de origem, onde as faíscas ainda desapareciam na escuridão, Simpson estava com o brilho de sua própria magia, preparando outra rodada. Sua expressão era determinada, misturada com o ego de uma mulher que não foi testada em batalha e acreditava que era mais forte do que realmente era. E por isso, ela deixaria Sorchia vê-la – e sua posição, no final da colina.

— Não! — Mallory gritou, reunindo sua magia e se preparando para precipitar-se pela colina em direção a Simpson, já acumulando magia para atirar, a fim de interceptar seja lá o que Sorchia poderia atirar.

Mas era tarde demais.

## CAPÍTULO 21



# Ciência estranha

Atraída pela luz, Sorchá se moveu em direção a Simpson. O batom atingiu o chão onde Sorchá estivera um milésimo de segundo atrás e quebrou, o feitiço derramando-se impotente no chão, uma névoa de luz dourada. Sorchá estava a cinco metros de distância, dirigindo-se para a posição de Simpson.

— Simpson! — Mallory gritou. — Mova-se!

Muito obstinada para obedecer, Simpson jogou outra torrente. Sorchá afastou como um inseto irritante, e depois enviou uma bola de fogo em direção a Simpson. Mallory jogou a dela, ao mesmo tempo, mas terminar o batom tomou um preço em sua magia, e ficou aquém.

Simpson poderia ter algumas habilidades mágicas, mas não era rápida em se mover. Em vez de se esquivar, ela se virou como se estivesse fugindo. A bola de fogo pegou suas costas, enviando-a voando na neve. Ela bateu com um chiado doentio e não se moveu.

— Ela a matou, — Mallory disse. — A matou.

E quando o fez, a magia de ocultação dos feiticeiros vacilou, tornando agora visível o fio triangular de magia azul que vibrava em cima deles. Parecia neon líquido e dispersa luz azul ao redor deles. Agora, eles estavam todos visíveis para nós... E para Sorchá.

*Nós vamos precisar do Plano B*, eu disse a Ethan, pisando ao lado de Mallory, então ficamos em uma linha, juntas, contra Sorch. Mas seus olhos e sua raiva estavam concentrados, no momento, no trio de feiticeiros que elevavam um fio no ar, começando a movê-lo em direção a colina. Imaginei que deveria ser um laço, uma maneira muito literal de amarrar Sorch em custódia policial.

O batom de Mallory parecia muito mais simples e elegante em comparação.

— Eles acham que ela ficará quieta com isso? — Perguntei.

— Eles pensaram que seria invisível, — Mallory disse. — Mas sim, é muito desajeitado. O que eu poderia ter contado a eles, se tivessem compartilhado isso comigo. — Ela juntou outra rodada, jogou-a no ar. Curto novamente.

E ela não era a única. Os tiros azuis começaram a perfurar o ar do outro lado da lagoa. *Catcher*, eu pensei com alívio.

As faíscas voaram sobre a lagoa enquanto os feiticeiros lutavam, a magia se espalhando no ar cada vez que os tiros colidiam, então o céu em toda a ilha começou a brilhar na névoa.

Sorch estava focada nos feiticeiros, e continuava avançando através da alta neve do outro lado da colina, para o vale onde a lagoa refletia a magia. Ela estava se aproximando do laço que os feiticeiros ainda conseguiam manter no alto, mas estavam tendo problemas para mantê-lo estável. Sacudia e tremia entre eles, mais um fio vivo do que um laço.

Sorch apontou uma bola de fogo em Baumgartner, que estava criando o seu próprio tiro. Mas ele perdeu o laço, que chiou e desapareceu no ar.

— O campo de contenção está destruído, — Mallory disse no comunicador.

A ameaça imediata minimizada, Sorch se virou para nós, começando a caminhar pela colina. Empurrei Mallory, obviamente exausta, para trás de mim e desembainhei minha espada – e meus dentes – para Sorch.



— Eu solto a minha espada se você retirar a sua magia, — eu disse. — E teremos uma boa e velha luta.

— Você não poder simplesmente me dar o que eu quero, — ela disse; o olhar se estreitando contra nós, os cabelos espalhados e se levantando no ar enquanto ela se recuperava para mais uma rodada.

Minha pele ainda disparava com nervos; dei um passo em direção a ela. Qualquer coisa para manter o seu olhar longe de Mallory. — Não tenho o hábito de entregar minha cidade a feiticeiras egocêntricas.

— Eu vou mostrar a você a egocêntrica, — ela disse, e jogou uma mão no ar.

Um gesto tão vacilante tendo tanto poder. A energia explodiu no ar. Eu protegi Mallory, pegando a explosão completamente. Bati no chão de joelhos, os membros tremendo com a nova rodada de dor chocante.

Luz passou atrás de mim, um tiro de fogo azul deslizava pelo braço dela, impulsionado por Mallory. Sorcha bateu uma mão sobre a ferida e gritou com dor, o que pareceu agitar a terra. O trovão estourou como um tiro quando um raio dividiu o céu da mesma sombra verde doentia.

— Eu estou em débito! — Ela gritou para o céu. E quando olhou para nós novamente, seus lábios se moviam em algum canto silencioso. Ela puxou do bolso um maço gordo que parecia sálvia, tocou a ponta do dedo até o fim e começou a fumar. Ela soprou no ar na frente dela, os lábios ainda em movimento, e a mesma combinação mágica reuniu-se ao nosso redor.

— Mágica chegando! — Eu disse para a comunicação sobre a estática, minha voz rouca de dor e esperando que alguém pudesse me ouvir. — Preparem-se. — Para a magia e o monstro que ela poderia criar, pensei.

Mallory gritou e caiu no chão, apertando as mãos sobre os ouvidos. E o ar ao redor dela começou a brilhar, a zumbir com a magia. Vapor parecia subir de seu

corpo. Mas era magia – magia que Sorchha estava tirando dela com o poder de sua música imunda.

— Mallory! — Eu disse, e coloquei meus braços em volta dela, protegendo seu corpo com o meu e cobrindo suas mãos com as minhas se isso ajudasse a bloquear o som.

Mallory gritou novamente.

— Estou aqui! — Gritei sobre o crepitar do poder de Sorchha. — E eu vou te ajudar. Apenas se concentre! Não deixe que ela a use!

O corpo inteiro de Mallory estava rígido, e ela começou a tremer pelo esforço.

Eu não sabia o que mais fazer para ajudá-la na guerra que ela travava consigo mesma para bloquear a magia e o som da cantoria. Comecei a cantar a única melodia que eu poderia pensar.

— Desculpe! — Gritei, e gritava palavras que eu esperava nunca ter que repetir. — *Nunca vou desistir de você! Nunca vou deixar você cair!*

— Nós encontramos o cadinho, — Jeff disse, sua voz crepitando em nossos ouvidos. — Vou destruí-lo!

Eles estavam muito atrasados.

Sorchha atçou a magia. Os espessos redemoinhos de poder verde doentio começaram a se compor no ar, girando e florescendo, e obscurecendo-a completamente atrás deles. O ar cheio de aromas químicos da cidade.

Mallory estremeceu. — Não, — ela disse. — Não, não, não, não, não!

— Saia daí! — Gritou uma voz sobre o comunicador.

— Estou aqui, aqui, — eu disse, e ela se enrolou em mim. — Você é mais forte do que ela. *Nunca vou fugir e abandonar você!*

— Merit!

— Aqui! — Eu gritei, levando Catcher e Ethan para nós. Eles atravessaram o lado da colina.

— Sorchia tem drenado Mallory, — eu disse enquanto Catcher a pegava nos braços.

Ethan ofereceu uma mão, ajudando-me a levantar. — Estou bem, — eu disse. — Apenas um pouco instável. — A terra estremeceu, enviando ondulações pela superfície da lagoa. — E isso não está ajudando.

— Para o ponto de evacuação! — Ethan gritou, quando outro abalo nos sacudiu e a nuvem de fumaça e magia floresceu ainda mais.

Catcher atravessou a colina, a neve voando enquanto tentava manter o equilíbrio. Nós seguimos o exemplo, as mãos unidas, minha visão não estava bastante focada, e escorregava a cada poucos metros de neve, a qual ficava mais lisa.

Um vento quente e nebuloso soprou pela ilha, carregando os cheiros de enxofre e fumaça, e aquecendo o ar em pelo menos uns vinte graus. As rachaduras ecoaram pela ilha enquanto o gelo em Burnham Harbor começava a se dividir com o súbito aumento da temperatura.

— A neve e o gelo estão derretendo! — Eu disse. — Tenham cuidado!

Voltamos à trilha em torno da lagoa quando um som atravessou a escuridão, algo duro e afiado, uma lâmina que encontrou a pedra, soando como se batesse contra o vidro e o aço da cidade e ecoasse de volta.

Era alto. Estava próximo. E soava muito, muito irritado.

Gritou novamente e colocamos as mãos em nossos ouvidos, mas o grito ainda percorreu; furioso e cortante. O som enrolou as garras ao redor do meu coração e apertou, e por um momento, não consegui encontrar a minha respiração.

Sorcha fizera um monstro da Egrégora. E seu monstro vinha atrás de nós.

— Espero por Deus que seja Chris Pratt montando um velociraptor<sup>27</sup>, — Catcher disse.

— Acho que não somos tão sortudos, — eu disse.

— Sinceramente, não ficaria surpreso ao ver os Quatro Cavaleiros do Apocalipse agora mesmo, — Ethan disse, segurando minha mão com uma força de aço.

Houve mais duas pancadas. E mais um minuto de silêncio – o horrível silêncio da antecipação, o silêncio feliz de não saber se o monstro nos esperava.

O chão tremeu quando ele se afastou do topo da colina, gritando furiosamente.

Movia-se em quatro pernas, tinha um pescoço longo e serpentino, e era coberto de brilhantes escamas pretas. Ou pensei que fossem negras. Elas eram tão escuras que era difícil discernir uma cor, mas brilhavam em um brilhante arco-íris de luminescência que se deslocava quando a criatura se movia.

Suas asas eram magras e venenosas, manchadas de preto e vermelho, com garras nas extremidades dos ossos. Seu corpo terminava em uma cauda longa e branca, e o vapor subiu de seu tamanho como se subisse diretamente das profundezas do inferno. Sua língua, longa e preta, era bifurcada como uma cauda de andorinha.

Eu olhei para ele, meu cérebro tentando alcançar meus olhos, tentando processar o que eu estava vendo.

Catcher entendeu mais rápido do que eu.

— Puta merda, — ele disse. — Ela fez um dragão.



\*\*\*\*

Não houve respiração de fogo, pelo menos de tão longe quanto estávamos. Nenhuma donzela medieval com chapéu pontiagudo, sem cavaleiro com armadura. Mas o que Sorchia criou certamente parecia um dragão.

Apenas olhamos para isso, tentando compreender o que víamos.

— Pegue-os! — Sorchia gritou.

Como um cervo recém-nascido ainda se acostumando com os pés, o dragão avançou, tropeçou na calçada, cambaleando. Ele se endireitou novamente, balançando, e esticou suas asas, batendo-as de forma estranha e fora do ritmo, ainda aprendendo a síncope do voo.

O som oco de um motor de barco chamou a nossa atenção, e todos nos viramos. Jonah dirigia um barco para a extremidade sul da ilha, conduzindo através de placas de gelo. Ele enviava ondas sobre a costa conforme se movia, depois fez um gesto para nós avançarmos. — Vamos!

— Essa é a nossa carona! — Catcher disse. — Corram!

— Saíam todos da ilha, — Ethan gritou em seu comunicador enquanto corríamos. — Ela trouxe a Egrégora em um dragão. Sim, eu disse dragão, — ele repetiu, no caso de alguém ainda não ter visto o monstro batendo asas através do Northerly Island.

Levamos nossa bunda em direção ao barco, atravessando a lama na margem e subimos no barco.

— Para onde eu vou? — Jonah perguntou.

— De volta à costa — Ethan disse. — E pise fundo.

\*\*\*\*

Jonah voltou para o porto, movendo-se o mais rápido possível pelos pedaços de gelo que ainda flutuavam na água, ignorando os sinais de REDUZA A VELOCIDADE e deixando os outros barcos balançando.

De repente, Agosto se tornou úmido. Tirei a minha jaqueta e a coloquei debaixo da minha cadeira.

— O que diabos era aquilo? — Jonah perguntou.

— Dragão, — Catcher disse. — Ela fez um maldito dragão.

— Parem de dizer isso, — Mallory disse, levantando a cabeça do ombro de Catcher. — Dragões não são reais.

— Tenho certeza de que era um dragão, — eu disse.

— Os dragões não são reais, — Mallory insistiu, o olhar se estreitando em mim. — Não é absolutamente um dragão.

—Você pode chamá-lo de coelho fofo se isso faz você se sentir melhor, — Catcher disse. — Mas não mudará o que acabamos de ver.

— Os dragões não são reais, — Mallory disse novamente. — Além disso, as baterias estão quase... — os olhos dela reviraram.

Catcher a pegou antes que ela pudesse cair no convés. — Vazias, — ele terminou.

O dragão levantou as asas, enviando neve, gelo e lama para o ar, e foi para o ar, indo a quarenta metros antes de tocar o chão novamente, lutando para começar a correr.

— Vantagem, — Catcher disse. — Não é bom ser um dragão.

Ele tentou novamente, desta vez chegou ao topo do planetário. A cúpula explodiu quando o dragão se instalou sobre ela, garras agarrando a estrutura de aço entre os painéis. Precisava se esforçar para se manter equilibrado, e batia as asas para se apoiar, suas pontas batendo contra a cúpula e quebrando mais vidro.

— Embora isso não seja importante, — Catcher disse.

— Pelo menos sabemos qual a forma ela escolheu, — eu disse. — Talvez possamos usar isso – procurar no Danzig, observar se Portnoy nos deixou alguma pista de como derrotá-lo.

Jonah aproximou-se da doca. Ethan saltou primeiro, pegou a corda que Jonah lhe ofereceu e amarrou o barco. Todos nós saímos do barco, Mallory nos braços de Catcher, e voltamos correndo para o Solidarity Drive, a rua que cortava a península, em direção ao aquário e à Northerly Island.

Chegamos à rua, achamos a van do Omdubsman e uma bagunça de pessoas fugindo do aquário – provavelmente o restante da equipe que ficara para cuidar da vida selvagem.

Luc, Lindsey, Juliet e os membros da Guarda Vermelha com suas camisas Midnight High School estavam apressando as pessoas para deixarem a ilha e seguirem em direção à cidade, incluindo um Baumgartner mancando, que desistiu de qualquer pretensão de ajudar.

— O que diabos aconteceu? — Jeff perguntou, correndo em nossa direção.

— Simpson, — eu disse. — Ela ficou louca e jogou uma bola de fogo em Sorch, o que quebrou o feitiço de ocultação. Ah, e então Sorch trouxe a Egrégora em um dragão.

— Você está bem, Mal? — Ele perguntou, inclinando a cabeça para ela.

— Sorch roubou a magia dela, — eu disse quando Catcher entregou-a para Jeff. — Coloque-a na van e cuide dela até isso acabar.

Jeff não se preocupou em responder, apenas assentiu e voltou correndo para a van.

Olhei para o céu, pelo meu relógio, calculei que tínhamos meia hora antes do nascer do sol e todos ficaríamos fritos.

O dragão lançou-se novamente, desta vez conseguiu ficar no ar em um voo entre o planetário e o Aquário Shedd. Quando desembarcou, eu poderia distinguir a silhueta de Sorcha nas costas dele, plantada na base do pescoço como um vaqueiro, o cabelo loiro voando.

O dragão aterrissou no topo da cúpula pontuda do aquário, enviando telhas voando pelos lados, onde elas caíram no chão.

E então, virou para onde estávamos.

— Eu pego, — Catcher disse, puxando energia suficiente para fazer faíscas voarem pela sua pele. — Venha até mim, seu idiota.

Ele a lançou, curvando a cúpula e enviando pedra e aço aos ares. Água salpicou no ar quando os tanques abaixo explodiam. O dragão gritou e fixou seus olhos reptilianos sobre nós, gritando enquanto mergulhava em uma descida intensa.

Após um momento, Catcher estendeu a mão, a centelha azul brilhava em uma órbita. Ele segurou e lançou para frente, riscando o céu como uma estrela durante a noite. E acertou a coxa do dragão. Mas ao invés de feri-lo, cavando nas escamas e carne, ele conseguiu se curvar, lançando-a novamente sobre nós quase tão rápido quanto foi jogada.

— Se abaixem no convés! — Catcher gritou, arrastando a bainha da minha camisa para me puxar para o chão.

A bola de fogo voou acima de nossas cabeças e explodiu atrás de nós. Olhamos para a fumaça saindo de uma janela no prédio do aquário.

— Merda, — Catcher disse. — Acho que isso não vai funcionar.



— O que diabos aconteceu? — Perguntei.

— As escamas são reflexivas, — Catcher disse. — A magia volta.

Pode não ter sido ferido, mas a bola de fogo também não mudou nada a sua atitude. VOCÊ NÃO PODE ME FERIR.

Era um pequeno som estrondando no ar, uma nota profunda de sons graves, de alguma forma, dividida em palavras que não podíamos entender.

— Puta merda, — Lindsey disse, olhando para o lagarto voador que circulava acima de nós, procurando um lugar para pousar. — Diga-me que outra pessoa ouviu isso.

— Diga olá para a Egrégora, — Ethan disse, e olhou para Catcher. — O que fazemos agora?

— Talvez não possamos ferir o dragão com bolas de fogo, — Catcher disse. — Mas podemos machucar o piloto.

Eu poderia dizer que ele estava ficando cansado. Seu aspecto não parecia bom, seus tiros não acertavam bem o alvo. Mas o dragão, mesmo protegido contra o fogo, estava bastante nervoso. Ele gritou para as faíscas explodindo, virando-se diretamente para uma das explosões de Catcher.

O tiro atingiu Sorchia na perna, e ela gritou com uma dor furiosa. O dragão gritou com ela, e cobrimos nossos ouvidos para som horrível, para o som rangendo. Então bateu as asas, levantou-se no ar e desapareceu na escuridão.

## CAPÍTULO 22



# Escalas de Justiça

Nós corremos apressadamente do amanhecer, voltando para a Casa a tempo de fechar a porta antes da luz do sol atravessar o quintal.

Acordamos para descobrir que a cidade havia descongelado e não havia relatos de delírios adicionais, pelo menos de acordo com o *Tribune*. Por outro lado, além de congelar temporariamente a cidade, Sorchia matou um feiticeiro. Ela criou um dragão que matou dois humanos e feriu cinco no centro da cidade, para não mencionar a quase destruição de dois dos edifícios favoritos da cidade.

Não conseguimos fazer nada além de observar Sorchia terminar o que pretendia fazer o tempo todo – criar sua nova arma voadora.

O escritório de Ethan ao anoitecer parecia o vestiário da equipe perdedora. Sem sorrisos, nem champanhe. Apenas sobrenaturais, sangue, café preto e expressões severas.

— Bem, — meu avô disse da porta, — Esta é uma sala bastante sombria. — Jeff entrou atrás dele com uma camiseta do Omdubsman.

Olhei do meu lugar no chão, onde estava limpando minha espada com óleo e papel de arroz. A magia de Sorchia fez um estrago nela.

— Estamos sentindo pena de nós mesmos. — Mallory disse do sofá, onde colocou os pés no colo de Catcher.

— Por quê?

— Veja os jornais, — Mallory disse.

— Eu concordarei que a noite passada não pode ser chamada de vitória, — meu avô disse, sentando-se em uma das poltronas na área de estar.

— Uma bebida, Chuck? — Jeff perguntou, então olhou para Ethan e gesticulou para o frigobar na estante de Ethan. Ethan, que revisava contratos na mesa da conferência, assentiu, e caminhou em nossa direção.

— Água seria bom, — meu avô disse. — Ficou pegajoso lá fora. Tanta umidade. — Ele olhou longamente para Mallory. — Como você se sente?

— Já estive melhor, — ela disse, e ergueu o pulso, onde prendeu o que parecia uma pulseira de amizade com um pequeno pingente de ouro.

— Proteção, — ela disse. — Não muito diferente do amuleto de Merit. Mantém a sorte.

— Evita Sorcha de drenar mais magia, — Catcher disse. — Ainda vai demorar um pouco até que ela esteja em sua melhor forma novamente.

Mallory fez um gesto para a bebida verde na mesa de café. — E, entretanto, ele me faz beber pedaços de grama.

Catcher revirou os olhos. — É couve e é bom para você.

— Não vejo como poderia ser, — ela disse, e fez uma careta por ela. Pareciam pedaços de grama.

— Algum sinal do dragão? — Ethan perguntou enquanto Jeff tirava uma garrafa de água do frigobar e levava para o meu avô.

— Não, — meu avô disse. — Houve patrulhas em toda a cidade. Não foi visto aqui, nem em Wisconsin, Michigan, Indiana. Eles estão com patrulhas no Lago Michigan, e há helicópteros sobre a cidade.

— Ela o trará novamente, — Catcher disse.

— Sem dúvida, — meu avô disse, abrindo a garrafa de água e tomando um longo gole. Havia gotas de suor em sua testa. — Vamos falar sobre isso, — ele disse, e informamos o que nós vimos em Northerly Island.

— Você acha que estava lá para ela poder usar seu poder? — Meu avô perguntou a Mallory.

Mallory assentiu. — Mesmo com o dissipador de energia, ela não achou que tinha poder suficiente para manifestar a Egrégora. — Ela olhou para mim, seus olhos cheios de emoção. — E Merit era o incentivo, caso eu não participasse.

Assenti. — Ela se esforçava bastante enquanto roubava sua magia na noite passada.

Ela fez uma pausa, piscou e depois olhou para mim. — Você ficou comigo?

— Sim, — eu disse. — Para bloquear alguns dos cânticos dela. Você suava muito. Isso ajudou?

Ela considerou. — Eu acho, sim, um pouco.

— Então, desculpe, eu não me arrependo.

— Então ela recolheu toda essa energia e esperou o momento certo para dar a forma física a Egrégora – para manifestar isso em um dragão, — meu avô disse.

— Sim, — Mallory disse.

— Cavalo de Tróia mágico para Egrégora, — Ethan disse. — E Egrégora para o dragão.

— Praticamente, — Mallory disse.

— E o dragão, — meu avô disse. — O que sabemos sobre isso?

— No momento, não muito, — Mallory disse. — Sabemos que está teoricamente sob o comando dela.

— Teoricamente? — Meu avô perguntou, e preocupação refletiu em seus olhos.

— É um monstro criado a partir das inconsciências coletivas de muitos cidadãos de Chicago. Está com raiva e irascível, e ela terminou a magia com pressa. Eu diria que é imprevisível, pelo menos.

— Então, temos um dragão em Chicago e um piloto com uma atitude, — meu avô disse.

— É um momento de merda para ser um cidadão de Chicago, — eu disse. — Mas um ótimo momento para ser um erudito medieval.

Todos olharam para mim. — Estou apenas dizendo, — eu disse, e encolhi um pouco os ombros. — Nós lemos manuscritos sobre dragões – os temendo, lutando contra eles. Há dragões pintados nas margens, dourados com ouro. Dragões em todos os lugares. Você assume que eles são fictícios, tentando descobrir o que representam. Acontece que eles podem não ser tão fictícios.

Ethan sorriu. — Você tem lutado contra monstros por mais de um ano, e só agora pensou nisso?

— Tinha minha mente em outras coisas, — aponteí. — Incluindo aqueles monstros com os quais tenho lutado.

— E falando de manuscritos e lutas, — meu avô disse, olhando para Mallory, — Suponho que seu manuscrito tenha algo para oferecer?

— Se Portnoy escreveu sobre como lidar com uma Egrégora desenfreada, — Mallory disse; frustração azedando a sua voz, — Ainda não descobrimos. Talvez seja porque não está lá; talvez seja porque não colocamos as malditas páginas dobráveis nas malditas posições certas para desencadear a magia. Foda-se Portnoy. — Ela

apontou seu dedo indicador no ar com raiva, como se pudesse cutucar o peito dele.  
— Foda-se ele e foda-se o manuscrito dele.

— E Sorch, — Jeff disse.

— E foda-se Sorch! — Mallory concordou, apontando novamente.

— Beba mais pedaços de grama, — Catcher disse, entregando-lhe a bebida. —  
Você está ficando irritada novamente.

Ela apenas rosnou.

— Embora eu não discorde do sentimento, — Ethan disse, caminhando para  
apertar o ombro de Mallory, — Temos o texto completo agora e dois dos melhores  
feiticeiros do país, se não do mundo. Vocês podem fazer isso e estamos à disposição.

Era o Mestre nele, o líder nele, que enchia a voz com confiança. E eu esperava  
que ele estivesse certo.

— Enquanto isso, — meu avô disse, — Existe alguma chance de dialogar com  
ele? — Era precisamente o tipo de conduta que ele preferiria. — Ele pode pensar, se  
comunicar, certo?

— Nós podemos conversar com ele, — Catcher disse. — Mas podemos mudar  
de ideia? Isso parece improvável, especialmente se ela tem poder sobre ele.

— E sabemos que a bola de fogo não funciona, — eu disse. — Então, o que  
mais?

— A maior armadilha de urso do mundo? — Mallory perguntou. — Uma arma  
de elefante extra-grande? Uma arma de congelamento.

— Excelentes ideias, Coiote.

Mallory rosnou.

— Talvez você devesse trocar a couve pelo chocolate, — sugeri.

— Podemos fazê-lo voltar? — Jeff perguntou. — Voltar para Egrégora?

— Mesmo que pudéssemos, — Mallory disse, — Ainda ficaríamos com uma Egrégora muito irritada, o que nos coloca de volta onde estávamos ontem – com muita magia em Chicago. Precisamos erradicá-lo completamente.

O telefone do meu avô tocou, interrompendo todas as questões que se seguiam.

— Eu realmente não quero que você atenda, — eu disse; sabendo o porquê ele seria chamado, que o monstro esperava por nós novamente.

— Esse é o trabalho, — ele disse; então se levantou, caminhou até um canto e falou calmamente no telefone. E quando voltou, sua expressão era sombria. — Está de volta.

\*\*\*\*

Não estava apenas de volta. Estava empoleirado no topo da Water Tower, de acordo com as fotos que já corriam pela internet, de humanos que tiveram a má sorte de estar lá embaixo quando o dragão voltou, ou estúpidos o suficiente para procurar o dragão a fim de poderem tirar fotos.

Não foi a prefeita que ligou para o meu avô. Arthur Jacobs, um detetive e amigo da força. — Oitenta por cento da cidade foi evacuada, — ele disse. — A prefeita ordenou que todos que permaneceram se refugiassem no lugar. O CPD está cumprindo essa ordem. Ela está entregando a *situação* à Guarda.

— Ela não aprendeu nada, — Catcher disse; as palavras tensas de raiva. — Ela tentou aplicar estratégia humana para uma situação sobrenatural e falhou. Ela foi enganada pela Ordem e eles falharam. Todo o respeito aos nossos homens e mulheres em uniforme, mas o que a Guarda fará? Eles não podem usar jatos. O dragão pode voar e andar. Pode escapar de qualquer coisa que eles enviarem para ele. Eles colocam um avião no ar e vai explodir no céu, matando todos os desafortunados

que estiverem embaixo. Eles acabarão colocando mísseis na cidade e destruindo-a no processo.

— Eles usarão veículos blindados, eu suspeito, — meu avô disse. — Tentar pegá-lo no chão para conter o dano colateral, pelo menos o máximo que puderem.

— Então, eles colocarão tanques pela Michigan Avenue? Tiros de canhões na Willis Tower? Ela destruirá mais a cidade desse jeito, e para que? Isso não derrubará o dragão. Eles precisam de magia localizada, com precisão.

— Ela terá decidido – ou as pesquisas terão decidido por ela – que uma abordagem sobrenatural e humana conjunta não era efetiva. Noite passada foi uma falha porque estávamos envolvidos.

— Noite passada foi uma falha porque ela envolveu as pessoas erradas.

— Ela tinha um problema mágico, e procurou uma solução mágica, — meu avô disse. — O problema só aumentou...

— E mais escamoso, — Jeff adicionou.

Meu avô concordou. — Então, foi um fracasso, e ela vai à outra direção.

— Nós ficamos em casa, — eu disse, — E ela dá a cidade aos homens e mulheres com armas.

— Esse é o jeito dela, — meu avô disse. Ele se levantou; a garrafa da água ainda na mão. — Suponho que devemos ir.

— Ir? — Jeff perguntou. Ele parecia cabisbaixo, chateado porque não nos uniríamos à luta.

O sorriso do meu avô era sombrio, mas determinado. — Se vamos intervir e tentar consertar esse absurdo, é melhor pegarmos a estrada antes que o CPD chegue. — Ele olhou para Mallory e eu. — Ela fará tanto dano quanto possível e enquanto puder, porque vai querer a atenção de vocês. Dê isso a ela e a neutralize.



Ele caminhou até a porta, deixando todos nós olhando para ele.

— E é daí que sua esposa herdou sua determinação, — Catcher disse, levantando-se.

— Aparentemente, — Ethan disse, e olhou para mim. — Sentinela, sua espada está pronta?

— E ansiosa, — eu disse. — Vamos.

\*\*\*\*

Luc, Lindsey, e o resto ficariam na casa no caso de Sorcha tentar um ataque direto. Meu avô pegaria o centro na van com Catcher. Eles eram oficiais, então as chances de serem parados pelo CPD eram baixas.

E quanto a nós... Tínhamos velocidade. Ethan, Mallory, e eu nos apertamos no Audi R8. Eu ainda tinha certeza de que Ethan o comprara porque idolatrava o Homem de Ferro. Seja qual for o motivo, ele era lindo, e era rápido. As chances de que o CPD tentasse nos impedir eram altas. As chances de sermos pego? Um pouco menor.

Nós queríamos Mallory – e seu conhecimento mágico – no chão conosco, então Jeff se ofereceu para ficar em Cadogan, perdendo tempo com as páginas desdobráveis. Mallory pré-traduziu às páginas, então ele estava encarregado de reorganizá-las como peças de um quebra-cabeça até que a magia se encaixasse no lugar. Não era uma solução perfeita, mas era a melhor opção que tínhamos.

Com o derretimento da neve, a cidade estava úmida, mas as ruas estavam secas, a noite estava clara. Era uma noite perfeita para um carro esportivo com seiscentos cavalos sob o capô. As pessoas estavam cautelosas quanto ao dragão então as ruas estavam relativamente descongestionadas – para Chicago – e nós correríamos a cidade em um período razoável de tempo – para Chicago. Ainda assim, evitamos

estradas principais e optamos por ruas secundárias, e não vimos um único oficial ou soldado.

Deparamo-nos, no centro da cidade, com uma barreira em torno da Michigan Avenue, ao norte do rio, por isso estacionamos a poucos quarteirões de distância, encontrei meu avô em frente ao Carbide&Carbon Building, com seus granitos escuros e toques dourados que brilhavam sob as luzes da rua.

— Mantenha suas armas embainhadas, — ele disse, — E deixe-me conversar.

Atravessamos a ponte para a barricada na Rua Ohio, onde ele se comunicou com os dois soldados estacionados atrás dos veículos camuflados.

Além disso, a Michigan Avenue estava sem veículos – exceto o tanque estacionado no meio da avenida, a poucos quarteirões de distância, seu cano apontado para o monstro que estava, com certeza, equilibrado em uma torre com o topo de pedra branca. O dragão encontrou seu castelo.

Ele mostrou seu distintivo, e houve discussões silenciosas antes de fazer um gesto para nós. Então, mais discussão, e meu avô voltou.

— Nós estamos dentro? — Catcher perguntou.

— Nós não estamos, — ele disse; frustração em seus olhos. — Sobrenaturais não são permitidos na vizinhança, por medo de que Sorchia os use assim como usou os feiticeiros na noite passada.

— Sorchia não usou Simpson, — Mallory disse. — Ela a superou.

— Acredito que é um detalhe no qual não estão atualmente interessados. O trabalho deles é derrubar o dragão, e eles farão do jeito que sabem.

— Eles ainda não dispararam, — Ethan disse.

— Estão negociando com Sorchia. Não querem começar a destruir a propriedade, e os disparos desse tanque derrubarão os edifícios.

Catcher sacudiu a cabeça. — Não vai funcionar. É uma arma grande demais para o centro de Chicago. Se eles esperam que ela tenha consciência, ou que será pressionada por essa arma, eles estão condenados à decepção.

— Eles têm que tentar, — meu avô disse. — Esse é o paradigm...

Suas próximas palavras foram afugentadas pelo ruído mais alto que já ouvi, um boom que ecoou em todo o caminho até Michigan Avenue e deixou o meu coração martelando dentro do meu peito como se tentasse sair.

A fumaça escorria pela rua, juntamente com o som de pedras e vidro caindo. Todos perto da barricada ficaram imóveis, olhando para a fumaça, a fim de confirmar que o tanque atingiu o alvo.

Meus ouvidos rangeram durante os cinco segundos que demorou a que outro barulho rasgasse o ar. Naquele momento, o mundo estava nebuloso, e não podíamos ver o fim do quarteirão.

Houve um baque, um grito de metal, e um gemido de algo se movendo em nossa direção.

— Saiam do caminho! — Ethan disse, puxando meu avô e eu para baixo quando o tanque passou por nós, pousando na praça na frente do prédio Tribune, fumaça vazando da torre.

O dragão jogou um tanque a meia milha na Michigan Avenue.

Os soldados da barricada correram para ajudar os soldados ainda no tanque, trabalhando para abrir a escotilha da torreta.

— O tanque errou? — Catcher disse calmamente. — Ou esse tiro de cento e vinte milímetros não teve efeito?

Quando vários gritos humanos começaram a ecoar pelas ruas, decidimos que não importava. Ethan desembainhou sua espada, as luzes da rua refletindo no aço polido.

— Há uma boa chance da espada não poder fazer o que um tanque não pôde fazer, — meu avô disse enquanto preparávamos para ajudar quem estava gritando.

A expressão de Ethan era sombria. — Não é para o dragão. É para o piloto. — Ele olhou para Catcher. — Quanta magia você tem?

— Tenho muita energia, — Catcher disse. — A questão é o que fazer com isso.

Ethan olhou para Mallory.

— Menos energia do que ele, — ela disse. — A noite passada me drenou. E a mesma pergunta sobre o que fazer com isso.

Ethan assentiu. — Vá para a Sorcha. Ela pode ser atingida – nós vimos isso ontem à noite.

— E ela provavelmente está mais chateada

— Então, talvez ela cometa um erro, — Ethan disse. — Porque certamente poderíamos precisar de um.

Meu avô assentiu com a cabeça, e olhou para mim. — Tenha cuidado, — ele disse, e depois foi conversar com os soldados.

\*\*\*\*

Eu vi muito em meu ano como vampira; morte, alegria, destruição e reconstrução. Mas nunca atravessei uma zona de guerra. Nunca vi Michigan Avenue – a Magnificent Mile<sup>28</sup> – coberta de fumaça, cascalho e vidro, sem pessoas sob as luzes da rua.

---

28 Magnificent Mile, por vezes abreviado The Mag Mile é o nome dada a uma parte da Michigan Avenue no centro de Chicago. Estende-se da ponte da Michigan Avenue na Oak Street no bairro de Near North Side.

É assim que o mundo acabará, pensei. Com destruição e caos, e com exceção dos gritos dos humanos, ainda não podíamos ver através da fumaça, um silêncio que parecia quase impermeável. A Guarda se moveu na outra direção, perseguindo o dragão pela cidade, procurando dar um tiro melhor; os veículos de emergência ainda não chegaram aqui. Havia, sem dúvida, humanos nesses edifícios – os condomínios estavam cheios, apartamentos, hotéis. Mas eles aceitaram a ordem de abrigo no local seriamente. Isso, eu acho, era o efeito de Towerline.

Nós estávamos quase no topo da Water Tower antes que pudéssemos vê-lo – e a torre fina foi derrubada como blocos de brinquedo. O dragão havia desaparecido, mas os gritos ficaram mais altos.

Como era justo trazer uma criança para isso? Em um mundo que poderia ser tão facilmente quebrado, despedaçado? Em um mundo que foi despedaçado?

Figuras emergiram da névoa. Dois homens e duas mulheres trabalhando para libertar uma menina de uma pilha de aço retorcido e tijolo. Ou o dragão ou o tanque retiraram um pedaço do prédio no próximo quarteirão, deixando um buraco esfarrapado onde o canto do prédio estivera.

Eles nos viram, fizeram um gesto com lanternas acenando para nós. — Há uma criança presa aqui! Vocês podem ajudar?

— É minha Taylor, — disse uma mulher obviamente frenética, lágrimas deixavam uma trilha de sujeira em seu rosto, e um cachorro branco se contorcia em seus braços. — Nós íamos ao abrigo antibomba, como nos disseram, mas Tootsie se soltou, e Taylor foi atrás dela, e foi aí que a bomba disparou. Ela está lá, em algum lugar.

Não foi uma bomba. Foi uma arma disparada por humanos para matar um monstro que não entendiam. Mas isso não importava. A menina importava, então corremos em direção à pilha, nos juntamos aos outros que moviam pedras e cacos de vidro e aço.

— Vamos tentar, — Ethan disse, gesticulando para mim. — Nós temos força. — Nós entregamos a Catcher nossas katanas embainhadas. — Observe, — ele disse a Catcher. — Sorchu mostrou-se para nos atrair novamente. Ela voltará, e ela estará nos procurando.

— Olhos abertos, — Catcher confirmou, virando as costas para nós e examinando a rua.

Subimos sobre a pilha, pedras se deslocaram debaixo de nós e começamos a retirar pedras. As pedras foram arrancadas, as bordas tão afiadas quanto o vidro, e os fragmentos raspavam a carne macia com cada pedra que movíamos. Eu fiz isso antes – cavei pedra na escuridão para procurar Ethan, sem ter certeza de que ele ainda estivesse vivo.

Agora ele era meu marido, meu parceiro, lutando uma boa briga ao lado de uma pilha de escombros.

Ouvi um som chirriado, virando em direção a ele, escalei o monte até o local do outro lado.

— Ajuda. — A palavra foi fracamente falada, mas ainda era uma palavra. Taylor estava viva.

— Ela está aqui, — eu disse, e puxei as pedras mais rapidamente, jogando-as no asfalto já cheio de detritos de batalha.

— Taylor! — A mãe dela gritou, ficando de joelhos nos escombros, o cachorro agora nos braços de Mallory. Ela esticou um braço, e roçou as mãos da menina. — Bebê? Você pode me ouvir?

— Estou presa! — Taylor disse. — Estou bem, mas estou presa. Há uma barra aqui. Algum tipo de grande barra na minha perna. Não consigo me mexer.

Ethan caiu de joelhos, aceitou a lanterna oferecida por um dos humanos e olhou para buraco onde Taylor estava presa.

— Barra de aço, — Ethan disse.

*Podemos movê-la?* Perguntei silenciosamente.

Ethan se afastou, olhando a montanha de detritos que nós ainda não movemos. Nós movemos muitos escombros, mas o concreto em cima da cavidade onde Taylor estava tinha pelo menos 1,5m de comprimento.

*Não é a barra,* ele disse. *É o concreto que está a mantendo no lugar.*

Eu não ia desistir.

— Mallory, — eu disse. — Precisamos de uma boa magia.

Ela passou o cachorro para um dos seres humanos, colocou cascalho em suas mãos, e tirou um caderno pequeno e gasto do bolso. — Tudo bem, — ela murmurou. — Ok. — Ela caminhou até os escombros, agarrou uma vara quebrada de vergalhão e começou a desenhar no concreto.

— Jesus, ela está fazendo magia? — Um dos humanos que nos pediu ajuda caminhou em direção a Mallory, parecia pronto para arrancar a barra da mão dela.

Catcher o empurrou para trás. — Ela é minha esposa, e está do nosso lado. Você coloca uma mão nela e você responderá a mim.

Seja lá o que ele viu nos olhos de Catcher fez o homem reavaliar a sua posição, e seu desejo de começar uma briga.

— Ela está do nosso lado, — confirmei ao homem, dando um passo perto dele. — Concentre-se em Taylor e não se preocupe com a magia.

Peguei minha espada de Catcher. — Ajude-a, — eu disse, e a desembainhei. Porque eu tinha uma sensação ruim, eu sabia o que aconteceria quando Mallory disparasse sua magia. E com certeza, o vento mudou, e de repente havia calor e enxofre no ar, um vento ardente atravessando o centro da cidade.

*Acho que Mallory acabou de discar o número de Sorchia,* eu disse a Ethan.

*Estamos nos movendo o mais rápido possível*, Ethan disse.

*Mova-se mais rápido*, eu disse; escaneando a rua, o ar, com olhos estreitados, tentando perfurar o véu de sujeira que ainda estava preso à umidade no ar. Uma pena os dragões não terem faróis. Isso faria com que detectar fosse mais fácil.

— Jesus, — disse o humano, e balancei a cabeça.

Mallory ficou em frente ao bloco de concreto, com os braços tremendo enquanto estendia as palmas das mãos, os lábios se movendo naquela cadência silenciosa que os feiticeiros pareciam preferir. Catcher e Ethan estavam em lados opostos da laje, que agora estava a quatro metros do chão.

— Não, Jesus, — Mallory disse calmamente, os olhos fechados em concentração. — Apenas fazendo testes do Bóson de Higgs. O truque mais antigo do livro.

— Pare de encarar, — Catcher criticou os outros humanos que estavam parados e estupefatos, enquanto ele e Ethan levantavam o concreto, — E tirem Taylor.

Saindo da névoa, eles começaram a avançar. Um começou a jogar para o lado os restos que prendia Taylor; o outro pegou a mão dela, e começou a soltá-la.

E então ouvimos o som de uma voz no céu.

Sorcha e o dragão.

Dei um passo à frente, tentando observar a posição dela, mas o som ecoou nos edifícios. — Ethan, — eu disse; um aviso.

— Eu ouvi. Quase lá, Sentinela.

— Taylor!

Olhei para trás enquanto os humanos tiravam uma garota magra e suja de debaixo dos escombros.



Quando Ethan e Catcher retornaram o concreto para a terra, a mãe de Taylor gritou e puxou a garota para um abraço feroz, ambos chorando, as lágrimas esticando ainda mais as listras de fuligem que marcavam seu rosto.

— Taylor, Taylor, Taylor, — sua mãe cantarolou, balançando a garota que soluçava em seus braços. — Minha garotinha.

— Foi por causa de Tootsie, — Taylor disse. — Onde está Tootsie?

— Ela está bem aqui, — disse o humano que segurava o cão peludo, caminhando para o par, pelo menos até que ele pulou nos braços de Taylor. Taylor soluçou e abraçou o cachorro, e sua mãe abraçou ambos.

*É por isso, Sentinela.*

Olhei para cima, olhando através da montanha de escombros e encontrei o olhar de Ethan.

*É por isso que você arrisca, com amor, com a vida... Com filhos. Porque, às vezes, você os perde... E, às vezes, não.*

O grito do dragão interrompeu o pensamento – irritado e estridente.

— Está chegando! — Catcher gritou.

— Para dentro! — Ethan disse, guiando os humanos pelo buraco e para os restos do prédio, onde pelo menos não seriam visíveis.

Nós fomos para a rua: Feiticeira. Feiticeiro. Vampira. Vampiro.

— Apenas quatro crianças loucas contra o mundo, — Catcher disse, aquecendo-se.

— Eles deveriam fazer um filme sobre a nossa vida, — eu disse.

Mallory bufou. — É fofo você achar que ele ainda não escreveu uma proposta para a empresa.

O dragão explodiu através da névoa como um foguete. E mesmo depois do que vimos na noite passada, o choque de ver um dragão voar além das lojas na Michigan Avenue era quase visceral.

Eles vieram para baixo deixando uma trilha de sangue. O dragão estava ferido, sangrando de um buraco no flanco lateral na parte traseira. A Guarda atingiu seu alvo; apenas não foi o suficiente. Na verdade, eu não sabia quem fabricava munições para os tanques, mas eu tinha certeza de que não calcularam o efeito sobre um gigante lagarto voador.

— Ataque! — Veio a ordem de Sorch, seguida de um pulso de magia oleosa.

O dragão virou, recuou, mas chicoteava a cabeça de um lado para o outro, como se tentasse desalojar a magia e seu criador.

*DOR.*

Ele mergulhou em nossa direção. Ethan e eu esquivamos, rolamos, e levantamos com katanas levantadas, raspando as espadas contra escamas escuras e largas no abdômen. Parecia que deslizávamos metal contra metal, a fricção lançando centelhas no ar.

Não achei que fizemos algum dano, mas o dragão gritou de novo conforme ele voava para frente, arqueando-se para o céu para obter espaço suficiente para virar. Mas julgamos mal.

Suas asas escovaram o prédio, e ele perdeu o equilíbrio, se direcionando para a direita e jogando Sorch no chão. Ethan estendeu a mão, afastando-me enquanto ela levantava devagar.

Ela mudou sua roupa hoje, trocando o macacão por um vestido esmeralda com fluídas mangas de seda, seu cabelo solto novamente. Imaginei que tentara escolher uma roupa apropriada para Conduzir um Dragão em Movimento. Tristemente, ela não adicionou um chapéu pontiagudo.

— Você é meu, — Sorchia disse. — Está sob o meu controle e somente sob o meu poder. Você se curvará a mim e cumprirá as minhas ordens.

— A menina leva seu papel como DM<sup>29</sup> um pouco a sério demais, — Catcher murmurou. — Detalhes às onze.

Eu não podia tirar os olhos do cair e levantar das asas, o arco-íris de cor que se espalhava pelas escamas com cada movimento rítmico. Era gracioso em sua maneira.

O dragão ergueu-se no ar.

*VOCÊ NÃO ME CRIOU.*

O sorriso de Sorchia era imenso, seu prazer era óbvio. Sua arrogância agora física. — Oh, eu criei você, — ela disse. — Reuni a consciência dispersada de todos que foram tocados pela minha magia, e criei você.

*VOCÊ NÃO ME CRIOU*, ele disse. *EU EXISTO. DOR E RAIVA EXISTEM. VOCÊ ME TROUXE NESSA FORMA.*

— Você está aqui agora! — Sorchia gritou com impaciência, levantando as mãos para o céu. — E eu estou no controle. Venha até mim, — ela ordenou, e apontou para a rua diante dela, como se um humano pudesse pedir a um cão teimoso que se sentasse.

Havia magia por detrás da ordem – o zumbido da magia que pulsava pelo ar, a mancha de escuridão que a rodeava.

O dragão caiu diante dela.

Tremulamente, assim como uma menina poderia dar o seu primeiro passo cauteloso em direção a um quarto de milha<sup>30</sup>, Sorchia deu um passo à frente, seda

---

29 Dungeons Master de Dungeons & Dragons, um jogo.

30 Quarto de milha é uma raça de cavalo originária dos Estados Unidos.

verde ondulando ao redor de seu corpo com cada batida das asas do dragão. Ele se instalou no chão, o calor e a umidade subindo de suas largas narinas.

O dragão abaixou o nariz, seu corpo a poucos metros do dela, como se esperasse o comando dela, o sinal para que se movesse.

O dragão abriu os olhos... Verdes e irritados...

E mordeu Sorchia pela metade.

E então, com uma bocada e mastigar, ele acabou com ela.

## CAPÍTULO 23



# Corrida da meia - noite

Nós encaramos em choque e silêncio durante dez segundos, olhando para o local onde Sorchia, nossa temida inimiga, havia estado. Agora, a nossa inimiga estava sendo triturada e esmagada com horríveis sons líquidos enquanto o dragão comia seus pedaços restantes como uma vaca que mastigava seu capim.

— Ela era nossa inimiga, — Mallory disse. — Mas...

— Mas nós teríamos a prendido, — Catcher disse. — Não fazê-la ser comida de dragão.

Todos nós olhamos para Catcher. — Não vou me desculpar por desejar a morte dela, embora eu esteja adivinhando que *mastigado* não é um jeito muito agradável.

Todos nós voltamos a olhar para o dragão, que tossiu, depois cuspiu um dos sapatos de Sorchia.

— Por que eu quero rir? — Mallory perguntou.

— Porque isso é horrível e desconfortável e o melhor humor negro já escrito, — Catcher disse.

— Sim, — Mallory disse.

Mas o humor acabou. Quando acabou o seu lanche, o dragão ergueu a cabeça, e estreitou os olhos reptilianos contra nós.

Nascido da dor, da raiva e do medo – das emoções amargas e destruídas dos humanos e sobrenaturais de Chicago. Ele não tinha amor para aqueles que o preencheram com agonia.

*INIMIGOS*, disse. *DOR*. E então, pulou.

\*\*\*\*

— Conduza-o de volta às armas! — Ethan ordenou, e nós corremos juntos pela Pearson, então voltamos para Michigan, levando o dragão de volta às unidades da Guarda.

O mundo começou a tremer quando o dragão ficou de pé e começou a se arrastar pela Michigan Avenue atrás de nós. E então o estremecimento parou, substituído pelo vento das asas do dragão.

Estava no ar, com bastante espaço para espalhar suas asas na Michigan. E nós nos transformamos em um bom e grande alvo.

— Dividam-se! — Ethan gritou, quando estávamos à vista da barricada. — Pegue Mallory e vá para o rio. Nós iremos para o lago, tentaremos afastá-lo de vocês. Volte para a Casa.

Quase parei de correr, quase puxei Ethan para pará-lo e dizer para ele não ser ridículo, que eu era a Sentinela dele e eu o protegeria, e não o contrário.

*Eu te amo*, eu disse a ele.

*Para sempre*, ele disse, um brilho nos olhos dele. *Tenha cuidado, Sentinela*.

Acenei com a cabeça, agarrei a mão de Mallory e a arrastei para fora de Michigan, a respiração quente do dragão literalmente nos nossos calcanhares. Nós corremos por uma rua lateral, nos pressionamos contra a parede de um prédio enquanto os sons de tiros disparavam nos arranha-céus.

Mas então, olhei para Mallory. Ethan, Catcher e eu fomos treinados para combate. Mallory não era, e ela ainda lutava contra a exaustão – e acabara de usar magia para ajudar Taylor. Ela estava ficando para trás, então, subjugar o dragão, não parecia ser uma opção realista.

Eu a puxei para um beco e para trás de um depósito de lixo. Ele poderia voar mais rápido do que poderíamos correr, então uma perseguição a pé não nos faria nenhum bem. Mas pensei que ele não era pequeno o suficiente para entrar em um beco.

Nós nos agachamos no chão atrás da caixa de lixo de aço. O chão estremeceu quando o dragão se moveu, derrubando líquido e erguendo um mau cheiro no ar.

— Não foi assim que pensei que as coisas acabariam, — Mallory disse; seus dedos cavando no meu joelho. — Agachadas no lixo, correndo de um lagarto.

— Bem, nós vamos conseguir, — sussurrei. Precisávamos conseguir. Eu não acabaria como Sorchia, literal ou figurativamente. — Vamos esperar; então encontrar um caminho para voltar para a Casa. Talvez você possa conjurar algumas asas para nós.

— Sem problema, — ela disse, mas cobriu a boca com uma mão quando o dragão passou pelo beco, seus movimentos pesados enviando chuva de sujeira e poeira de tijolos sobre nós.

Os passos ficaram mais silenciosos, mas esperamos até que o silêncio reinasse de novo. — Vou verificar, — eu disse, e me levantei, afastando seus dedos como garras da minha perna e espiando sobre o lixo.

O mundo estava escuro e silencioso, a poeira dos passos do dragão ainda voltando para a rua.

— Estava perto, — sussurrei. — Mas acho que estamos bem.

— Merit! — Ela gritou e olhei para trás. A garra do dragão – quatro dedos negros blindados com garras pretas de sessenta centímetros – lançaram-se no beco, a centímetros do meu rosto, as garras enroladas e agarrando.

Tentando nos encontrar, bateu contra a parede, fazendo com que o som do tijolo quebrando superasse o grito de Mallory. Encontrou a lata de lixo, e a empurrou.

Mallory se levantou para evitar ser esmagada e pulou para fora do caminho, no meio do beco, onde ele tentou novamente arranhar, tentando nos alcançar com as pontas de suas brilhantes unhas vermelho-pretas. O revestimento era diferente, percebi – a armadura diferente nos dedos dos pés do que no resto do corpo. Mais magro, menor, provavelmente porque a flexibilidade era necessária. E talvez, talvez, talvez, vulnerável a uma espada...

*EU VOU DESTRUIR.*

— Você certamente não vai destruir, — eu disse; levantei minha katana e cortei para baixo. O sangue brotou, e o cheiro era tão ruim quanto o lixo no beco.

O dragão gritou, levantou e puxou o pé ferido, tropeçando para trás, caiu contra um SUV estacionado atrás dele, esmagando o veículo.

Eu conhecia uma chance quando vi uma. Peguei a mão de Mallory e a arrastei para fora do beco.

— Ponte! — Eu disse, examinando os bairros do outro lado, e observando as escadas que levavam a plataforma El. Não como encaixar as escadas de concreto no túnel. Nós estaríamos livres disso. E com sorte, poderíamos voltar para Casa Cadogan.

*DOR.*

Nós atravessamos a rua e fomos para a ponte enquanto o dragão encontrava equilíbrio novamente. Ele chegou à torre no final da ponte, as unhas compridas agarrando a pedra enquanto as asas batiam, enviando tijolos e cascalho aos ares.



Medo me inundou, e lamentei a possibilidade de levar Mallory para o caminho errado, se havia tomado a decisão errada. Mas havia um dragão atrás de nós, e água abaixo. Precisávamos continuar correndo. Necessitávamos chegar à escada.

— Corra! — Eu disse a Mallory, e corremos sobre a calçada do outro lado da ponte.

E então as luzes começaram a piscar à nossa frente, e o chão começou a vibrar. Olhei para o rio, onde um quebra-gelo – um dos navios enviados pela cidade para manter o rio fluindo – seguia em direção ao lago.

Levei um momento para perceber o que estava acontecendo.

Esta era uma ponte basculante, um caminho que realmente poderia ser aberto no meio para permitir que os navios de grande altura atravessassem, cada lado levantando-se no ar, segurados por enormes blocos na costa.

Eles estavam levantando a ponte.

O navio não conseguia parar sem empurrar a ponte. O que significava que entre nós e a ponte, a ponte ganhou, embora ainda estivéssemos nela.

Olhei para o crescente fosso entre as plataformas e a inclinação ascendente do pavimento acima da água. Não sabia quão alto estava do rio – trinta metros? Mais? – Mas a lacuna no caminho entre as plataformas da ponte logo ficaria bem ampla, e as plataformas quase verticais.

O grito do dragão cortou a indecisão. Empurrando-se da torre, suas garras jogavam pedras enquanto ele se levantava no ar. As pedras caíam como meteoritos no asfalto.

Não poderíamos ajudá-los, ou colocaríamos a atenção do dragão diretamente neles. Pular na água quase congelante não pareceu muito melhor. Isso deixou apenas uma opção.

— Mallory, precisamos mexer nossa bunda agora mesmo.

— Oh, merda! — Ela disse, batendo os braços enquanto nós andávamos, e se acomodou ao meu lado com um suspiro.

Mas a cada passo a inclinação aumentava, o chão subindo lentamente, de modo que tivemos que correr com corpos inclinados para frente, quase nas pontas dos pés. E todo o tempo, o espaço aumentava.

— Oh, isso ficará perto.

— Eu posso fazer isso, — eu disse a ela. — Apenas fique comigo. — Peguei a mão dela. — O que quer que aconteça, não solte.

*Os vampiros e a gravidade são amigos*, eu disse a mim mesma, coração acelerado, os pés batendo no pavimento. *Vampiros e gravidade são amigos*.

Doze metros.

As asas do dragão bateram ferozmente atrás de nós, então poeira e pedras bateram em nossas costas como pequenas balas. Estava se aproximando, o calor de seu corpo magicamente manifestado sobre nós como um sol cruel, o cheiro químico queimava nossa garganta.

Estávamos chegando ao auge, fazendo progressos em direção ao fosso. Eu podia sentir Mallory desacelerando – ela não tinha minha vantagem biológica – mas mantive o meu aperto firme em torno de seu pulso, puxando-a enquanto olhava fixamente para a linha de chegada, e o espaço vazio que aumentava.

Nós teríamos que pular.

Se chegássemos tão longe.

— Merda! — Mallory amaldiçoou enquanto seu peso caía. Perdi o meu agarre e virei; ela escorregou em uma parte molhada do chão, estava de joelhos, tentando recuperar a tração, tentando encontrar aderência com o dedo de um pé em um tênis.

— Mallory! — Estendi a mão, mas ela acenou para eu ir.

— Estou levantando! — Ela disse. — Continue!

Virei à cabeça para a ponte em ascensão – para verificar a inclinação contra a qual eu lutaria – por apenas um segundo. E então, ela passou por mim, gritando. O dragão nos encontrou e se atirou sobre ela; ela evitou os seus dentes, mas a ponta de uma asa agarrou a camisa de Mallory e a puxou.

— Mallory! — Gritei, estendendo a mão enquanto o gelo congelava o meu sangue.

E então, ela desapareceu sobre a borda.

Eu suava quando cheguei à beira da ponte. Coloquei um cotovelo na borda e espiei suas unhas pintadas de arco-íris. Ela estava pendurada pelas mãos em uma das vigas estruturais da ponte.

— Mallory! — Gritei e estiquei minha mão enquanto o dragão alcançava a outra extremidade da ponte, recuando fortemente para evitar os prédios em Wacker, e virando para disparar contra nós. Teríamos que ser rápidas. — Me dê sua mão.

Mallory balançou a cabeça, olhando seus dedos, como se pudesse fortalecê-los por absoluta força da vontade. — Estou escorregando.

— Não deixarei você cair. — Mas ela estava a sessenta centímetros abaixo de mim. Eu precisava me aproximar, e isso significava escalar em direção a ela.

Cometi o erro de olhar para baixo, observando a luz brilhar em toda a água abaixo de nós. Eu poderia fazer uma queda planejada de uma altura bastante alta – pelo menos em terra. A superfície redemoinha do rio era completamente diferente.

Olhos reluzentes na escuridão, o dragão veio que nem uma bala em minha direção.

Obriguei-me a ignorar o vazio, passando sob a ponte a tempo de ouvir as unhas da criatura gritar contra o asfalto, o trovão de suas asas enquanto ele levantava novamente.

— Você já se perguntou por que eles chamam isso de agarre de morte? — Mallory perguntou enquanto eu descia entre os feixes de aço.

Pelo menos a ponte nos deu uma proteção do dragão, que gritava em algum lugar acima de nós, furioso por nós estragarmos sua diversão.

— Quero dizer, você segura porque está salvando a sua vida, certo? — Ela soprou a franja de seus olhos. — Não deveria ser agarrando a vida?

— Alguém já lhe disse que você fica um pouco nervosa quando está em perigo mortal?

— Eu serei honesta, — ela disse em um tom histérico. — Esta não é a primeira vez.

Meu pé escorregou do aço molhado, mas mesma me segurei, apertando minhas mãos tão fortemente que os dedos estavam brancos contra a grade.

— Merit, oh Jesus, Merit, estou escorregando.

— Estou quase aí, Mallory. Você vai bem.

— Depressa, Merit. Por favor.

Seus dedos desapareceram enquanto eu avançava – e consegui envolver os dedos em torno de seu pulso.

Ela conseguiu segurar o grito, mas eu podia ver o terror em seus olhos.

— Oh, Deus, Merit. — Os pés dela pendiam acima do rio. — Oh Deus.

— Você ficará bem. Lembre-se de quão forte eu sou, — eu disse, mantendo um sorriso agradável no meu rosto. Mas a força não era o problema. A água era o problema. O deslizar das minhas botas no aço molhado por causa da neve derretida, sua pele escorregadia por causa da umidade resultante.

— *Merda. Merda. Merda.*

— Eu vou te puxar no três, — eu disse. — Um, dois...

Não esperei pelo três. Prendi meus calcanhares na armação e minhas unhas na pele dela, convencida de que se eu conseguisse nos tirar disso, ela me perdoaria pela dor. Puxei-a com cada grama de força que eu poderia reunir, puxando até que ela estivesse ao meu lado.

Ela apoiou a cabeça contra a minha. — Pensei que era isso. Eu pensei que esse era o fim para mim.

— Você acha que eu vou simplesmente deixar você ir? Não, obrigada.

Ela beijou o lado da minha cabeça, depois cuspiu no chão. — Você precisa de um banho.

— Você não se parece muito bem, amiga.

— Rude.

— Isso ficará mais rude. — Gesticulei. — Temos que voltar à ponte.

— E então, o quê?

O dragão rugiu, e a ponte estremeceu com ele.

— E então, vamos para o maldito subsolo.

\*\*\*\*

Esperamos até que o dragão recuasse de novo, depois voltamos para a ponte, onde ficamos sentadas por um momento, com as pernas penduradas sobre o asfalto. As luzes ainda piscavam no final da ponte, mas o navio passou. Logo estariam fechando a ponte novamente.

— Sugestões? — Mallory disse.

— Sim, — eu disse quando a criatura retornou. — Eu não serei morta por um lagarto. — Coloquei o braço dela em volta do meu pescoço e uma mão em volta da cintura. — Nós vamos pelo caminho fácil.

— O caminho fácil? — Ela olhou por cima do trilho para o Riverwalk, que se alinhava a margem do rio a uns trinta metros abaixo. — Ah não.

— Oh, sim.

O dragão estava chateado com a nossa sobrevivência, as asas batendo furiosamente contra o céu gritava uma sinfonia de fúria.

— Segure-se, — eu disse. — E você pode querer fechar os olhos.

Ela bufou três respirações fortes como uma mulher em trabalho de parto. — Vá. Apenas vá e faça isso antes que eu mude de ideia.

Eu a segurei, respirei fundo, e pulei.

O tempo passa estranhamente no ar, então pareceu menos como se estivéssemos pulando do que como se estivéssemos simplesmente descendo. Exceto pelos gritos no meu ouvido.

Quando pousamos com um salto suave, Mallory abriu um olho e olhou para as suas pernas.

— Completamente intacta, — eu disse. — Ao contrário dos meus tímpanos.

Mallory abriu os dois olhos e olhou para mim. — Merit, — ela disse um pouco sem fôlego. — Você é foda.

— Quanto tempo levou para você perceber isso, — eu disse, e não esperei por sua resposta.

O dragão voou ao longo do rio e tentou nos encurralar, mas não conseguiu aproximar-se o suficiente. Nós subimos os degraus e atravessamos o Wacker, onde a arrastei para a escada enquanto o dragão caía atrás de nós, com os dentes rangendo

enquanto tentava atravessar o caminho subterrâneo, quebrando concreto e azulejo com cada movimento.

Continuamos correndo até que a escada estivesse fora da vista, ficamos encolhidas até o dragão parar de gritar. A terra acima de nós estremeceu conforme ele nos procurava.

— Eu odeio os lagartos, — Mallory disse, limpando a poeira do tijolo, a sujeira e as lágrimas do rosto.

— Sim, — eu disse, olhando para a escada bloqueada. — Eu também.

\*\*\*\*

Estávamos sangrentas, sujas e rasgadas no momento em que voltamos para Casa Cadogan. E, ao contrário da última vez, um veículo da Guarda estava estacionado do lado de fora da Casa, e soldados com armas muito grandes estavam ao lado dos humanos que contratamos para proteger o portão.

— Eu poderia sugerir que eles estão fornecendo segurança no caso do dragão chegar aqui. Mas isso parece... Não verdadeiro, — Mallory terminou.

— Sim, — concordei.

Nós entramos e encontramos Ethan em seu escritório com uma camisa limpa, calça jeans bem arrumada. Ele, Catcher e Malik estavam verificando seus telefones, provavelmente se perguntando onde estávamos.

Eles olharam quando nós entramos, as expressões passando de gratidão para frustração.

— Como você parece estar tão limpo? — Perguntei a Ethan.

— Encontramos um táxi clandestino e conseguimos voltar para casa. — Ele olhou para Mallory e para mim, deu uma olhada nas nossas roupas rasgadas e sujas. — Por que você não parece limpa? — Ele perguntou, afastando o telefone e caminhando em nossa direção. — O que diabos aconteceu com vocês?

— Nós fomos perseguidas por um maldito dragão pelas ruas da maldita Chicago, — Mallory disse, passando os homens para ir à área de bebidas. Eu tinha a sensação de que ela ia beber.

Ethan arqueou uma sobrancelha. — Longa noite, Sentinela?

Entreguei a Ethan minha espada, minha bainha, e segui Mallory para o bar. — Morda-me.

Mallory bufou enquanto derramava licor nos copos.

— O que há com a guarda na porta? — Perguntei.

— Sim, — Mallory disse. — Eles mantêm o dragão fora, ou os vampiros dentro?

— O último, — Catcher disse. — Parte dos esforços da prefeita em trabalhar com a Guarda é evitar que a *situação* piore. Há soldados postados na casa Gray e Navarre também.

Havia túneis sob a Casa que nos levariam além dos guardas, se necessário.

— Então, um gesto inútil para acalmar os odiadores, — eu disse. — O que aconteceria se tentássemos voltar lá?

— Nós seríamos repelidos e diriam para ficar em casa, — Luc disse. — A Casa Gray tentou. Quando foram ameaçados a voltar com armas, ele nos ligou e nos avisou sobre o estado de coisas.

Levantei minhas sobrancelhas. — E Gray estava bem com isso?

Ethan sorriu. — Gray está planejando sua próxima jogada.



— E Jeff? — Perguntei, percebendo que ele não estava no escritório de Ethan, e nem o manuscrito nem os desdobramentos.

Catcher sorriu. — Ele está na Biblioteca. Foi escanear as páginas, e está fazendo um programa que irá calcular todos os arranjos possíveis e fazer previsões sobre quais são os mais prováveis.

— Ele é inteligente, — eu disse quando Mallory voltou e me ofereceu um copo. Eu terminei em um só gole.

— E o que fazemos agora — Mallory perguntou.

— Agora, — Ethan disse com um suspiro pesado, — Nós observamos. E esperamos.

\*\*\*\*

Mallory e Catcher juntaram-se a Jeff. O resto de nós reuniu-se no salão de baile com o resto dos noviciados de Cadogan para observar o progresso do dragão pela cidade.

A Guarda continuava atirando, tentando levá-lo para mais perto do Lago, talvez esperando que ele voasse para o norte, para os restos do verão e se tornasse o problema do Canadá. Mas não funcionou. O dragão não seria conduzido; voava para onde queria.

Então, a Guarda foi ao céu, enviou um F-16 contra o dragão.

Isso foi outro erro.

A bravura e as táticas não combinavam com um monstro consciente, que podia voar, aterrissar, correr, esconder e levantar novamente. Os seres humanos foram superados, e Chicago suportava o peso de seu fracasso.

Os Noviciados ao meu redor choraram suavemente à medida que as imagens da cidade preenchiam a tela.

O concreto, o aço e o vidro substituíam a neve que cobria o centro de Chicago, com seus edifícios derrubados. As torres de fumaça subiam de uma dúzia de incêndios que atravessavam o centro da cidade. A roda gigante no cais caíra – ou fora jogada – no vidro do Shakespeare Theater. Uma seção exterior da torre Hancock fora arrancada, um emaranhado de aço e fios pendurados na carcaça que restava. O topo do edifício Wrigley fora cortado, e os leões na frente do Art Institute caíram na rua como brinquedos quebrados.

A batalha causou destruição na cidade.

E o dragão ainda voava.

O dragão havia se machucado, então o sangue manchava o seu corpo e a trilha que deixou em Chicago. Mas isso não o impediu. Suas asas permaneciam intactas, o que era suficiente para mantê-lo no ar. O dragão havia empoleirado no telhado de Towerline. Como não se aprofundou na cidade, Mallory especulou que a criatura estava amarrada ao prédio – e seu ponto de origem mágico.

O dragão – a Egrégora – obteve o pior de Chicago; a raiva, o medo e a desesperança. Mas também obteve alguma de sua perseverança.

Ethan se ofereceu para providenciar transporte para os vampiros que desejassem deixar Chicago. Nenhum deles quis. Partir pareceria desistir. Não é que ficar fosse mais fácil.

Observar a nossa casa ser destruída por um monstro, que não sabíamos como matar, um monstro que parecia impermeável às armas humanas, era triste. Ethan tentou nos dar esperança, reforçar nossa coragem, mas assistir uma imagem de destruição depois da outra enchendo as telas drenou a esperança, deixando dor e o entorpecimento para trás.

Eu não estava certa de que Chicago sobreviveria a isso.

Eu não tinha certeza que qualquer um de nós iria.

— Você acha que eles descobrirão que isso não está funcionando antes ou depois da Navy Piers acabar na água? — Catcher perguntou.

A cobertura foi dividida em um canal de notícias.

— Sorchia Reed foi neutralizada, e a Guarda Nacional está trabalhando para levar a criatura para fora da cidade, — a prefeita disse, — E estamos muito otimistas quanto ao progresso até o momento. Enquanto isso, os vampiros permanecem em suas Casas e não estão envolvidos nos atuais esforços de contenção.

— O inimigo público número um comeu o inimigo público número dois, — Luc corrigiu. — Talvez seja só eu, mas não acho que isso signifique que a prefeita tenha neutralizado merda nenhuma.

Eruditos tendiam a concordar com ele. Eles criticavam a prefeita por não manter a cidade segura – causando mais destruição nos esforços da cidade para matar o dragão – e nós por contribuir para o caos.

— Não estou dizendo que isso foi culpa dos vampiros, — disse uma mulher com cabelos grandes e um rosto comprimido. — Mas estes são os perigos de viver em comunidades integradas – que os seres humanos serão arrastados para suas lutas internas. Para a violência deles.

Uma magia irritada rolou em ondas dele, e Ethan olhou para Luc. — Programe uma conferência de imprensa. É hora de conversarmos sobre as nossas lutas.

# CAPÍTULO 24



## Impresso

Esperamos até algumas horas antes do amanhecer, esperando que, mesmo que a Guarda Nacional não assustasse o dragão, ele sumiria durante o dia como anteriormente.

Desta vez, nossa esperança não era inútil. Seus movimentos começaram a diminuir, cada batida de suas asas parecia mais pesada que a última. Após um último voo sobre o Farol de Chicago, o dragão desapareceu em direção do nascer do sol. Mas a prefeita não removeu os soldados da Casa Cadogan.

Era tarde para nós e cedo para humanos, mas não importava. A primeira conferência de imprensa realizada pela Casa Navarre há mais de um ano os fez aparecerem. E agora, esta primeira vez, ele concordou em realizar uma conferência de imprensa, a cidade finalmente ouviria Ethan Sullivan.

Representantes de revistas, sites da internet, estações de rádio, televisão e jornais – incluindo o nosso amigo Nick Breckenridge, que escreveu para o *Tribune* – não perderão isso. Eles se reuniram no gramado da Casa Cadogan. Ethan ficou na frente com seu terno, forte e poderoso, sua atitude completamente diferente do erotismo sobrenatural que Celina Desaulniers havia trabalhado para projetar em sua conferência de imprensa.

Ethan não precisava trabalhar isso. Seu poder era quase tangível, sua confiança era inabalável. Ele jogava o jogo político no interesse da paz. Agora, ele lutaria.

Ele usava um terno preto de um botão e gravata vermelha escura. Malik, Luc e eu estávamos de terno atrás dele, espadas na nossa cintura. Nós somos os representantes da Casa Cadogan. E esta noite, nós teríamos a nossa opinião.

— Senhoras e senhores, — ele começou, e um silêncio caiu sobre a multidão tão rapidamente que ele poderia ter usado magia para que isso acontecesse. Mas isso não era necessário. A multidão estava arrebata.

— Meu nome é Ethan Sullivan, e esta é a minha Casa. Ontem à noite, Sorch Reed usou magia para manifestar a criatura que tem aterrorizado a cidade. Devido a isso, acreditamos, em uma sequência complicada de magia iniciada por Sorch com a assistência financeira e política de seu marido humano, Adrien Reed, ela conseguiu fazer uma destilação física de energia mágica. Essa energia causou delírios que afetaram os habitantes de Chicago; o congelamento foi causado por ela recolher magia enquanto trabalhava para condensar essa energia no dragão que atacou o centro de Chicago.

Provavelmente surpreendidos ao conseguir respostas às questões mágicas que atormentavam a cidade, os repórteres começaram a gritar perguntas para Ethan.

Totalmente imperturbável, ele os ignorou.

Nós três seguramos os sorrisos. Este era o nosso mestre imperioso no seu melhor estilo político.

— Não se enganem, — ele disse. — O dragão foi criado por Sorch Reed para aterrorizar esta cidade. E embora possa ter morrido, ela conseguiu isso. A cidade está sendo destruída em um esforço para matar uma criatura que claramente possui defesas para armas humanas.

— Ao contrário de outros, não discutiremos a culpa. Não falaremos de falhas ou erros, porque isso não resolve nada, e porque tira o foco de onde deveria estar – sobre o autor desses crimes. Sobre uma mulher cujo egocentrismo e egoísmo destruíram a cidade. Nós notamos que a destruição, em parte, foi causada pela

vontade da cidade de acreditar que o humano é melhor que o sobrenatural, dar deferência aos seres humanos com riqueza e poder e culpar os outros por suas falhas. Essa atitude deve mudar.

— Chicago não é perfeita. Mas Chicago é nossa, e tem sido nossa por muito tempo. Nós protegemos como podemos, e continuaremos a fazê-lo. Não somos inimigos da cidade. Nós somos vampiros de Chicago. Soluções humanas para esse problema não funcionaram. Quando estiverem prontos para discutir uma solução real, você sabe onde nos achar.

Com isso, ele virou e entrou, deixando os repórteres gritando perguntas em seu caminho.

O telefone de Ethan tocou antes mesmo de voltar ao escritório dele. Ele atendeu, levantando as sobancelhas. — Senhora prefeita. — Uma pausa. — Sim. Nós vamos.

A chamada durou menos de um minuto, e depois o telefone foi afastado novamente. Mas o sorriso em seu rosto parecia muito bom.

— A prefeita solicitou formalmente que intervenhamos e que a gente lide com o dragão da maneira que acharmos mais apropriada. O CPD e a Guarda Nacional aguardam nossas instruções.

Agora poderíamos começar. E uma coisa boa, porque tínhamos muito trabalho a fazer.

\*\*\*\*

Nós reunimos os Provedores da Justiça na Sala de Operações novamente, e a energia era muito diferente da última vez. Lindsey escolheu *Bad Blood*<sup>31</sup> como nossa música de preparação, e a energia nos fez sentir bem justificados.

---

31 Música da Taylor Swift

Scott Gray e Jonah apareceram, assim como Gabriel e Morgan. Gostaria de saber se Claudia mostraria as caras, mas ela não era do tipo que ajuda. Além disso, ainda não sabíamos o que a morte de Sorchia faria ao seu poder recém-reabastecido; Talvez não estivesse interessada em destruir o dragão.

— E então, — Ethan disse enquanto todos tomavam café e pegavam um lugar na mesa da conferência, — Nós nos encontramos novamente aqui.

— E com autoridade, — Scott disse, levantando a caneca para Ethan. — Parabéns.

Ethan concordou. — Este é um momento raro e importante, e precisamos capitalizar isso. É por isso que estamos aqui – para criar um plano para lidar com a criação da Sorchia Reed de uma vez por todas.

— É isso mesmo, — Gabe disse, e levantou a caneca. Eu acho que até mesmo shifter com cantis precisavam de café às vezes.

— Nesse caso, — Ethan disse, — Acredito que nossos Provedores da Justiça têm uma atualização. E um Provedor honorário, — ele disse enquanto Mallory, Jeff e Catcher foram para frente da sala.

— Controle remoto? — Jeff disse, e Luc jogou o controle remoto da tela para ele. Jeff pegou com facilidade e ligou a grande tela.

— Então, Mallory e Catcher descobriram que um feiticeiro que desperdiçou tempo para explicar como manifestar uma Egrégora também vai explicar o que fazer quando as coisas ficam ruins.

— Quando a Egrégora atua, — Gabe disse.

— Exatamente. Uma vez que estamos atrasados, ignoraremos os detalhes da programação. Basta dizer que enquanto nós dormíamos o programa trabalhou várias combinações de arranjos que explicam como, basicamente, dismantelar a Egrégora.

— Como um modelo Lego em sentido ao contrário, — Mallory disse.

— É assim, — Jeff disse com um sorriso. — Em Northerly Island, nós aprendemos que a magia praticamente não atinge as escamas do dragão, e elas são muito difíceis de permear. Pelo menos, parte disso é devido à sua natureza, o fato de que é uma criatura nascida da magia. Como vocês tem imortalidade e os shifter têm força, a Egrégora tem certa resiliência.

— Então, estamos sem sorte? — Morgan perguntou.

— Não inteiramente, — Jeff disse, e estendeu o controle remoto. — Por causa disso.

Uma espada branca em pixels apareceu na tela.

— Uma espada Lego? — Scott Gray perguntou com uma sobrancelha levantada.

— Não é Lego, — Jeff disse com um sorriso e aproximou-se. — Apenas reordenado.

Não era uma espada feita de blocos; era uma espada de papel. Cada *bloco* era na verdade uma página dos desdobráveis do Danzig, cuidadosamente organizada nessa nova forma.

— O computador atingiu este arranjo depois de cerca de sete longas horas, — Jeff disse. — E quando você olha a ilustração desbloqueada por esta magia e o arranjo, você consegue isso. — Ele estendeu o controle remoto novamente.

Desta vez, a espada em pixel foi substituída por um desenho de uma lustrosa espada, ambidestro, com uma joia brilhante no meio da guarda da mão. Abaixo da espada, o corpo dividido da Egrégora manifestada.

— Ele explica como melhorar uma espada para aumentar a sua potência contra a Egrégora, — Jeff disse; radiante de prazer. — Longa história, cada golpe fará mais dano do que normalmente faria.

— Como lutamos com espadas, — Ethan disse, — Uma solução muito útil.



— Prático, — Catcher concordou, — Mas não infalível. Presumindo que a magia funciona da maneira que Portnoy definiu, você ainda enfrentaria um monstro mágico elevado, como disse Jeff, a resiliência. Não será fácil derrubar, mesmo com uma espada mágica.

— Eu vou empunhar a lâmina, — Ethan disse.

Eu dei-lhe o meu olhar de Mestre. — Você certamente não irá. Sou Sentinela desta Casa. Eu vou empunhá-la.

Não havia nada especialmente agradável nos olhos de Ethan. — Não duvido de sua bravura. Tenho preocupações em enviar minha esposa para uma batalha com uma única espada.

— Então, eu vou encantar mais de uma.

Olhamos para Catcher, cujos lábios estavam curvados com diversão.

— Você poderia fazer isso? — Ethan perguntou.

Ele encolheu os ombros. — Não vejo por que não. Temos as instruções de Portnoy e muito aço.

Olhei para Ethan novamente com as sobrancelhas arqueadas.

Por um momento, ele respirou silenciosamente, parecendo com o próprio dragão com seus olhos ferozes e irritados. Mas a aceitação finalmente filtrou.

— Você será cuidadosa. E eu irei com você.

Foi minha vez de franzir a testa, de lidar, e aceitar, mas nós juramos que seríamos parceiros um do outro. Claro, isso não significava que não poderíamos usar outros parceiros.

— Quatro espadas? — Perguntei a Catcher.

— Quatro? — Ethan perguntou.

— Uma para mim, uma para você, — olhei para Jonah, — E para ele, duas, porque ele é muito bom com lâminas duplas.

Jonah sorriu. — Estou no jogo, sujeito à aprovação de Scott.

Scott assentiu. — Permissão garantida.

— Então parece que decidimos uma batalha de espadas com um dragão, — meu avô disse. — Precisamos minimizar os danos causados à cidade enquanto estiver em andamento, de preferência a zero. Sem lesões, e danos colaterais mínimos.

Luc assentiu. — Precisamos de um espaço suficientemente grande para conter um dragão, mas contido.

— Acho que não há uma arena para dragão em Illinois, — Jeff disse com um sorriso.

— Na verdade, eu tenho uma ideia, — Jonah disse, depois olhou para Scott, sorriu. — Um lugar que é suficientemente grande para conter ursos.

Meu avô bufou. — Você está pensando no Lincoln Park Zoo ou no Soldier Field.

— Soldier Field, — Jonah confirmou. — Muito espaço no interior – mais de uma centena de metros de ponta a ponta. Está contido, pelo menos em duas dimensões.

— E o estacionamento e o lago são amortecedores, — meu avô disse. — Então, isso ajudaria a conter os danos.

— Não será um problema.

Nós todos olhamos para Scott.

— Temos certos contatos na comunidade esportiva, — ele disse. — Vamos fazer funcionar, assegurar de que as luzes estarão ligadas.

— E como atraímos o dragão para a nossa pequena armadilha? — Perguntei.

— Simples, — Mallory disse com um sorriso. — Nós levamos a isca.

— Você não será a isca, — Catcher disse.

— Oh, inferno não, — ela concordou. — Eu já vi uma feiticeira ser comida na semana passada. — Ela acenou. — O dragão não me quer, de qualquer maneira, na verdade não. Lembre-se – é a manifestação da Egrégora, de uma Chicago muito irritada. Com um pequeno elenco de feitiços criativos podemos criar uma oferta que ele não poderá recusar.

Olhei para Mallory. — Quando fizermos essa oferta, e ele aparecer, e nós o matarmos, o que acontece com a Egrégora, com a magia? Vamos libertar isso ao mundo novamente, e apenas nos preparamos para mais drama? Para outra rodada disto no futuro?

— Existe um risco, — Catcher disse com um aceno de cabeça. — A magia não se dissipa limpa, apenas pode se espalhar no centro novamente, e teremos mais delírios, mais violência.

— Isso seria um risco inaceitável, — meu avô disse.

— Nós precisamos esconder isso, — eu disse. — Não podemos arriscar deixar a magia se espalhar novamente, ou ter seis ou sete toneladas de dragão aparecendo no centro de Chicago. Precisamos matar o dragão, e precisamos manter essa mágica presa.

— Na verdade, — Mallory disse, — Portnoy pensou nisso também. Jeff? — Ela solicitou, e ele ampliou a imagem na tela para outro lado das páginas desdobráveis. Lá, a faísca da Egrégora foi enclausurada em algum tipo de esfera.

— Ele prendeu, — Ethan disse.

— Tecnicamente, — Mallory disse, — Ele o ligou a um quartzo. Mas sim, mesmo efeito.

— Então, o que nós usamos para prendê-lo? — Gabriel perguntou com um sorriso. — O maior pedaço de Tupperware do mundo?

— Poderia ser qualquer coisa, — Mallory disse com um sorriso. — Desde que seja forte o suficiente para manter a magia sem quebrar.

— Talvez possamos manter isso simples, — eu disse. Desembainhei a minha katana e a coloquei na mesa, uma arma vermelha brilhante brilhando sob as luzes. — Nós temos nossas espadas. Você pode prendê-lo em aço?

Catcher abriu a boca, fechando-a novamente.

— Isso é possível? — Ethan perguntou. — Vincular magia ao aço?

— Como Mallory disse, só precisa ser capaz de segurar a magia, e sabemos que pode. A parte complicada seria o diferencial do tamanho. A espada não é literalmente grande o suficiente para manter o valor mágico de um dragão. Mas podemos ser capazes de trapacear. — Catcher assentiu com a cabeça enquanto pensava. — Vocês precisam de um protocolo. Palavras, passos. Eu aviso vocês.

Meu avô assentiu com a cabeça. — Nesse caso, temos o lugar, as armas, a isca, e como prender.

— E amanhã ao anoitecer, — Ethan disse, — Terminamos o trabalho.

\*\*\*\*

Quando o amanhecer se aproximou novamente, os Provedores voltaram para seus escritórios, os vampiros para suas Casas. Mallory e Catcher voltaram para Wicker Park para preparar a magia. Regressamos aos nossos apartamentos. Ethan fechou e trancou a porta, as emoções pesadas ao nosso redor.

— Tudo isso pode acabar amanhã, — eu disse.

Ele olhou para mim. — Não sei se você está dizendo isso com alívio ou arrependimento.

— Ambos, eu acho.

Ele caminhou em minha direção e colocou uma mão no meu rosto. — Como você está?

— Estou gerenciando. E quanto a você?

— As coisas parecem...

— Precárias, — terminei, e eu sabia pelo alívio em seus olhos que eu entendera exatamente. — Tive o mesmo sentimento. Mas, então, conversamos sobre isso.

— Nós conversamos, — ele disse, com cuidado para não deixar a emoção espreitar em sua voz.

— E eu estava errada.

Ele arqueou as sobrancelhas e um sorriso cruzou seu rosto. — Infelizmente, Nick Breckenridge não está aqui com o gravador.

— Suponho que você diz isso metaforicamente.

— Sim, — ele disse. — Com o que, exatamente, você estava errada?

Coloquei meus braços ao redor dele e apoiei minha cabeça contra seu coração. — Sobre a família. — Pensei no terror e alegria igualmente correspondentes nos rostos de Taylor e sua mãe. — Sempre haverá medo. A possibilidade de perda. Mas assim é a vida. E qual é o ponto da vida se você não der chance para o amor?

Ele ficou quieto. — E uma criança?

— Se tivermos sorte, então sim.

— Então sim, — Ethan disse, e não perdeu tempo. Eu estava pressionada contra a porta, sua boca frenética e possessiva, como se cada beijo pudesse selar nossa conexão um com o outro, marcando seu gosto e aroma em mim.

Ele tirou a jaqueta que eu ainda usava com mãos fortes e questionadoras, jogou no chão e pressionou seu corpo contra o meu.

Eu só consegui abrir um dos seus botões antes de rasgar o casaco, puxei sua camisa sobre sua cabeça e ele puxou a blusa sobre minha cabeça. E então suas mãos estavam em meus seios, e inclinei minha cabeça contra a porta, os olhos fechados enquanto os dedos ágeis e habilidosos acendiam e cuidavam de aquecer o fogo no meu interior.

E então eu estava nos braços dele, e ele me levava sem esforço para a cama, colocando-me em bonitos lençóis com o cuidado de uma coisa antiga e valiosa.

— Eu não sou delicada, — lembrei-lhe, e torci um dedo para ele. — Venha aqui, meu marido.

Seu sorriso era lento, masculino e muito satisfeito. Ele tirou o resto de suas roupas, sua excitação pesada, e se arrastou até mim.

Eu o peguei, mas ele pegou minhas mãos e as prendeu juntas sobre minha cabeça.

Ele percorreu meu corpo, tirou as roupas remanescentes e me tocou até que eu estava tremendo de prazer.

Seu próprio corpo tremendo com o poder reprimido, ele cobriu meu corpo novamente, entrando em mim com um impulso que era igualmente vigoroso e suave. Movemos nossos corpos juntos, as pernas entrelaçadas e os quadris rolando, o prazer construindo como uma onda sobre nós.

Inclinei o pescoço em sua direção, oferecendo-lhe a intimidade, a conexão, que só os vampiros poderiam compartilhar. — Pegue, — eu disse a ele, e, quando suas

presas perfuraram a pele macia, um relâmpago curvou meu corpo, e gritei o nome dele.

*Para sempre*, ele disse, nosso novo mantra. Nosso feitiço de amor.

*Para sempre*, concordei e me entreguei ao sentimento.

# CAPÍTULO 25



## Beba comigo

Ao anoitecer, o dragão estava de volta, empoleirado no Farol de Chicago, onde a Guarda Vermelha que o habitavam ficaram em silêncio e monitoraram suas atividades.

A prefeita e o governador estavam ansiosos para se moverem. Mas estávamos esperando nossos feiticeiros e sua magia.

A mensagem de texto de Mallory, que ela me enviou durante o dia em que deveria estar dormindo, e o resto de nós descansava durante sol, contava uma boa história:

COMEÇANDO A TRABALHAR NA ARMA MÁGICA.

A ARMA MÁGICA É ESTRANHA.

HORA DO LANCHE! CREAM CHEESE DOUBLE BACON!

CB PRECISA DE *RUÍDO AO FUNDO*. MOVEU A TV PARA O SOTÃO PARA PASSAR OS FILMES DA LIFETIME. ELE TAMBÉM É ESTRANHO.

PEQUENO FOGO NO SOTÃO.

...AGORA HÁ UM GRANDE FOGO NO SOTÃO.

FOGO CONTIDO. NÓS NÃO PRECISÁVAMOS DAS NOSSAS REVISTAS DA NATIONAL GEOGRAPHIC MESMO.



\*BOCEJO\*

GOSTARIA DE VER A ISLÂNDIA.

PROGRESSO!

O PEQUENO FOGO NO SOTÃO PARECE ZANGADO,

FOGO CONTIDO PELOS BOMBEIROS.

ARMA MÁGICA CONTINUA ESTRANHA.

Quanto mais tarde ficava, as mensagens ficavam mais complicadas. Mallory e Catcher estão acordados durante trinta e seis horas, recusando-se a dormir para que pudessem descobrir como vincular a magia.

Eles ainda ficariam acordados ao anoitecer. Sendo que éramos vampiros, e porque estávamos indo para a batalha, havia, naturalmente, cerimônias a serem realizadas enquanto esperávamos.

De acordo com *O Canon das Casas Norte-Americanas, Manual de Referência*, era uma tradição da Casa Cadogan, uma tradição estabelecida há muito tempo por Peter Cadogan, o primeiro Mestre da Casa, ao entardecer antes de uma grande batalha. Todos os vampiros da Casa se reuniam com carne de carneiro e cerveja, e o Mestre daria um discurso entusiasmado que chamava a Casa para a vitória.

A cafeteria estava cheia, cada espaço em cada mesa, e os vampiros procuravam cantos na sala onde quer que fosse possível o suficiente para colocar um prato. Alguém trouxe cadeiras dobráveis do depósito, e o resto estava ao redor da sala, bocejando e esperando a cerimônia começar.

Estávamos prontos para entrar na batalha antes, quando pensávamos que enfrentaríamos Sorchia, tendo a oportunidade de tirar o sorriso do seu rosto e fechar esse capítulo em particular de nossas vidas. Esta noite, o humor era sombrio.

Ethan sentou-se ao meu lado na mesa, um cálice na frente dele.

— O cálice do mestre? — Perguntei.

Ethan sorriu, estendeu a mão e virou a caneca para poder ver a inscrição perfeita no lado oposto: *CASA CADOGAN, LIGA DE BOLICHE, PRIMEIRO LUGAR, 1979*.

— Por que não temos uma liga de boliche desde que eu estou aqui? Posso derrubar um pino.

— Você é a promotora de eventos, — Ethan apontou. — Então, isso é tecnicamente culpa sua.

Duro, mas justo. — Eu não sabia que você jogava.

— Não joguei, — ele disse com um sorriso. — Mas é a minha Casa, e para o patrocinador vai o despojo. — Ele afastou a cadeira e levantou, abotoando o botão superior de seu terno impecável. Mesmo antes da batalha, Ethan lideraria seu povo. Ele os dominaria, e depois os soldados.

Um silêncio instantaneamente caiu na sala. — Noviciados.

— Mestre, — disseram em uníssono, como se estivessem respondendo ao chamado e resposta de um pastor.

Eu não sei disso, porque não sabia se era verdade. Eu deveria ter consultado o Canon atual em vez de apenas o *Manual de Referência*. Não era como se eu tivesse muito tempo livre.

— Houve muitas batalhas nos dias anteriores. Muitos atos de bravura entre nosso povo, e muitos atos de traição por aqueles que estão fora de nossa Casa, inclusive a mulher cujo nome não será mais falado em seus corredores.

— Nessas outras batalhas, seguimos as direções de outros que acreditavam, por mais errado que fossem, que soubessem o que era melhor para a cidade. Hoje à noite, atacaremos um monstro que assola a cidade do nosso jeito, da nossa maneira. — Ele fez uma pausa, deixando todos os vampiros na ponta da sua cadeira. — Hoje à noite, lutaremos com aço.

Houve gritos de aprovação.

— O que quer que aconteça aqui esta noite, saibam que estou orgulhoso de ser o Mestre de vocês e orgulhoso por vocês serem meus Noviciados. — Ele levantou o cálice. — Todos saúdem a Casa Cadogan!

— Casa Cadogan! Casa Cadogan! Casa Cadogan! — As mãos batiam juntas, ao mesmo tempo em que gritavam, enquanto Ethan bebia de seu cálice e brindava a sala.

\*\*\*\*

— Foi um bom discurso, — Malik disse quando Ethan voltou a sentar-se. — Você ficará vivo, ou ficarei tremendamente irritado.

— Ouça, Ouça!<sup>32</sup> — Eu disse, e levantei meu copo.

Como vampiros famintos eram vampiros perigosos, carrinhos foram enviados a sala pela equipe de Margot, e a comida foi distribuída para os vampiros famintos. Ela trouxe o carrinho para a nossa mesa.

Margot colocou pratos na nossa frente. — Café da manhã du jour<sup>33</sup>, — Margot disse, e levantou a tampa de prata.

Em um prato grande o suficiente para servir toda a mesa, havia uma enorme quantidade de comida. Ovos, bacon, salsicha, presunto – no caso do bacon e a salsicha não serem porco o suficiente – tomates cortados, batatas bem cortadas, torrada, muffin com uma ausência suspeita de chips de chocolate, uma taça de frutas e uma pilha do que pensei que fossem papas de milho. Eu não tinha tentado papas

---

32 Ouça, ouça! É uma exclamação que funciona como uma espécie de aplauso verbal. É uma maneira de mostrar que você aprova o que o falante está dizendo, principalmente em um contexto formal com muitas pessoas presentes, como um brinde de casamento, uma reunião política ou uma assembleia do governo. Pense nisso como uma maneira curta de dizer: "Ouça ele!" ou "Ouça o que ela está dizendo!".

33 Do dia.

de milho antes. Embora isso estivesse fora de questão. Havia também algo preto e que vagamente parecia salsicha que eu não queria pensar muito.

— Eu acho que não preciso de tudo isso.

— Você tem uma batalha para ir. Carne para proteínas, carboidratos para energia. — Ela apontou os tomates. — Licopeno e vitamina C para melhorar a cura. — Ela apontou para a garrafa de Blood4You que outro vampiro colocou ao lado do meu prato. — O sangue é autoexplicativo. Porque você é uma vampira, — ela explicou de qualquer maneira.

— Sim, eu percebi isso sozinha. — Espetei o borrão preto com um garfo. — E porque essa salsicha é preta...?

— Porque é delicioso. É chouriço de sangue, e é uma antiga receita familiar.

Acreditei no segundo, duvidava do primeiro e cutuquei o cilindro de borracha com o meu garfo.

*Coma seu café da manhã, Sentinela. Ou direi a todos por que você está especialmente com fome esta noite.*

Espetei uma batata obedientemente.

\*\*\*\*

Assim como a prefeita, Ethan estava pronto para se mover no momento em que Catcher chegou. Mas Catcher insistiu no treinamento primeiro, na preparação cuidadosa para a magia que teríamos que enfrentar.

Com o nosso equipamento de luta novamente – menos os sapatos – nos encontramos na sala de treinamento da Casa, onde paredes de madeira escura atingiam os pisos cobertos de tatame.

Catcher usava jeans e uma camiseta do Gavião Arqueiro hoje, enquanto Mallory optou por jeans e uma camiseta da Viúva Negra. Eles pareciam exaustos, mas gerenciando isso.

Catcher levou uma bolsa de lona preta para o meio do chão e começou a descarregar bainhas dela conforme os vampiros entravam na varanda que rodeava a sala para assistir. Minha bainha era vermelha, a de Ethan era preta. As bainhas de Jonah eram amarelas claras, o envoltório de cada era vermelha. Todos os quatro eram absolutamente lindos e inegavelmente mortais.

— Se Portnoy estiver certo, você poderá fazer mais danos com cada golpe do que com uma espada não mágica. Mas, como eu disse, você não quer ficar muito confortável. Ele ainda é um monstro, e um sobrenatural.

— Não o deixe pisar em você, — Jonah disse.

— Praticamente, isso — Catcher concordou.

— A armadura nos dedos dos seus pés era relativamente fraca, — eu disse. — Isso também pode ser o caso com a calda. Deslizar a lâmina entre as placas da armadura pode funcionar.

Catcher assentiu com aprovação.

— E como a ligação funcionará? — Ethan perguntou.

— Semelhante a quando tempero as lâminas, — ele disse. — Sangue na lâmina, então diga as palavras mágicas. — Ele tirou o seu telefone, digitou algo e o nosso tocou um segundo depois. Nós os pegamos e examinamos o texto.

— Esses são os feitiços, — Catcher disse. — Memorize-os, e não se esqueçam.

— Eu era uma iluminada estudante de inglês. Posso recitar um poema de quatro linhas como uma mestra.

— É verdade, — Mallory disse. — Eu costumava fazê-la recitar sonetos de Shakespeare. Eu jogava pipoca quando ela errava.

— Vocês têm um relacionamento complicado, — Catcher disse; o olhar se estreitando.

— Melhores amigas, — Mallory disse com um encolher de ombros, como se fosse uma explicação.

— O que vem depois das palavras? — Jonah perguntou.

— O dragão deve ser mortalmente ferido, com essa espada. — Catcher nos olhou. — Então, quem quer que vocês matem ficará ligado.

— Entendido, — Jonah disse.

Catcher nos olhou. — E vocês devem saber – pode haver efeitos colaterais.

O olhar de Ethan estreitou-se. — Que tipo de efeitos colaterais?

— É difícil dizer, porque lidamos com uma criatura de magia, que acrescenta um elemento incognoscível. Mas minha preocupação é que você será afetado pela magia que você vai lançar.

— Em outras palavras, — Ethan disse, — Porque estaremos segurando a espada quando prendermos o dragão, também nós poderemos ficar ligados.

— Não sei, — Catcher disse. — Mas, sim, essa é minha preocupação.

Meu avô olhou para cada um de nós, seu olhar pousando em mim. — A decisão é de vocês, se devem continuar sabendo disso. Se isso não funcionar, tentaremos outra coisa.

Não havia realmente um aviso para fazer. Isso não era como a questão das crianças, de enfrentar a possibilidade de amor e perda. Havia apenas uma opção aqui – evitar que o dragão mate qualquer outra pessoa – então não havia nenhum ponto em medo ou preocupação. Havia apenas o fazer.

— Estou dentro, — eu disse, e olhei para Jonas e Ethan. Eles assentiram, também.

— Se é isso que temos que fazer, — Jonah disse, — É o que temos a fazer.

— Bom, — meu avô disse. — Bom.

— Tudo bem, — Catcher disse com um sorriso, claramente orgulhoso de nossa determinação. — Vamos testá-las.

Eu não era tímida com espada, então pisei nas esteiras e peguei minha bainha.

— É pesada, — eu disse, e tirei o protetor de dedo, lançando a lâmina com um som de *vontade*.

Eu não esperava que fosse diferente. Não esperava que a katana tivesse um brilho suave, como se um pouco de CGI<sup>34</sup> tivesse sido adicionado às suas bordas para que brilhasse.

— Olá, linda, — eu disse, e coloquei um dedo no topo da lâmina, sentindo a resposta da chamada e um arrepio percorreu minha coluna.

— Se ao menos ela me olhasse assim, — Ethan disse, então desembainhou sua própria espada. — Minha, minha, minha.

A reação de Jonah era bastante semelhante, exceto que ele continuava se distraindo, olhando para a galeria, onde Margot estava sentada com Lindsey e Katherine. E aos meus olhos, ela parecia se esforçar muito para ignorá-lo.

Catcher pegou um *bokken*, uma espada de prática de madeira, e bateu contra a mão dele. — Vocês podem balançar como prática, — ele disse, — Para que possam ter uma ideia de como elas se movem.

---

34 Computer Generated Imagery – Imagens geradas por computador

— Estava meio que esperando que você estivesse vestindo um traje de dragão, — eu disse, estendendo uma mão acima da minha cabeça e a outra atrás de mim. — Com cabeça, cauda e tudo mais.

— Isso provavelmente seria uma simulação melhor, — Catcher concordou. — Mas vamos usar o que temos.

\*\*\*\*

A espada se movia como se fosse o ar, por conta própria, algo a ser cortado. Mas depois de meia hora de balançar, começou a parecer natural.

E aqueles escassos trinta minutos eram tudo o que podíamos pegar, todo o tempo que poderíamos tomar para nos preparar para a próxima batalha. Pois o dragão não se contentou em sentar-se no farol por muito tempo. E deixar destruição em seu rastro.

— Mallory está com a isca, — Catcher disse enquanto caminhávamos para Soldier Field. Ela estava na van com Jeff, meu avô e o cadinho que usaria para atrair o dragão em nossa direção.

— Eu estarei por perto, caso as armas precisem de um impulso, ou precisemos usar bolas de fogo para manter o dragão dentro do estádio. Mallory colocará a isca e se juntará a mim, e o campo será de vocês.

Ethan assentiu. — Vamos terminar a missão e ganhar o jogo.

\*\*\*\*

Os carros do CPD e os veículos da Guarda Nacional formaram um perímetro em torno do estacionamento do estádio para manter os humanos curiosos longe da



batalha e desviar o dragão, se necessário, de volta ao estádio, pelo menos quando o dragão chegasse.

Enquanto isso, eu perambulei o quanto queria. A Guarda Nacional manteve o seu fogo desta vez, temendo que se soltassem mais morteiros e mísseis na cidade só causaria mais destruição. Eu não tinha certeza se eles poderiam ter feito melhor.

O estádio brilhava com luz, enviando uma névoa amarela sobre a cidade. Não sabia se o dragão seria atraído pela luz, mas não doía levá-lo ao lugar certo.

Brody estacionou o SUV na entrada do serviço, onde os oficiais do CPD nos esperaram. Saímos com o nosso quarteto de espadas mágicas. A van do Omdubsman estacionada atrás de nós. Mallory saltou, pegou o pote de cerâmica que Jeff entregou, seguida por Jeff e meu avô.

Pierce e Wilcox caminharam em nossa direção. Por um momento, tive medo que a prefeita tivesse voltado atrás com sua promessa, e teríamos que organizar nossa batalha dentro de suas regras e parâmetros. Esse medo se dissolveu rápido o suficiente.

— Tudo deve estar pronto, — Wilcox disse, oferecendo a mão a Ethan. — O plano de operações parece ser bom.

— Tenho uma equipe muito capaz, — Ethan disse, retornando à saudação.

O resto de nós trocaram as saudações apropriadas.

— O helicóptero está esperando no caso de alguém precisar evacuar, — meu avô disse.

— Bom, — Wilcox disse. — Estaremos esperando aqui, com as armas prontas, caso o dragão precise ser empurrado de volta para o estádio. — Ele olhou para o meu avô e Jeff. — Vocês estarão coordenando da van?

— Nós vamos, — meu avô confirmou.

Wilcox assentiu com a cabeça e olhou para as espadas, franzindo a testa. — Vocês têm certeza de que isso é poder de fogo suficiente?

O sorriso de Ethan era dissimulado. — Temos certeza. Você nos deixa fazer o que fazemos de melhor, e vamos terminar esta noite.

— Entendido, — Wilcox disse.

— E se isso não terminar esta noite, — Pierce começou, — Qual é o plano substituto?

— Não existe um plano substituto, — Ethan disse. — Nós lutaremos contra o dragão até que ele esteja morto, ou nós estejamos. É simples assim.

Seus olhos se arregalaram, mas ela assentiu. — Então, vou deixar isso com você.

— Bom, — disse ele. *Se ao menos eles tivessem feito isso na primeira vez...*

Coloco uma mão nas costas dele. *Eles fizeram isso agora. Então, faremos o que pudermos.*

\*\*\*\*

Os policiais permaneceram do lado de fora do estádio. Atravessamos o túnel escuro para o campo dos jogos, e aposto que nossa sensação de antecipação não era muito diferente do que os atletas profissionais se sentiam em seu caminho para um jogo. Excitação, nervoso, adrenalina e instinto assassino.

— Você está pronta? — Mallory me perguntou.

— Eu absolutamente estou. — Eu me sentia mais calma do que estivera em dias. Sabia como usar minha espada, minha espada foi encantada com poder extra,

e eu tinha dois lutadores muito bons ao meu lado. Era para isso, literalmente e figurativamente, para que eu havia treinado.

— Entendi, — Mallory disse, e nós batemos nosso punho.

Nós caminhamos para o campo, as luzes brilhando acima de nós, os assentos esticados em uma forma oval à nossa volta.

— Leões no coliseu, — Catcher murmurou.

— Melhor do que os gladiadores que enfrentam os leões, — Ethan disse. Mas ele recuou quando Catcher, Mallory e Jonah entraram no meio do campo, e virou para mim.

— Esta é a minha última oportunidade de pedir que você não lute esta noite.

Arqueei minhas sobrancelhas para ele, irritada por ele começar uma discussão antes de uma batalha.

— Mas não farei esse pedido, — ele continuou com um sorriso antes que eu pudesse retrucar. — Porque eu conheço você. E porque eu aprecio quem você é. — Ele colocou uma mão na minha bochecha, esfregando o polegar ao longo do meu maxilar. — Você lutará pela cidade, pelas pessoas que não podem lutar por si mesmas. Não há melhores razões para lutar ferozmente.

Sorri para ele. — Você é uma boa razão.

Ele sorriu, pressionou sua testa na minha. — Eu te amo além da razão.

— O mesmo vale para mim. Caso contrário, eu teria te trancado na Casa há muito tempo. — Eu me inclinei, e beijei-o nos lábios. — Vá me orgulhar, Sullivan.

— O mesmo para você, Sentinela. Fique segura.

\*\*\*\*

Nunca estive no Soldier Field sem pessoas. Era estranho estar em um espaço tão grande e vazio. Não ficaria vazio por muito tempo, e eu tinha uma suspeita chegando que não pareceria muito grande com um dragão nele. Mas nós pensaríamos nisso quando chegasse a hora.

— Mallory, — Catcher disse enquanto desembainhamos nossas espadas, nossas bainhas foram deixadas no túnel da entrada. — Sua vez.

Ela soprou uma respiração, assentiu com a cabeça e carregou sua tigela para o meio do campo, diretamente na linha de cinquenta jardas.

Ela baixou, depois olhou para nós, e ergueu o dedo. — Uma coisa primeiro, — ela gritou enquanto caminhávamos em direção a ela, e então se inclinou e deu uma cambalhota na grama, seguida de uma cambalhota frontal.

Quando acabou, ela puxou a camisa e afastou os cabelos dos olhos. — Sempre quis fazer isso, — ela disse com um sorriso. — Imaginei que eu teria que fazer agora, caso não tenha outra chance.

— Você está pronta para a medalha, — Ethan disse com um sorriso.

Nós tomamos as posições que combinamos – quatro pontos grosseiramente cardinais em torno dela, a 4,5 metros de distância.

Ela pegou uma lata de tinta de spray branco, sorrindo ao sacudir, o metal rolando por dentro.

— Sempre quis fazer isso, também, — ela disse, e começou a pulverizar símbolos brancos ao redor do cadinho, símbolos da alquimia.

Quando acabou, ela deixou a lata, tirou um frasco do bolso e esvaziou-o no cadinho.

— O que é isso, exatamente? — Ethan perguntou.

— Uma pequena mistura, eu peguei um pouco da alquimia de Sorchia, um monte de grama de Wrigley Field e areia da Oak Street Beach, e algumas outras probabilidades finais, combinadas com um pouco da minha magia. Como gosto de chamar, — ela disse, endireitando novamente. — Ou, pelo menos, essa é a teoria.

Ela pegou uma caixa de fósforos do bolso e tirou um, segurando-o enquanto esperava a gente concordar.

— Pronto, — Ethan disse, e ela assentiu.

— E lá vamos nós, — ela disse; acendeu o palito contra o lado da caixa, provocando enxofre no ar.

Ela deixou cair à chama no cadinho. Quase imediatamente, uma espessa fumaça branca começou a subir do topo do recipiente, passando para cima em uma coluna em direção ao céu e espalhando os aromas da Egrégora no ar. Fumaça, terra e água, carregadas pela magia.

A fumaça subiu como um sinal de fogo sobre o estádio e parecia brilhar laranja nas luzes. Mallory sentou-se no chão.

— Enquanto temos um momento, — eu disse, — Como está Margot?

Jonah pareceu assustado com a pergunta. — Eu não... Por que você pergunta?

Eu lhe dei um olhar brando.

— Você nos juntou?

— Era suposto. Nenhuma faísca?

Ele revirou os olhos. — Não vou discutir isso com você.

Estreitei meu olhar para ele, mas o olhar duro não funcionou. Eu teria que falar com Margot mais tarde.

— O dragão está em movimento, — Wilcox disse em nosso ouvido. — Ele saiu do farol e segue no caminho de vocês. Estará aí em três minutos.

— O Farol ainda está intacto? — Jonah perguntou.

— Está.

— Bom, — Jonah disse com um aceno de cabeça. — Isso é algo, de qualquer maneira.

Algumas noites, você aceitava as vitórias que conseguia.

## CAPÍTULO 26



# Consequentemente

O dragão circulou uma vez, duas vezes, em volta da torre de fumaça, gritando selvagememente. Como eu gostava de pensar, e não pude deixar de me perguntar o que ele dizia. Estava esperançoso que houvesse outro como ele, ou irritado com o que poderia acreditar ser a origem de sua raiva?

— Espadas levantadas! — Ethan gritou, e levantamos nossas lâminas.

Ele mergulhou como uma ave e entrou rapidamente, movendo-se a menos de dois metros de nós antes de se controlar novamente, subindo ao longo das arquibancadas, e virando para outro caminho.

Ele mergulhou novamente, e desta vez, apontou para Mallory.

Jonah pulou, girou suas katanas contra a asa direita do dragão, conseguindo atacar o tendão.

Corri para debaixo do dragão, cortei a perna, num ponto com escamas mais grossas do que as que estavam nos dedos dos pés.

A espada era forte, e a magia de Catcher deixou-a mais forte, mas ainda era difícil, parecia como cortar concreto. Cada milímetro para seguir em frente tomou uma quantidade desproporcional de esforço.

Conseguí um corte na coxa. O dragão gritou e subiu de novo, arrastando sangue para o céu. E então se virou e se dirigiu para outra rodada.

— Segunda rodada! — Catcher disse, e Ethan rolou sua lâmina ao redor do corpo, olhando para a criatura seguindo em direção a ele.

O dragão chegou a ele, estalou os dentes e rugiu com dor e raiva. INIMIGOS.

Ethan esquivou-se e balançou a espada em um arco, pegando as escamas na parte inferior do pescoço do dragão. Elas racharam com um estalar, como azulejos quebrando contra concreto, sangue saindo no corte abaixo deles.

O dragão atingiu o chão, rolou, deixando uma trilha de sangue pela grama e perfumando o ar com sangue e produtos químicos. Ethan correu em direção a ele, cortando a perna. Fiz o mesmo com a outra, depois me arrastei para longe quando o dragão rugiu de raiva, levantando-se.

Nossas espadas mágicas estavam funcionando. Na verdade, tínhamos uma chance de ganhar isso.

E não era que o orgulho sempre se metia no caminho?

O dragão se ergueu. Era ágil no ar, mas não no chão, então eu esperava que ele pudesse atacar. Em vez disso, ele correu para o lado, encolhendo a cabeça. Os dentes – serrilhados e pontudos – raspavam contra o meu braço, deixando uma trilha de dor e calor.

Eu amaldiçoei e me esquivei, e o dragão gritou quando uma katana se alojou em sua perna dianteira, a poucos centímetros de distância da minha cabeça.

Olhei para Jonah, a mão ainda elevada de forma perfeita.

— Não jogue espadas perto da cabeça de um vampiro! — Gritei. — Nova regra!

Não era de admirar que ele fosse o capitão dos guardas da Casa Grey.

— Seu braço? — Ele perguntou.

— Está bem. — Na verdade, queimava como fogo, mas isso não importava muito agora.



Ethan e Catcher entraram em outra rodada; Catcher jogou bolas de fogo enquanto Ethan girava para frente, abaixando e fatiando o abdômen do dragão. O dragão empurrou Ethan para longe, enviando-o voando de costas.

*Você está bem, tigrão?*

*Tudo bem*, ele disse, levantando-se novamente, bochechas cheias de raiva. *Mas agora estou puto.*

Com o que, eu juro, parecia fúria em seus olhos, o dragão bateu sua cauda na bola de fogo, enviando-a voando pelo ar. Catcher esquivou, mas não rápido o suficiente. Pegou em sua coxa, queimando o jeans e a pele.

— Merda! — Ele disse, e lutou para controlar.

*FOGO*, disse o dragão.

Ele estava aprendendo, descobriu como usar a resistência das bolas de fogo para lançá-las para nós.

Ethan deu outro golpe no abdômen e o dragão se virou, asas voando ao redor. — Jonah! — Eu gritei, mas muito tarde. A pancada pegou Ethan, enviando-o esparramado para frente na grama.

Ele não se levantou imediatamente, e eu tinha que me dizer que ele era um vampiro e poderia cuidar de si mesmo, que ele apenas perdera o fôlego.

Eu precisava prender o dragão agora, antes que ele machucasse qualquer outra pessoa.

Coloquei minha palma contra a borda da katana, e puxei. A dor disparou através da minha mão enquanto o sangue borbulhava na borda do aço.

Virei à lâmina para o lado, assistindo as gotas de sangue rolar na lâmina como se tivessem um propósito, e seguirem para a escrita que Catcher gravou lá. O sangue

encontrou a magia, e o fogo explodiu pela lâmina, que rapidamente se espalhou do punho para a ponta.

— Com lâmina e sangue, eu prendo você, — gritei, gritando as palavras que Catcher compôs.

*VOCÊ NÃO PODE ME PRENDER. EU SOU TUDO.*

— Você é dor e morte.

*ELA ME DEU VIDA, PODER.*

— E você a matou, então não minta para mim. Com essa lâmina e meu sangue, eu prendo você!

O dragão gritou e bateu as asas, começando a subir diretamente para fora do estádio. Eu não tinha certeza de quão inteligente ele era, mas certamente não iria cair na isca de Mallory duas vezes. Isso significava que essa era a nossa única chance de derrubá-lo sem mais feridos, sem mais mortes.

Eu teria que desistir, ou ir com ele.

Se eu não o parasse agora, ele destruiria ainda mais Chicago. Mais pessoas seriam feridas e mortas. Mais casas e empresas destruídas. O apocalipse continuaria.

Mas se eu pulasse, se fugisse com isso, eu teria que enfrentar meu medo de alturas, e teria que enfrentá-lo sozinha. Eu teria que lutar contra o dragão sem Mallory, Catcher, Jonah... Ou Ethan. Eu precisaria lutar com ele sozinha – só eu e meu aço – em um lugar da escolha dele. E então, eu teria que encontrar meu caminho de volta.

Eu teria que enfrentar o risco de perder, de morrer em qualquer campo que ele escolhesse para a inevitável batalha.

Por um momento, voltei para a terra verde, com o riso da criança ecoando pelas colinas. A risada, eu pensei, de uma menininha feliz.

*Sim*, pensei, enquanto as lágrimas floresciam novamente, talvez nunca a conheçamos. Ou pior, podemos conhecê-la e perdê-la, como os meus pais perderam sua primeira Caroline. Mas se houvesse uma chance de eu ser mãe – a mãe dela – ela merecia mais do que medo e bravura. Ela merecia uma Sentinela para ela, alguém que lutaria por seu pai, sua família, sua cidade.

O teste de Gabriel, eu percebi, não era sobre triunfo ou vitória. Não era sobre vencer. Era sobre bravura. Tratava-se de tentar e perseverar. Era sobre manter o curso mesmo quando as coisas pareciam desesperadas, mesmo quando tudo parecia perdido.

Isso me deixou apenas uma escolha.

Corri em direção ao dragão e pulei, segurando para adquirir apoio com as minhas unhas um dos cumes que alinhavam a sua espinha e subindo pela sua perna.

*NÃO*, ele gritou; furioso com o contato, mas não teve rotação suficiente no membro para me fazer soltar.

Suas escamas são caroçadas e rachadas, me dando alças para escalar a distância relativamente curta da perna para o pescoço, depois joguei uma perna ao longo do seu lado, estabelecendo-me entre dois cumes nas suas costas.

Nossos destinos estavam juntos agora. Ou o dragão viveria e morreria pela minha espada – ou nós dois morreríamos.

— *Merit!*

Eu não tinha certeza se Ethan gritou a palavra em voz alta, ou silenciosamente para mim. Mas correu no ar com uma corrente de medo, tristeza e fúria que era oferecido para mim.

Que pena. Eu era Sentinela da minha maldita Casa.

*Eu amo você*, eu disse silenciosamente, e esperava que ele pudesse me ouvir.

O dragão se inclinou bruscamente, levantou-se, e apertei meu rosto em suas escamas, o cheiro de produtos químicos e a cidade, de lágrimas e raiva, de suor e medo.

— Não dispare! — Ethan gritou; sua voz no fone de ouvido que Luc entregara antes de sairmos da casa. — Não dispare! Merit está no dragão.

O dragão virou e se inclinou em direção ao coração do centro de Chicago.

Eu considerei minhas opções. Pensei que não podia terminar a magia no ar. Eu precisava esperar até pousar, e nós dois estarmos em terreno firme. Caso contrário, ele desapareceria abaixo de mim, e eu tinha certeza de que cair 305 metros não era o mesmo que saltar algumas dezenas.

Então, eu segurei-me e me senti culpada pela alegria de voar sobre Chicago, subindo sobre vidro e asfalto enquanto o vento chicoteava meu cabelo em emaranhados. Eu não devia me divertir com a sensação do voo, não deveria ter fechado meus olhos para a brisa quente. Mas não era frequente que uma garota que amava contos de fadas, que passara a infância sonhando com princesas, florestas e dragões assombrados, conseguia uma oportunidade como essa.

Mas a alegria desapareceu quando nos aproximamos do rio, quando vi o que o dragão fizera na cidade do meu coração.

Era um apocalipse. Limitado a Chicago, ruim o suficiente para que demorassem meses, senão anos, até que a cidade fosse a mesma.

O dragão mergulhou, centrando-se no topo do edifício Towerline. Mas, novamente, ele estava machucado, estava com raiva, e sentia ter sido enganado e traído. A magia que o criou começou em Towerline. Aparentemente, decidiu que este era o lugar para se curar.

Eu gritei para o meu comunicador, mas não sabia se eles poderiam me ouvir de tão longe. — Estamos indo para Towerline!

O grande telhado do prédio, ainda marcado pela magia que usamos antes, crescia cada vez mais à nossa frente e fechei os olhos contra a crescente vertigem.

O dragão atingiu duramente o telhado, derrubando cascalho e detritos e me expulsando. Eu rolei sozinha através de pedra e asfalto, meu impulso só parou por uma das unidades restantes de AVAC<sup>35</sup> do prédio.

*O que era uma pequena concussão entre amigos?* Eu pensei, fechando meus olhos por um momento para dar a minha cabeça uma chance de parar de girar.

O telhado tremia abaixo de mim, e peguei minha espada antes de abrir meus olhos.

O pé do dragão – tão grande quanto uma calota – apareceu acima da minha cabeça.

— Merda! — Eu disse, e rolei logo antes da calota descer e esmagar a grama no telhado. Eu levantei, mas o dragão pegou o meu pé com uma presa e me derrubou de novo.

Ele começou a arrastar-me pelo cascalho, e então sua respiração estava nas minhas costas.

— Não é assim que a história acaba! — Eu disse, e girei minha espada cegamente sobre minha cabeça.

O dragão gritou e se afastou com dor. Eu rolei para longe e me levantei, cascalho sendo triturado sob as minhas botas, e coloquei certa distância entre nós antes de olhar para trás novamente.

Como as escamas no pé, aquelas em seu pescoço eram pequenas e mais fáceis de penetrar, e eu havia gravado um corte em um lado.

---

35 Tanto "AVAC" como "HVAC" são siglas que significam "aquecimento, ventilação e ar condicionado" (em inglês "heating, ventilating and air conditioning"), referindo-se às três funções principais e intimamente relacionadas dessa tecnologia.

*DOR!* Ele gritou; o som cortando o ar tão bruscamente quanto a minha espada.

— Não precisa ter dor! — Eu disse, e levantei minha espada. — Se entregue agora e não vou ter que matá-lo!

*EU SOU RAIVA, DOR E MEDO. SOU ÓDIO, VINGANÇA E AGONIA. VOCÊ NÃO PODE ME PARAR.*

O único dragão existente, e tinha que ser um sociopata. — Esta espada na minha mão diz uma coisa diferente.

*A DOR EXISTRÁ MESMO SE EU FOR EMBORA. SEMPRE ESTARÁ PRESENTE.*

Agora, ele estava me irritando. Deixei meus olhos ficar prata, deixei as minhas presas descerem. — A raiva, a dor e o medo fazem parte da vida em Chicago e em qualquer outro lugar. Mas também a alegria e o amor. E serei condenada se você tirar mais disso.

Katana na minha frente, quase perpendicular ao meu corpo, eu caminhei em direção ao dragão. — *Com lâmina e sangue eu prendo você!*

Ele rugiu, esgueirou-se, uma unha agarrando uma lacuna onde a pedra rasgara o couro e cortou sobre minhas costelas. A dor foi escandalosa, fogo queimando a minha pele. Mas eu não tinha tempo de me preocupar com isso agora.

Desviei e corri para a perna dele. — *Com escuridão e aço eu prendo você!*

*O MEDO SEMPRE EXISTIRÁ.* A cauda do dragão chicoteou para o lado, e pulei para evitar, bati no chão e rolei com a espada na mão. Levantei machucada e ataquei novamente, mas a espada continuava na minha mão.

— Talvez, — eu disse. — Mas o medo não precisa ser o único a existir. — Soprei uma respiração, estreitei meu foco e o encarei.

— *Com água e vento, eu prendo você! Com esperança e medo, eu prendo você!*

A espada aqueceu na minha mão, a lâmina ficando branca com a força do feitiço. Eu ignorei isso, e a agarrei ainda mais, correndo em direção ao dragão.

Abriu a boca e disparou, tentando fazer o mesmo truque que fez com Sorchia. Abaixei-me debaixo da sua boca e empurrei a espada com as duas mãos entre duas escamas no pescoço dele.

A magia explodiu.

Luz saiu da katana quando o dragão se balançou, gritando com a dor de um milhão de almas.

Soltei a espada, tentei fugir de suas pernas e caudas, da magia que floresceu; enorme e branca, uma flor desdobrando da energia sobrenatural.

O dragão curvou-se quando a flor o envolveu, depois congelou como se fosse capturado dentro de um vidro, assim como o desenho de Portnoy. Mas a flor continuava crescendo.

Tentei correr, escorreguei no sangue e cascalho e bati meus joelhos novamente – era tarde demais. A magia florescente me cobriu. Instintivamente, me protegi contra o impacto, do poder que eu estava certa que nos queimaria.

Mas ao contrário da Egrégora, essa magia não era violenta, e não estava com raiva. Era familiar, porque surgiu da conexão que já existia entre mim e a katana, nascida quando temperei o aço com meu próprio sangue.

Mesmo enquanto o dragão estava congelado, a magia se moveu sobre mim, fortalecendo meu vínculo com a espada... E o vínculo entre mim e a vida que apenas começara a crescer. Uma vida que eu não conhecia a existência até que a magia firmou sua conexão comigo, vinculando-a dentro de mim, assim como a magia se prendeu ao dragão.

A esperança brotou com tanta força que as lágrimas imediatamente se derramaram. Movi minha mão sobre uma magia espessa, coloquei uma mão no meu

abdômen, sentindo a vibração que eu tinha medo de nunca sentir, mas que agora parecia inegavelmente real.

— Oi, — eu disse com um sorriso bobo. — Oi.

De repente, com um gemido agudo, a flor começou a se retrair, encolher de volta para o dragão capturado, o dragão preso. Lembrei-me de que ainda estava em meio de uma batalha, dentro de um feitiço e a poucos metros de um dragão magicamente petrificado. Então, prioridades imediatas em primeiro lugar.

Quando a magia me libertou, rastejei para trás, colocando espaço entre nós e o feitiço que se dobrava sobre o dragão como uma flor em ascensão, se condensando cada vez mais até que não havia nada na escuridão, mas um feixe de luz ao redor da minha lâmina girando; o dragão, a Egrégora, condensado dentro dela.

Em um último flash de luz, a espada quente de energia, se acalmou no ar, e caiu no telhado com um forte baque.

Caí de joelhos, meu corpo ainda zumbindo com magia, o corte ao longo das minhas costelas queimando escandalosamente. Mas eu estava viva e estávamos a salvo, e Chicago continuaria.

Isso era o suficiente para esta noite.

\*\*\*\*

Minha lâmina esfriou e o aço voltou ao cinza novamente quando todos chegaram ao telhado Towerline. Senti os passos antes de ouvi-los, estremecendo através do telhado. Ethan entrou em minha visão primeiro, apareceu procurando freneticamente. Mallory e Catcher surgiram atrás dele.

— O dragão está preso, — eu disse, — E eu sobrevivi. — Mas minha cabeça ainda girava.



— Merit, — Mallory disse, caindo de joelhos ao meu lado. — Você está *brilhando*.

— Parece que você conseguiu uma boa dose de magia, — Catcher disse, passando uma mão ao longo do meu braço. — Mas não vejo danos duradouros. — Ele olhou para a espada, e um sorriso afastou o medo em seu rosto. — E há uma enorme magia naquela espada.

— Sim. Há um dragão ali. E eu me sinto... Meio que importante. — Olhei para Mallory, depois Ethan. — Isso é alguma coisa? Sentir-se meio importante?

Ela sorriu, e tirou o cabelo do meu rosto. — É absolutamente uma coisa, sua vampira louca.

— Minha vampira louca, — Ethan disse, e me pegou em seus braços. — Quem eu muito bem posso algemar permanentemente na Casa.

— Não sairei tão cedo, — eu disse, e deixei minha cabeça cair no ombro dele. — Fico feliz que me encontrou. Eu consegui vencer o vilão.

— Você conseguiu, — ele disse, e não confundi o orgulho em sua voz. — Por enquanto, fique quieta.

Ele havia dito as palavras mágicas e as luzes se apagaram.

# CAPÍTULO 27



## Desejo

O inverno no Centro-Oeste eram coisas temíveis, e os verões muitas vezes não eram muito melhores. Mas no início do outono, com céus claros e temperaturas tão nítidas como maçãs no outono, era inegavelmente lindo.

Duas semanas após a morte do dragão, quando os feridos foram atendidos e a cidade começara a se reerguer, nós aproveitamos o lindo clima de outono no palco do Pritzker Pavilion – o lugar onde antes ouvimos a Egrégora falar – enquanto milhares de pessoas de Chicago observavam.

Com o microfone na mão, a prefeita Kowalczyk estava em jeans, botas e uma jaqueta, seu poderoso terno abandonado por roupas mais adequadas para andar pelas ruas destruídas de Chicago e ajudar a montar as peças dispersas.

Nós ficamos atrás dela – vampiros da Casa Cadogan, meu avô e seus funcionários, Mallory, oficiais do CPD e os homens e mulheres que serviram no Soldier Field.

— Não uma vez, — a prefeita disse, — Mas duas vezes, sobrenaturais salvaram esta cidade de maneiras claras e óbvias, e com grande custo para eles e seus entes queridos. E à frente desse esforço estava a equipe do escritório do Omdubsman, os vampiros da Casa Cadogan e a feiticeira Mallory Carmichael. E esses são apenas os esforços dos quais estamos cientes. Quantas vezes mais agiram no escuro da noite, no silêncio, quando não estávamos conscientes? Ou quando não acreditamos neles?

Ela fez uma pausa, as mãos nas bordas do pódio, o olhar baixo e contemplativo. — Como vocês, tive dúvidas e preocupações. Sobrenaturais causaram estragos nesta cidade. Mas sobrenaturais também nos salvaram. — Ela olhou para Ethan. — Devemos a esses sobrenaturais uma dívida de gratidão. E para garantir que no futuro prestemos atenção aos seus conselhos e às suas advertências, tenho o prazer de anunciar que o escritório do Omdubsman foi estabelecido como um departamento permanente da cidade de Chicago.

Ela caminhou em direção ao meu avô, e ofereceu sua mão. — Obrigada, Sr. Merit.

Ele assentiu gravemente, bem ciente da responsabilidade que ela colocou em seus ombros. — De nada, senhora prefeita.

Ela apertou a mão de Jeff, depois a de Catcher, e voltou a encarar a multidão. — Vamos parabenizar os vampiros de Chicago! — Ela disse, e liderou a multidão em um barulhento aplauso.

Olhei para Ethan, vi o orgulho e o contentamento em seu rosto. E, abaixo disso, esperança. Ele guiou seus vampiros por muitas tempestades em seu tempo como mestre e, sem dúvida, faria novamente. Mas por agora, havia paz, e havia aceitação. Ambos demoraram um bom tempo.

Ethan olhou para mim e sorriu. *Nós conseguimos, Sentinela.*

Eu assenti com a cabeça. *Nós conseguimos.*

Quando a multidão finalmente parou, Kowalczyk levantou o microfone novamente.

— Chicago foi salva de uma ameaça terrível, — continuou a prefeita quando voltou a virar para a multidão. — Mas a reconstrução começa agora. Vamos começar juntos. Por agora, e para o futuro, vamos ser uma Chicago.

\*\*\*\*

Por ser Chicago, meu avô nos levou para comer pizza após o evento. E então, voltamos para Casa Cadogan para a noite de cinema que eu organizei no salão de festas da casa. Haveria comida, álcool e comédias ridículas, que, como eu era a organizadora da Casa, eu pensei que era apenas uma maneira de recompensar a Casa.

Mas antes disso, antes do relaxar, havia um pouco mais de negócios. Então parei Ethan nos degraus da Casa Cadogan, eu mantive meus dedos entrelaçados com os dele e olhei para ele.

— Sentinela?

— Há algo que eu quero lhe dizer.

Previsivelmente, ele ergueu uma sobrancelha. — Tudo bem.

Eu esperava até que um médico confirmasse com a ciência o que eu acreditei ser verdade no telhado do edifício Towerline. E ainda assim, eu esperei até o louvor da prefeita; eu queria estar segura de Chicago.

Eu me preparei e disse as palavras que mudariam tudo.

— Estou grávida.

Ethan simplesmente olhou para mim. Os olhos dele arregalaram, depois caiu na minha barriga, e no meu rosto novamente. — O que?

— Estou grávida.

— Você está – como você – como?

— Bem, — eu disse, pensando na maneira como ele e Mallory me provocavam, — Quando um homem e uma mulher...

— *Sentinela*. — Havia uma borda alegre e impaciente em sua voz, como uma criança que não podia esperar para abrir um presente de Natal.

Sorri para ele. — Foi em Towerline. A magia vinculativa.

Ethan era tão esperto conforme ele pensava, e a percepção surgiu rapidamente em seu rosto. — O efeito colateral. Não te prendeu dentro da espada; Você acha que vinculou a criança a você.

Assenti. — Essa é a teoria. A magia de ligação a fez grudar, pelo menos até que ela estivesse pronta para aparecer. E *ela* é apenas um palpite, — eu disse, antes que ele pudesse perguntar. — Não gosto de dizer *isso*.

— Algum efeito colateral mágico, — ele disse depois de um momento.

Sorri para ele. — Seriamente. Nove meses e dezoito anos de efeito colateral, é pegar ou largar.

— O teste, — Ethan disse. — O que deveríamos passar. O que era?

— Não conversei com Gabriel, mas tenho um bom pressentimento de que estava relacionado ao dragão – encarando meu medo do monstro e a possibilidade do que ele fez e poderia fazer a Chicago. — Sorri para ele. — Ela será a única de sua espécie – o único vampiro nascido de um vampiro. Acho que ela precisava que eu provasse que poderia ser tão corajosa quanto ela precisaria ser.

Ethan me puxou para ele e me abraçou, aninhando meu corpo contra o dele. — Minha esposa. Meu filho.

— Sim. Provavelmente em maio.

— Em maio, — ele disse, pensando na palavra. E então ele congelou, olhando-me horrorizado.

Meu coração acelerou em resposta. — O que? O que?

— Você vai comer por dois.

Bati no peito dele. — Não faça isso. Pensei que algo estava realmente errado.

— Algo está errado. Você tem alguma ideia de quanto isso vai me custar?

Eu simplesmente balancei minha cabeça para ele. — Você quer continuar? Simplesmente entendeu tudo de uma vez?

Ele sorriu com prazer de uma criança. — Você pode imaginar como serão seus desejos?

Sorri para ele. — Você consegue imaginar amamentar um vampiro?

Sua boca se abriu, e fechou-se novamente. — Não posso. Literalmente, estaremos escrevendo um livro.

— Nós vamos. Embora eu tenha certeza de que haverá muitas pessoas – sobrenaturais e outras – com sábios conselhos para oferecer. Minha mãe será a primeira na fila. — Eu sorri para ele. — E vai querer dar um chá de bebê, provavelmente com você comparecendo.

— Eu já paguei o casamento.

— Isto é uma coisa separada. E a presença é obrigatória.

Ethan sorriu maliciosamente. — Eu posso estar doente nesta noite.

— Os vampiros não ficam doentes.

— Claramente, elas não devem estar grávidas também.

Ele estava certo, então eu sorri para ele. — Nós descobriremos.

Assim como fizemos antes, e assim como nós, sem dúvida, faríamos de novo.

Ele pegou meu rosto em suas mãos, pressionou sua boca na minha, e, nos degraus da Casa Cadogan, me beijou loucamente, profundamente. — Eu amo você, Sentinela.

— Eu também te amo, Sullivan.

Nós entramos na Casa Cadogan. E desta vez, eu esperava que não precisasse da minha espada, mesmo que por um momento.

# EPÍLOGO



## Os restos do bolo

*Vinte e um meses depois, é pegar ou largar – Chicago, Illinois*

Mãos nos quadris, eu olhei para a garota de um ano que saltava sobre coxas gordinhas, seus dedinhos agarrando a borda da mesa de café. Seus cachos dourados se moviam como ela, saltando para cima e para baixo em torno de seu rosto angelical, pontuado por olhos verde esmeralda.

Esta menina linda estava enchendo sua boca com Cheerios em um abandono selvagem, pulando com perninhas gordas que cutucavam sob um vestido azul desenhado com pequenas flores brancas. — Ree!

Era o seu som favorito, a palavra que significava *Sim, Cheerios, Aqui*, e todas as outras palavras que ela não conseguia articular.

Assenti. — Como aqueles, você gosta?

Testa franzida enquanto trabalhava, ela pegou um pouco de Cheerios da mesa de café e os ofereceu para mim. — Ree.

Caminhei para a mesa de café, ajoelhei e engoli os Cheerios de sua mão inesperadamente pegajosa. Ela gritou alegremente, correu pelo lugar com os pés instáveis e pegou mais Cheerios. Então juntou aos poucos que conseguiu encurralar na minha boca. Eu os abriguei e os comi. Gostoso, mas cinco ou seis eram muito para uma criança do que para um vampiro de trinta anos.



— Você está pronta? — O pai dela gritou da sala ao lado.

— Quase, — eu disse, e tirei um broche do bolso, usei-o para prender um lado do cabelo de Elisa. Isso manteria seus cachos afastados de seu rosto – e suas mãos pegajosas longe dos nos grossos cabelos loiros.

— Vestido!

— Eu sei, querida, — eu disse, suavizando a saia de seu vestido de algodão azul. Ela era uma menina agitada, e destruiria o vestido até o final da noite, mas ela parecia linda nele agora. Coloquei-a em sapatos Mary Jane brancos. — Você gosta do seu vestido?

— Bonito, — ela disse seriamente.

— Sim. Você está pronta para ver a tia Mallory e o Bebê Lulu?

Ela assentiu com seriedade. — Bebê.

Ethan entrou, com os olhos verdes brilhando com prazer. — Como está a minha aniversariante?

Elisa gritou, erguendo os braços gordurosos.

Com o orgulho de um leão, Ethan avançou e ergueu-a. Ela envolveu seus bracinhos ao redor do pescoço dele e depois beijou sua bochecha. — Ree! Ree! Ree!

Ethan arqueou uma sobrancelha para mim. — Ela tomou o café da manhã?

Acaricieei seu pequeno bumbum. — Não que eu saiba. No entanto, ela está de bom humor. Provavelmente porque você está tão bonito.

Elisa assentiu solenemente e acariciou o rosto dele com uma mão, a outra mão embrulhada em torno da medalha da Casa. — Bonita.

Ethan mordeu a mão dela e ela riu descontroladamente, balançando a cabeça.

— Não tão bonita quanto Elisa ou Mamãe, — ele disse.

Eu sorri; sempre me divirto ao ouvir um vampiro de quatrocentos anos me chamando de *Mãe*. E ainda me impressionava por isso acontecer. Que eu a concebera, que meu corpo foi capaz de alimentá-la e que a trouxemos ao mundo.

Não foi uma jornada perfeita. O enjoo *matutino* (embora ao anoitecer) foi horrível, os desejos eram completamente bizarros e, no final, o trabalho de parto, o qual foi interrompido duas vezes conforme o sol se elevava. E houve um momento de terror completo e absoluto quando pensamos que a perdermos. Mesmo agora, quando ela estava saudável e feliz e aqui, a memória fazia meu corpo se apertar com medo.

Ela era a primeira criança vampira na história – a única vampira nascida de vampiros. Mas, mais importante, o mais importante, ela era nossa. Ela nasceu do amor e nasceu em uma Casa de vampiros que a amavam quase tanto quanto nós. Ela era parte de mim, e parte de Ethan, e parte dela. Eu a amava mais do que pensaria que fosse possível.

Eu devia minha vida a Ethan, e lhe dei meu coração. E agora Elisa tinha os dois.

\*\*\*\*

Chegamos ao primeiro andar da casa com uma bolsa de fraldas; a Casa era grande o suficiente para que fosse mais rápido e mais simples do que atravessá-la toda vez que Elisa precisava de uma fralda ou trocar de roupa. O que era muitas vezes. Eu gostava de brincar que ela era a única pessoa que poderia vomitar em um dos caros ternos de Ethan e viver para contar a história. Não havia um vampiro na casa que não estivesse envolvido em torno de seu minúsculo dedo.

Tanto quanto podíamos dizer, ela não foi afetada negativamente pela magia que a fez. Ela geralmente estava com fome, e tinha um temperamento rápido, mas isso parecia perfeitamente explicável pela biologia e a genética, sem necessidade de magia.

Mallory, Catcher e Lulu estavam sentados no sofá do escritório de Ethan, Lulu aninhada nos braços de sua mãe. Ela era uma bonequinha pálida, exceto pela cabeça com cabelos escuros e grossos com a qual ela nascera. Mallory colocou um lacinho de bolinha hoje.

— Oi, Elisa, — Catcher disse.

— Catch!

Elisa não tinha um osso tímido em seu corpo.

Caminhei, dando um gentil beijo na testa de Lulu. — Como está a mais nova pequena Ieti do mundo hoje?

— Desinteressada em dormir, — Mallory disse com um bocejo. Havia círculos sob seus olhos, e Catcher não parecia muito melhor. — Eu a dou para você por um dólar.

— Vou pegá-la temporariamente, — eu disse, pegando cuidadosamente o pequeno embrulho e sentando no chão a seus pés. Todo recém-nascido era minúsculo, mas sempre havia algo surreal sobre segurar uma criatura tão pequena, tão delicada. Ela olhou para mim, piscando os olhos azuis de Mallory.

— Oi, bebê Lulu.

Ela piscou novamente, seus cílios quase tão grosso quanto seu cabelo.

— Você estará na varanda com um rifle quando ela tiver idade suficiente, — falei a Catcher, esfregando seus cabelos para trás.

— Como se ele fosse ser diferente, — Catcher disse, gesticulando para Ethan, que beijava as palmas que Elisa lhe ofereceu.

— Com estacas de madeira, mas provavelmente, sim. Embora, eu ache que você teria que ser muito corajoso para chamar a filha de um vampiro Mestre para sair.

— Especialmente, a única filha de um Mestre vampiro, — Mallory disse. — O pretendente dela terá que fazer da forma correta e rápido.

— Essa é uma boa garota, — Ethan disse enquanto ela se contorcia em seus braços. — Você quer dizer olá para Lulu?

Elisa assentiu e Ethan a colocou no chão. Ela cambaleou em direção a mim, e estendeu a mão para tocar o cabelo de Lulu. Mas antes de entrar em contato, ela olhou para Mallory, que assentiu com a cabeça.

— Você pode tocar, Elisa.

— Elisa, — eu disse, — Você se lembra de como dissemos para amar o bebê?

Ela assentiu solenemente, seu cabelo loiro saltando. — Cuidadosamente.

— Certo. — Coloquei minha mão sobre a dela, ajudando-a a tocá-la suavemente.

— Suave, — Elisa disse silenciosamente, levantando seus olhos verdes esmeralda para os meus. — Bebê suave?

— Sim ela é. Como o seu bebê? — Seu bebê era um coelho de pernas flexíveis, quase tão grande quanto ela, que ela arrastara pela orelha assim que começou a andar. Foi um presente de Mallory, seu primeiro bicho de pelúcia.

Elisa assentiu com gravidade. — Bebê, — ela concordou. — Suave.

— Boa garota, — Mallory disse. — Você é realmente boa nisso, Elisa.

— Ajudar.

— Ela gosta de ajudar, — eu traduzi. — Ethan deixou-a colocar um livro nas prateleiras em seu escritório ontem, e ela estava bastante certa de que ganhara sua própria casa.

— Então ela conseguiu sua aparência e sua atitude? — Mallory disse, olhando para Ethan.

— E meu charme, — ele disse.

Houve uma batida na entrada. Olhamos para trás e encontramos Margot na entrada. Ela sorriu para nós. — Estamos prontos se vocês estiverem.

— Acho que estamos prontos. — Mãos em seus quadris, Ethan olhou para Elisa. — Você gostaria de um pouco de bolo?

Ela apenas piscou para ele, olhos em branco. Esta seria a sua primeira experiência com bolo, o que tornava especial para nós dois.

Ethan estendeu as mãos, e ela abandonou Lulu e eu, e praticamente pulou nos braços dele. Ele a colocou no quadril novamente. — Vamos ver se você pode segurar tanto açúcar quanto sua mãe.

Mallory bufou e se levantou. Eu fiz o mesmo, e cuidadosamente devolvi Lulu para ela. — Não tenho certeza de que isso seja possível.

— Diz a mulher que comeu tudo na minha despedida de solteira.

— Isso foi há mais de um ano. Quando você vai parar de trazer isso à tona?

— Quando parar de servir ao meu propósito.

Mallory apenas balançou a cabeça. — Nunca mude.

— Vou me esforçar.

\*\*\*\*

Algumas crianças poderiam ter se afastado de uma sala cheia de dezenas de seres humanos e sobrenaturais, da música alegre e das faixas de balões que enchiam a cafeteria da Casa. Essas crianças provavelmente não cresceram em uma Casa de vampiros, amadas a cada centímetro de suas vidas.

Essas crianças não eram Elisa.

— Feliz aniversário, Elisa! — Gritaram quando entramos. Ela gritou e bateu as mãozinhas, e tentou se livrar dos braços de Ethan.

— Certo, minha pequena lêmure. Espere. — Ele a colocou no chão e ela correu em direção a uma coluna de balões na cor do arco-íris que atingia o teto alto da sala. Ela estendeu tentativamente a mão e tocou a coluna, observou balançar abaixo do seu toque.

Ela gritou com alegria e tocou novamente, então tentou afastá-lo da coluna.

— Apenas para tocar, querida, — meu avô disse, pegando sua mão livre suavemente. Seu rosto se fechou em linhas irritadas antes de perceber quem a tocou. E esse sorriso floresceu novamente.

— Dê seu beijo no Vovô? — Ele curvou-se para ela, apoiando-se na bengala que ele usava com mais frequência atualmente.

Elisa apertou o rosto dela, fechou os olhos e se inclinou, pressionando os lábios no rosto dele.

— Ela pegou essa expressão de você, sabe, — Ethan disse, colocando uma mão na minha cintura.

Eu bufei.

— Beijo bom, — meu avô disse. — Ouvi que é seu aniversário.

— Ree? — Ela olhou para mim, seu tradutor oficial.

— É seu aniversário, — eu disse. — E você sabe o que as aniversariantes ganham? — Apontei para o bolo gigante – de chocolate e coberto de verde cereja – que estava colocado em uma mesa perto do resto da comida, uma cadeira alta colocada ao lado dele, pronta para a aniversariante. Os olhos de Elisa se arregalaram.

— Ree, — ela disse com reverência.

Ethan sorriu para o som e instalou Elisa na cadeira alta. E ela começou imediatamente a se contorcer para ter uma melhor visão do bolo.

Ela era definitivamente minha criança.

— Senhoras e senhores, pessoas e... *Outros*, — Ethan disse, olhando ao redor. A multidão conhecia sua sugestão e riu apenas quando deveriam rir.

— Estamos aqui hoje para comemorar o primeiro aniversário da garota mais incrível da face da Terra. E queríamos aproveitar esta oportunidade para agradecer a todos pelo apoio que você nos deram nos últimos doze meses. Não poderíamos ter conseguido sem vocês, sem o amor e apoio de vocês. Sem as trocas de fraldas gratuitas e a vontade de experimentar o leite rosa.

O leite cor-de-rosa era a mistura de sangue e leite que nos levou quase três meses para fazer. Elisa era uma vampira, mas também era uma criança. Estávamos escrevendo um livro sobre a nutrição de um bebê vampiro. No caso improvável de que alguém mais precise do livro...

Olhei para Elisa, que olhava alegremente para a multidão. — Mas eu tenho certeza que vocês concordaram que ela realmente valia a pena.

— Parabéns, Parabéns, — meu avô disse.

— Para Elisa Isabel Sullivan, — eu disse.

Enquanto a multidão repetia seu nome, o que divertiu a loira sem fim, eu acendi as velas no bolo. Os olhos de Elisa ficaram surpreendentemente redondos.

— Ree, — ela disse calmamente.

— E isso é tudo para você, Elisa, — Ethan disse. Margot cortou um pedaço do bolo, e me entregou o prato. Ethan prendeu um babador – muito bom – e coloquei a fatia de bolo na mesa da cadeira alta.

Elisa olhou para ele. Gentilmente, mergulhou o dedo na cobertura verde e depois o levantou para a sua boca. Ela sorriu e olhou para o seu agora dedo verde, então cavou a outra mão na cobertura e trouxe um punhado pegajoso para a boca dela. Mas antes de colocar, ela olhou para mim.

— Vá em frente, — eu disse, acenando com a cabeça para ela.

Elisa empurrou tudo para dentro de sua boca, rindo o tempo todo, depois cavou as duas mãos no bolo novamente.

— E esse choro de alegria ao experimentar o chocolate, praticamente confirma que ela é sua filha, — Mallory disse, empurrando um braço sobre meus ombros. — Quero dizer, caso o trabalho de parto não seja prova suficiente.

— Espere até que Lulu seja uma criança que anda, — eu disse, colocando um braço em volta da cintura dela. — Também haverá muita diversão para você.

\*\*\*\*

Nós finalmente nos despedimos de nossos convidados, e o resto do bolo (o romance britânico menos conhecido) foi acabado por uma horda de vampiros Cadogan famintos. Foram necessários dois banhos para remover o chocolate da Elisa, e nós estávamos chegando ao amanhecer nesse ponto. Ela dormia como um vampiro – luzes apagadas ao amanhecer, completamente acordada no crepúsculo – com cochilos espalhados durante suas horas de vigília.

Nós dávamos a ela mamadeira tardia quando Malik nos encontrou no escritório de Ethan, sentados no sofá enquanto examinávamos um dos livros favoritos de Elisa.

— Meek! — Ela disse, batendo palmas quando o viu.



— Senhora. Sullivan, — ele disse, e ela gritou de prazer. Provavelmente não sabia o que significava, mas gostava do mesmo jeito. — Há alguém aqui para vê-la, — ele disse a ela, então olhou para nós. — Do tipo shifter.

Juntos, entramos no saguão, e encontramos Gabriel com Connor em seus braços. A cabeça de Connor estava no ombro de seu pai.

O cabelo de Connor era tão escuro e ondulado como o de sua mãe, seus olhos tão azuis quanto um céu de primavera. Seus dedos estavam presos em torno de uma girafa de plástico, e ele nos observou com olhos pesados e os lábios que diziam que ele estava infeliz com sua viagem a Casa Cadogan.

— Desculpe, perdemos a festa. — O olhar de Gabriel estreitou em seu filho. — Alguém teve uma birra.

— Ele parece infeliz, — Ethan concordou.

— Sim, — Gabe disse. — Eu ofereci um copo de água para ele.

— A pior traição dos pais, — Ethan disse com sobriedade.

A boca de Gabriel se contraiu. — Eu amo meu filho. Deus e o Bando estão de prova, ele liderará o NAC algum dia. Mas se houvesse uma pílula que o levasse à idade adulta muito mais rápido, eu aceitaria.

— Provavelmente, uma coisa boa vocês terem perdido o bolo, — eu disse, imaginando Connor lambuzando manchas de glacê verde no corredor. — Mas ainda tem muito, querem um pedaço?

— Vamos ver será isso. — Ele olhou para Connor, afastando uma mecha escura do rosto dele. — Você gostaria de dizer oi para Elisa, bebê?

Em resposta, Connor enterrou o rosto no ombro de Gabe.

— Nós começaremos as coisas, — Ethan disse, e levou Elisa para o salão da frente, colocou-a no tapete no meio do chão, onde ela imediatamente se sentou em seu pijama de macacão. Foi uma noite cansativa, evidentemente.

— Aqui vamos nós, — Gabriel disse, e colocou Connor no chão em frente à Elisa, a girafa ainda firmemente na mão.

Eles ainda não se conheciam. Programar um encontro para brincar entre vampiro-shifter não era a coisa mais fácil de fazer, especialmente tendo em conta o grande número de pessoas que queriam colocar os olhos em Elisa, se assegurarem de que Ethan e eu realmente conseguimos fazê-la.

Nenhum deles, curiosamente, queria lidar com ela quando ela estava com as fraudas encharcadas, purê de cenoura no nariz ou espaguete no cabelo.

Durante um longo momento, Elisa e Connor apenas se olharam.

— Cachorrinho, — Elisa disse.

Eu olhei para ela. — Você acabou de chamá-lo de *Cachorrinho*?

Ethan levantou uma sobrancelha para Gabriel. — Eu quero saber como ela sabe disso?

Gabriel sorriu. — A magia é mágica.

— Cachorrinho! — Elisa disse novamente, desta vez com mais força, e pulou sobre sua bunda.

Connor piscou para ela, e olhou para Gabriel para conseguir apoio.

— Ela não está errada, filho. Tecnicamente.

Elisa olhou para o brinquedo nas mãos, os olhos arregalados. — Cachorrinho?

Connor franziu a testa, e abraçou o brinquedo ao peito. Mas muito parecida com seu pai, Elisa estava obrigada e determinada a conseguir o que queria. Ela correu

para frente sobre sua bunda, tocou um dedo na girafa e ergueu os grandes olhos verdes para o dele. — Cachorrinho?

Os olhos de Connor se estreitaram, uma criança pouco pronta para compartilhar – ou um shifter tentando distinguir o inimigo do amigo.

— Cachorrinho! — Elisa disse, batendo palmas. Então ela riu como se tivesse dito a piada mais engraçada do mundo, e jogou a cabeça ao redor. — Cachorrinho, Cachorrinho, Cachorrinho.

— Não é um cachorro, — Connor disse com um sorriso crescente e estendeu a girafa. — Girafa! — Ele disse com um *g* forte, então saiu mais como *grafi*. Mas perto o suficiente para que os olhos de Elisa se arregalassem com a emoção de uma nova palavra.

— Grafi! — Ela disse, e pegando o brinquedo, o amassou contra o tapete como se estivesse correndo. — Grafi! Grafi! Grafi!

— E eu peço desculpas por isso, — Gabriel disse.

— Grafi! — Connor disse com um sorriso, e eles se revezaram marchando a girafa de cima a baixo no tapete, Elisa ocasionalmente rindo dessa maneira totalmente desinteressada e completamente feliz.

— O início de uma bela amizade, — Ethan disse com um sorriso.

Gabriel fez um som áspero. — Agora, — ele disse, ouro e âmbar girando em seus olhos. — Mas vocês apenas esperem...

Eu sabia para onde ele estava indo, então o cortei com um dedo apontado. — Não. Sem mais profecias, a menos que você tenha um tempo e um lugar que eu precise para manter minha filha segura. Fora isso, ela viverá sua própria vida, *testes* ou qualquer outra coisa. — Eu não queria pressão. Não mais.

Gabriel ficou calado e, por um momento, tive medo de tê-lo irritado. Mas ele observava Connor e Elisa, uma testa franzida em contemplação. — O futuro de

ninguém está escrito completamente. Não está em pedra. Há sempre escolhas a serem feitas, estradas que podem ser tomadas. A vida está na escolha deles.

Ethan estendeu a mão, e a colocou nas minhas costas. — E eles têm que fazer suas próprias escolhas, tal como fizemos. Tal como fazemos.

Gabe grunhiu. — Tornou-se filosófico rapidamente, — ele disse, então olhou para mim. — Você tem certeza de que não quer detalhes?

Estreitei meus olhos para ele. — Apenas me diga isso – há um final feliz?

Gritos irromperam do chão, e todos olhamos para trás novamente. Elisa cometeu o incontável erro de colocar a girafa em cima de uma casa de boneca de plástico. Porque são crianças.

Todos nós suspiramos.

— Eu acho que isso responde, — Ethan disse, e fomos separar nossos filhos gritando. — Por outro lado, tenho certeza de que nosso primeiro encontro foi bastante similar. E olhe o que temos agora.

Olhei para a criança que chorava com uma girafa de plástico na boca e agora chutava o shifter que tentava arrancá-lo dela. Não foi mais real do que isso. Ou mais perfeito.

— Tudo, — eu disse. — Nós temos tudo.



CHICAGOLAND VAMPIRES

A série Chicagoland Vampiros chegou ao fim, mas teremos um spinoff para ano que vem. Segue capa e sinopse.

*Como o único filho nascido de um vampiro, alguns acreditavam que Elisa Sullivan teve toda a sorte. Mas a magia que ajudou a trazê-la para o mundo a deixou com um segredo obscuro. O Shifter Connor Keene, o único filho do Apex do Bando Central norte-americano, Gabriel Keene, é o único em que ela confia. Mas ela é uma vampira e filha de um Mestre e uma Sentinela, e ele é o príncipe do Bando e seu futuro rei.*

*Quando o assassinato de um embaixador traz velhas rivalidades novamente, Elisa e Connor devem escolher entre amor e família, entre honra e obrigação, antes que Chicago desapareça para sempre.*

